

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGUÍSTICA GERAL

**História da Fonética e da Fonologia  
no Brasil (1949-2000):  
aspectos do conhecimento em  
circulação em teses e dissertações.**

KARINA GONÇALVES DE SOUZA DE OLIVEIRA

São Paulo  
2021

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL

# História da Fonética e da Fonologia no Brasil (1949-2000): aspectos do conhecimento em circulação em teses e dissertações.

KARINA GONÇALVES DE SOUZA DE OLIVEIRA

TESE APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL DO DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTORA EM LETRAS.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. OLGA FERREIRA COELHO SANSONE

São Paulo  
2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

O48h Oliveira, Karina Gonçalves de Souza de  
História da Fonética e da Fonologia no Brasil  
(1949-2000): aspectos do conhecimento em circulação  
em teses e dissertações. / Karina Gonçalves de Souza  
de Oliveira; orientadora Olga Ferreira Coelho  
Sansone - São Paulo, 2021.  
286 f.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e  
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.  
Departamento de Linguística. Área de concentração:  
Semiótica e Lingüística Geral.

1. Fonética. 2. Fonologia. 3. Brasil. 4.  
Historiografia. I. Sansone, Olga Ferreira Coelho,  
orient. II. Título.

# Agradecimentos

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que financiou este projeto entre abril de 2017 e setembro de 2019.

À orientadora desta pesquisa, Olga Ferreira Coelho Sansone. Obrigada por ter acreditado em meu potencial acadêmico, desde o começo de nossa relação.

Aos colegas de trabalho do CEDOCH-DL-USP.

Aos alunos de pós-graduação, professores e funcionários do Departamento de Linguística da FFLCH-USP.

Além dos colegas de universidade, agradeço também a todos os pesquisadores da área de Fonética e Fonologia com os quais entrei em contato para obter informações sobre os agentes citados nesta tese.

À Bruna Soares Polachini e à Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, por terem participado de meu exame de qualificação e pelos comentários tão cuidadosos e certos, que ajudaram muito no desenvolvimento posterior da pesquisa.

A todos os amigos do Brasil que se fizeram presentes, mesmo estando do outro lado do mundo, na segunda metade da realização deste doutorado. Também aos amigos espalhados pelos outros países, tanto os brasileiros que foram morar fora quanto os amigos que conheci por meio do esperanto, língua tão presente na minha vida e que me proporciona sempre experiências maravilhosas.

Aos amigos da Coreia do Sul, por serem minha ilha latino-americana na Ásia, e por terem me ajudado a enfrentar os tempos pandêmicos, tão difíceis, nos quais parte desta tese foi escrita.

Ao Tatu Lehtilä, por toda ajuda que me proporcionou com a criação de tabelas, gráficos e imagens usados nesta tese.

Aos meus pais, Domingos Gonçalves de Oliveira (*in memoriam*) e Ana Maria Gonçalves de Souza.



# Resumo

Nesta tese, apresentamos parte do percurso de produção e circulação de conhecimentos em Fonética e Fonologia no Brasil entre 1949 e 2000. Os documentos analisados foram teses e dissertações produzidas em universidades brasileiras, e a busca dos dados foi feita nas seguintes fontes: no livro *Fonética e Fonologia: bibliografia brasileira* (ARAGÃO, 1997), em Currículos Lattes de pesquisadores da área e em sites de 391 instituições brasileiras que promovem pesquisas científicas e que têm ligação com a CAPES. O número final de dissertações e teses coletadas foi de 447 obras realizadas no Brasil (listadas nos Apêndice C e D) e 34 realizadas em outros países (listadas no Apêndice B). Para analisar essa documentação, definimos parâmetros relacionados à dimensão externa (Ano de publicação, Autoria, Orientação, Tipo (M/D) e Universidade), organizados e apresentados no Apêndice C e à dimensão interna (Título, Natureza do trabalho, Níveis da análise, Língua e Interfaces), organizados e apresentados no Apêndice D. Ao longo da tese, construímos uma cronologia dos trabalhos defendidos, apontando também a sua distribuição geográfica, os seus autores, os orientadores e os espaços institucionais em que circularam. Apresentamos tabelas e mapas nos quais os dados estudados são organizados com vários enfoques específicos diferentes. Com isso, oferecemos um panorama descritivo dos materiais que coletamos, feito por meio do exame de metadados dos trabalhos (títulos principalmente, mas também resumos, quando disponíveis). Além disso, discorremos sobre as línguas estudadas e as interfaces reconhecidas, e também realizamos análise mais específica de mestrados e doutorados realizados na Unicamp e na UFSC (uma vez que pudemos ter acesso aos documentos de todas as pesquisas realizadas nessas duas universidades). Pudemos observar os deslocamentos de vários pesquisadores brasileiros que foram para o exterior realizar os seus mestrados e/ou doutorados, assim como a vinda de estrangeiros ao Brasil para o trabalho de pesquisa na área de Fonética e Fonologia. A língua portuguesa se apresentou como foco principal dos estudos, em suas diversas variedades e em diversos níveis de análise (vogais, consoantes, estudos suprasegmentais, processos fonético-fonológicos, etc). As línguas indígenas também apareceram no cerne desses estudos, em mais de um núcleo universitário e envolvendo muitos pesquisadores por todo o Brasil. Outras línguas também se mostraram presentes, e na grande parte dos estudos observamos uma grande preocupação com a descrição dessas línguas e/ou variedades, em detrimento de estudos de cunho mais teórico sobre temas relacionados à Fonética e à Fonologia. Verificamos interfaces com outras áreas, como pesquisas nas áreas de Saúde, Engenharia e Comunicação, por exemplo. Essas interfaces (mas não só elas) se mostraram oportunas para observarmos a divisão entre a Fonética e a Fonologia no Brasil, divisão essa explicitamente estabelecida pelo Círculo Linguístico de Praga na década de 1930, e presente também nos departamentos brasileiros de Linguística, de acordo com o que pudemos observar.

**Palavras-chave:** Fonética, Fonologia, Brasil, Historiografia Linguística

# Abstract

In this thesis, I present parts of the paths of production and dissemination of knowledge within the field of phonetics and phonology in Brazil between 1949 and 2000. The analyzed documents were master's and PhD theses and dissertations produced in Brazilian universities, and the search for data was made in the following sources: the book *Fonética e Fonologia: bibliografia brasileira* (ARAGÃO, 1997), Currículos Lattes (a Brazilian platform of scientific Curricula Vitae) of researchers in the field and websites of 391 Brazilian institutions that promote scientific research and that are linked to CAPES (Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel). In the end, the total number of master's/PhD dissertations and theses collected was 447 works composed in Brazil (listed in Appendices C and D) and 34 composed in other countries (listed in Appendix B). In order to analyze these documents, I defined parameters related to the external dimension (Year of publication, Author, Supervisor, Type (master/doctorate) and University), organized and presented in Appendix C, and to the internal dimension (Title, Nature of the work, Levels of analysis, Language and Interfaces), organized and presented in Appendix D. Throughout the thesis, I build a timeline of the defended works, also indicating their geographic distribution, their authors, their supervisors and the institutional spaces in which they circulated. I present tables and maps with a specific focus on various aspects of the studied data. I thus offer a panoramic description of the collected materials by examining the metadata of the works (mainly titles, but also abstracts, when available). Furthermore, I discuss the languages studied and interfaces recognized in the works, and I also analyse more specifically master's degrees and doctorates that were produced at Unicamp and UFSC (as I was able to access the full text of studies undertaken in these universities). I was able to observe various Brazilian researchers moving abroad for their master's degrees and/or doctorates, as well as foreign researchers arriving in Brazil to work within the field of phonetics and phonology. The Portuguese language was found to be the main focus of the studies, with its different variants and with various levels of analysis (vowels, consonants, suprasegmental studies, phonetic-phonological processes, etc). Indigenous languages also stood out as a central area of study, in more than one university center and involving many researchers in all of Brazil. Other languages were also found to be present, and in the majority of the studies, I observed a strong focus on the description of these languages and/or variants at the expense of studies of a more theoretical nature concerning subjects related to phonetics and phonology. I identified interdisciplinary connections with other fields, such as studies in the fields of medicine, engineering and communication, among others. These interdisciplinary connections (although not exclusively) proved opportune for observing the separation of phonetics and phonology in Brazil, this separation having been explicitly established by the Linguistic Circle of Prague in the 1930s, and also being present in the Brazilian departments of linguistics, according to my observations.

**Keywords:** Phonetics, Phonology, Brazil, Historiography of Linguistics

# Resumen

En esta tesis, presentamos parte de la trayectoria de producción y circulación del conocimiento en Fonética y Fonología en Brasil entre 1949 y 2000. Los documentos analizados fueron tesis y disertaciones producidas en universidades brasileñas, y la búsqueda de los datos fue hecha en las siguientes fuentes: en el libro *Fonética e Fonologia: bibliografia brasileira* (ARAGÃO, 1997), en Currículos Lattes de investigadores del campo y en sitios web de 391 instituciones brasileñas que trabajan con investigación científica y que tienen ligación con la CAPES (Coordinación de la formación del personal de nivel superior). El número final de disertaciones y tesis listadas fue de 447 trabajos realizados en Brasil (enumerados en el Apéndice C y D) y 34 realizados en otros países (enumerados en el Apéndice B). Para analizar esta documentación se definieron parámetros relacionados con la dimensión externa (Año de publicación, Autoría, Orientación, Tipo (M/D) y Universidad), organizados y presentados en el Apéndice C y la dimensión interna (Título, Naturaleza del trabajo, Niveles de análisis, Lengua e Interfaces), organizados y presentados en el Apéndice D. A lo largo de la tesis se construyó una cronología de los trabajos defendidos, señalando también su distribución geográfica, sus autores, supervisores y espacios institucionales en los que circularon. Presentamos tablas y mapas en los que se organizan los datos estudiados con varios enfoques específicos diferentes. Con esto, ofrecemos un resumen descriptivo de los materiales que recopilamos, realizado mediante el examen de los metadatos de los trabajos (principalmente títulos, pero también resúmenes, cuando estaban disponibles). Además, discutimos las lenguas estudiadas y las interfaces reconocidas, y también realizamos una análisis más específica de másteres y doctorados realizados en la Unicamp y la UFSC (ya que pudimos acceder a los documentos de todas las investigaciones realizadas en estas dos universidades). Pudimos observar las movimientaciones de varios investigadores brasileños que salieron al exterior para realizar sus maestrías y/o doctorados, así como la llegada de extranjeros a Brasil para trabajos de investigación en el área de Fonética y Fonología. La lengua portuguesa se presentó como foco principal de los estudios, en sus diversas variedades y en diferentes niveles de análisis (vocales, consonantes, estudios suprasegmentales, procesos fonético-fonológicos, etc.). Las lenguas indígenas también aparecieron en el centro de estos estudios, en más de un núcleo universitario y con la participación de muchos investigadores en todo Brasil. También estuvieron presentes otras lenguas, y en la mayoría de los estudios se observó una gran preocupación por la descripción de estas lenguas y /o variedades, en detrimento de estudios de carácter más teórico sobre temas relacionados con la Fonética y la Fonología. Verificamos interfaces con otras áreas, como investigaciones en las áreas de Salud, Ingeniería y Comunicación, por ejemplo. Estas interfaces (pero no solo ellas) resultaron oportunas para observar la división entre Fonética y Fonología en Brasil, división explícitamente establecida por el Círculo Lingüístico de Praga en la década de 1930, y también presente en los departamentos brasileños de Lingüística, según el que pudimos observar.

**Palabras clave:** Fonética, Fonología, Brasil, Historiografía Lingüística

# Resumo

En tiu ĉi disertaĵo, mi prezentas parton el la vojoj laŭ kiuj estis produktitaj kaj disvastigitaj fonetikaj kaj fonologiaj sciigoj en Brazilo inter 1949 kaj 2000. La analizitaj dokumentoj estas magistras kaj doktoras disertaĵoj produktitaj en brazilaj universitatoj, kaj la serĉo por la datumoj estis farita en la sekva fonto: la libro *Fonética e Fonologia: bibliografia brasileira* (ARAGÃO, 1997), vivresumoj el Currículos Lattes de la esploristoj de la fakoj kaj retejoj de 391 brazilaj institucioj kiuj laboras pri sciencaj esploroj kaj kiuj havas ligojn al CAPES (Kunordigo por la plibonigo de laborantoj en altlernejoj). La fina nombro de magistras kaj doktoras disertaĵoj estas 447 verkoj faritaj en Brazilo (listigitaj en Apendico C kaj D) kaj 34 faritaj en aliaj landoj (listigitaj en Apendico B). Por analizi tiujn ĉi dokumentojn, mi difinas parametrojn rilatajn al eksteraj karakterizoj (Jaro de publikigo, Verkinto, Gvidanto, Speco (magistra/doktora) kaj Universitato), kiuj estas aranĝitaj kaj prezentitaj en Apendico C, kaj al internaj karakterizoj (Titolo, Speco de laboraĵo, Analizniveloj, Lingvo kaj Interfakaj ligoj), kiuj estas aranĝitaj kaj prezentitaj en Apendico D. Tra la disertaĵo mi kunmetas kronologion de la defenditaj laboraĵoj, indikante ankaŭ ilian geografian distribuon, iliajn verkintojn, la gvidantojn kaj la institutojn ene de kiuj ili disvastiĝis. Mi prezentas tabelojn kaj mapojn en kiuj la esploritaj datumoj estas aranĝitaj kun specifaj fokusoje je diversaj aspektoj. Tiel mi provizas panoramon, kiu priskribas la kolektitajn materialojn, pere de ekzamenado de la metadatenoj de la laboraĵoj (precipe titoloj, sed ankaŭ resumo, kiam ili estis alireblaj). Krome, mi pridiskutas la studitajn lingvojn kaj la rekonitajn interfakajn ligojn, kaj mi ankaŭ faras pli specifan analizon de la magistriĝoj kaj doktoriĝoj plenumitaj en Unicamp kaj UFSC (pro tio ke mi havis aliron al la dokumentoj de ĉiuj esploroj faritaj en tiuj du universitatoj). Mi povis observi la translokiĝon de diversaj brazilaj esploristoj kiuj iris magistriĝi kaj/aŭ doktoriĝi eksterlande, kaj ankaŭ la alvenon de eksterlandanoj al Brazilo por laborado pri esplorado en la kampo de fonetiko kaj fonologio. Montriĝis, ke la portugala lingvo estis la ĉefa fokuso de la studoj, je la diversaj variaĵoj kaj je diversaj analizniveloj (vokaloj, konsonantoj, supersegmentaj studoj, fonetikaj-fonologiaj procezoj, k.t.p.). Indiĝenaj lingvoj ankaŭ elstaris kiel centra temo inter la studoj, en pli ol unu universitato, enplektante multajn esploristojn en la tuto de Brazilo. Ankaŭ aliaj lingvoj montriĝis inter la esploroj, kaj en la plejmulto de la studoj mi observis ke la atento estis precipe al priskribado de la lingvoj kaj/aŭ variaĵoj, tiel ke oni malpli emfazis pli teoriajn studojn pri temoj rilataj al fonetiko kaj fonologio. Mi identigas studojn kun ligoj al aliaj fakoj, ekzemple al esploroj en la kampoj de medicino, inĝenierado kaj komunikado, ekzemple. Tiuj interfakaj ligoj (sed ne nur ili) montriĝis oportunaj por la observado de la divido inter fonetiko kaj fonologio en Brazilo, divido kiun eksplicite fondis la Praga Lingvistika Rondo en la 1930aj jaroj, kaj kiu ekzistis ankaŭ en la lingvistikaj institutoj en Brazilo, laŭ tio, kion mi povis observi.

**Ŝlosilvortoj:** Fonetiko, Fonologio, Brazilo, Lingvistika Historiografio

# Sumário

<b>Agradecimentos</b>	<b>iv</b>
<b>Resumo</b>	<b>v</b>
<b>Abstract</b>	<b>vi</b>
<b>Resumen</b>	<b>vii</b>
<b>Resumo</b>	<b>viii</b>
<b>Lista de Tabelas</b>	<b>xiii</b>
<b>Lista de Figuras</b>	<b>xiv</b>
<b>Lista de abreviaturas e siglas</b>	<b>xv</b>
<b>0 Introdução</b>	<b>1</b>
<b>1 Pressupostos teóricos e metodologia de pesquisa</b>	<b>5</b>
1.1 A Historiografia Linguística . . . . .	5
1.2 Metodologia de pesquisa aplicada neste trabalho . . . . .	14
1.2.1 Para a periodização proposta: 1949-2000 . . . . .	14
1.2.2 Para a escolha dos materiais . . . . .	15
1.2.3 Para o estabelecimento de critérios de análise . . . . .	19
<b>2 Fonética e Fonologia</b>	<b>23</b>
2.1 A Fonologia e a Fonética no Ocidente . . . . .	26
2.2 A Fonologia e a Fonética no Brasil . . . . .	52
<b>3 Apresentação e análise dos dados externos</b>	<b>72</b>
3.1 Ano de publicação e tipo (mestrado ou doutorado) . . . . .	72
3.2 Autoria . . . . .	73
3.3 Orientação . . . . .	74
3.3.1 Aryon Dall’Igna Rodrigues (1925-2014) . . . . .	75
3.3.2 Cidmar Teodoro Pais (1940-2009) . . . . .	78
3.3.3 Paulino Vandresen (nascido em 1939) . . . . .	80
3.3.4 Maria Bernadete Marques Abaurre (nascida em 1946) . . . . .	82
3.3.5 Anthony Julius Naro (nascido em 1942) . . . . .	84

3.3.6	Regina Célia Pagliuchi da Silveira (nascida em 1942)	85
3.3.7	Jean-Pierre Angenot (1941-2018)	86
3.3.8	Yonne de Freitas Leite (1935-2014)	88
3.3.9	Giles Lothar Istre (1927-1999)	89
3.3.10	Luiz Carlos Cagliari (nascido em 1945)	90
3.3.11	Eleonora Cavalcante Albano (nascida em 1950)	92
3.3.12	Hildo Honório do Couto (nascido em 1941)	94
3.3.13	Marco Antônio de Oliveira (nascido em 1949)	95
3.3.14	Mehmet Sukru Yavas (data de nascimento não encontrada)	96
3.3.15	Leda Bisol (nascida em 1924)	97
3.3.16	Maria do Socorro Silva de Aragão (nascida em 1940)	100
3.3.17	Marita Pôrto Cavalcante (nascida em 1941)	101
3.3.18	João Antônio de Moraes (nascido em 1952)	102
3.3.19	Regina Ritter Lamprecht (nascida em 1943)	103
3.3.20	Lucy Seki (1939-2017)	106
3.3.21	Elizabeth Reis Teixeira (nascida em 1950)	107
3.3.22	Dário Fred Pagel (nascido em 1952)	108
3.3.23	Carmen Lúcia Barreto Matzenauer (nascida em 1949)	109
3.3.24	Dermeval da Hora Oliveira (nascido em 1951)	110
3.3.25	Redes de orientação	111
3.4	Universidade	114
<b>4</b>	<b>Apresentação e análise dos dados internos</b>	<b>122</b>
4.1	Título	122
4.2	Natureza do trabalho	126
4.2.1	Unicamp	127
4.2.2	UFSC	130
4.3	Níveis da análise	131
4.4	Língua	132
4.4.1	Línguas indígenas	133
4.4.2	O português e suas variedades	137
4.4.3	Outras línguas	139
4.5	Interfaces	141
<b>5</b>	<b>Considerações finais</b>	<b>147</b>
	<b>Referências bibliográficas</b>	<b>151</b>
	<b>APÊNDICES</b>	<b>159</b>
	<b>APÊNDICE A – Lista de universidades do Brasil cujos sites foram consultados</b>	<b>160</b>
	<b>APÊNDICE B – Lista das pesquisas encontradas realizadas fora do Brasil</b>	<b>188</b>
	<b>APÊNDICE C – Lista das pesquisas encontradas realizadas no Brasil: dados externos.</b>	<b>193</b>



# Lista de Tabelas

1.1	Links para os Currículos Lattes de alguns pesquisadores da área de Fonética e Fonologia, consultados para a coleta de dados. . . . .	17
1.2	Exemplo dos parâmetros da dimensão externa aplicados . . . . .	20
1.3	Exemplo dos parâmetros da dimensão interna aplicados . . . . .	21
3.1	Quantidade de mestrados e doutorados ao longo das décadas analisadas. . . . .	72
3.2	Nomes de pesquisadores com mais de 5 orientações listadas no <i>corpus</i> . . . . .	75
3.3	Pesquisas orientadas por Aryon Dall’Igna Rodrigues. . . . .	77
3.4	Pesquisas orientadas por Cidmar Teodoro Pais. . . . .	80
3.5	Pesquisas orientadas por Paulino Vandresen. . . . .	81
3.6	Pesquisas orientadas por Maria Bernadete Marques Abaurre. . . . .	83
3.7	Pesquisas orientadas por Anthony Julius Naro. . . . .	85
3.8	Pesquisas orientadas por Regina Célia Pagliuchi da Silveira. . . . .	86
3.9	Pesquisas orientadas por Jean-Pierre Angenot. . . . .	87
3.10	Pesquisas orientadas por Yonne de Freitas Leite. . . . .	89
3.11	Pesquisas orientadas por Giles Lothar Istre. . . . .	90
3.12	Pesquisas orientadas por Luiz Carlos Cagliari. . . . .	92
3.13	Pesquisas orientadas por Eleonora Cavalcante Albano. . . . .	93
3.14	Pesquisas orientadas por Hildo Honório do Couto. . . . .	95
3.15	Pesquisas orientadas por Marco Antônio de Oliveira. . . . .	96
3.16	Pesquisas orientadas por Mehmet Sukru Yavas. . . . .	97
3.17	Pesquisas orientadas por Leda Bisol. . . . .	99
3.18	Pesquisas orientadas por Maria do Socorro Silva de Aragão. . . . .	101
3.19	Pesquisas orientadas por Marita Pôrto Cavalcante. . . . .	102
3.20	Pesquisas orientadas por João Antônio de Moraes. . . . .	103
3.21	Pesquisas orientadas por Regina Ritter Lamprecht. . . . .	105
3.22	Pesquisas orientadas por Lucy Seki. . . . .	107
3.23	Pesquisas orientadas por Elizabeth Reis Teixeira. . . . .	107
3.24	Pesquisas orientadas por Dario Fred Pagel. . . . .	109
3.25	Pesquisas orientadas por Carmen Lúcia Barreto Matzenauer. . . . .	110
3.26	Pesquisas orientadas por Dermeval da Hora Oliveira. . . . .	111
3.27	Quantidade de mestrados e doutorados ao longo das décadas analisadas e respectivas universidades . . . . .	116
4.1	Níveis de análise dos documentos do <i>corpus</i> . . . . .	131
4.2	Quantidade de mestrados e doutorados sobre línguas indígenas ao longo das décadas. . . . .	134



4.3	Quantidade de mestrados e doutorados sobre o português ao longo das décadas. . . . .	138
3	Lista das pesquisas encontradas realizadas no Brasil: dados externos. . .	194
4	Lista das pesquisas encontradas realizadas no Brasil: dados internos. . .	233

# Lista de Figuras

3.1	Quantidade de pesquisas por universidade . . . . .	114
3.2	Distribuição geográfica pelo Brasil das universidades nas quais encontramos pesquisas sobre Fonética e Fonologia entre 1949 e 2000. . . . .	115
3.3	Distribuição geográfica pelo Brasil das universidades nas quais encontramos pesquisas sobre Fonética e Fonologia em 1949. . . . .	117
3.4	Distribuição geográfica pelo Brasil das universidades nas quais encontramos pesquisas sobre Fonética e Fonologia entre 1965-1970. . . . .	117
3.5	Distribuição geográfica pelo Brasil das universidades nas quais encontramos pesquisas sobre Fonética e Fonologia entre 1971-1980. . . . .	118
3.6	Distribuição geográfica pelo Brasil das universidades nas quais encontramos pesquisas sobre Fonética e Fonologia entre 1981-1990. . . . .	119
3.7	Distribuição geográfica pelo Brasil das universidades nas quais encontramos pesquisas sobre Fonética e Fonologia entre 1991-2000. . . . .	119
4.1	Nuvem de palavras feita com os títulos das 447 pesquisas realizadas no Brasil.123	
4.2	Nuvem de palavras feita com os títulos das 142 pesquisas realizadas na região Sul do Brasil (1971-2000). . . . .	124
4.3	Nuvem de palavras feita com os títulos das 226 pesquisas realizadas na região Sudeste do Brasil (1949-2000). . . . .	124
4.4	Nuvem de palavras feita com os títulos das 36 pesquisas realizadas na região Centro-Oeste do Brasil (1965-2000). . . . .	125
4.5	Nuvem de palavras feita com os títulos das 37 pesquisas realizadas na região Nordeste do Brasil (1979-2000). . . . .	125
4.6	Nuvem de palavras feita com os títulos das 6 pesquisas realizadas na região Norte do Brasil (1997-2000). . . . .	126
4.7	Línguas estudadas. . . . .	132
4.8	Cidades que aparecem como indicações do estudo de variedades do português.138	

# Lista de abreviaturas e siglas

ANPOLL	Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística
CEDOCH-USP	Centro de Documentação em Historiografia da Linguística - USP
FFLCH	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
FGV	Fundação Getulio Vargas
ITA	Instituto Tecnológico de Aeronáutica
PUC	Pontifícia Universidade Católica
UCPel	Universidade Católica de Pelotas
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFG(O)	Universidade Federal de Goiás
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UnB	Universidade de Brasília
Unesp	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Unicamp	Universidade de Campinas
Unifesp	Universidade Federal de São Paulo
UNIR	Universidade Federal de Rondônia
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UPM	Universidade Presbiteriana Mackenzie
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
USP	Universidade de São Paulo

# Introdução

---

# Introdução

Neste trabalho, acompanhamos parte do percurso de produção e circulação de conhecimentos em Fonética e Fonologia no Brasil, a partir de dados aferidos em teses e dissertações produzidas ao longo de mais ou menos 50 anos.

Nos interessou investigar como ocorreu a formação dessas especialidades (cf. **MURRAY (1994)**) e suas eventuais fases de desenvolvimento, atentando-nos tanto a fatores que digam respeito ao seu processo de institucionalização (agentes, grupos, instituições, distribuição geográfica e temporal dos estudos), quanto a fatores que delineiam perfis específicos de conhecimento (afiliações teóricas, tipos de orientação – sincrônica, diacrônica; ‘teórica’ ou ‘para os dados’ –, temas e línguas tratados, interfaces estabelecidas).

Da sistematização de relações entre esses tipos de conteúdos (‘internos’ e ‘externos’, ou ‘contextuais’ e ‘linguísticos’), obtivemos um quadro que permite acompanhar a tensão tradição-ruptura nessa área que, por um lado, alcançou forte nível de institucionalização no campo da Linguística (estando presente na maioria dos cursos, manuais, associações), sendo reconhecida, salvo melhor avaliação, quase como uma parte obrigatória e imprescindível da formação de um linguista no Brasil e, por outro lado, tem experimentado rápidas mudanças (nos níveis teórico, de técnicas e métodos, documental), mostrando-se bastante dinâmica. Essa história também nos interessou por constituir-se em um claro exemplo de que o campo da Linguística tem um forte percurso de desenvolvimento de ideias, mas também um percurso igualmente forte de desenvolvimento de ‘técnicas’ ou ‘práticas’ com as línguas. Lidar com a instância do significante linguístico parece ter imposto, talvez com maior grau de explicitação, o pendor para o desenvolvimento de métodos, técnicas e até tecnologias para análises nesse campo do conhecimento – uma história que também carece de registros mais acurados no Brasil.

Acreditamos que, por causa dessas características do campo (ser ao mesmo tempo ‘tradicional’ e ‘dinâmico’, desenvolver-se em torno de ‘ideias’ e ‘práticas’), metonimicamente, a reconstrução de aspectos dessa história pode iluminar também parte da história da Linguística no país.

Nosso material de pesquisa é constituído por dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas entre 1949 e 2000. Embora, tradicionalmente, esse tipo de

material tenha circulação mais restrita que a de livros ou artigos, por exemplo, esse tipo de texto parece permitir avaliar faces distintas do conhecimento (vf. ANDRÉ (2009); FICO & POLITO (1996); HAYASHI *et al.* (2007); PAGANO & VASCONCELLOS (2003); SLONGO (2004); WITTER (1996); WITTER & WITTER (1985)), tais como aquelas envolvidas no processo de condução de uma pesquisa de médio ou longo termo; o entrelaçamento entre pesquisa e educação (na simultaneidade dos movimentos de elaboração de um ‘produto’ acadêmico-científico e de formação de um especialista em uma área); no usual processo de rever o estabelecido e propor algum nível de novidade desse gênero textual acadêmico; no esperado detalhamento da metodologia de trabalho e dos pressupostos da pesquisa.

Em vista dessas características, e também em atenção ao fato de que a história dos estudos de Fonética e Fonologia no Brasil é frequentemente remetida a um marco relativamente bem aceito pelos que atuam no campo – uma tese de doutorado, defendida por Mattoso Câmara em 1949 e publicada em livro em 1953 –, esse material se mostrou potencialmente frutífero para os objetivos deste trabalho.

Entre os nossos objetivos com esta pesquisa estiveram, além de investigar como se deu a formação da Fonética e da Fonologia no contexto brasileiro, investigar também suas eventuais fases de desenvolvimento (novas orientações teóricas, novos grupos, novas práticas) e contribuir para o aumento do conhecimento sobre a história dos estudos da linguagem no Brasil, a partir da perspectiva de um dos seus subcampos “tradicionais”.

O Capítulo 1 apresenta os conceitos e orientações da área da Historiografia Linguística que foram mobilizados para o desenvolvimento da tese, além de pormenorizar a metodologia empregada na pesquisa.

O Capítulo 2 expõe os conceitos e desenvolvimentos teóricos da Fonética e da Fonologia ao longo da história da Linguística enquanto ciência autônoma, visando entender quais foram os seus desdobramentos no Brasil durante a segunda metade do século XX. Além disso, também fizemos uma revisão bibliográfica dos dados encontrados em revisões históricas relativas ao contexto brasileiro anteriores à nossa, e utilizamos os dados sobre pesquisas listadas no apêndice B deste volume para comentar o percurso dos agentes brasileiros que se formaram em outros países ou dos agentes estrangeiros que vieram para o Brasil e se estabeleceram aqui.

No Capítulo 3 apresentamos e analisamos os dados externos, construindo uma cronologia dos trabalhos defendidos, apontando também a sua distribuição geográfica, os seus autores, os orientadores e os espaços institucionais em que circularam.

No Capítulo 4, discorremos sobre os dados internos: a natureza dos trabalhos, os níveis da análise, as línguas estudadas e as interfaces encontradas. Com isso, oferecemos um panorama descritivo dos materiais que coletamos, feito por meio do exame de metadados

dos trabalhos (títulos principalmente, mas também resumos, quando disponíveis).

O Capítulo 5 se constitui como uma retomada das questões discutidas ao longo da tese, baseada nas discussões vistas nos capítulos anteriores e em nossas reflexões sobre formação e sucessão de grupos em ciências da linguagem.



# Capítulo 1 – Pressupostos teóricos e metodologia de pesquisa

---



# Capítulo 1

## Pressupostos teóricos e metodologia de pesquisa

### 1.1 A Historiografia Linguística

**SWIGGERS (2010)** afirma que a organização da Historiografia Linguística (doravante HL) teve seu começo nos anos 1970, e seu crescimento vem sendo visível, embora isso não impossibilite que ainda existam muitas dúvidas sobre seus procedimentos metodológicos e suas bases teóricas.

Essa é uma situação comum em um campo como o da HL, que é interdisciplinar, situado entre a Linguística, a História, a Filosofia e a Sociologia da Ciência. Suas fronteiras e bases tornam-se menos nítidas, mas, em compensação, ela se constitui numa abordagem que possibilita melhor compreender a evolução das pesquisas, dos conceitos, das dinâmicas acadêmico-institucionais etc.

**SWIGGERS (2010)**, pp. 4-5) apresenta um organograma de trabalho da HL, que engloba:

*estruturas linguísticas/fatos*: são os fatos (selecionados), ou conjuntos de fatos relacionados às estruturas linguísticas e às situações linguísticas que (no passado) foram objeto de reflexão linguística, ou de descrição

*reflexão e descrição linguísticas*: este nível inclui todos os tipos de práticas e de conceptualizações que tratam (mesmo fragmentariamente) de análise, regulação, comparação (histórica/geográfica/tipológica), classificação, avaliação (estética) de línguas. O rótulo “reflexão e descrição linguísticas” inclui, pois, uma ampla gama de “operações” (mais ou menos) linguisticamente relevantes sobre estruturas linguísticas; estas vão desde o nível da linguística folclórica [*folk-linguistics*] (*folk-etimologia*;

trocadilhos e jogos de palavras) e o desenvolvimento, desde apontamentos técnicos até modelos sofisticados de análise linguística e metodologias de comparação linguística em escala mundial. O curso histórico da “reflexão e descrição linguísticas” constitui a *história da linguística* (a ser interpretada no seu sentido “ontológico”)

*historiografia linguística*: a narrativa descritivo-explicativa da reflexão e descrição linguística no passado (“passado” que se estende até o presente do historiógrafo)

*epi-historiografia*: este ramo “lateral” da historiografia concerne à história dos “agentes” (pesquisadores individuais, ou grupos de pesquisadores de uma língua), e “materiais produzidos” (papiros, manuscritos, livros, artigos, textos eletrônicos, etc.), esses últimos constituem o depósito do conhecimento linguístico. Em acréscimo, o componente epi-historiográfico também integra o material documental produzido por historiógrafos, como meio de apoio e reforço à pesquisa meta-historiográfica

*meta-historiografia*: o campo das atividades reflexivas que tomam por objeto as práticas e os produtos historiográficos. É possível distinguir três tarefas básicas (e, conseqüentemente, componentes) da meta-historiografia: (a) construtiva; (b) crítica; (c) contemplativa. A meta-historiografia construtiva almeja o desenvolvimento de modelos para a narrativa da história da reflexão e descrição linguísticas, e a articulação de uma metalinguagem coerente, abrangente e precisa. A meta-historiografia crítica consiste em avaliar, no nível da documentação empírica e no nível dos princípios metodológicos e epistemológicos, os produtos resultantes da prática historiográfica. A meta-historiografia contemplativa diz respeito à definição do objeto e do status da historiografia linguística, aos fundamentos e à justificativa de formatos e perfis historiográficos, e a problemas “transcendentes”, tais como o conceito de “fato histórico”, ou a noção de “verdade” na história da linguística. (SWIGGERS, 2010, pp. 4-5)

Em nossa pesquisa, há um grande trabalho epi-historiográfico envolvido. A organização das fontes de dados foi parte importante e essencial para a compreensão sobre as áreas de Fonética e Fonologia no Brasil, objetivo primário que traçamos na presente pesquisa e que está mais bem detalhado na seção 1.2 – “Metodologia de pesquisa aplicada neste trabalho”. Também apresentamos análise sobre os dados organizados, é claro, mas ressaltamos aqui que a própria busca e organização dos dados foi uma ação necessária, uma vez que não havia nenhum *corpus* amplo como o nosso organizado anteriormente. Além disso, por trabalharmos com um tipo de documentação (dissertações e teses) que é pouco comum nos estudos em nossa área, também realizamos um trabalho meta-historiográfico, estabelecendo categorias e formas de tratamento para esse tipo de material. Por fim, realizamos também a narrativa descritivo-explicativa que constitui a historiografia linguística em si.

Ainda numa tentativa de desenhar os contornos gerais da área, Swiggers propõe que há dois tipos básicos de análises dentro da HL: uma abordagem discriminadora e outra tipologizante. A primeira olha para o surgimento de *insights* linguísticos específicos, que priorizam coisas ditas, por exemplo, por pesquisadores individuais e suas obras. A segunda trata de modelos do conhecimento linguístico como um todo, e se preocupa com o surgimento de programas de pesquisas, por exemplo, e fatores que sejam mais abrangentes do que específicos. Essa separação, entretanto, não é estanque. Nesta pesquisa, não nos deteremos com tanta atenção às obras específicas dos diferentes pesquisadores; analisaremos, tão somente, alguns exemplares de nosso corpus, porque nossa intenção geral é chegar a linhas de compreensão que sejam mais abrangentes, recobrando uma extensão maior de casos do que os selecionados apenas ilustram.

Da mesma forma que enxerga dois tipos de abordagens analíticas, Swiggers compreende que há dois perfis de narrativa histórica que podem ser relacionados aos primeiros. A abordagem discriminadora tem um perfil atomístico (preocupação com eventos, obras, a sequência cronológica dos fatos) ou estrutural-conceitual (análise interna de um conjunto de elementos específicos de uma determinada teoria ou modelo), enquanto a abordagem tipologizante tem um perfil axiomático-arquitetônico (comparação de teorias) ou teórico-correlativo (comparação entre ideias).

**SWIGGERS (2010)**, p. 7) procura sistematizar a terminologia essencial da área em três campos de descrição e explicação: *pontos de ancoragem e agrupamentos*, que lidam com entidades discretas (textos, autores, usuários) e contínuos (redes, instituições, escolas, círculos e sociedades); *linhas de evolução*, terminologia que se refere ao curso evolutivo geral, relações no tempo e segmentos evolutivos; e, por fim, *conteúdos, formatos e estratégias*, que englobam designações-rótulo, formatos e estratégias.

Nosso corpus é formado por entidades discretas, uma vez que são dissertações de mestrado e teses de doutorado que têm autores específicos, mas procuraremos, justamente, enxergar o que de “contínuo” pode ser visto por meio dos documentos reunidos para a análise. No capítulo 2, por exemplo, faremos uma revisão bibliográfica que, já de antemão, nos diz que não há continuidade do trabalho de Mattoso Câmara sobre a fonêmica da língua portuguesa, apesar de a pesquisa dele ser tomada como marco inicial desse tipo de estudos no Brasil. Parece-nos, entretanto, que é possível ver uma continuidade no que diz respeito aos estudos sobre as variedades da língua portuguesa no geral, estudos sobre aquisição da linguagem, sobre as línguas indígenas, entre outros.

Além das reflexões sobre as possíveis maneiras de se fazer Historiografia Linguística, outra questão importante de método com vistas a atingir uma narrativa histórica consistente é a metalinguagem utilizada pelo historiógrafo.

**KOERNER (1996)** afirma que o problema da metalinguagem não recebe a me-

recida atenção por parte dos historiógrafos. Esse tipo de discussão é muito importante, principalmente para que não se cometam erros em relação aos comentários feitos sobre teorias do passado por não as ter entendido corretamente ou por se referir a elas em termos metalinguisticamente inadequados.

O termo “metalinguagem” parece ter sido usado inicialmente em polonês (*metajęzyk*) por Tarski, que posteriormente traduziu seu texto para o alemão e o inglês. Isso aconteceu entre 1931 e 1956, mas o termo parece ter ganhado impulso em 1935, com a versão alemã.

Analisando obras nas áreas de Fonética e Fonologia, lidamos com termos que se estruturam de forma enraizada na comunidade de agentes (como “fonema”, “sílabas”, “epêntese”, “acento”, etc), mas que carregam consigo significados teóricos que podem se diversificar muito nos trabalhos, requerendo que sejam lidos com atenção.

Para **KOERNER (1996)**, o historiógrafo deve ser muito cuidadoso em relação ao que se diz sobre o passado, pois ele pode incorrer em dois tipos de armadilhas: falar do passado sem explicá-lo adequadamente de acordo com o que se sabe atualmente, tornando-o, por exemplo, nebuloso ou desinteressante; ou explicá-lo de acordo com o que se sabe atualmente, mas o interpretando de forma errônea, porque a interpretação descola o saber das suas conjunturas. O autor mostra três exemplos de erros de interpretação historiográfica (do ponto de vista em que “metalinguagem” equivale a “linguagem científica”). Para Koerner, houve muitos estudos não sérios sobre Historiografia Linguística, mas os estudos listados teriam sido feitos seriamente e induzidos ao erro por má compreensão da metalinguagem. Os exemplos são:

1. Hans Georg Koll, 1958. Encontrou erroneamente conceitos de Saussure em estudos da época medieval.
2. Etimologia: comparar a etimologia com a linguística histórico-comparativa é delicado, pois os dois campos de estudos possuíam pressupostos diferentes.
3. Interpretação equivocada de texto islandês da era medieval, que tratava da reforma ortográfica da língua. Bergsveinsson (1942) afirmou que em tal livro já havia ideias apresentadas pelo estruturalismo, e que, portanto, a Escola de Praga não foi tão inovadora assim.

Koerner expõe três princípios que seriam essenciais ao historiógrafo linguístico para evitar esse tipo de deslize:

1. “Princípio da contextualização”: estabelecer de forma adequada o “clima de opinião” da época em que determinado autor escreveu, assim como as demais coerções de tal contexto.

2. “Princípio da imanência”: estabelecer um entendimento global do texto em questão, do ponto de vista histórico, crítico e filológico.
3. “Princípio da adequação”: trazer a discussão para o ponto de vista atual.

O autor afirma ainda que somente com esses três princípios respeitados um trabalho historiográfico consciente pode ser feito. Uma vez que nosso escopo temporal está próximo do tempo de escrita de nossa análise (nosso corpus é formado por documentos de 1949 até 2000, enquanto escrevemos nosso texto entre 2017 e 2021), não há um distanciamento tão grande quanto nos exemplos dados por Koerner, que poderiam levar, talvez, a maiores mal-entendidos sobre os pressupostos dos textos. No entanto, devemos nos atentar a esses fatores de forma minuciosa, sobretudo quando temos em conta a grande variedade de teorias, métodos, dados e contextos envolvidos no desenvolvimento da história da Fonética e da Fonologia no Brasil.

Levamos em consideração, por exemplo, em relação à contextualização, que as pesquisas científicas no Brasil se desenvolveram de forma um pouco mais lenta ao longo do século XX do que em alguns anos do século XXI, um provável efeito de ter ocorrido nesse segundo momento uma expansão universitária realmente grande no país (cf. [SUGIYAMA JUNIOR \(2020\)](#)).

Sobre o trabalho específico do pesquisador da área, [ALTMAN \(2009\)](#) afirma que é difícil para o historiógrafo da linguística delimitar a matéria e o objeto de estudo, principalmente para os tempos mais antigos, em que a própria Linguística não tinha ainda um formato como disciplina científica, e estava, de certa forma, presente em vários outros campos (no que se refere à reflexão sobre a linguagem). Mesmo na atualidade, a definição do ‘objeto’ da linguística continua sendo tarefa complexa. Nossa primeira intenção para delimitar nosso objeto de estudo, por exemplo, era verificar como o ensino de Fonética e Fonologia se deu nos núcleos universitários brasileiros no período estabelecido, mas ao longo da pesquisa decidimos nos focar apenas na produção das dissertações e teses, sem especificar detalhes sobre programas de disciplinas da área nas universidades do país, uma vez que a quantidade de documentação encontrada foi muito maior do que a expectativa inicial.

Para a HL, qualquer estudo que tenha sido feito sobre a linguagem em qualquer lugar e em qualquer período pode ser incluído em seu escopo. Isso vai além de estudar os linguistas clássicos que se conhece, ou de determinar o começo da Linguística com os estudos históricos-comparativos do final do século XIX. [ALTMAN \(2009\)](#) comenta, por exemplo, como a reflexão sobre a linguagem ao longo dos séculos XVI ao XVIII trouxe dados importantes, mas como a linguística europeia privilegiou certos documentos em detrimento de outros (de igual importância). Nossos documentos são pesquisas feitas, em

sua maioria, dentro de departamentos universitários que se dedicam a pesquisas sobre a linguagem. Algumas teses e dissertações elencadas em nosso corpus foram realizadas em ambientes de pesquisa que têm outros objetivos, como a Engenharia ou a Medicina, mas o interesse e foco nos estudos sobre a linguagem nas teses e dissertações ali produzidas também é claro. Dessa forma, pudemos constituir um corpus relativamente homogêneo em relação ao gênero textual e às temáticas de interesse para a Fonética e a Fonologia.

A Historiografia Linguística tem seus métodos estabelecidos e necessita de uma reflexão sobre o material estudado, não é apenas um compilado de nomes, fatos e datas (o que seria uma crônica, que pode ser, por sua vez, um primeiro passo para a reflexão historiográfica). Como dito anteriormente, o trabalho organizacional desta pesquisa de doutorado foi bastante complexo e é parte importante da pesquisa em si mesma, que poderá, no nosso entender, servir de base de consulta para outros pesquisadores que queiram eventualmente se aprofundar sobre o tema, podendo usar nossos apêndices como catálogo possível de informações sobre a área de Fonética e Fonologia no Brasil no período em foco.

Voltando à reflexão sobre a HL de uma forma mais global, as ideias de **MURRAY (1994)** são esclarecedoras sobre a formação de grupos acadêmicos e sobre o desenvolvimento científico.

Segundo o autor, a Ciência é um fenômeno social, mas, por mais que ela seja algo tão específico e glorificado em seu meio, os sociólogos não deram muita atenção para o comportamento dos cientistas até a década de 1960, e só começaram realmente a estudar tal comportamento na década de 1970.

Murray, em seu texto *Theory groups and the study of language in North America. A social history*, discute, dessa perspectiva sociológica, como se dá a formação dos grupos de pesquisa científica nos Estados Unidos.

O autor admite que o livro *The Structure of Scientific Revolutions* 2013 [1962], de Thomas Kuhn, forneceu um modelo geral de visão da ciência, ao questionar o tradicional modelo de progresso científico por meio de acúmulo de conhecimentos. Segundo esse modelo, o desenvolvimento da história das ciências se daria em função da própria força das ideias, que se aperfeiçoariam com o tempo. Contrariando essa visão comum, Kuhn distinguiu dois tipos de ciência: i) “ciência normal” – que permitiria a acumulação contínua de conhecimento e ii) “ciência revolucionária” – que corresponderia a um tipo descontínuo de conhecimento.

Uma das razões pelas quais a “ciência normal” funciona é que os cientistas podem ter certezas quanto à teoria já estabelecida como ponto de partida, e se focar em problemas mais específicos. Uma situação é considerada como revolucionária, então, quando é preciso “ir até as raízes”, pois nessas ocasiões a teoria estabelecida não dá suporte ao que se está

querendo estudar.

Se, no âmbito da ciência normal, temos, por exemplo, os “exemplares”, que são soluções elegantes e largamente admitidas para problemas, que mostram aos novatos como proceder em casos de problemas parecidos, em momentos de ciência revolucionária nada de semelhante traz esse tipo de conforto ao pesquisador. Se novos problemas não podem ser resolvidos pelos padrões conhecidos, então pode haver uma fase de ‘crise’, em que o que já é estabelecido na ciência não dá mais suporte para os novos objetos estudados ou resultados adquiridos.

Certos resultados podem ser problemáticos para uma teoria, o que não quer dizer que se deva rejeitá-la. Segundo Kuhn, rejeitar uma teoria sem substituí-la por outra é rejeitar a ciência em si.

Há duas classes de não correspondência dos fatos em relação à teoria: “contraposições”, que podem ser aceitas pela teoria (erros de medidas, ou questões tidas como não científicas) ou as “anomalias”, que levam a ciência normal a um estado de “crise”, o que gera a procura de uma nova teoria. Ainda de acordo com Kuhn, tentativas de construir novos paradigmas acontecem somente quando a solução dos problemas propostos pela “ciência normal” falha consistente e repetidamente (o que gera a *crise*).

Os cientistas que se propõem a seguir uma proposta revolucionária normalmente são, ainda segundo o autor, os mais novos, e não estão tão apegados às teorias já estabelecidas, o que lhes permite com mais facilidade começar a trabalhar com novos horizontes teóricos. No caso do escopo temático e temporal que temos para nossa análise das pesquisas no Brasil, não nos parece que há um tom revolucionário na área. Talvez a própria pesquisa de Mattoso Câmara, que era um pesquisador “novo”, e trouxe para o Brasil as ideias que encontrou nos Estados Unidos, para aplicá-las sobre a fonêmica da língua portuguesa, algo que ainda não havia sido feito no país, poderia ser tomada como revolucionária.

Interessado em aprofundar o entendimento desses processos e em analisar como as redes de trabalho de cientistas influem na dinâmica de circulação das ideias (por exemplo, ajudam a compreender como ideias permanecem ou são esquecidas), Murray revê uma série de estudos e de “casos” da linguística na América do Norte.

Assim, por exemplo, destaca as considerações de Crane (1972, cf. **MURRAY (1994)**), que, no livro *Invisible Colleges*, estudou a relação entre os grupos científicos, e notou que nos EUA (no período em que ela escreveu o livro) os membros de um mesmo grupo nunca se encontravam todos fisicamente no mesmo lugar, pela separação geográfica grande entre suas instituições. Seria interessante pensar nesta questão também para o Brasil, uma vez que nosso país também tem dimensões geográficas continentais, assim como os Estados Unidos. Os documentos em nosso corpus não nos permitem uma análise



detalhada sobre deslocamentos e encontros científicos de pesquisadores, mas talvez nos permitam traçar grupos ou a formação embrionária deles pelos temas das pesquisas e, por um dado externo mais evidente, as relações entre orientadores e orientandos operantes nos processos de nucleação do campo de estudos.

MURRAY (1994), enfatizando, tal como Crane, o papel da interação e da comunicação, sobretudo a informal, propõe que se delineiem os seguintes estágios para a formação de grupos:

- *Normal Stage*: poucas relações sociais entre os pesquisadores, que estão em instituições distantes umas das outras; coautoria rara; sem ataque sistemático a um problema de pesquisa definido, nem treinamento sistemático dos pesquisadores; um modelo é necessário para que haja o reconhecimento de uma nova perspectiva; é preciso um líder, que convença novos pesquisadores que vale a pena seguir tal teoria ou método.
- *Network*: quando uma ideia inicial começa a atrair a atenção de várias pessoas, e se forma um grupo de referência novo; a relação entre professores e alunos é importante; a comunicação interna do grupo aumenta, e diminui-se a comunicação com pessoas de fora do grupo; neste estágio, o recrutamento de uma nova geração de pesquisadores é importante; a autopercepção é relevante, mais do que o reconhecimento externo.
- *Cluster*: forma-se um cluster quando os pesquisadores envolvidos percebem e reconhecem seus padrões de comunicação; começo da percepção de que se forma um grupo em volta de tais novas ideias, percepção esta que pode ser adquirida pelos próprios participantes do grupo ou ser rotulada a eles por terceiros; o grupo se concentra em problemas específicos definidos por um programa, e grande quantidade de pesquisa é feita, comumente; a coautoria começa a aumentar durante este estágio; o grupo pode receber ataques, e isso funciona como uma espécie de reconhecimento da área, pois indica certa visibilidade; o novo grupo pode ser “de elite” ou “revolucionário”, a depender da aceitação dos pares e de fatores tais como a aceitação de suas publicações em periódicos já estabelecidos (quando “revolucionário”, o grupo é forçado a criar seus próprios meios de divulgação).
- *Specialty Stage (Academic Stage)*: a passagem de *cluster* para um grupo de especialidade (acadêmico) não é clara, e pode-se considerar que a institucionalização do *cluster* é importante nessa transição; um marco importante é o sucesso dos estudantes recrutados, e suas contratações em lugares acadêmicos; uma vez que o novo paradigma obteve sucesso, passa a ser a ‘ciência normal’ da época; a rotina se torna usual no grupo, e é preciso mais do que o carisma de um líder institucional



para manter o paradigma; o suporte institucional, por exemplo, é essencial e pode ser alcançado por meio de novas posições ou o preenchimento de posições já existentes com membros do grupo, a tomada de posições nos jornais já existentes ou criação de novos, a formação ou redefinição de organizações acadêmicas (associações, grupos).

Os estágios elencados apresentam um modelo ideal, mas não necessariamente podem ser delimitados dessa forma em todos os estudos da história da ciência. Nem se pode pressupor, também, que um estado gera o seguinte.

Segundo o modelo proposto por Mullins (apud MURRAY (1994)), o fator mais importante para a mudanças de paradigma (e a conseqüente ascensão de novos grupos) na ciência é a *liderança* (tanto organizacional quanto intelectual). Também é importante um centro (de treinamento ou de pesquisa), onde os pesquisadores possam interagir pessoalmente constantemente. A existência de mais de um centro pode ser prejudicial, uma vez que as forças de pesquisa, nesse caso, podem ficar dispersas.

No capítulo 3 apontamos os grupos possíveis de serem reconhecidos no Brasil entre 1949 e 2000, assim como os possíveis líderes organizacionais e intelectuais pelo levantamento de dados realizado, observando, por exemplo, quais foram as maiores redes de orientação ou lançando mão de documentos adicionais para buscar informações sobre os possíveis grupos de pesquisa que alcançaram um status estável. Não tivemos a intenção de replicar o estudo de Murray, mas de empregar algumas de suas categorias que nos pareceram apropriadas ao contexto brasileiro no que diz respeito à área de Fonética e Fonologia. Uma das perguntas importantes foi, por exemplo, entender se se compreendeu essa área como uma ou não; o quanto se defendeu ou não a sua integração, tanto nas pesquisas em si quanto nos âmbitos acadêmico-institucionais. A esse respeito, desenvolvemos, com Coelho e Prais (COELHO *et al.*, 2021), um estudo específico, recuperado em alguns de seus traços no capítulo 3 desta tese.

Ainda sobre as ideias de MURRAY (1994), vemos que, ao analisar a história de algumas correntes teóricas, ele percebe que a existência de mais de um centro é algo um tanto quanto recorrente: para o funcionalismo estrutural havia centros em Harvard e Columbia; para a etnometodologia, em UCLA e Bárbara; para a sociologia estruturalista, Harvard e Dartmouth. Centros de estudos em lugares diferentes, então, não destroem a coerência do grupo. O que, para ele, poderia causar tal destruição, entretanto, é a falta de liderança, falta de estudantes e falhas na teoria.

Do conjunto de fatores que se mostram de fato relevantes na revisão feita por Murray, três estão presentes em todos os grupos científicos coesos (sem os três fatores nenhum grupo acompanhado conseguiu se sustentar, os três são essenciais):

- *Boas ideias*: ideias julgadas como boas e pertinentes pelos cientistas para resolver os problemas em questão, que, por si só, não são suficientes para o sucesso do grupo.

- *Um líder intelectual*: tal líder tem a função de ser a referência da linha de pesquisa, explicar as implicações da pesquisa das boas ideias, aprovar e validar o trabalho dos outros membros do grupo, entre outras funções. Pode haver uma sucessão e partilhamento dessa liderança dentro dos grupos.
- *Um líder organizacional*: responsável por organizar as agendas, conseguir verba e outras coisas necessárias para as pesquisas. O grupo pode ter um ou vários líderes organizacionais.

Grupos de conflito tendem a fazer quebras radicais em relação a grupos que se dizem de continuidade. Murray diz que em vez de usar a noção de “revolução científica” (como usada por KUHN, 2013 [1962]) prefere pensar no conceito de “retórica revolucionária”, que diz respeito a como os pesquisadores se percebem em relação ao campo em que atuam. Propõe, então, que, naturalmente, os grupos emergentes façam uma “escolha de retórica” (revolucionária ou de continuidade), a depender de fatores tais como “acesso ao reconhecimento”, “idade profissional” e “acesso ao reconhecimento dos grupos participantes”.

Inserção na “Elite acadêmica” se refere ao status do departamento e da universidade dos membros mais importantes do grupo. “Idade profissional” distingue, primordialmente, estudantes de cientistas já profissionais. O “acesso ao reconhecimento” se relaciona com as possibilidades de publicação e com a própria visão que os membros do grupo têm de si mesmos.

Para que se forme um grupo, então, são necessárias boas ideias, liderança intelectual e liderança organizacional.

Como dissemos, ao longo de nossa pesquisa, procuramos operar com algumas dessas categorias, com a intenção de entender a dinâmica social de estabelecimento de grupos na Fonética e na Fonologia no Brasil, assim como a dinâmica de distinção dessa(s) especialidade(s) no campo de estudos que denominamos Linguística.

## 1.2 Metodologia de pesquisa aplicada neste trabalho

Com vistas à constituição de uma historiografia metodologicamente consciente (KOERNER, 2014), explicitamos a seguir os parâmetros utilizados para a delimitação do objeto de estudo.

### 1.2.1 Para a periodização proposta: 1949-2000

Não vamos operar com uma periodização fixa, mas levar com conta certos indicadores que se associam à profissionalização dos estudos na área. Assim, 1949, data

de defesa da tese de doutorado de Mattoso Câmara, tem sido tomada, habitualmente, como um marco inicial da pesquisa acadêmica em Fonologia no Brasil. Por outro lado, procuramos restringir os dados a manipular ao início dos anos 2000. Um corte arbitrário, mas correspondente ao encerramento do século XX, no qual foi publicado o livro que foi nossa fonte inicial de busca (ARAGÃO, 1997). A obra parece sinalizar que nesse momento se colocou com clareza para a comunidade acadêmica da área a necessidade de uma retrospectiva histórica.

Parar em torno do ano 2000, além disso, nos permite algum grau de afastamento dos trabalhos (e de seus contextos) e chegar a um conjunto menos amplo de dados, já que a produção na área mantém-se muito dinâmica e teve um grande crescimento no final do século XX, com a expansão geral das universidades no Brasil e dos programas de pós-graduação em Linguística (cf. SUGIYAMA JUNIOR, 2020).

## 1.2.2 Para a escolha dos materiais

Um dos primeiros passos dados na elaboração dessa pesquisa foi a realização de um levantamento das dissertações e teses defendidas no Brasil – ou defendidas no exterior por reconhecidos especialistas brasileiros – em Fonética e Fonologia.

Nossa intenção inicial era lidar mais diretamente com o ensino de Fonética e Fonologia, tal como organizado em manuais introdutórios. Ao longo do processo de coleta de dados, entretanto, nossa atenção passou a se concentrar nas dissertações e teses – uma espécie de produto híbrido, resultante de um processo de formação de pesquisadores por meio da realização efetiva de uma pesquisa – e os “manuais” foram retirados da lista.

O processo de levantamento de dissertações e teses foi iniciado pelo livro *Fonética e Fonologia: bibliografia brasileira* (ARAGÃO, 1997). Tal livro é um compilado de referências bibliográficas da área, e foi editado sob a responsabilidade da professora Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB/UFC), que era coordenadora do GT da área na ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística) na época. Desse livro, então, extraímos as referências sobre monografias defendidas na área até 1997, o que nos gerou uma tabela inicial com 146 itens, que incluía, além das pesquisas monográficas no formato de dissertações e teses, livros sobre Fonética e Fonologia que são (ou foram) usados nos mais diferentes cursos pelo Brasil.

Com a lista inicial de 146 documentos, continuamos acrescentando obras quando encontrávamos novas pesquisas em outras referências bibliográficas e nos sites das universidades presentes na lista de até então. Posteriormente, passamos a revisar os Currículos Lattes dos autores das obras que já apareciam na lista, para procurar saber quem eram os orientadores e orientandos em projetos de pesquisas. Até esse momento, tínhamos 196 obras listadas em nosso corpus.

A busca dos dados sobre orientação foi lenta, pois, surpreendentemente, tivemos muita dificuldade em localizar o Currículo Lattes de vários autores, ou mesmo de encontrar as informações sobre as pesquisas nos sites das respectivas universidades. As dificuldades algumas vezes se deram por fatores menores, como grafia equivocada dos nomes dos pesquisadores ou a mudança no nome da monografia (entre o processo de defesa e de eventual publicação posterior, por exemplo).

Ao longo do processo de reavaliação das referências para reunir os parâmetros estabelecidos posteriormente (orientação e dados internos inferíveis dos títulos), exploramos o Currículo Lattes de pesquisadores que se tornaram orientadores de pesquisa destacados na área, seja pela quantidade de trabalhos orientados, seja pelo eventual destaque conferido, pela comunidade ou pelas revisões históricas feitas sobre a área, aos trabalhos que compuseram ou orientaram. Os Currículos Lattes verificados (orientações feitas por estes professores) foram os de:

<b>Professor(a) pesquisador(a)</b>	<b>Link para o Currículo Lattes</b>
Aryon Dall'Igna Rodrigues	<a href="http://lattes.cnpq.br/4295103087500358">http://lattes.cnpq.br/4295103087500358</a>
Cidmar Teodoro Pais	<a href="http://lattes.cnpq.br/1250086354025517">http://lattes.cnpq.br/1250086354025517</a>
Luiz Carlos Cagliari	<a href="http://lattes.cnpq.br/9965718421533502">http://lattes.cnpq.br/9965718421533502</a>
Yonne de Freitas Leite	<a href="http://lattes.cnpq.br/2923976446374998">http://lattes.cnpq.br/2923976446374998</a>
Paulino Vandresen	<a href="http://lattes.cnpq.br/5202191446880309">http://lattes.cnpq.br/5202191446880309</a>
Jacyra Andrade Mota	<a href="http://lattes.cnpq.br/2882439742195871">http://lattes.cnpq.br/2882439742195871</a>
Regina Célia Pagliuchi da Silveira	<a href="http://lattes.cnpq.br/4045646942768465">http://lattes.cnpq.br/4045646942768465</a>
Hildo Honorio do Couto	<a href="http://lattes.cnpq.br/7016153207130008">http://lattes.cnpq.br/7016153207130008</a>
Iara Bemquerer Costa	<a href="http://lattes.cnpq.br/9331886097403494">http://lattes.cnpq.br/9331886097403494</a>
Maria Bernadete Marques Abaurre	<a href="http://lattes.cnpq.br/4074898371818323">http://lattes.cnpq.br/4074898371818323</a>
Sebastião Josué Votre	<a href="http://lattes.cnpq.br/2836380035305495">http://lattes.cnpq.br/2836380035305495</a>
Anthony Julius Naro	<a href="http://lattes.cnpq.br/4161994799982051">http://lattes.cnpq.br/4161994799982051</a>
Leda Bisol	<a href="http://lattes.cnpq.br/2850948628761143">http://lattes.cnpq.br/2850948628761143</a>
Eleonora Albano	<a href="http://lattes.cnpq.br/1698381352533184">http://lattes.cnpq.br/1698381352533184</a>
José Luiz da Veiga Mercer	<a href="http://lattes.cnpq.br/7606874322664724">http://lattes.cnpq.br/7606874322664724</a>
Mara Suzana Behlau	<a href="http://lattes.cnpq.br/2274436726620746">http://lattes.cnpq.br/2274436726620746</a>
João Antônio de Moraes	<a href="http://lattes.cnpq.br/3799132338763925">http://lattes.cnpq.br/3799132338763925</a>
Dinah Maria Isensee Callou	<a href="http://lattes.cnpq.br/9305518977446202">http://lattes.cnpq.br/9305518977446202</a>
Elizabeth Reis Teixeira	<a href="http://lattes.cnpq.br/6177760381095851">http://lattes.cnpq.br/6177760381095851</a>
Maria do Socorro Silva de Aragão	<a href="http://lattes.cnpq.br/7111726507161580">http://lattes.cnpq.br/7111726507161580</a>
Carmen Lúcia Barreto Matzenauer	<a href="http://lattes.cnpq.br/8424037117639177">http://lattes.cnpq.br/8424037117639177</a>
Dermeval da Hora Oliveira	<a href="http://lattes.cnpq.br/9406653724224547">http://lattes.cnpq.br/9406653724224547</a>
Thaís Cristófaró Alves da Silva	<a href="http://lattes.cnpq.br/7930553282818807">http://lattes.cnpq.br/7930553282818807</a>
Regina Ritter Lamprecht	<a href="http://lattes.cnpq.br/0695710695859433">http://lattes.cnpq.br/0695710695859433</a>
Lucy Seki	<a href="http://lattes.cnpq.br/0446102948163026">http://lattes.cnpq.br/0446102948163026</a>
Jean-Pierre Angenot	<a href="http://lattes.cnpq.br/5474758756542201">http://lattes.cnpq.br/5474758756542201</a>
Iara Maria Teles	<a href="http://lattes.cnpq.br/4302834131213007">http://lattes.cnpq.br/4302834131213007</a>
Mirian Therezinha da Matta Machado	<a href="http://lattes.cnpq.br/0294031551034258">http://lattes.cnpq.br/0294031551034258</a>

*Tabela 1.1:* Links para os Currículos Lattes de alguns pesquisadores da área de Fonética e Fonologia, consultados para a coleta de dados.

Essa lista, entretanto, não se pretende exaustiva ou objetivamente definida para englobar os pesquisadores brasileiros que mais se destacaram em Fonética e Fonologia; ela é simplesmente resultado do caminho que os próprios dados e as ligações entre os pesquisadores (orientadores e orientandos) e também as referências bibliográficas que encontramos foram traçando ao longo de nossas buscas.<sup>1</sup>

Após o período de qualificação da tese, em março de 2019, passamos a verificar sistematicamente todos os sites de instituições brasileiras que promovem pesquisas científicas e que têm ligação com a CAPES. Esse passo foi dado uma vez que queria-

<sup>1</sup>Fazemos essa ressalva de acordo com o apontamento da Professora Doutora Carmen Lúcia Barreto Matzenauer durante o exame de qualificação, pois quando se criam *listas* sempre se corre o risco de deixar informações importantes fora delas.

mos encontrar alguma forma de fazer uma busca mais ampla e sistemática em todas as instituições nacionais. A partir de diálogo com outro pesquisador do CEDOCH, cuja tese discorre sobre o ensino de Linguística no Brasil (SUGIYAMA JUNIOR, 2020), decidimos usar a lista de instituições que recebem apoio financeiro da CAPES para seguir um a um os centros de pesquisas científicas brasileiros. Essa lista foi obtida no site <<https://geocapes.capes.gov.br/geocapes/>>.

O resultado final dessa busca pode ser visto no Apêndice A. As informações desse apêndice evidenciam que buscamos dados para o nosso corpus em 391 instituições brasileiras que promovem pesquisas científicas. A tabela lista o nome de cada instituição, a região do Brasil (Centro-Oeste, Nordeste, Norte, Sudeste e Sul), o Estado, o site que encontramos (ou simplesmente uma linha em branco quando o respectivo site da universidade ou de sua biblioteca não foi encontrado), e, na última coluna, detalhes sobre a busca. Na grande maioria das instituições não houve nenhum resultado para o escopo temporal – 1949 até 2000 – e para as palavras-chaves buscadas – Fonética e/ou Fonologia. Em 36 universidades encontramos resultados relevantes e os listamos em nosso *corpus*.

Há outras categorias na última coluna da tabela, que indicam, por exemplo, que: as instituições foram fundadas depois do ano 2000; o site da biblioteca não foi encontrado ou que o site da universidade/instituição não foi localizado; a busca no site não funcionou por problemas técnicos intrínsecos ao site; o link que apareceu na busca do Google não levou a um site funcional; não foi possível buscar resultados anteriores a 2000 ou não foi possível buscar teses e dissertações; a sigla listada pela CAPES não era uma universidade, mas sim projetos específicos e centros de pesquisa, por exemplo; não foi possível acessar o site sem login, como sites de universidades particulares que não permitem acesso ao público geral, e que não foi possível acessar o acervo on-line pela estruturação específica dos sites das instituições.

Nossas buscas foram limitadas pelas disponibilidades tecnológicas de cada instituição listada no Apêndice A. Dessa forma, deve ser feita a ressalva de que o fato de que a nossa busca não ter encontrado nenhuma documentação relevante para a nossa pesquisa não necessariamente significa que tal universidade não tenha tido pesquisas nas áreas de Fonética e Fonologia no período em questão. Buscas *in loco* podem evidenciar documentos que não foram listados em nossos apêndices simplesmente porque eles não estavam catalogados digitalmente, e, portanto, não pudemos contabilizá-los.

Em resumo, nossas buscas se pautaram, principalmente, em 3 fontes: ARAGÃO (1997), Currículos Lattes de pesquisadores da área e busca em sites de instituições brasileiras que promovem pesquisas científicas. Além disso, as referências presentes em BISOL (2006) também foram listadas em nosso *corpus*. O número final de dissertações e teses coletadas é de 447 obras realizadas no Brasil (Apêndice C e Apêndice D) e 34

realizadas em outros países (Apêndice B)<sup>2</sup>.

### 1.2.3 Para o estabelecimento de critérios de análise

Após compormos a listagem preliminar (a partir de ARAGÃO (1997)), passamos a organizar as primeiras informações em uma tabela, para controle daquelas que poderiam ser úteis para os nossos objetivos, sobretudo os relativos aos aspectos externos desta história, mas não apenas a eles, porque algumas informações internas (línguas, tipos de recortes, afiliação teórica, tipo de orientação) às vezes se explicitam em títulos, por exemplo.

Essa organização já pressupõe certa análise, na medida em que escolhemos determinadas categorias que permitissem dispor os dados na tabela. A ideia era que os elementos selecionados para organizar a tabela pudessem se converter em parâmetros para a análise de um *corpus* a ser selecionado.

Obtivemos, pelo exame de todos os dados da tabela, um panorama (um “mapa”) de certas características (internas e externas) dos estudos sobre Fonética e Fonologia. Obtivemos, também, pelo exame verticalizado de um conjunto de dissertações ou teses (as pesquisas da Unicamp e da UFSC, no capítulo 4), ilustrações mais concretas de aspectos que se salientaram na abordagem mais global.

Inicialmente, o mapeamento previa a coleta de dados como “ano de publicação”, “título da obra”, “autoria”, “tipo” (dissertação de mestrado ou tese de doutorado) e “universidade” em que a pesquisa foi realizada. Eram, portanto, apenas dados que permitiriam tratar da dimensão ‘externa’ dos textos.

Em abril de 2018, entretanto, após reunião de orientação sobre o projeto, decidimos acrescentar os seguintes dados à tabela com o corpus para análise: responsável pela “orientação” da pesquisa (mais um dado externo potencialmente importante, por exemplo, para a observação da formação de grupos de especialidade (MURRAY, 1994)), “natureza do trabalho” (metateórica ou teórica em contraposição à de descrição), “teoria sugerida pelo título”, “níveis de análise” (como nível segmental, suprasegmental, processos fonético-fonológicos, etc), “língua(s)/variedades de línguas” e “interfaces”. Isso fez com que todos os dados coletados até então (196) fossem revisados, e os Currículos Lattes dos pesquisadores foram consultados para buscar as informações sobre orientação acadêmica. A partir deste momento, os dados seguintes foram sendo acrescentados à tabela já com todos os

---

<sup>2</sup>O *corpus* para esta pesquisa foi finalizado dia 29 de maio de 2021. Apesar de já termos começado a fazer as análises muito antes dessa data, novas referências antes não conhecidas continuavam surgindo, principalmente pela verificação de Currículos Lattes de pesquisadores. Nessa data, entretanto, decidimos não mais acrescentar documentos ao nosso banco de dados até o término da escrita da tese. Pretendemos continuar alimentando o banco de dados reunido para esta pesquisa de doutorado após o término do presente projeto.

parâmetros estabelecidos. O critério “teoria sugerida pelo título”, entretanto, foi retirado da tabela na fase final da pesquisa, ao percebermos que não era possível identificar o viés teórico apenas pelos títulos da maioria das obras.

Por fim, resumidamente, os critérios de análise estabelecidos são:

### **Dimensão ‘externa’**

- Ano de publicação
- Autoria
- Orientação
- Tipo (M/D)
- Universidade

A organização dos dados, no Apêndice 3, segue o seguinte modelo:

<b>ANO</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>AUTORIA</b>	<b>ORIENTAÇÃO</b>	<b>M/D</b>	<b>UNIV.</b>
1995	O alongamento das vogais /a/, /i/, /u/ e /õ/ no francês falado por estudantes brasileiros	Raquel Silvana Pinheiro	Dário Fred Pagel	M	UFSC

*Tabela 1.2: Exemplo dos parâmetros da dimensão externa aplicados*

### **Dimensão ‘interna’**

- Título
- Natureza do trabalho
- Níveis da análise
- Língua<sup>3</sup>
- Interfaces<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup>Língua portuguesa (geral); Língua portuguesa e outras línguas (quais); Variedades específicas; Línguas indígenas (quais); Línguas estrangeiras (quais).

<sup>4</sup>Fonética e Fonologia e ensino; Fonética e Fonologia e saúde (Fonoaudiologia/Medicina); Fonética e Fonologia e computação (Engenharia); Fonética e Fonologia e meios de comunicação; Fonética e Fonologia e outros domínios linguísticos



A organização dos dados, no Apêndice 4, segue o seguinte modelo:

<b>ANO</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>NATU.</b>	<b>NÍVEIS</b>	<b>LÍNGUA(S)</b>	<b>INTER.</b>
1995	O alongamento das vogais /a/, /i/, /u/ e /õ/ no francês falado por estudantes brasileiros	descrição	vogais	português / francês	ensino

*Tabela 1.3:* Exemplo dos parâmetros da dimensão interna aplicados



# Capítulo 2 – Fonética e Fonologia

*I heard R. W. Langacker give a very remarkable paper at a conference a few years ago. In it he said that there are two kinds of animals in Linguistics: unicorns and coyotes. Unicorns are noble animals concerned with noble things like the construction of all-embracing theories. Coyotes, on the other hand, spend their time grubbing about in the mess of linguistic facts. It seems to me that phoneticians are among the coyotes - indeed Langacker said so. And the last words of his paper were 'the coyotes will inherit the earth'. I hope he is right; I believe he is.*

---

(**ABERCROMBIE**, 1991 ,p. 11)

## Capítulo 2

# Fonética e Fonologia

Neste capítulo seguiremos uma sequência de acontecimentos que reputamos como importantes para a história das áreas de estudo linguístico em que nos focamos nesta tese de doutorado, buscando entender qual foi o impacto desses percursos mais gerais para a história específica da Linguística brasileira, nas áreas de Fonética e Fonologia, tal como ela pode ser apreendida de dissertações e teses. Além de lançar o olhar para a formação dessas especialidades no contexto ocidental como um todo, recuperamos dados de estudos de cunho histórico ou historiográfico já realizados sobre a área no Brasil.

“Fonética” e “Fonologia” podem ser consideradas como áreas de pesquisa que se interpenetram, mas não parece haver um consenso sobre a separação ou união das duas. Por isso, não é tarefa simples traçar o percurso histórico que as envolve. **OHALA (2004)**, por exemplo, ao abordar a relação Fonética/Fonologia, afirma que, na época em que escreveu o artigo citado, havia uma tendência de (re-)integração entre as duas áreas:

Is phonetics part of phonology? This straightforward question has received various answers at different points in the history of linguistics. In this paper I attempt to document that for the two centuries starting approximately with the eighteenth century, phonetics was well integrated into linguistics but that around the start of the 20th century phonetics and phonology were estranged, at least in some cases. During the second half of the 20th century there began a trend, continuing today, to re-integrate phonetics and phonology.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup>“A Fonética é parte da Fonologia? Essa pergunta direta recebeu várias respostas em diferentes momentos da história da Linguística. Neste artigo eu tento documentar que durante dois séculos, começando aproximadamente com o século XVIII, a Fonética estava bem integrada na Linguística, mas que por volta do começo do século XX a Fonética e a Fonologia foram afastadas, pelo menos em alguns casos. Durante a segunda metade do século XX começou uma tendência, que continua atualmente, para reintegrar a Fonética e a Fonologia” (tradução nossa).

ANDERSON (2010), entretanto, opina que a Fonologia tem proposto, ao longo da história, objetivos que são diferentes dos da Fonética:

As opposed to phonetics, which deals with the properties of sounds from a language-independent point of view, phonology constitutes the study of the sound structure of units (morphemes, words, phrases, utterances) within individual languages. Its goal is to elucidate the system of distinctions in sound which differentiate such units within a particular language, and the range of realizations of a given unit's sound structure as a function of the shape of other units in its context.<sup>2</sup>

Vejamos, ainda, as afirmações de ABERCROMBIE (1991, p. 12), que chama a atenção para a questão terminológica envolvida no debate:

For quite a long time the two words *phonetics* and *phonology* existed side by side, meaning more or less the same thing. *Phonology* is about half a century older; but after the word *phonetics* came into language, the two tended to be used indifferently. They both meant simply 'the study of speech sounds'. (One of the meanings given by the OED<sup>3</sup> for *phonology* is 'phonetics', and one of the meanings given there for *phonetics* is 'phonology') Although there was little sign, during most of the time, of either word taking on a consistent specialisation of meaning in any direction, perhaps some slight tendency could be observed for *phonetics* to be the term when discussing non-language-specific, general human, matters; and for *phonology* to be used when the sounds of a particular language were under discussion or description. Nevertheless, the words were more or less synonyms.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup>“Ao contrário da Fonética, que lida com propriedades de sons de um ponto de vista independente de uma língua, a Fonologia constitui o estudo da estrutura sonora das unidades (morfemas, palavras, frases, enunciados) em línguas individuais. O objetivo dela é elucidar o sistema de distinções dos sons que diferenciam essas unidades em uma língua particular, e o alcance de realizações de uma estrutura sonora de uma dada unidade como uma função do formato de outras unidades em seu contexto” (tradução nossa)

<sup>3</sup>Oxford English Dictionary: <<https://www.oed.com/>>

<sup>4</sup>“Por muito tempo as duas palavras *fonética* e *fonologia* existiram lado a lado, significando mais ou menos a mesma coisa. *Fonologia* é por volta de meio século mais velha; mas depois que a palavra *fonética* apareceu na língua, houve uma tendência para usá-las indiferentemente. As duas simplesmente significavam ‘o estudo dos sons da fala’. (Um dos significados dados pelo OED – Oxford English Dictionary – para *fonologia* é ‘fonética’, e um dos significados dados no dicionário para *fonética* é ‘fonologia’) Apesar de ter havido pouca indicação, durante a maioria do tempo, de que qualquer uma das duas palavras poderia adquirir um significado consistente de especialização em qualquer direção, talvez pudesse ser observada uma ligeira tendência para que *fonética* fosse o termo usado quando se discutisse assuntos humanos gerais, não específicos de uma língua; e para que *fonologia* fosse o termo usado quando se discutisse ou descrevesse os sons de uma língua particular. Contudo, as palavras eram mais ou menos sinônimas.” (tradução nossa)

Ohala<sup>5</sup> (2004), Anderson<sup>6</sup> (2010) e Abercrombie<sup>7</sup> (1991) nos mostram o quanto os pesquisadores podem ter visões diferentes sobre o assunto. Não é nosso intuito aqui, é claro, tentar pacificar as diferentes visões sobre o tema ou procurar justificar um ou outro posicionamento. Enfatizamos, entretanto, o quanto o limiar entre Fonética e Fonologia pode ser rígido ou fluído, de acordo com diversas visões de diferentes pesquisadores.

Como visto nos trechos acima citados, pode-se considerar que houve uma época (final do século XIX e começo do século XX), em que os termos “fonética” e “fonologia” não tinham as mesmas acepções que têm atualmente; na primeira metade do século XX, ao que parece, houve um esforço consciente de pesquisadores da área para a separação e delimitação das disciplinas, e, no final do século XX, um movimento reverso, de busca de reintegração das áreas começou a ganhar força. **ABERCROMBIE** (1991, p. 16), por exemplo, advoga que a separação entre as áreas foi prejudicial para ambas, e que os pesquisadores deveriam retomar um posicionamento de maior atenção para a integração dos dois tipos de conhecimento<sup>8</sup>.

---

<sup>5</sup>John Ohala (nascido em 1941), estadunidense, publicou vários trabalhos sobre sua visão integrativa entre Fonética e Fonologia: <<http://linguistics.berkeley.edu/~ohala/>>.

<sup>6</sup>Stephen Robert Anderson (nascido em 1943), estadunidense, é autor do livro que foi utilizado como principal fonte bibliográfica para a seção sobre Fonologia deste capítulo, e parece ter uma clara visão de que a Fonologia é uma área separada da Fonética: <https://cowgill.ling.yale.edu/sra/>.

<sup>7</sup>David Abercrombie (1909-1992), britânico, foi professor de Fonética na Universidade de Edimburgo durante a maior parte de sua carreira profissional.

<sup>8</sup>“The separation of phonology from phonetics has been bad for both; after the divorce, they tend less and less to keep a needed restraining hand on each other. Phonetics, for example, should always be (to use a phrase which has recently become fashionable but which in fact has long standing in the literature) linguistics phonetics, i. e. phonetics informed by phonological knowledge, even when such things as drunken speech, pathological speech, speech acquisition by the child, are under investigation. But what phoneticians do is not always truly linguistic phonetics, particularly in some of the phonetics laboratories of Europe, where vocal noises have sometimes been studied in isolation from the people who produce them and the purpose for which they were produced -with consequent prejudice, often, to the value of the results of the study. Phonology, too, has suffered: the divorce has tended to have the effect of alienating it from real spoken language, from phonetic facts. It may be a social science, but it nevertheless seems at times far removed from the study of the activities of actual people when talking or listening. It is widely believed that one can base phonological analysis on second-hand observation. The author of a work on the phonology of Japanese, for example, tells us in his Preface that his informants were ‘dictionaries and textbooks, rather than live persons’”. (**ABERCROMBIE**, 1991, p. 16) “A separação da fonologia da fonética tem sido ruim para ambas; após o divórcio, elas tendem cada vez menos a andarem de mãos dadas. A fonética, por exemplo, deveria sempre ser (para usar a frase que recentemente se tornou moda mas que na verdade tem estado na literatura há muito tempo) “fonética linguística”, isso é, fonética informada pelo conhecimento fonológico, até mesmo quando o que se está sob investigação são coisas como “fala bêbada”, “fala patológica”, “aquisição de fala” por crianças. Mas o que os foneticistas fazem nem sempre é de fato “fonética linguística”, particularmente em alguns laboratórios de fonética da Europa, onde barulhos vocais foram algumas vezes estudados isolados das pessoas que os produziram e do propósito para o que eles foram produzidos com consequente dano, frequentemente, para a valoração dos resultados do estudo. A fonologia também tem sofrido: o divórcio tendeu a ter o efeito de aliená-la da língua real falada, dos fatos fonéticos. Ela pode até ser uma ciência social, mas, apesar disso, ela parece, por vezes, estar distante do estudo das atividades de pessoas reais enquanto elas falam ou escutam. Se crê amplamente que se pode basear uma análise fonológica em observação de segunda mão. O autor de um trabalho sobre a fonologia do japonês, por exemplo, diz-nos em seu prefácio que seus informantes

## 2.1 A Fonologia e a Fonética no Ocidente

Em ANDERSON (1985), encontramos uma retrospectiva da história dos estudos fonológicos que trata do intervalo temporal entre o final do século XIX e o surgimento e desenvolvimento da Teoria Gerativa, durante as décadas de 1960, 1970 e começo da década de 1980. Nesta seção, seguimos em grande parte essa referência bibliográfica, mas também utilizamos outras, principalmente para dar, igualmente, atenção à história da Fonética, percorrendo sobre as duas áreas de forma a seguir o percurso cronológico dos acontecimentos, sempre que possível.

O livro de ANDERSON (1985) apresenta o percurso histórico da área de Fonologia passando pelos estudos na Europa e nos Estados Unidos, contemplando os seguintes tópicos: “Ferdinand de Saussure”, “Saussure’s views on sound structure”, “The Kazan School: Baudouin de Courtenay and Kruszewski”, “Prague School Phonology from the Moscow Circle through Trubetzkoy’s *Grundzüge*”, “Roman Jakobson and the theory of distinctive features”, “The ‘glossematic’ theory of Louis Hjelmslev”, “J. R. Firth and the London school of prosodic analysis”, “Franz Boas and the beginnings of American linguistics”, “Edward Sapir”, “Leonard Bloomfield”, “American Structuralist Phonology”, “Generative Phonology and its origins”, “Generative Phonology after *The Sound Pattern of English*”.<sup>9</sup>

Em outro texto de Stephen Anderson (2010), há ainda a menção a outros desdobramentos teóricos, advindos da Teoria Gerativa: Fonologia Autossegmental, Fonologia Métrica, Geometria de traços, Fonologia Lexical e Teoria da Otimidade. Atentar para a divisão feita pelo autor entre as diferentes escolas de estudo é uma abordagem possível, que seguimos, em parte, nesta seção, para procurar descrever o que se considerou como “Fonologia” ao longo do século XX, tecendo comentários também sobre a “Fonética” ao seguir a ordem cronológica dos acontecimentos, indo da Europa aos Estados Unidos (e também passando pela Rússia) ao longo de nossa exposição.

Já ao longo do século XVIII, tinha começado a aparecer um novo “desdobramento” nos estudos sobre a linguagem, a linguística histórico-comparativa, que se fortaleceu ao longo do século XIX.

---

eram ‘dicionários e livros didáticos, em vez de pessoas vivas’”. (tradução nossa)

<sup>9</sup>“Ferdinand de Saussure”, “A visão de Saussure sobre a estrutura sonora”, “A Escola de Cazã: Baudouin de Courtenay e Kruszewski”, “A Escola de Praga a partir do Círculo de Moscou por meio do *Grundzüge* de Trubetzkoy”, “Roman Jakobson e a teoria dos traços distintivos”, “A teoria ‘glossemática’ de Louis Hjelmslev”, “J. R. Firth e a Escola de Londres de análise prosódica”, “Franz Boas e o começo da linguística norte-americana”, “Edward Sapir”, “Leonard Bloomfield”, “Fonologia estruturalista norte-americana”, “Fonologia gerativa e suas origens”, “Fonologia gerativa depois de *The Sound Pattern of English*”.

La mayor parte de las veces, los historiadores de la lingüística sitúan lo que denominan de advenimiento de la fonética en la segunda mitad del siglo XIX, entre 1850 y 1875. En efecto, se trata de la fonética considerada desde el punto de vista de la lingüística; e incluso, con mayor precisión, desde el punto de vista de la lingüística histórica del momento (MOUNIN, 1968, p. 206)<sup>10</sup>

A linguística histórico-comparativa, destacada nesse trecho de Mounin pelo desenvolvimento da fonética, marca a transição entre a Filologia e a Linguística saussureana, uma vez que Saussure se formou, enquanto linguista, sob o paradigma da linguística histórico-comparativa.

KOERNER (2014, p. 66)<sup>11</sup> afirma que os conceitos relacionados à Linguística como a conhecemos atualmente se desenvolveram ao longo do século XIX, e que:

Apesar de haver indícios de que a primeira geração dos linguistas históricos ou histórico-comparativos (Bopp, Rask, Grimm e outros, por exemplo) tivesse consciência de que estavam a caminhar para outras direções que os afastavam de grande parte da tradição filológica de orientação literária, não fizeram nenhuma tentativa para se separarem dela abertamente. (KOERNER, 2014, p. 67)

Desse modo, a Linguística saussureana surge, no final do século XIX e começo do século XX, como uma nova perspectiva de estudo da língua, tendo como objeto primordial a língua falada (em termos bastante amplos), o que não condizia com o objeto de estudo e a metodologia utilizada pela Filologia e mesmo pelos linguistas comparatistas, assim como os neogramáticos. Justamente por causa dessa mudança de foco nos estudos da linguagem, ao menos nos seus veios mais destacados no âmbito acadêmico de então, a Fonética e a Fonologia foram campos importantes nesse começo da história da Linguística autônoma. Saussure (2016 [1916]) assim enfatiza a importância da Fonologia:

---

<sup>10</sup>“Na maior parte das vezes, os historiadores da linguística situam e denominam o advento da fonética na segunda metade do século XIX, entre 1850 e 1875. De fato, se trata da fonética considerada desde o ponto de vista da linguística; inclusive, com maior precisão, desde o ponto de vista da linguística histórica do momento” (MOUNIN, 1968, p. 206, tradução nossa)

<sup>11</sup>“A linguística, do modo como viemos a entender hoje o seu objeto, desenvolveu-se durante o século XIX. Não é fácil determinar o seu início, como parece sugerir a maior parte dos manuais de história da linguística. Mas se o desenvolvimento de um certo número de termos técnicos serve de guia, podemos localizar o seu surgimento na primeira década do século XIX. Em 1803, o termo ‘gramática comparativa’ (*vergleichende Grammatik*) foi usado pela primeira vez por August Wilhelm Schlegel (1767-1845), provavelmente por analogia com o termo ‘anatomia comparativa’. Por volta de 1808, o termo ‘Linguistik’ apareceu como parte de um periódico efêmero (mas provavelmente já tinha sido usado anteriormente), e vários anos antes de Thomas Young ter estabelecido o termo ‘indo-europeu’ (*Indo-European*) (1813), o composto ‘indo-germânico’ (*indo-germanique*) já estava em uso (cf. Shapiro 1981), tendo sido introduzido em 1810 por Conrad Malte-Brun, o geógrafo de origem dinamarquesa. Outros termos e conceitos foram desenvolvidos logo depois [...]”

Ter-se-ia que substituir, de imediato, o artificial pelo natural; isso, porém, é impossível enquanto não tenham sido estudados os sons da língua; pois, separados de seus signos gráficos, eles representam apenas noções vagas, e prefere-se então o apoio, ainda que enganoso, da escrita. Assim, os primeiros linguistas, que nada sabiam da fisiologia dos sons articulados, caíam a todo instante nessas ciladas; desapegar-se da letra era, para eles, perder o pé; para nós, constitui o primeiro passo rumo à verdade, pois é o estudo dos sons através dos próprios sons que nos proporciona o apoio que buscamos. Os linguistas da época atual terminaram por compreendê-lo; retomando, por sua própria conta, pesquisas iniciadas por outros (fisiologistas, teóricos do canto etc.), dotaram a Linguística de uma ciência auxiliar que a libertou da palavra escrita. (Saussure, 2016 [1916]: 66)

É importante notar que, para Saussure, o que era “phonologie” não necessariamente corresponderá ao entendimento encontrado em propostas teóricas de grande impacto no século XX: “Saussure calls this synchronic study of the articulation and acoustics of concrete sounds *phonologie*: it is essentially the same as what most linguists would today call *phonetics*”<sup>12</sup> (ANDERSON, 1985, p. 36-37). Da mesma forma, para Saussure, “phonetique” era o estudo da evolução histórica e mudança dos sons. Ou seja, já nesse primeiro momento será importante atentarmos ao fato de que os *termos* mudam de sentido ao longo da história das disciplinas, e é importantíssimo ter isso em mente quando se leem os escritos sobre o tema.

A noção de “fonema” para Saussure, segundo ANDERSON (1985), teria sido inspirada nas ideias de um linguista francês pouco conhecido, Antoni Dufriche-Desgenettes (1804-?<sup>13</sup>), de quem Saussure teria acatado o emprego da palavra “phonème”, em substituição à palavra “Sprachlaut”, do alemão. Dufriche-Desgenettes propôs o termo nos anos 1870, para a *Société linguistique de Paris*. O termo, todavia, não tinha o sentido mais comumente atribuído a ele hoje em dia, de elemento sonoro distintivo dentro de um sistema, mas sim o sentido de “som da fala”.

While the word ‘phoneme’ in its incarnations in various languages later came to designate a specifically *distinctive* sound element, it is quite clear that Saussure does not use it all in that way. Rather, he intends by the word *phonème* simply a ‘speech sound’, with no connotations of

---

<sup>12</sup>“Saussure denomina esse estudo sincrônico da articulação e acústica de sons concretos *phonologie*: é, essencialmente, o mesmo que a maioria dos linguistas chamariam de *phonetics* atualmente.” (tradução nossa)

<sup>13</sup>Koerner (1976, p. 225) afirma que em 1883 o nome de Dufriche-Desgenettes ainda aparece na lista de membros no boletim da sociedade de linguística francesa, mas que em no boletim de 1885 seu nome já não está mais presente, e que portanto pode-se concluir que seu falecimento aconteceu por volta dessa época.



language-particular distinctive character. (ANDERSON, 1985, p. 38)<sup>14</sup>

Em artigo de 1978, Koerner afirma que, durante muito tempo, Dufriche-Desgenettes de fato não recebeu o merecido reconhecimento por ter sido quem cunhou o termo “phonème”. Somente em 1957, em escrito de R. Godel, sobre as fontes manuscritas do *Curso de Linguística Geral*, de Saussure, essa informação foi evidenciada. O termo “phonème” foi empregado pela primeira vez por ele em 1873, e posteriormente foi usado por Saussure em seu *Mémoire*, de 1878; a partir desse texto, mais tarde, o termo começou a ser usado pelos pesquisadores da escola de Cazã (KOERNER, 1978a, p. 226, ver citação mais à frente).

Sobre o século XIX e a tradição europeia em estudos fonéticos, KOERNER (1993, p. 2) cita três linguistas que contribuíram para o avanço da fonética e que também escreveram ou contribuíram para a história dos estudos fonéticos: Friedrich Techmer (1843-1891), Wilhelm Viëtor (1850-1918) e Otto Jespersen (1860-1943). Entre as contribuições de Techmer, estão a obra *Beiträge zur Geschichte der französischen und englischen Phonetik und Phonographie*<sup>15</sup> (Techmer: 1890, apud KOERNER, 1993). Viëtor, também escreveu obras completas, mas Koerner destaca suas publicações sobre a história da fonética no periódico *Phonetische Studien*<sup>16</sup> (Viëtor: 1888-1890, apud KOERNER, 1993, p. 2). Jespersen, em uma de suas obras, faz um levantamento histórico sobre a fonética do século XVI até a sua época (Jespersen: 1897, apud KOERNER, 1993).

Outras figuras importantes desse século, segundo OHALA (2004), foram Paul Passy (1859-1940), um dos fundadores da Associação Internacional de Fonética, em 1886; Abbé Jean-Pierre Rousselot (1846-1924), reconhecido como o “pai da fonética experimental”; Henry Sweet (1845-1912), fundador da “British School of Phonetics” e importante figura no estabelecimento dos padrões de transcrição fonética que comumente ainda se usam no meio acadêmico (IPA - *International Phonetic Alphabet*), juntamente a Viëtor e Passy.

Deslocando-se geograficamente mais ao leste, ANDERSON (1985) se refere à “Escola de Cazã”, que teve dois pesquisadores mais destacados: Jan Ignacy Niecislaw Baudouin de Courtenay (1845-1929) e Mikołaj Habdank Kruszewski (1851-1887). Cazã, como se sabe, é uma cidade no centro da Rússia, e esse fator foi decisivo para que as ideias aí veiculadas pelos pesquisadores não tivessem grande circulação nos centros de estudos europeus ocidentais<sup>17</sup>. Aparentemente, esses pesquisadores eslavos foram os primeiros a

---

<sup>14</sup>“Enquanto a palavra ‘phoneme’ em suas encarnações em várias línguas veio a designar, mais tarde, um elemento sonoro especificamente *distintivo*, é bastante claro que Saussure não o usa nesse sentido. Em vez disso, ele pretende dizer pela palavra *phonème* simplesmente um ‘som da fala’, sem conotações de caráter distintivo de uma língua particular.” (tradução nossa)

<sup>15</sup> *Contribuições para a história da fonética e da fonografia do francês e do inglês* (tradução nossa).

<sup>16</sup> *Estudos fonéticos* (tradução nossa).

<sup>17</sup> Devemos ter em mente que estamos tratando de uma época em que a troca de informações se dava

usar a palavra “fonema” com a concepção de som distintivo dentro de um dado sistema linguístico. KOERNER (1978a, p. 226) diz que

Ferdinand de Saussure (1857-1913), a member of the Society [Société de Linguistique de Paris] since 13 May 1876 [BSL 3/16, p. xxx [p. “30”]], appears to have been the next scholar to employ Dufriche’s term in his famous *Mémoire* (1878), from which Mikolaj Kruszewski (1851-1887) took it, making it into a key term in modern phonological theory by distinguishing between ‘phoneme’, as the relationally defined element of a given phonological system, and ‘sound’, its individual phonetic realization.<sup>18</sup>

ANDERSON (1985) afirma que é importante estudar os escritos dos pesquisadores de Cazã, tanto quanto os de Saussure, pois as ideias deles também contribuíram para o posterior desenvolvimento das teorias fonológicas:

As such, he [Baudouin de Courtenay] exerted a subtle and indirect influence on those linguists studying in Russia who would later form the nucleus of the Linguistic Circle of Prague, one of the central sources for present-day linguistic ideas. Though somewhat tortuous, there is a path from the proposals of Baudouin de Courtenay to the basic assumptions of Trubetzkoy and Jakobson about the nature of language; and it is worth studying the former if we wish to understand the latter. (ANDERSON, 1985, p. 57)<sup>19</sup>

---

de maneira bem mais lenta. Diferentemente de Roman Jakobson, por exemplo, que, apesar de também ser russo, teve grande influência nos meios linguísticos europeu e estadunidense, os membros da escola de Cazã não tinham nem contato físico (ou seja, participação em círculos presenciais de estudos) nem trocas intensas de cartas ou artigos científicos com outros membros da comunidade científica, ao que nos parece. Roman Jakobson, por outro lado, circulou pelos meios acadêmicos em outros países europeus, e foi professor renomado nos Estados Unidos, portanto, teve acesso maior ao ambiente de trocas de ideias científicas desse outro contexto. Nikolai Trubetzkoy, também nascido na Rússia, foi professor em Viena e participante ativo do Círculo Linguístico de Praga, ou seja, assim como Jakobson, esteve presente nesse outro meio acadêmico, o que também diferencia sua presença e influência intelectual daquela que puderam alcançar, em sua época, os membros da escola de Cazã.

<sup>18</sup>“Ferdinand de Saussure (1857-1913), membro da Sociedade [Sociedade Linguística de Paris] desde 13 de maio de 1876 [BSL 3/16, p. xxx [p. “30”]], parece ter sido o próximo acadêmico a empregar o termo de Dufriche em seu famoso *Mémoire* (1878), do qual Mikolaj Kruszewski (1851-1887) o retirou, tornando-o um termo-chave na teoria fonológica moderna, distinguindo entre ‘phoneme’, como o elemento definido relativamente a um dado sistema fonológico, e ‘sound’, sua realização fonética individual.” (tradução nossa)

<sup>19</sup>“Assim sendo, ele [Baudouin de Courtenay] exerceu uma influência sutil e indireta nos linguistas que estudavam na Rússia, que mais tarde formariam o núcleo do Círculo Linguístico de Praga, uma das fontes centrais para as ideias atuais da linguística. Apesar de um tanto tortuoso, há um caminho que vai das propostas de Baudouin de Courtenay até as suposições básicas de Trubetzkoy e Jakobson sobre a natureza da linguagem; e vale a pena estudar o que veio antes para entender o que veio depois.” (ANDERSON, 1985, p. 57, tradução nossa)

Para o autor, se por um lado o isolamento geográfico de Baudouin de Courtenay foi uma barreira para que suas ideias circulassem pelos centros que vieram a se destacar nos estudos fonético-fonológicos, por outro lado esse isolamento resultou em maior liberdade, na medida em que seus estudos puderam ser desenvolvidos longe do controle crítico dos neogramáticos (ANDERSON, 1985, p. 58). KOERNER (1978b) esclarece possíveis motivos para o pouco conhecimento dos trabalhos da escola de Cazã no início do século XX:

There are reasons for Baudouin's limited recognition: many of his writings were published in Russian journals which have been difficult to find [...]; there has been no synthesis of Baudouin's work (the Russian anthology of his studies – the first of its kind – appeared fairly late in 1963); in addition to his heavy style, Baudouin very frequently employed a rather exclusive terminology (as Häusler observes); he appears to have changed his views quite frequently.<sup>20</sup>

Assim como ocorreu com Kruszewski (e também com Saussure), a formação inicial de Courtenay se deu no contexto de preponderância do pensamento neogramático. Entretanto, Baudouin de Courtenay defendia que a ciência da linguagem deveria ir além da coleta e comparação de dados históricos, como seus contemporâneos mais destacados afirmavam.

We should note here that while Baudouin criticizes the descriptive, empirical study of languages for its own sake, he also stresses that a thorough knowledge of living languages is an essential preliminary to any attempt at theorizing an explanation.

On the other hand (and more importantly), it is in the forces that govern synchronic system that we find the underlying principles leading to historical change. We must, therefore, give priority to the search for the general laws that govern the systems of living languages. (ANDERSON, 1985, p. 62)<sup>21</sup>

---

<sup>20</sup>“Há razões para o reconhecimento limitado sobre o Baudouin: vários de seus escritos foram publicados em periódicos russos que têm sido difíceis de encontrar [...]; não houve nenhuma síntese do trabalho de Baudouin (a antologia russa dos seus estudos – a primeira deste tipo – apareceu tardiamente em 1963); além de seu estilo difícil, Baudouin muito frequentemente empregava uma terminologia bastante exclusiva (como Häusler observa); ele parece ter mudado seus pontos de vista bastante frequentemente.” (tradução nossa)

<sup>21</sup>“Devemos observar aqui que enquanto o Baudouin critica o estudo descritivo e empírico das línguas por si só, ele também enfatiza que um conhecimento aprofundado das línguas vivas é um pressuposto essencial para qualquer tentativa de teorização ou explicação. Por outro lado (e mais importante), é nas forças que governam os sistemas sincrônicos que nós encontramos os princípios subjacentes que conduzem à mudança histórica. (ANDERSON, 1985, p. 62, tradução nossa)”

O maior impacto das teorias da escola de Cazã, para ANDERSON (1985), provavelmente se deu no trabalho de Roman Jakobson (1896-1982), que, junto a Trubetzkoy, foi importante figura da Escola de Praga. “During the 1920’s, however, several of the most important figures found themselves in or near Prague, where their collaboration was reconstituted and expanded around the activities of the Linguistic Circle of Prague.”<sup>22</sup> (ANDERSON, 1985, p. 83). Ao longo da década de 1920, havia uma ideia relativamente difundida de que algo além da Fonética estava surgindo, mas a criação do que viria a ser a Fonologia ainda era nebulosa.

Como KOERNER (1978b) nos lembra, Trubetzkoy reconhece tanto em Baudouin de Courtenay quanto em Saussure (e Winteler) a precedência das ideias que foram depois desenvolvidas com maior detalhe pela Escola de Praga<sup>23</sup>. Segundo o autor, Courtenay teve um enfoque mais empírico, coletando e a alisando muitos dados de línguas naturais, enquanto Saussure teve um enfoque mais teórico em relação ao estudo das línguas:

Baudouin was, generally speaking, data-orientated and investigated various spoken languages without, however, emphasizing the necessity of distinguishing clearly, as the theory-oriented Saussure has done, between a synchronic and a diachronic approach. In distinguishing phonetics from phonology, Trubetskoi, who gave much credit to Baudouin for having influenced his linguistic theory, was very happy to find assistance in the Saussurean distinction between *langue* and *parole* arguing that phonetics is concerned with the speech act and all its articulatory and phonatory aspects (*parole*), whereas phonology deals with language as a system of distinctive sound-features (*langue*). (KOERNER, 1978b, p. 667-668)<sup>24</sup>

A teoria de Trubetzkoy, exposta em seu livro *Grundzüge der Phonologie*<sup>25</sup>, contava

---

<sup>22</sup>“Durante a década de 1920, entretanto, várias das mais importantes figuras se encontravam em ou perto de Praga, onde sua colaboração foi reconstituída e expandida ao redor das atividades do Círculo Linguístico de Praga.” (ANDERSON, 1985, p. 83)

<sup>23</sup>“Prince Nikolai Sergeevich Trubetskoi (1890-1938), the acknowledged founder of modern structural phonology, showed in his article “La phonologie actuelle” (1933) that Baudouin de Courtenay was, along with de Saussure and Winteler, the predecessor of phonological theory as developed by the linguists of the “Prague School” in the twenties and thirties, the leading figures of which were, incidentally, Russians: Trubetskoi himself, Sergei Iosifovich Karcevskii (1884-1955), and Roman Osipovich Jakobson (1896- ); none of them however were pupils of Baudouin.” (KOERNER, 1978b, p. 667)

<sup>24</sup>“Baudouin era, falando genericamente, orientado para dados, e investigou várias línguas faladas sem, entretanto, enfatizar a necessidade de distinguir claramente, como o Saussure (que era orientado para a teoria) fez, entre uma abordagem sincrônica e uma diacrônica. Distinguindo fonética de fonologia, Trubetskoi, que deu muito crédito para Baudouin por ter influenciado sua teoria linguística, estava muito feliz por encontrar embasamento na distinção saussureana entre ‘langue’ e ‘parole’, argumentando que a fonética se preocupa com o ato de fala e todos os seus aspectos articulatórios e ‘phonatory’ (parole), enquanto a fonologia lida com a língua como um sistema de traços-sonoros distintivos (langue)”. (KOERNER, 1978b, p. 667-668, tradução nossa)

<sup>25</sup>“Princípios de Fonologia.”

com referências a trabalhos anteriores, como os de Saussure e Baudouin de Courtenay. O objetivo da Escola de Praga, além de descrever os contrastes nas línguas, era explicar as possíveis leis fonológicas das línguas humanas. Para tanto, em seu livro, Trubetzkoy dá indicações diretas sobre como fazer o processo de descrição linguística. “The first step in describing such systems is to establish the set of phonemes which contrast in the language, and Trubetzkoy presents a set of explicit procedures for accomplishing this”<sup>26</sup> (ANDERSON, 1985, p. 98).

A primeira reunião do Círculo Linguístico de Praga aconteceu em 1926, enquanto o Primeiro Congresso Internacional de Linguística aconteceu em 1928, em Haia, na Holanda. Durante o congresso, Jakobson apresentou suas propostas sobre o que ele considerava como tarefas da Fonologia:

(a) to identify the characteristics of particular phonological systems, in terms of the language-particular range of significant differences among ‘acoustico-motor images’; (b) to specify the types of such differences that can be found in general, and in particular to identify ‘correlations’, or recurrent differences that serve to characterize multiple pairs of elements (as e.g. voicing separates p from b, t from d, etc); (c) to formulate general laws governing the relations of these correlations to one another within particular phonological systems; (d) to account for historical change in terms of the phonological system (rather than the individual sound) which undergoes it, and especially to construe such changes as teleologically governed by considerations of the system; and, finally, (e) to found phonetic studies on an acoustic rather than an articulatory basis, since it is the production of sound that is the goal of linguistic phonetic events and that gives them their social character. (ANDERSON, 1985, p. 89)<sup>27</sup>

A separação e definição do que era “Fonética” e do que era “Fonologia” colocava-se como uma meta para esse grupo de estudiosos. Em meio a tais discussões, Trubetzkoy,

---

<sup>26</sup>“O primeiro passo na descrição de tais sistemas é estabelecer o conjunto de fonemas que contrastam na língua, e Trubetzkoy apresenta um conjunto de procedimentos explícitos para realizar isso” (ANDERSON, 1985, p. 98, tradução nossa).

<sup>27</sup>“(a) identificar as características de sistemas fonológicos específicos, “in terms of the language-particular range of significant differences among ‘acoustico-motor images’”; (b) especificar os tipos de tais diferenças que podem ser encontrados em geral, e em particular identificar ‘correlações’, ou diferenças recorrentes que servem para caracterizar múltiplos pares de elementos (como o vozeamento que separa p de b, t de d, etc); (c) formular leis gerais que governam as relações dessas correlações umas com as outras em sistemas fonológicos específicos; (d) poder explicar a mudança histórica em termos do sistema fonológico (e não do som individual) que passa por ela, e, especialmente, explicar tais mudanças como teleologicamente governadas por considerações do sistema; e, finalmente (e) estabelecer estudos fonéticos sobre bases acústicas em detrimento de bases articulatórias, já que é a produção de som que é o objetivo dos eventos fonéticos linguísticos e que dá a eles o seu caráter social” (ANDERSON, 1985, p. 89, tradução nossa).

em texto que se tornaria clássico, afirma que deve haver duas disciplinas diferentes, o que vai influenciar o encaminhamento dos estudos desde então, e, como veremos, terá também consequências sobre os estudos feitos no Brasil no escopo temporal que analisamos na presente pesquisa. (ANDERSON, 1985, p. 91-92) assim descreve as afirmações de Trubetzkoy:

*Phonetics*, as the science of sounds in their concrete physiological, acoustic, and auditory aspects has quite a different object, and employs quite distinct methods, from *phonology* or the science of the functional distinguishing role of sounds within a linguistic system. Of course, these two disciplines are not totally separate, in that they refer to one another's results. The phonetician pays more attention to the material basis of those distinctions that have a linguistic function, while the phonologist starts from the phonetic data showing that the functional opposition between particular sounds is realized in such and such way. Aside from this sort of friendly 'handshaking', however, phonology as the science of the functional utilization of sounds remains quite distinct in its goals and procedures from phonetics. (ANDERSON, 1985, p. 91-92)<sup>28</sup>

TRUBETZKOY (1981 [1933]) estabelece a diferença entre as duas disciplinas da seguinte maneira:

O que antes de tudo salta aos olhos é a profunda diferença que existe entre fonologia e fonética. Consciente desta diferença fundamental, a fonologia não deixa de acentuá-la com toda a energia de que é capaz. A fonética atual se propõe estudar os fatores materiais dos sons da fala humana: seja as vibrações do ar que a eles correspondem, seja as posições e movimentos dos órgãos que os produzem. Em troca, o que a fonologia quer estudar não são os sons, mas os fonemas, isto é, os elementos constitutivos do significante linguístico, elementos imateriais, uma vez que o próprio significante o é (segundo F. de Saussure). (TRUBETZKOY, 1981 [1933], p. 18)

Este trecho é bastante assertivo e não deixa dúvidas aos que o lerem de que Fonética e Fonologia são práticas diferentes, na concepção do autor. Trubetzkoy toma

---

<sup>28</sup>“A *fonética*, como a ciência dos sons nos seus aspectos fisiológico, acústico e auditivo tem um objeto bem diferente, e emprega uma metodologia bem diferente da *fonologia*, ou a ciência do papel distintivo funcional dos sons dentro de um sistema linguístico. Obviamente, essas duas disciplinas não são totalmente separadas, pois se referem aos resultados umas das outras. O foneticista presta mais atenção à base material das distinções que tem uma função linguística, enquanto o fonólogo parte dos dados fonéticos que mostram que a oposição funcional entre sons específicos é realizada de tal ou tal forma. Além desse tipo de ‘aperto de mão’ amigável, no entanto, a fonologia como ciência da utilização funcional dos sons permanece bastante distinta em seus objetivos e procedimentos da fonética.” (ANDERSON, 1985, p. 91-92, tradução nossa)



a diferença entre as duas como evidente e suficientemente clara, para, na sequência do texto, exemplificar por que e como elas são realmente práticas distintas. Além disso, ele evidencia que a unidade de estudo da Fonologia é o fonema, que, por sua vez, não tem lugar dentro dos estudos da Fonética.

O som não é para o fonólogo senão a *realização fonética do fonema*, um símbolo material do mesmo. O foneticista tenta descobrir aquelas diferenças de sons que um homem comum, falante de sua língua materna não percebe de modo algum. O fonólogo, pelo contrário, quer estudar somente as diferenças que cada um deve notar em sua língua materna, uma vez que são elas que servem para diferenciar o sentido das palavras e das frases. (TRUBETZKOY, 1981 [1933], p. 18)

Há ainda a distinção do enfoque sobre a língua materna ou sobre fenômenos que a transcendem, que, segundo o autor, deveriam ser investigados pela Fonética, uma vez que não dependem das estruturas internas de relações que os sons (enquanto fonemas) criam entre si dentro de um determinado sistema linguístico.

O foneticista tenta, por assim dizer, penetrar nos órgãos articulatórios e estudar em todos os detalhes seu funcionamento, assim como se estuda o trabalho de um mecanismo. O fonólogo, em troca, trata de penetrar na consciência linguística de uma comunidade linguística (povo, classe social, etc.), estudando o conteúdo das ideias fônicas diferenciais de que se compõem os significantes das palavras da língua dada. (TRUBETZKOY, 1981 [1933], p. 18-19)

Neste trecho evidencia-se, mais uma vez, o caráter mais geral da Fonética, que deveria estudar “o trabalho de um mecanismo”, ou seja, o que é comum aos seres humanos independentemente dos grupos linguísticos dos quais fazem parte, enquanto a Fonologia se ocuparia das comunidades linguísticas específicas. Essa divisão pode ser vista em nosso corpus, por exemplo, com trabalhos que se enquadram como sendo da área de Fonética e que focalizam em questões mais mecânicas do corpo humano.<sup>29</sup> Trubetzkoy segue exemplificando as diferenças entre Fonética e Fonologia:

---

<sup>29</sup>Um exemplo deste tipo de trabalho é a dissertação denominada *O efeito do vedamento da fístula do palato sobre a ressonância da fala de indivíduos com fissura de palato*, de autoria de Camila Queiroz de Moraes Silveira Di Ninno, defendida no ano 2000 na Faculdade de Odontologia de Bauru (USP), que traz em seu resumo a seguinte descrição: “Investigar o efeito do vedamento da fístula de palato sobre a ressonância da fala de indivíduos fissurados. Local: Laboratório de Fonética Acústica - HRAC - USP. Participantes: 32 indivíduos fissurados com fístula no palato, 18 do sexo masculino e 14 do sexo feminino, com idades entre 5 e 59 anos (21,0 mais ou menos 11,7 anos). Intervenções: Obteve-se o tamanho das fístulas com a introdução de uma régua milimetrada na cavidade bucal dos indivíduos. Avaliou-se a ressonância pelo julgamento perceptivo-auditivo das gravações da repetição do vocábulo “papai” e da

Grosseiramente falando, diremos que a fonética procura descobrir *o que de fato se pronuncia* ao falar uma língua, e a fonologia *o que se crê pronunciar*. “O que de fato se pronuncia” varia de momento a momento e de um para outro indivíduo. Fazendo vários franceses pronunciarem repetidas vezes a palavra *temps* e registrando sua pronúncia por meio de um aparelho fonético, nos é dado comprovar diferenças, não só na pronúncia dos diversos indivíduos, como também na pronúncia da mesma palavra pelo mesmo indivíduo em momentos diferentes. Mas, “o que se crê pronunciar” não varia (pelo menos numa dada fase da língua). Cada um dos franceses que acabamos de mencionar crê pronunciar cada vez a mesma palavra *temps*. [...] É evidente que para estudar, de um lado, “o que de fato se pronuncia”, e de outro, “o que se crê pronunciar”, faz-se necessário duas disciplinas inteiramente diferentes. Nunca se porá suficientemente em destaque esta profunda diferença que existe entre a fonética e a fonologia. (TRUBETZKOY, 1981 [1933], p. 19)

Aqui vemos a diferenciação do som físico, que pode ser medido e que pode variar a cada vez que é pronunciado, em relação à unidade abstrata mental que cada falante tem em seu sistema de identificação sobre o que constitui elemento distintivo na língua, e essa diferença é usada fortemente para a argumentação de que as duas áreas são distintas e têm objetos e métodos próprios.

Ainda, mais ao final do texto, o autor enfatiza o caráter científico da Fonologia:

[...] constatamos que, como movimento científico, a fonologia atual se acha caracterizada principalmente por seu estruturalismo e seu universalismo sistemático. Este traço a distingue radicalmente das escolas linguísticas anteriores, individualistas e atomísticas por excelência: se algumas destas escolas adotaram idéias estruturalistas e universalistas, opondo-se por isto mesmo às correntes dominantes da linguística de seu tempo, não puderam fazê-lo de um modo tão sistemático como o faz a fonologia atual. Acontece que não só a linguística, mas toda a ciência desta época se achava dominada pelo individualismo e pelo atomismo. A fonologia atual encontra-se neste particular em condições muito mais

---

contagem de números de 1 a 10 e pelas medidas de nasalância, nas condições sem vedamento (SV) e com vedamento (CV) da fístula por hóstia. Os juízes foram 4 fonoaudiólogos, que desconheciam a condição da fístula ao julgarem as amostras de fala. A nasometria foi realizada simultaneamente à gravação do vocábulo “papai”. Resultados: No julgamento perceptivo-auditivo do vocábulo a ressonância melhorou para 17% dos indivíduos quando a fístula foi vedada, enquanto que nenhuma diferença foi percebida 83%. Para a contagem de números a melhora foi percebida para 13%, a piora para 10% e nenhuma diferença para 77% dos indivíduos. A mediana da nasalância obtida nas condições SV e CV foi 30,5% e 28,0% respectivamente. Esta diferença foi significativa ( $P < 0,05$ ). Encontrou-se valores de nasalância menores CV da fístula para 66% dos indivíduos. Houve correlação positiva entre as dimensões das fístulas e os valores de nasalância obtidos SV ( $P < 0,05$ ). Conclusões: O vedamento da fístula com a hóstia influi na ressonância de fala, demonstrando portanto, ser esse procedimento fundamental durante a avaliação da fala”. DI NINNO (2000) Este tipo de procedimento pode ser extrapolado para outros sistemas linguísticos, supostamente, uma vez que estudou os efeitos de um determinado mecanismo do corpo humano.



favoráveis. A época em que vivemos se acha caracterizada pela tendência que manifestam todas as disciplinas científicas a substituir o atomismo pelo estruturalismo e o individualismo pelo universalismo (no sentido filosófico destes termos, naturalmente). Esta tendência pode ser observada em física, em química, em biologia, em psicologia, em ciências econômicas, etc. A fonologia atual não se encontra, pois, isolada. Faz parte de um movimento científico mais amplo. Resta somente esperar que as demais partes da linguística (a morfologia, a sintaxe, a lexicologia, a semântica, etc.), venham se unir muito rapidamente à fonologia, no que a este aspecto se refere. (TRUBETZKOY, 1981 [1933], p. 28)

Notemos que Trubetzkoy, ao listar as outras áreas de estudo da linguística, nem mesmo elenca a Fonética entre elas. Parece-nos claro que para ele era a Fonologia que deveria ter destaque dentro do campo científico denominado Linguística, enfatizando o caráter estrutural, universal e sistemático da disciplina, o que a coloca no mesmo patamar, e como uma espécie de modelo, das outras áreas científicas que ele elenca como exemplo no último trecho aqui citado.

Como veremos nos capítulos 3 e 4, no Brasil muitos estudos que pendem para o lado descrito como da “fonética”, ou seja, nessa classificação, com metodologias e com atenção específica às características acústicas e fisiológicas dos sons, foram feitos em núcleos de pesquisa de outras áreas, que não a Linguística, tais como Medicina, Fonoaudiologia e Engenharia Computacional, apesar de termos encontrado, é claro, muitos estudos do tipo em departamentos de Linguística também.

Podemos dizer, portanto, que a Escola de Praga teve importância primordial na definição de parâmetros, procedimentos e conceitos para as gerações futuras de pesquisadores. Trubetzkoy e Jakobson podem ser vistos como *líderes intelectuais* pioneiros (cf. MURRAY (1994)) da área, uma vez que foram percebidos como agentes que romperam com suas tradições anteriores para estabelecer novos rumos e perspectivas para a Fonética e Fonologia.

Jakobson, que posteriormente foi para os Estados Unidos e trabalhou como professor em renomadas universidades, como Harvard e MIT, teve grande influência no desenvolvimento subsequente das teorias fonológicas. Apesar de os fonologistas gerativistas, por exemplo, terem pressuposições diferentes, muitas influências são atribuídas ao trabalho teórico de Jakobson, como a busca por leis gerais universais para explicar os sistemas linguísticos. Além disso, os estudos desenvolvidos na América do Norte (especificamente nos Estados Unidos) também tiveram grande impacto nos rumos dos estudos dos sons ao redor do mundo, aí incluído o Brasil, não só diretamente ligados à figura de Jakobson, mas também às de Boas, Edward Sapir (1884-1938) e Leonard Bloomfield (1887-1949), em um primeiro momento.

Essa cisão entre as áreas gerou desdobramentos como, por muitas vezes, a Fonética

ter sido vista como uma ciência mais dura, mais próxima da Física ou de outras disciplinas das áreas de estudos das exatas ou biológicas, e que, necessariamente, depende de técnicas ou aparatos tecnológicos mais específicos do que a área da Fonologia.<sup>30</sup>

KOERNER (1993, p. 7) considera essa bifurcação de caminhos – que levou a Fonética a se aproximar a outras áreas do conhecimento mais fortemente do que a Fonologia – um dos motivos possíveis para a falta de interesse dos historiadores da linguística pela pesquisa sobre a história da Fonética (já que a Fonética seguiu rumos nem sempre próximos dos da Linguística institucionalizada):

Encouraged, if not obliged, by their governing bodies to seek research funding from outside the traditional, usually government-run, agencies, institutions of higher learning have looked for avenues to obtain contracts and money from industry. In this search for external support, phonetics laboratories that had previously been largely involved in research on a variety of languages, and their analysis and teaching, have turned increasing attention to ventures that industry could be interested in. As a result, they have sometimes been remodeled into institutes of communication research engaged in digital speech processing, voice recognition for security systems, and a host of other applications of phonetic knowledge. With this change in direction and the retooling of the craft, there remains little room for the traditional humanistic approach to sound analysis, comprehension, and instruction, not to mention the history of such a ‘dying art’. Since the subject matter of phonetics has become largely occupied with technological matters, new machinery and electronic gadgetry, few of its practitioners have anything to do with the traditional concerns of foreign language learning and teaching.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup>No que se refere a pesquisas na área de fonética que estejam mais ligadas a áreas tecnológicas e outras áreas em geral, por exemplo, temos em nosso corpus: *Estudo de um modelo para reconhecimento de voz baseado em discriminação acústico-fonética*, mestrado defendido em 1988 no ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica); *Simulador de reconhecedores de palavras isoladas*, mestrado defendido em 1989 no Departamento de Engenharia de Eletricidade da Escola Politécnica da USP (Universidade de São Paulo); *Recuperação da difusão fonética em indivíduos desdentados com emprego de próteses totais duplas confeccionadas com base na técnica da zona neutra*, mestrado defendido em 1993 na Faculdade de Odontologia de Piracicaba da Unicamp (Universidade de Campinas); *Reconhecimento de fonemas da língua portuguesa pelo uso de redes neurais do tipo “perceptron” multi-camadas*, mestrado defendido em 1994 na Faculdade de Engenharia Elétrica da Unicamp (Universidade de Campinas), entre outros.

<sup>31</sup>“Encorajados, se não obrigados, pelos seus órgãos de governo a buscar financiamento para pesquisas fora dos lugares tradicionais, geralmente agências administradas pelo governo, instituições de ensino superior buscaram caminhos para obter contratos e dinheiro da indústria. Nessa busca por apoio externo, os laboratórios de fonética que antes haviam participado amplamente de pesquisas sobre diversas línguas, e de suas análises e ensino, voltaram a atenção crescentemente para empreendimentos nos quais a indústria poderia se interessar. Como resultado, às vezes eles foram remodelados em institutos de pesquisa sobre comunicação envolvidos no processamento digital da fala, reconhecimento de voz para sistemas de segurança e uma série de outras aplicações de conhecimento da fonética. Com essa mudança de direção e a reformulação da profissão, resta pouco espaço para a abordagem humanista tradicional da análise

Com o passar das décadas, esse tipo de estímulo externo (a busca por fontes de financiamento para pesquisas em outros meios) alinhada à separação que os pesquisadores do Círculo Linguístico de Praga quiseram demarcar, claramente, entre Fonética e Fonologia, talvez tenha sido um dos motivos para que hoje, já na terceira década do século XXI, ainda seja nebuloso o caminho histórico dessas áreas do conhecimento em diferentes contextos.

Ainda sobre a tradição dos estudos em Fonética na primeira metade do século XX, KOERNER (1993) cita os trabalhos de Giulio Panconcelli-Calzia (1878-1966) como importantes fontes de pesquisa:

Panconcelli-Calzia spent most of his life in Germany as a university professor and director of the Phonetisches Laboratorium in Hamburg (Wängler 1959, Zwirner 1967). Panconcelli-Calzia's mastering of his subject matter was based on a distinguished background in physiology and speech therapy. His *Geschichtszahlen der Phonetik* (1941), together with his *Quellenatlas* (1940), must still be regarded as among the most important sources of information on the development of the phonetic sciences from the beginnings to the early 20th century. In 1942, Panconcelli-Calzia published two further studies, one devoted to Leonardo da Vinci as a phonetician, the other bringing together references to phonetic observations in the work of Aristotle (Panconcelli-Calzia 1942a, 1942b).<sup>32</sup> (KOERNER, 1993, p. 3)

Os historiógrafos também têm destacado o trabalho de John Rupert Firth (1890-1960), que foi “a primeira pessoa a ocupar a cadeira de Linguística Geral no Reino Unido” (KOERNER, 1993, p. 4). Os pesquisadores da “Escola de Londres de Análise Prosódica”<sup>33</sup> (referida por KOERNER (1993), como “British School of Phonetics”) tinham uma preocupação específica com o ensino da pronúncia de línguas estrangeiras, que foi a principal motivação para as pesquisas sobre fonética no Reino Unido na primeira metade do século XX (ANDERSON, 1985, p. 170). Em nosso *corpus*, identificamos várias

---

sonora, compreensão e ensino, sem mencionar a história de uma “arte/profissão que está morrendo”. Uma vez que a área da fonética se tornou largamente ocupada com questões tecnológicas, novas máquinas e aparelhos eletrônicos, poucos de seus praticantes têm algo a ver com as preocupações tradicionais do ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras”. (KOERNER, 1993, p. 7, tradução nossa)

<sup>32</sup>“Panconcelli-Calzia passou a maior parte de sua vida na Alemanha como professor universitário e diretor do *Phonetisches Laboratorium* em Hamburgo (Wängler 1959, Zwirner 1967). O domínio de Panconcelli-Calzia sobre o assunto era baseado em uma experiência distinta em fisiologia e terapia da fala. O seu livro *Geschichtszahlen der Phonetik* (1941), juntamente com o seu *Quellenatlas* (1940), ainda devem ser considerados como uma das fontes mais importantes de informação sobre o desenvolvimento das ciências fonéticas desde o seu começo até o início do século XX. Em 1942, Panconcelli-Calzia publicou dois outros estudos, um dedicado a Leonardo da Vinci como fonético, o outro reunindo referências sobre observações fonéticas no trabalho de Aristóteles (Panconcelli-Calzia, 1942a, 1942b).” (KOERNER, 1993, p. 3, tradução nossa)

<sup>33</sup>Importantes pesquisadores deste grupo: John Rupert Firth (1890-1960), Henry Sweet (1845-1912), Daniel Jones (1881-1967).

pesquisas sobre a pronúncia de línguas estrangeiras e seu ensino para brasileiros, mas sem conexão necessariamente com esse grupo britânico. Podemos destacar, por exemplo, as pesquisas sobre francês como língua estrangeira, desenvolvidas na UFSC, que têm uma clara identificação com a área da Fonética, mas que tem conexão institucional com universidades da França, e não do Reino Unido. As épocas também são bastante diferentes, uma vez que essas pesquisas no Brasil são, em grande parte, da década de 1990.

Essa preocupação com o ensino de línguas estrangeiras também está ligada ao surgimento e começo do uso mais frequente do IPA, que foi usado inicialmente para mostrar aos alunos uma notação mais ‘realística’ da pronúncia de outras línguas, mas que com o tempo passou a ser usado principalmente para questões de pesquisa na área de Fonética, e não mais somente na área de ensino (LOAKES, 2013, p. 125). No Brasil, parece-nos que o IPA foi bem aceito e igualmente usado tanto nas pesquisas na área de Fonética quanto na área de Fonologia.

Além do IPA, muitas outras ferramentas têm sido usadas nos estudos fonéticos. Essa tem sido uma marca da especialidade: a incorporação de técnicas e tecnologias para o desenvolvimento da pesquisa. De fato, os tipos de interesses mais constantemente desenvolvidos leva, por exemplo, a se buscar refinamento na gravação e ao desenvolvimento de protocolos ao menos em parte automatizados para a análise dos sons (enquanto ondas sonoras, físicas) dependente de técnicas e aparelhos específicos para isso.

LOAKES (2013, p. 126) afirma que “desde que [Thomas] Edison desenvolveu o fonógrafo em 1878 [...], as possibilidades para gravar e analisar os sons da fala continuaram a avançar” (tradução nossa). A autora afirma ainda que o desenvolvimento de computadores pessoais foi essencial para que os foneticistas pudessem avançar em questões de análise dos sons da fala:

For example computer programs such as *Praat: A System for Doing Phonetics by Computer* [...] and *The EMU Speech Database System* (*‘EMU’*) now mean that spectrograms and accompanying displays such as *F<sub>0</sub>* (first formant) contours, waveforms, and intensity traces are instantly available on laptop or desktop computers.<sup>34</sup> (LOAKES, 2013, p. 127)

Esse desenvolvimento de técnicas e ferramentas marcou a Fonética do século XX, e, por vezes, a colocou como ‘auxiliar’ da Fonologia, como se o uso dessas ferramentas (como os espectrogramas) fosse apenas um passo inicial para análises fonológicas mais

---

<sup>34</sup>Por exemplo, programas de computador como *Praat: A System for Doing Phonetics by Computer* [...] e *The EMU Speech Database System* (*‘EMU’*) agora significam que espectrogramas e exibições de acompanhamento, como contornos de *F<sub>0</sub>* (primeiro formante), formas de onda e traços de intensidade estão instantaneamente disponíveis em notebooks ou computadores desktop (tradução nossa).

complexas. A separação entre as duas áreas, então, marcada pelo Círculo Linguístico de Praga como necessária e evidente, ligada aos caminhos diferentes que, por vezes, os departamentos institucionalizados de uma área ou de outra seguiram (KOERNER, 1993, p. 7), foi abrindo uma rachadura cada vez maior e maior com o passar das décadas. Isso parece estar ligado, por exemplo, à forte tradição que a Fonologia criou nos Estados Unidos, onde os estudos considerados como fonéticos demoraram mais a se desenvolver (ABERCROMBIE, 1991, p. 38-39), por mais de um motivo, como explanado nos próximos parágrafos.

Segundo ANDERSON (1985, p. 194), houve uma separação grande, apesar de não ser absoluta, entre as linhas de pesquisa da Linguística europeia e estadunidense até, pelo menos, depois da Segunda Guerra Mundial.

A figura destacada por Anderson como a mais proeminente nos Estados Unidos foi William Dwight Whitney (1827-1894). Segundo Anderson, ele era explicitamente contrário às ideias biológicas mecanicistas de Franz Bopp (1791-1867) e August Schleicher (1821-1868), por exemplo – apesar de ter se formado nessa linha de pesquisa genericamente nomeada histórico-comparativa – e foi uma figura importante para abrir o caminho a outros tipos de descrição dos sons das línguas em seu país (ANDERSON, 1985, p. 196).

Assim como em outras colônias, nesta parte do mundo os estudos missionários foram as primeiras descrições feitas das línguas autóctones, desde o século XVI. Ao longo do tempo, na visão de Anderson, o interesse nessas culturas locais foi crescendo, e o contato com essas sociedades deixou de ser apenas de cunho religioso e exploratório, com fins de conversão religiosa, e passou a ser institucionalizado cientificamente. Assim, no fim do século XIX, em 1879, um “Bureau” de Etnologia foi criado, dentro do *Smithsonian Institution*, passando a ser um centro de coleta de informações de línguas indígenas locais (ANDERSON, 1985, p. 197). Uma vez que línguas ainda não conhecidas deveriam ser submetidas à análise, podemos considerar que o terreno para surgir um novo tipo de concepção teórica era fértil nos Estados Unidos, que poderia se desprender dos modelos teóricos que tinham o Latim como base de referência:

It is of course potentially interesting to ask how the categories of one language, such as Latin, are expressed in another; but the naivité of the work under discussion derives from the assumption that the grammatical categories of some particular language (Latin) have a sort of logical primacy that converts such a comparison into an exhaustive treatment of the language under study.<sup>35</sup> (ANDERSON, 1985, p. 198)

---

<sup>35</sup>“É claro que é potencialmente interessante perguntar como as categorias de uma língua, como o latim, são expressas em outra; mas a ingenuidade do trabalho em discussão deriva da suposição de que as categorias gramaticais de alguma língua em particular (latim) têm um tipo de primazia lógica que

O conhecimento linguístico tipológico que temos atualmente das línguas do mundo nos mostra, de fato, que a variedade de formas de expressão é grande. No final do século XIX, tais informações, entretanto, eram muito mais restritas. **ANDERSON (1985)** interpreta que o contato com as línguas nativas nos Estados Unidos permitiu um caminho diferente para se pensar como os sons eram organizados nas línguas humanas, uma vez que a descrição e análise preliminares eram necessárias, enquanto na Europa, já com uma tradição e coleta de informações muito mais antiga e estabelecida, vários pesquisadores estavam pensando em questões mais teóricas e menos descritivas. Louis Hjelmslev (1899-1965), por exemplo, com sua teoria glossemática, fez um grande esforço para criar definições e conceitos apropriados e metodologicamente estáveis para a ciência linguística.

Enquanto isso, nos Estados Unidos, o trabalho descritivo começava a criar raízes com Franz Boas, que, apesar de conhecer correntes teóricas e metodologias da época, desenvolveu seu próprio método de trabalho ao longo de seus estudos de campo (**ANDERSON, 1985**, p. 198). Apesar de Boas ter nascido na Alemanha, em 1858, ele se estabeleceu nos Estados Unidos em 1896 e viveu em Nova Iorque até a sua morte, em 1942. Junto a seus estudantes, fez um trabalho extensivo de descrição de línguas indígenas, e enfatizou a necessidade de os pesquisadores observarem e descreverem as línguas sem conceitos preconcebidos, advindos de sua experiência com suas próprias línguas maternas.

Boas's point was that each language should be studied in its own terms rather than examined only through the optic of some other (presumptively 'ideally logical') system; this seems so obvious today as hardly to be a possible source of major revolution, but it suffices to read a few eighteenth- and nineteenth-century descriptions of North American (or other 'exotic') languages to convince oneself of the major change it represented.<sup>36</sup> (**ANDERSON, 1985**, p. 202)

A metodologia que Boas seguia, segundo **ANDERSON (1985, p. 209)**, era a seguinte:

Boas's general statements and his actual descriptive practice are quite consistent in assuming a division into three separate (though not un-

---

converte essa comparação em um tratamento exaustivo da língua em estudo". (**ANDERSON, 1985**, p. 198, tradução nossa)

<sup>36</sup>“O argumento de Boas era que cada língua deveria ser estudada em seus próprios termos, em vez de ser examinada apenas através da ótica de algum outro sistema (presumivelmente 'idealmente lógico'); isso parece tão óbvio atualmente que dificilmente pode ser uma fonte possível de grande revolução, mas basta ler algumas descrições dos séculos XVIII e XIX das línguas norte-americanas (ou outras 'exóticas') para se convencer da grande mudança que representava". (**ANDERSON, 1985**, p. 202, tradução nossa)



related) components: (a) an inventory of the sounds which occur in the language (whether contrastively or not); (b) a description of their possibilities of combination (including limitations on consonant clusters, initial or final consonants, co-occurrence of individual vowel and consonant sounds, etc.); and (c) a system of “euphonic laws” that specify modifications in the shape of linguistic elements when they appear in combination with others.<sup>37</sup>

A “objetividade científica” era crucial para Boas: ele entendia, segundo Anderson, que a língua materna daquele que ouve uma nova língua necessariamente influencia o modo como a língua nova será percebida e ouvida. Por isso, ele critica que pesquisadores tenham interpretado línguas indígenas norte-americanas como primitivas, uma vez que tinham as preconcepções e categorias já formadas das línguas clássicas, como Latim e Grego, e, no geral, das línguas indo-europeias conhecidas até então (ANDERSON, 1985, p. 208). Não nos foi possível verificar com detalhes as influências teóricas e metodológicas que chegaram ao Brasil, mas seria interessante, em trabalhos futuros, tentar fazer um estudo comparativo desses dois momentos iniciais de descrição de línguas indígenas dentro de um quadro institucional da Linguística nos dois países (Estados Unidos e Brasil).

Outras duas figuras importantes nos estudos norte-americanos foram Edward Sapir (1884-1939) e Leonard Bloomfield (1887-1949), dois expoentes do estruturalismo nos Estados Unidos, modelo que foi muito importante para a Fonologia. ALTMAN (2020) esclarece que os dois tiveram perspectivas diferentes do ponto de vista teórico dos estudos das línguas, uma vez que Sapir tinha uma abordagem “mentalista” e Bloomfield tinha uma abordagem “mecanicista”, e que o estruturalismo de Bloomfield foi o mais destacado ao longo da história da Linguística no século XX. Aparentemente, há uma certa tendência em analisar o período histórico em que Sapir foi mais proeminente na área acadêmica como anterior ao período de Bloomfield, apesar de eles terem sido contemporâneos.

This approach to language as a profoundly internal mental phenomenon must be contrasted (as of course it usually is) with the behaviorist, positivist, and mechanist climate of research which grew up during the 1930s and 1940s. The central figure in the rise of such an approach to linguistics was Leonard Bloomfield [...]. Typically, presentations of the history of American linguistics associate Sapir’s views with the 1920s and

---

<sup>37</sup>“As declarações gerais de Boas e sua prática descritiva real são bastante consistentes ao assumir uma divisão em três componentes separados (embora não relacionados): (a) um inventário dos sons que ocorrem na língua (de forma contrastante ou não); (b) uma descrição de suas possibilidades de combinação (incluindo limitações em grupos de consoantes, consoantes iniciais ou finais, co-ocorrência de vogais individuais e sons de consoantes, etc.); e (c) um sistema de “leis eufônicas” que especificam modificações na forma dos elementos linguísticos quando eles aparecem em combinação com os outros.” (ANDERSON, 1985, p. 209, tradução nossa)

early 1930s, and treat Bloomfield as succeeding Sapir. As stressed by Hymes and Fought (1981), however, the actual chronology is somewhat more complicated.<sup>38</sup> (ANDERSON, 1985, p. 220)

A visão mentalista de Sapir leva em conta que “a estrutura linguística tem uma realidade mental subjacente que pode ser estudada através de julgamento do falante” e que “a estrutura linguística exerce um papel na nossa percepção da realidade” (ALTMAN, 2020). Seus escritos teóricos sobre Fonologia tiveram como um dos focos principais estabelecer a noção de “fonema” e “a diferença entre uma representação linguisticamente significativa de uma estrutura sonora e uma representação fonética da fala (*speech*) como uma realidade física” (ANDERSON, 1985, p. 232).

Esses pressupostos levaram Sapir a considerar o lado cultural das línguas e como o conhecimento linguístico influencia o modo como enxergamos o mundo de forma mais forte do que Bloomfield, por exemplo. Além disso, Sapir esteve envolvido, embora durante somente alguns anos, em um projeto com vários outros linguistas em busca de uma estrutura adequada para uma língua auxiliar internacional. Esse tipo de interesse, de sua parte, é congruente com seus estudos sobre tipologias linguísticas e a busca, no geral, por padrões nas estruturas fonológicas das línguas (cf. SWIGGERS 2008).

Bloomfield, por sua vez, diz que a consciência nativa interna (que Sapir tinha como pressuposto) é falsa e que a linguística é uma ciência que deve ter como pressuposto afirmações baseadas na observação direta dos fenômenos (ALTMAN, 2020). Seu trabalho tinha um reconhecimento diferente daquele de Sapir (e de Boas), pois era identificado como parte do campo profissional da linguística (até então relativamente novo), enquanto Sapir e Boas eram reconhecidos como participantes da tradição científica da antropologia (ANDERSON, 1985, p. 250).

Sapir faleceu no final dos anos 1930 e Bloomfield nos final dos anos 1940, e, após o fim da Segunda Guerra Mundial, o Estruturalismo fonológico estadunidense viu surgir outros expoentes em seus estudos.

There was no central figure, then, in the postwar years in North American linguistics; instead, a variety of individuals developed issues whose roots (if not their details) can be found in Bloomfield’s earlier statements (especially the “Postulates” of 1926, and *Language*). [...] It is impossible

---

<sup>38</sup>“Essa abordagem da linguagem como um fenômeno mental profundamente interno deve ser contrastada (como, é claro, normalmente o é) com o clima behaviorista, positivista e mecanicista de pesquisa que cresceu durante as décadas de 1930 e 1940. A figura central no surgimento de tal abordagem da linguística foi Leonard Bloomfield [...]. Tipicamente, as apresentações da história da linguística estadunidense associam as visões de Sapir aos anos 1920 e início dos anos 1930, e tratam Bloomfield como sucessor de Sapir. Como Hymes e Fought (1981) enfatizam, no entanto, a cronologia real é um pouco mais complicada.” (ANDERSON, 1985, p. 220, tradução nossa)



not to associate this distinct scholarly style and the consensus of attitudes that went along with it with the changes that had taken place in the professional status of linguistics. “The significance of the Bloomfieldian generation is that it is the first to be employed (or seek employment) as *linguists*; that is, to claim a place in academic life in virtue, not of knowledge of a language or language family, but of knowledge of a methodology for the study of any language in general” (Hymes & Fought 1981, p. 117).<sup>39</sup> (ANDERSON, 1985, p. 277-278)

O reconhecimento profissional como linguistas, para essa geração, portanto, foi um passo importante na área nos Estados Unidos. Para este grupo de pesquisadores, a separação entre a Fonética e a Fonologia parecia ainda ser bastante clara e necessária:

Bloomfield had argued that phonetic data (aside from the implementation of phonemic contrasts) were simply irrelevant to linguistic structure. This view was based on the claim that, from the perspective of a given language, phonetics facts other than contrastive ones were more or less accidental concomitants of the distinctive properties. Of course, fieldworkers no more abstained in practice from use of phonetic representations and assumptions than Bloomfield had done in his own fieldwork; but his rejection of theoretical status for phonetics within linguistics was widely quoted with approval.

In the absence of a serious notion of universal phonetics (apart from physics and physiology, nonlinguistic disciplines treating the facts of language without distinguishing them from others), there was simply no way for phonetic data to serve as the foundation of linguistics explanations.<sup>40</sup> (ANDERSON, 1985, p. 282)

---

<sup>39</sup>“Então, não havia figura central, nos anos do pós-guerra na linguística estadunidense; em vez disso, vários indivíduos desenvolveram questões cujas raízes (se não os seus detalhes) podem ser encontradas nas declarações anteriores de Bloomfield (especialmente nos ‘Postulados’ de 1926 e em *Language*). [...] É impossível não associar esse estilo acadêmico distinto e o consenso de atitudes que o acompanharam com as mudanças ocorridas no status profissional da linguística. ‘A importância da geração Bloomfieldiana é que ela é a primeira a ser empregada (ou procurar emprego) como *linguistas*; isso é, reivindicar um lugar na vida acadêmica em virtude, não do conhecimento de uma língua ou família de línguas, mas do conhecimento de uma metodologia para o estudo de qualquer idioma em geral’(Hymes & Fought 1981, p. 117)”. (ANDERSON, 1985, p. 277-278, tradução nossa)

<sup>40</sup>“Bloomfield argumentou que os dados fonéticos (além da implementação de contrastes fonêmicos) eram simplesmente irrelevantes para a estrutura linguística. Essa visão foi baseada na alegação de que, da perspectiva de uma dada língua, fatos fonéticos que não fossem contrastivos eram mais ou menos concomitantes acidentais das propriedades distintivas. É claro que os pesquisadores de campo não se abstiveram mais na prática do uso de representações e suposições fonéticas do que Bloomfield havia feito em seu próprio trabalho de campo; mas sua rejeição do status teórico da fonética na linguística foi amplamente citada com aprovação.

Na ausência de uma noção séria de fonética universal (além da física e da fisiologia, disciplinas não linguísticas tratando os fatos da linguagem sem distingui-los dos outros), não havia, simplesmente, como os dados fonéticos servirem de base para explicações linguísticas.” (ANDERSON, 1985, p. 282, tradução nossa).

O trabalho de campo e o reconhecimento das estruturas fonológicas ainda desconhecidas das línguas autóctones dos Estados Unidos, portanto, passou a ser o principal foco desse grupo. A descrição dessas línguas e a influência dessa metodologia de trabalho terá impacto na recepção do estruturalismo no Brasil, uma vez que Mattoso Câmara (ver seção 2.2 deste capítulo) viajou aos Estados Unidos e teve contato com essas teorias. Outro aspecto digno de nota é a atenção dada para a definição do que era o “fonema”, uma vez que “discussões sobre a natureza do fonema se tornaram um tópico importante nos periódicos estruturalistas norte-americanos” (ANDERSON, 1985, p. 286).

Diferentemente da trajetória dos estudos em fonologia, em fonética houve uma tradição acadêmica forte na Europa, mas não nos Estados Unidos, segundo ABERCROMBIE (1991, p. 38-39). Para o autor, um dos motivos foi a hostilidade de pesquisadores estadunidenses em usar o IPA (*International Phonetic Alphabet*) para notação fonética. Bloomfield usou o IPA em seus livros, mas ainda na primeira metade do século XX teve início uma certa aversão de linguistas norte-americanos para esse tipo de notação:

One may wonder why there should be such hostility in America to IPA notation. I venture to suggest a reason for this apparently irrational attitude. The hostility derives ultimately from the existence, in most American universities, of Speech Departments, which we do not have in Britain. Speech Departments tend to be well-endowed, large, and powerful. In linguistic and phonetic matters they have a reputation for being predominantly prescriptive, and tend to be considered by some therefore to be not very scholarly. In their publications and periodicals the notation they use, when writing of pronunciation, is that of the IPA. My belief is that the last thing a member of an American Linguistics Department wants is to be mistaken for a member of a Speech Department; but if he were to use IPA notation in his writings he would certainly lay himself open to the suspicion that he was.<sup>41</sup> (ABERCROMBIE, 1991, p. 45)

BROWN (2012) chama atenção para o fato de que apesar de o IPA ser o modo de transcrição mais amplamente usado, há outros códigos em uso também:

---

<sup>41</sup>“Pode-se perguntar por que haveria tanta hostilidade nos Estados Unidos em relação à notação do IPA. Atrevo-me a sugerir uma razão para essa atitude aparentemente irracional. A hostilidade tem como fonte, no fim das contas, a existência, na maioria das universidades estadunidenses, dos Departamentos de Fala (Speech Departments), os quais não possuímos no Reino Unido. Os departamentos de fala tendem a ter muitos recursos, serem grandes e poderosos. Em questões de linguística e de fonética, eles têm uma reputação de serem predominantemente prescritivos e tendem a ser considerados por alguns, portanto, como não muito acadêmicos. Em suas publicações e periódicos, a notação que usam, ao escrever a pronúncia, é a do IPA. Minha opinião é que a última coisa que um membro de um Departamento de Linguística estadunidense deseja é ser confundido com um membro de um Departamento de Fala; mas se ele usasse a notação do IPA em seus escritos, certamente estaria sob essa suspeita.” (ABERCROMBIE, 1991, p. 45, tradução nossa)

Some Americans use the American Phonetic Alphabet (APA) which was originally developed for the transcription of Native American languages. Its main differences from the IPA lies in the use of diacritics. For example, while the IPA uses [ʃ] for the initial sound of *ship*, the APA uses [š]. The APA was thus easier than the IPA to produce on a typewriter, for instance when carrying out fieldwork. Computer-readable alphabets include ARPABET (Advanced Research Projects Agency alphabet) for American English, and SAMPA (Speech Assessment Methods Phonetic Alphabet) and Kirshenbaum for the whole IPA.<sup>42</sup> (BROWN, 2012)

Portanto, aparentemente houve um atrito até mesmo no modo preferencial de se fazer transcrição fonética, de acordo com elementos externos (como a visão de que não se queria ter a pesquisa associada com outros tipos de departamentos nos Estados Unidos). Nesse país, de fato, a Linguística teve um forte desenvolvimento ao longo do século XX, o que permitiu que novas abordagens aos estudos das línguas surgissem.

Também nos Estados Unidos, já no final da década de 1950, surgiu a Teoria Gerativa, que por muitos é tomada como uma “revolução científica” dentro da história da Linguística (cf. KOERNER, 2014), e citada como ‘revolução chomskiana’. A teoria foi aos poucos ganhando destaque ao longo das décadas seguintes até se tornar a principal base teórico-metodológica para os estudos linguísticos, inclusive para a Fonologia.

Generative phonology, in particular the work of Noam Chomsky and Morris Halle, brings together the two principal lines of development we have been concerned with in earlier chapters [capítulos sobre o estruturalismo norte-americano]. As a student originally of Zellig Harris, Chomsky’s background was in the most rigorously formal, procedural, distributional sort of American structuralism. Halle, on the other hand, was a student of Roman Jakobson, and thus trained in a much different, ‘European’ tradition. Their collaboration resulted in a theory radically different from either source, but with essential roots in both.<sup>43</sup> (ANDERSON, 1985, p. 310)

---

<sup>42</sup>“Alguns estadunidenses usam o Alfabeto Fonético Americano (APA), que foi originalmente desenvolvido para a transcrição de línguas nativas dos Estados Unidos. As principais diferenças dele em relação ao IPA estão no uso de diacríticos. Por exemplo, enquanto o IPA usa [ʃ] para o som inicial de *ship*, o APA usa [š]. O APA era, portanto, mais fácil que a IPA para produzir em uma máquina de escrever, por exemplo, ao realizar trabalhos de campo. Alfabetos legíveis em computador incluem ARPABET (o alfabeto da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada) para inglês estadunidense e SAMPA (o alfabeto fonético dos métodos de avaliação da fala) e Kirshenbaum para todo o IPA.” (BROWN, 2012, tradução nossa)

<sup>43</sup>“A Fonologia Gerativa, em particular o trabalho de Noam Chomsky e Morris Halle, reúne as duas principais linhas de desenvolvimento com as quais nos ocupamos nos capítulos anteriores [capítulos sobre o estruturalismo norte-americano]. Como um estudante originalmente de Zellig Harris, o *background* de Chomsky era do tipo mais estritamente formal, processual e distributivo do estruturalismo norte-americano. Halle, por outro lado, era aluno de Roman Jakobson e, portanto, foi treinado em uma tradição ‘européia’ muito diferente. A colaboração deles resultou em uma teoria radicalmente diferente de qualquer uma das fontes, mas com raízes essenciais em ambas.” (ANDERSON, 1985, p. 310, tradução nossa)

Com o surgimento da Fonologia Gerativa, nos anos 1960, o enfoque da comunidade acadêmica receptiva a esse modelo passou a estar na formalização dela e das ramificações advindas posteriormente da teoria gerativa clássica. Diferentemente das teorias estruturalistas, que se focavam na questão dos contrastes distintivos entre os sons das línguas, a partir do gerativismo os pesquisadores passaram a se preocupar com a representação de estruturas subjacentes e formalização de regras para os estudos fonológicos.

The distinguishing character of this view was its attention not simply to surface contrasts but also to patterns of alternation in shape, and its positing of an abstract underlying representation (where contrasts among elements are characterized) that is related to surface phonetic form by a system of rewriting rules. Each of these rules represents a single generalization about the realization of phonological elements (e.g. “vowels are long before voiced obstruents”). Much of the theoretical discussion in the 1960s and early 1970s concerned the role of an explicit formalism for these rules.<sup>44</sup> (ANDERSON, 2010)

As ramificações que surgiram da teoria gerativa clássica, segundo ANDERSON (2010) foram a Fonologia Autossegmental, a Fonologia Métrica, a Geometria de Traços, a Fonologia Lexical e a Teoria da Otimidade.

Para a Fonologia Autossegmental (ligada à “Geometria de Traços”), que tem suas bases teóricas em GOLDSMITH (1976) e CLEMENTS (1985), os traços deixaram de ser simples atributos de segmentos e passaram a ter uma estrutura, uma organização interna (MATZENAUER, 2020).

A fonologia autossegmental é uma abordagem não-linear da fonologia que permite entender os processos fonológicos envolvendo vogais e consoantes, tratando as representações fonológicas como multidimensionais com arranjos em várias camadas, ligadas uma à outra por linhas de associação. (Hora, 1990, apud HORA & VOGEELEY 2017, p. 63)

A Fonologia Métrica, de sua parte, colocou o estudo do acento como ponto central:

---

<sup>44</sup>“O caráter distintivo desta visão era sua atenção não simplesmente para os contrastes de superfície, mas também para os padrões de alternância de forma, e o seu postulado de uma representação abstrata subjacente (na qual são caracterizados os contrastes entre os elementos) que está relacionada à forma fonética da superfície por um sistema de regras de reescrita. Cada uma dessas regras representa uma única generalização sobre a realização de elementos fonológicos (por exemplo, “as vogais são longas antes de obstruintes vozeadas”). Boa parte da discussão teórica na década de 1960 e no início da década de 1970 dizia respeito ao papel de um formalismo explícito para essas regras.” (ANDERSON, 2010, tradução nossa)

A Fonologia Métrica é um ramo da teoria fonológica voltado à organização e formalização de relações de proeminência em domínios fonológicos, desde os menores, como a sílaba, até as unidades maiores, como a frase. Seu objeto de estudo é o acento, derivado das relações de proeminência, ou seja, da alternância entre elementos acentuados e não acentuados. [...] A fonologia métrica surgiu com o trabalho de Liberman (1975), sobre acento e entonação em inglês, e foi implementada como modelo de análise por Liberman e Prince (1977), Selkirk (1980), Hayes (1981, 1982) no tratamento do padrão de acento nessa mesma língua. Uma tipologia geral de sistemas de acento com base na teoria métrica foi desenvolvida inicialmente por Halle e Vergnaud (1978), seguida das propostas de Hayes (1981, 1995), Halle e Idsardi (1995) e outras. (MAGALHÃES & BATTISTI, 2017, p. 93)

Podemos ainda citar a Fonologia Prosódica, um outro tipo de desdobramento que leva em consideração “o estudos dos fenômenos fonético-fonológicos que evidenciam a interface entre fonologia e demais componentes da gramática, especialmente a interface sintaxe-fonologia” (TENANI, 2020).

A Fonologia Lexical, por seu turno, “é uma teoria fonológica de base gerativa que tem por objeto a palavra desde a forma mais simples à mais complexa, em todas as minúcias de sua formação e subsequentes alterações, e a frase com suas características fonológicas” (BISOL, 2017).

Vemos, então, que várias ramificações da teoria gerativa puseram foco em diferentes fenômenos fonológicos e/ou níveis de análise, assim como a relação deles com diferentes módulos da gramática.

No começo da década de 1990 surge a Teoria da Otimidade, talvez a mais destacada entre as ramificações da Teoria Gerativa Clássica. Apesar de ser considerada como uma de suas ramificações, rompeu suficientemente com parâmetros do gerativismo para ser tomada, por vezes, como um novo modelo em relação aos modelos a que se atribui a mesma origem:

A Teoria da Otimidade (OT, do inglês Optimality Theory) nasceu nos anos 90, particularmente a partir dos trabalhos de Prince e Smolensky (1993) e de McCarthy e Prince (1993a,b). Pode ser considerada um desenvolvimento da teoria gerativa [...], se levarmos em conta seu foco na descrição formal e na busca por universais. Por outro lado, seu funcionamento – que se orienta fundamentalmente a partir das propriedades de violabilidade, ranqueamento, inclusividade e paralelismo (McCarthy e Prince, 1993b, p. 5) – a diferencia substancialmente dos modelos gerativos que a precederam.[...]

A tarefa mais básica da OT é promover o mapeamento entre formas de input (formas subjacentes) e formas de output (formas de superfície).

Diferentemente, contudo, das teorias que a precederam – como o SPE (The Sound Pattern of English), de Chomsky e Halle (1968), e a LPM (Lexical Phonology and Morphology), de Kiparsky (1982) e Mohanan (1982) –, não há regras responsáveis por “converter” um input em um output: a gramática da OT se encarrega de gerar outputs possíveis a partir do léxico de uma língua, para que sejam avaliados frente a uma hierarquia, ou ranking, de restrições universais violáveis. (SCHWINDT & COLLISCHONN, 2017, p. 141)

A Teoria da Otimidade ganhou a atenção dos pesquisadores da área de forma rápida e alcançou prestígio no meio acadêmico pouco tempo depois de seu surgimento. Até o final da década de 1990, que é o fim do nosso escopo temporal, não houve nenhuma outra grande teoria fonológica de destaque, de acordo com o nosso conhecimento, que tenha vindo à luz.

Ao longo do século XX, a separação entre Fonética e Fonologia vigorou em muitos núcleos acadêmicos, mas OHALA (2004) cita, por exemplo, a “*Laboratory Phonology*” - Fonologia de Laboratório, que parte do pressuposto de que Fonética e Fonologia são uma única área de estudo dentro da Linguística.

Sobre a “Fonologia de Laboratório”, ALBANO (2017), assim a define:

A fonologia de laboratório é uma posição metodológica dentro da Fonologia que afirma que o estudo das representações fonológicas deve incluir o método experimental. Não se trata, pois, de uma teoria fonológica e, sim, de uma abordagem aplicável a qualquer teoria cuja concepção das relações entre a Fonética e a Fonologia seja suficientemente clara para embasar hipóteses experimentais. O recurso à Fonética é necessário porque a experimentação geralmente implica o uso de medidas. Ora, enquanto a Fonética utiliza medidas há mais de um século, a Fonologia nasceu da premissa de que os contrastes fônicos obedecem a uma lógica binária (p. ex., /b/ se opõe a /p/ pela presença de voz). A proposta da fonologia de laboratório é conjugar a metodologia lógico-dedutiva da Fonologia com o arsenal empírico-quantitativo da Fonética. ALBANO (2017, p. 169)

Vemos, então, uma ênfase na ideia de fluidez, para que os contrastes fônicos não sejam mais considerados como binários, mas que se opere com uma escala de medidas que possa ser usada para pensar as problemáticas estudadas de forma mais fluida.

De acordo com a autora, há duas grandes linhas de investigação sob o escopo da Fonologia de Laboratório: a Fonologia dos Exemplares (Teoria de Exemplares) e a Fonologia Articulatória (Fonologia Gestual). Sobre esta última, ALBANO (2010, p. 15) afirma que:

O modelo, também conhecido como Fonologia Articulatória, surgiu na década de 1980 em Haskins Laboratories, New Haven, Connecticut, a partir da interlocução dos seus proponentes, Catherine Browman e Louis Goldstein (1989, 1992), com alguns estudiosos das funções cognitivas da motricidade humana e animal (p. ex., Kelso 1995).

Sua trajetória foi marcada por uma forte rejeição até a virada do século (Albano, 2002) e crescente aceitação na última década. ALBANO (2010, p. 15)

A Teoria de Exemplares, por sua vez, é definida assim por SILVA & GOMES (2017):

A Teoria de Exemplares (TE) é um modelo representacional para a fonologia que foi inicialmente formulado para o estudo da percepção e categorização visual no âmbito da Psicologia (HINTZMAN, 1986; NOSOFSKY, 1986) e, posteriormente, incorporado pela Linguística (JOHNSON, 1997; PIERREHUMBERT, 2001; BYBEE, 2001). Os modelos teóricos que adotam a hipótese da TE partem da premissa de que a experiência impacta as representações mentais, que são definidas probabilisticamente a partir de todas as instâncias da categoria que foram atestadas na experiência com o uso da língua. Assim, por exemplo, as produções e percepções da palavra cor – [koh], [kofi], [kox], [koʏ], [koɹ], [kor] e [ko] – constituem um feixe de exemplares que agrega informação linguística e não linguística. SILVA & GOMES (2017, p. 157)

Essas linhas de análise, portanto, levam em consideração a experimentação laboratorial (tipicamente comum à Fonética) ou as variantes fonéticas de uma mesma palavra para a análise dos fenômenos em um nível mais teórico. A Teoria de Exemplares, entretanto, aparece no cenário da Linguística já bem no final do século XX e começo do século XXI, por isso não aparece como linha de análise dentre os materiais analisados nesta pesquisa de doutorado.

Foge ao nosso escopo temporal adentrar o século XXI para explorar como a “reunião” das áreas tem ocorrido dentro dos núcleos teóricos que se dispõem a isso.

Nesta seção, de uma forma bastante panorâmica, vimos como as tradições fonético e fonológicas europeia e norte-americana teriam se desenvolvido ao longo do tempo<sup>45</sup>.

---

<sup>45</sup>Além de pesquisar bibliografia sobre a história “padrão” das áreas, buscamos também trabalhos feitos sobre a história desses campos de pesquisa em outros países de “recepção de teoria” (como ALTMAN (2004) descreve a situação do Brasil). Encontramos o trabalho de PANDEY (2007), que descreve a situação dos estudos sobre Fonologia na Índia, entre 1965 e 2005, período histórico similar ao nosso. O pesquisador afirma que “researches in India echo researches in the west” (“pesquisadores na Índia ecoam pesquisas do oeste” (tradução nossa)), ou seja, as tradições europeia e norte-americana, assim como se passou no Brasil. Segundo Pandey, no período em questão houve pesquisas feitas principalmente sobre descrição de estruturas fonológicas de línguas faladas na Índia e não há estudos de línguas faladas nos



## 2.2 A Fonologia e a Fonética no Brasil

Algumas revisões históricas e outros estudos permitiram-nos uma primeira aproximação dos caminhos percorridos pelos pesquisadores brasileiros que se dedicaram à Fonética e à Fonologia. Procuramos fazer essa revisão bibliográfica para entender melhor quais foram as preocupações e observações dos próprios pesquisadores que trabalham na área ao se colocarem em posição retrospectiva dessa história em nosso país. Assim, pudemos ter um primeiro mapeamento de estudos históricos, para, de acordo com a documentação escolhida para análise (dissertações e teses), ratificar ou retificar o que encontramos disponível nos estudos referidos nesta seção.

Joaquim Mattoso Câmara Jr (1904-1970), cuja tese de doutorado é tomada em muitos estudos como marco inicial dos trabalhos formais sobre Fonologia no Brasil, foi um importante divulgador das teorias linguísticas em nosso país, de acordo com as premissas já estabelecidas da área, assim como as “novidades” e novas formulações teóricas vindas dos centros de divulgação europeus e norte-americanos. RODRIGUES (2005, p. 14-15) assim define seu trabalho de divulgação científica:

E é realmente notável que, tendo de ensinar português em três ou quatro escolas ao mesmo tempo, com uma perda considerável de tempo e de energias, tenha mantido uma produção constante e tenha estado sempre ao corrente de todo o desenvolvimento da linguística na Europa e nas Américas. Por exemplo, refere-se, em 1966 (CÂMARA Jr, 1967), à gramática gerativa transformacional citando de Chomsky não só os **Aspects** de 1965, mas também a **Cartesian Linguistics** de 1966, tal como, em 1949 publicara resenha da tradução francesa dos **Princípios de Fonologia**, de Trubetzkoy, aparecida naquele mesmo ano. E é particularmente notável como continuou divulgando os conhecimentos linguísticos fora da faculdade, em seus escritos e em suas conferências.

Ao introduzir conceitos linguísticos em nosso país, Mattoso Câmara Jr teve a preocupação em delimitar bem a área de trabalho e esclarecer a terminologia específica a ser usada. Em *Para o estudo da fonêmica portuguesa* (CÂMARA Jr, 1953), há uma delimitação prévia do que é a “fonêmica” e do porquê de o termo ser, para ele, mais adequado para o estudo dos fonemas do que os termos “fonética” ou “fonologia”. Mattoso

---

países vizinhos (como Nepal e Sri Lanka) e mesmo da parte oriental da Índia. Sobre as teorias utilizadas como metodologia pelos pesquisadores, a principal foi o estruturalismo norte-americano, e muitos estudos são apenas descrições esquemáticas iniciais das línguas, mas são as únicas fontes de pesquisa sobre as línguas em questão. Há poucos estudos que seguem a escola prosódica de Firth, mas são numerosos os que seguiram a Teoria Gerativa clássica e os seus desdobramentos posteriores, como a Fonologia Lexical. Há também pesquisas sob a ótica da Teoria da Otimidade, a partir do seu surgimento na década de 1990.



Câmara retoma os teóricos que são, naquele momento, reconhecidos como importantes para o campo: Trubetzkoy e o Círculo Linguístico de Praga, Saussure e Sapir (cuja teoria deu origem à fonêmica – *phonemics*, em inglês – praticada por Mattoso).

Segundo Mattoso Câmara, o termo “fonêmica” era mais adequado pois não causaria confusões em relação à ciência nova que ele procurava trazer ao Brasil, uma vez que “fonética” e “fonologia” eram termos já conhecidos: “Tem-se assim antes de tudo a grande vantagem de uma designação nova para uma noção nova, sem conotações anteriores ou paralelas que lhe possam perturbar a compreensão.” (CÂMARA Jr, 1953, p. 17). Além disso, segundo o autor, “fonêmica” seria um vocábulo mais adequado para ser usado pela ligação direta com o radical “fonema”, base estrutural dos estudos propostos:

O termo *fonologia* não se associa lèxicamente a ele [ao termo “fonema”], e a dissociação dos vocábulos tem insensivelmente repercussões na objetivação mental. A palavra *fonêmica*, ao contrário, deriva-se diretamente de *fonema* e por esta última se explica verbalmente; é o caso de aplicar aqui uma criteriosa lição de Jespersen sôbre a introdução de novos têrmos em lingüística “que não se prestem a confusões”. (CÂMARA Jr, 1953, p. 17)

ALTMAN (2015) interpreta essa escolha consciente pelo novo termo, em estudo das cartas trocadas entre Mattoso Câmara e Jakobson:

Neste momento, escolher o termo “fonologia”, empregado por Trubetzkoy, autor já conhecido da comunidade acadêmica brasileira (atestado posteriormente na carta #20, por exemplo), era admitidamente problemático para Mattoso, na medida em que o termo já tinha sido usado para referir a outros tipos de estudo do som, e nem sempre de forma consistente. Por essa razão, ponderara Mattoso, era preferível usar o termo “fonêmica”, originário da Escola Norte-Americana, para designar o tipo de estudo que ele pretendia, até então praticamente desconhecido do público brasileiro. (ALTMAN, 2015, p. 17)

FRANÇA (1998, p. 279-297) fez um trabalho detalhado sobre Mattoso Câmara enquanto agente intelectual, e, em sua dissertação de mestrado, comenta correspondências de Mattoso sobre o termo metalinguístico a ser usado (fonética, fonêmica, fonologia e fonemática). Assim como vimos em ALTMAN (2015), FRANÇA (1998) destaca a importância que Mattoso deu para a escolha do termo “fonêmica”:

Em primeiro lugar, Mattoso, didaticamente, explica as interpretações dadas aos conceitos de fonemática, fonêmica e fonologia, por grandes correntes teóricas de reconhecimento internacional, naquele momento do mundo linguístico. Digamos que Mattoso divide o mundo linguístico em times devido às oposições teóricas e metodológicas assumidas.[. . .]

De um lado, Fonemática é um termo ‘velho’, conservador, e Fonêmica está ligado ao novo e moderno. De outro, Mattoso une filólogos e Filologia também a um ‘helenismo científico’, ultrapassado, enquanto que Fonologia, desde que entendida como a doutrina praticada pelo Círculo de Praga, é sinônimo de Fonêmica e traduz o novo, a modernidade e o que há de mais atual no mundo linguístico internacional. (FRANÇA, 1998, p. 282-283)

Assim, Mattoso, ao retornar dos EUA, faz sua proposta do novo termo e das tarefas a serem feitas segundo sua experiência em suas viagens:

Mattoso não propõe, nos Princípios, uma teoria própria, ao contrário, inaugurou uma prática que traria importantes consequências para as gerações que o sucederam, que consistia em derivar ideias linguísticas da Europa e dos Estados Unidos e aplicá-las na descrição do Português. A imagem da “receptividade” da Linguística brasileira foi, antes de mais nada, uma prática de aplicação teórica a dados do português do Brasil. (ALTMAN, 2004, p. 102)

Dessa forma, Mattoso implantou, em nosso país, uma linha de pesquisa, com orientação teórica específica, resultante das derivações que fez com os modelos em que entrou em contato em outros centros de pesquisas.

Os estudos gramaticais de Mattoso Câmara Jr. incidem, essencialmente, sobre a estrutura fonológica e a estrutura morfológica da língua portuguesa. Sua contribuição *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa* é o primeiro estudo fonológico (e não simplesmente fonético) publicado em língua portuguesa, apresentado como tese de doutoramento em 1949 e publicado, em livro, em 1953. Os únicos antecessores sobre análise fonológica do português do Brasil são os breves artigos de Robert A. Hall Jr sobre “os fonemas unitários do português brasileiro”, publicado em 1943, e de David R. Reed e Yolanda Leite sobre “os fonemas segmentais do português brasileiro, dialeto padrão paulista”, publicado em 1947. Ao contrário desses artigos, que se limitam a expor sumariamente o inventário dos fonemas depreendidos em duas variedades do português do Brasil (de Vitória, ES e de São Paulo, SP, respectivamente), o estudo de Mattoso consiste numa discussão fundamentada de toda a análise por ele desenvolvida com base na “variedade coloquial tensa do Rio de Janeiro” e é antecedido de uma substancial discussão e explicitação

dos fundamentos teóricos da análise. Aliás, em sua fundamentação teórica, Mattoso confronta os princípios da fonologia de Praga com os da fonologia norte-americana, tanto de Sapir quanto de Bloomfield, e lança mão, em sua análise, do que considera mais acertado em cada uma delas. (RODRIGUES, 2005, p. 18)

Como afirma Rodrigues, a contribuição de Mattoso para os estudos da fonologia em nosso país foi essencial. Entretanto, na época em que Mattoso fazia seus estudos e propunha a fonêmica, outras teorias já começavam a surgir e o desenvolvimento das várias teorias acabou se dando ao mesmo tempo no Brasil.

É importante também ressaltar que Mattoso não teve a trajetória tradicional de professor acadêmico, que normalmente forma discípulos para a continuação da linha teórica adotada. Ainda segundo RODRIGUES (2005, p. 24), a única possível seguidora direta de seus estudos foi Yonne de Freitas Leite.

Apesar de se tomar comumente, a obra de Mattoso Câmara como inicial da Fonética e da Fonologia institucionalizada, já havia há décadas no país outras iniciativas sobre o estudo dos sons das línguas:

No Brasil, o marco inicial da fonética experimental seria 1919, quando o primeiro palato artificial foi utilizado. Em 1929, o professor Oliveira Guimarães, da Faculdade de Letras de Coimbra proferiu uma palestra sobre fonética experimental no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. A palestra suscitou o interesse do professor Antenor Nascentes que, com anuência do diretor do Pedro II, encomendou um laboratório originário d'além-mar. Este, no entanto, jamais chegou em terras brasileiras por causa da Revolução de 1930. Um presumível segundo laboratório de fonética seria aquele do qual fala Duarte (1982) ao relatar as gravações de um laboratório incipiente, feitas sob a égide de Mário de Andrade, nos anos 1930, que continham dados de fala de várias regiões do Brasil. Duarte (1982) chama este laboratório de gabinete de fonética da Divisão de Expansão Cultural do Departamento de Cultura. O Departamento em questão, seria o da cidade de São Paulo e o gabinete de fonética teria sucumbido à política cultural do Estado Novo. Duarte reclama, com veemência, da falta de laboratórios experimentais a serviço dos estudos dos sons da fala no Brasil, situação que permanece até os anos 50, quando se instala o Laboratório de Fonética de Nelson Rossi. (MEDEIROS & DEMASI, 2006)

Nelson Rossi (1927-2014)<sup>46</sup>, citado pelas autoras como o responsável pelo primeiro Laboratório de Fonética no Brasil, também é apontado por CALLOU & LEITE (1990, p.

---

<sup>46</sup>As informações biográficas de Nelson Rossi foram retiradas do site do PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL ([s.d.]).

99) como figura central para a institucionalização da Fonética no país: “as pesquisas em Fonética Experimental tiveram início no Brasil em 1957, com a criação e instalação do Laboratório de Fonética da Universidade Federal da Bahia”. Seu funcionamento, entretanto, foi curto, apenas até 1962. Rossi foi a figura central para a área de Fonética em seu início, fez estágios no Laboratório de Fonética Experimental de Coimbra e no *Institut de Phonétique* em Paris, por meio de bolsas da CAPES. Em 1955 passou a trabalhar na UFBA (Universidade Federal da Bahia), onde atuou como pesquisador e docente até 1985. A instalação do Laboratório de Fonética da UFBA contou com a colaboração da Universidade de Coimbra, um dos centros de estudo onde Rossi se especializou. Anos antes de a Linguística ser implantada no Brasil oficialmente, em 1962, Rossi já tratava de autores clássicos da Linguística com seus alunos na UFBA:

Na linha do pioneirismo, Nelson Rossi assumiu uma posição muito clara e definida no ensino da Língua Portuguesa na UFBA: conhecendo a importância e o papel da Linguística, que afluía com energia na Europa, introduziu, em 1956, como prática sua e, conseqüentemente, da UFBA, a iniciação dos estudos da língua materna com um ano dedicado propedeuticamente ao estudo da Linguística. E todos os que foram seus alunos, àquela altura, leram no original em francês o *Cours de Linguistique Générale* de Ferdinand de Saussure, e sabem o que isso valeu na sua formação. PROJETO ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL ([s.d.]))

Mattoso Câmara também atuou como agente na área de Fonética no Brasil:

E em 1957 a Divisão de Antropologia do Museu Nacional publicava um Manual de Transcrição Fonética, “especialmente preparado por Mattoso Câmara para dotar os estudiosos brasileiros de indispensável instrumento de trabalho (FARIA, [1965] 1977, p. 8-9, apud D’ANGELIS (2004, p. 102))

Além de pesquisadores específicos, podemos também voltar a nossa atenção para núcleos que foram importantes para o desenvolvimento da área no Brasil. ALTMAN (2004) cita depoimento que discorre sobre como a Linguística (que permitiria os estudos em Fonologia) se estabeleceu como disciplina na Universidade de São Paulo:

[...] de um lado, pela Cadeira de Língua e Literatura Grega, durante a regência do Professor Robert Aubreton (1909-1980), e de outro, pela

cadeira de Filologia Românica, de Maurer. A cadeira de Filologia Portuguesa, de Silveira Bueno, estava fechada a qualquer orientação neste sentido.

Silveira Bueno atacava Maurer durante as aulas, em nome da Linguística. Não eram ataques pessoais. Eram ataques à Linguística. Os alunos só podiam ler os seus [de Bueno] livros. Era proibido ler Silva Neto. Imagine, então, Mattoso Câmara [...] (Depoimento pessoal, junho de 1992, in **ALTMAN (2004, p. 108)**)

Theodoro Henrique Maurer Jr (1906-1979) é visto como um professor que contribuiu para o começo da implantação das ideias da Linguística na Faculdade de Letras. Segundo **ALTMAN (2004, p. 108)**, ele usava os textos de Mattoso Câmara e ensinava Linguística em suas aulas antes mesmo que a disciplina se tornasse obrigatória por meio da resolução do Conselho Federal de Educação.

Tendo estudado fora, Maurer conheceu, nos Estados Unidos, as teorias linguísticas em voga da época e, assim, pôde trazê-las ao contexto brasileiro (foi aluno de Bloomfield, por exemplo). Entretanto, diante da escolha entre Filologia e Linguística, Maurer claramente continuou se reconhecendo como filólogo (**ALTMAN, 2004, p. 109-110**).

Foi outro professor da faculdade, o francês Robert Henri Aubreton, que abriu os caminhos para que Linguística ganhasse força na universidade. Seus alunos (que foram para a França estudar), Isidoro Blikstein e Cidmar Teodoro Pais, começaram a estabelecer as bases para a inserção da disciplina no meio acadêmico (**ALTMAN, 2004, p. 110-112**)

Aubreton, professor visitante, ficou no Brasil por doze anos, de março de 1952 a março de 1964. E, na unanimidade dos depoimentos, foi “uma grande figura, um grande líder, um trator [...]”. Fundou a *Associação dos Estudos Clássicos do Brasil*; publicou seu *Boletim* (São Paulo, 1956), montou a biblioteca da cadeira, promovia reuniões periódicas de estudos na *Escola da Praça* (Caetano de Campos), “dava aulas apaixonantes” e conseguia bolsas do governo francês para que seus alunos, ou os alunos que Maurer indicasse, fossem estudar na França. **ALTMAN (2004, p. 109)**

Pode-se aqui ver um paralelo com o começo da formação da USP enquanto universidade, com professores visitantes que vieram ao Brasil para começar aqui a tradição acadêmica na universidade (as principais missões foram a francesa e a italiana – “[...] o maior problema imediato de sua fundação foi montar seu corpo docente” (**FÊTIZON, 2012, p. 213**)). Claude Lévi-Strauss, por exemplo, veio para o Brasil nos anos iniciais de formação da USP. Ele teve contato com o método de análise estruturalista da Linguística, quando, em 1942, conviveu com Roman Jakobson e Joaquim Mattoso Câmara nos EUA.

É conhecido o fragmento de seu livro *Tristes Trópicos*, em que ele se refere, de forma positiva, ao *Curso* de Saussure:

[...] O período 1920-1930 foi o da difusão das teorias psicanalíticas na França. Por intermédio delas, eu aprendia que as antinomias estáticas em torno das quais nos aconselhavam a construir nossas dissertações filosóficas e, mais tarde, nossas aulas – racional e irracional, intelectual e afetivo, lógica e pré-lógica – reduziam-se a um jogo gratuito. Primeiramente, para além do racional existe uma categoria mais importante e mais fértil, a do significante, que é a mais elevada forma de ser do racional mas cujo nome nossos professores (decerto mais ocupados em meditar sobre o *Essai sur les donnés immédiates de la conscience* do que sobre o *Curso de linguística geral*, de F. De Saussure) nem sequer pronunciavam. (LÉVI-STRAUSS, 1996 [1955], p. 53)

Naquela época, então, quando Lévi-Strauss veio ao Brasil, o pensamento da Linguística Estruturalista já estava em voga, mas só muito mais tarde, nas décadas de 1960-1970, ele de fato ganha força e espaço no meio acadêmico brasileiro.

Um dos alunos de Aubreton que foi para a França foi Cidmar Teodoro Pais (1940-2009). Quando voltou, em 1967, de seus estudos na França, assumiu a responsabilidade pela disciplina de Introdução à Linguística (a partir de 1968). Em 1969 alcançou a livre-docência e passou a ser responsável pelos cursos de Linguística na Universidade (ALTMAN, 2004, p. 111). Nesta época, Blikstein ainda não tinha o doutorado, e foi preterido como responsável pelo curso quando houve a necessidade de indicação de alguém para tal função. Altman recorre a outro depoimento que mostra como os caminhos dos aubretonistas se distinguiram:

O prestígio de Pais crescia ao final dos anos 60. Conseguira arregimentar em torno de si grande número de jovens adeptos das novas ideias que veiculava, e também grande número de críticas ao seu estilo acadêmico mais agressivo.

Era uma espécie de embate entre uma Semiologia [de Blikstein] e uma Morfofonologia [de Pais], digamos assim. O Cidmar [Pais] tinha um discurso mais concentrado, passava a impressão de um cientificismo maior. Fez carreira rápida. O Isidoro [Blikstein] era uma personalidade mais aberta, menos sistemática. Eram duas fisionomias muito distintas. (Depoimento pessoal, fevereiro de 1994, in ALTMAN (2004, p. 112)).

Podemos notar, portanto, que Cidmar Pais foi figura importante no começo dos estudos linguísticos na USP, e auxiliou a colocar em evidência a Fonética e a Fonologia. A

atuação na área de Fonética e Fonologia ocorreu principalmente por meio da orientação de trabalhos (cf. seção 3.3.2), apesar de o autor ter orientado pesquisas em várias outras áreas da Linguística também. Também se destaca Pais, em revisões históricas, e pela instalação do Laboratório Experimental *Theodoro Henrique Maurer*, na USP (Universidade de São Paulo) na década de 1970 (cf. MEDEIROS & DEMASI (2006)).

Além disso, Pais também foi um importante *líder* na área de Linguística como um todo na USP:

Foi Pais, sem dúvida, quem exerceu as funções intelectuais e, principalmente, organizacionais, necessárias para a solidificação institucional da Linguística – e, mais tarde, da Semiótica – na Universidade de São Paulo, como campos autônomos de estudos. ALTMAN (2004, p. 112)

A ida de pesquisadores brasileiros para França, no caso da USP, foi essencial para que as novas ideias sobre a Linguística penetrassem no meio acadêmico dessa universidade, a partir do momento em que tais pesquisadores retornaram à faculdade de origem e começaram a formar grupos de estudo e ensinar o que tinham aprendido durante o período que passaram fora do Brasil.

O decreto de 1962 que instituiu a Linguística como disciplina obrigatória no currículo mínimo no curso de Letras teve grande importância para o estabelecimento dessa área científica no Brasil.

Digno de aplauso é também o alinhamento da Linguística entre as disciplinas básicas; não resta dúvida que as judiciosas ponderações do Prof. Aryon Dal’Igna Rodrigues externadas em Brasília a 13-2-1963 são merecedoras de nossa consideração. Com efeito, argumentando que em nosso país não há 73 lingüistas para igual número de Faculdades de Filosofia, estas, “considerando-se obrigadas a ministrar o ensino de Lingüística, irão fatalmente em grande número de casos, aproveitar, para esse ensino, pessoas que, não tendo preparo adequado, declarem-se já mesmo por razões econômicas dispostas a ensinar o que supõem ser Lingüística, e que tem muita probabilidade de ser a mais atrasada gramatiquice”. (CASTILHO, 1963, p. 28-29)

Nesta citação de CASTILHO (1963) podemos ver que houve uma preocupação, justamente, sobre o que se ensinaria nos cursos de Linguística, uma vez que a disciplina era nova no Brasil, mas passou a ser obrigatória em uma época em que praticamente não havia pesquisadores que se reconheciam como linguistas (lembramos que ALTMAN (2004) afirma que a primeira geração de pesquisadores que se reconhecem como linguistas é a do



final dos anos 1960, data posterior à obrigatoriedade da disciplina nos cursos de Letras). Outro artigo do professor Ataliba de Castilho detalha um pouco mais a bibliografia que deveria ser usada nos cursos da época, e abre um debate para que os acadêmicos discutam o que deveria fazer parte ou não dos cursos de Linguística implantados aqui no Brasil (CASTILHO, 1965).

Nas décadas de 1970 e 1980, vários brasileiros foram para o exterior para cursarem seus mestrados e doutorados. Os dados que encontramos estão listados no apêndice B (junto a outros dados de pesquisas feitas no exterior, sobre o português brasileiro, por estrangeiros). Entre os pesquisadores brasileiros que aparecem em nosso *corpus* e que estabeleceram uma carreira acadêmica sólida no Brasil após retornarem ao país, estão:

- Lucy Seki (1939-2017) – doutorado na *Universidade da Amizade dos Povos Patrice Lumumba*, na Rússia, em 1973
- Yonne de Freitas Leite (1935-2014) – doutorado na *University of Texas*, nos Estados Unidos em 1974
- Elizabeth Reis Teixeira – que possui dois títulos de mestrado, um na *University of Kansas*, nos Estados Unidos em 1975 e um na *University of London* na Inglaterra em 1980 e um título de doutorado, obtido também na *University of London*, na Inglaterra em 1985
- Hildo Honório do Couto – doutorado na *Universität zu Köln*, na Alemanha em 1978
- Luiz Carlos Cagliariari – doutorado na *University of Edinburgh*, na Escócia em 1977
- Dário Fred Pagel – mestrado na França em 1978 e doutorado também na França em 1981, ambos na *Université de Strasbourg*
- Maria Bernadete Marques Abaurre – doutorado na *State University of New York*, nos Estados Unidos em 1979
- Eleonora Cavalcante Albano – doutorado na *Brown University*, nos Estados Unidos em 1981
- Marco Antônio de Oliveira – doutorado na *University of Pennsylvania*, nos Estados Unidos, em 1983
- João Antônio de Moraes – doutorado na *Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3*, na França em 1984
- Ester Mirian Scarpa – doutorado na *University of London*, na Inglaterra em 1984



Esses pesquisadores estiveram em regiões diferentes e também estudaram diferentes temas. Nessa lista dos anos 1970 e 1980, temos Seki e Couto, que estudaram línguas indígenas<sup>47</sup>, na Rússia e na Alemanha, respectivamente.

Os outros pesquisadores, de forma geral, estudaram o português brasileiro, com diferentes enfoques. Leite, Teixeira<sup>48</sup>, Abaurre, Albano e Oliveira estudaram nos Estados Unidos; Teixeira, Cagliari e Scarpa, no Reino Unido; Pagel e Moraes, na França. Sobre os caminhos que esses pesquisadores seguiram depois que voltaram ao Brasil, temos o seguinte:

- Yonne de Freitas Leite<sup>49</sup> se estabeleceu como professora na UFRJ, orientando pesquisas sobre línguas indígenas, a língua portuguesa e as relações do português com o inglês
- Elizabeth Reis Teixeira<sup>50</sup> na UFBA, orientando pesquisas na área de aquisição da linguagem
- Hildo Honório do Couto<sup>51</sup> na UnB, com pesquisas sobre o contato de línguas
- Dário Fred Pagel<sup>52</sup> na UFSC, orientando pesquisas que se relacionam ao ensino de língua estrangeira (português-francês)
- Marco Antônio de Oliveira<sup>53</sup> na UFMG, orientando pesquisas sobre o português e relacionadas a questões que envolvem a ortografia
- João Antônio de Moraes<sup>54</sup> na UFRJ, orientando pesquisas sobre prosódia e entoação
- Ester Mirian Scarpa, Lucy Seki, Maria Bernadete Marques Abaurre, Luiz Carlos Cagliari e Eleonora Cavalcante Albano na Unicamp, em áreas diversificadas.

Vejamos a situação da Unicamp com mais atenção. Além dos pesquisadores já citados, essa universidade também teve como agente importante Aryon Dall’Igna Rodrigues (que realizou seu doutorado na Alemanha em 1959, muito antes dos outros pesquisadores citados). Entre os tópicos ligados a esses agentes, temos estudos sobre línguas indígenas e

---

<sup>47</sup>Lucy Seki (cf. seção 3.3.20) seguiu carreira nessa área posteriormente, mas Hildo Honório do Couto (cf. seção 3.3.12) passou a pesquisar sobre outros temas.

<sup>48</sup>Elizabeth Reis Teixeira cursou um mestrado nos Estados Unidos, mas depois cursou um segundo mestrado e o doutorado na Inglaterra (cf. seção 3.3.21).

<sup>49</sup>Para mais detalhes sobre as pesquisas orientadas por essa pesquisadora, conferir a seção 3.3.8.

<sup>50</sup>Para mais detalhes sobre as pesquisas orientadas por essa pesquisadora, conferir a seção 3.3.21.

<sup>51</sup>Para mais detalhes sobre as pesquisas orientadas por esse pesquisador, conferir a seção 3.3.12.

<sup>52</sup>Para mais detalhes sobre as pesquisas orientadas por esse pesquisador, conferir a seção 3.3.22.

<sup>53</sup>Para mais detalhes sobre as pesquisas orientadas por esse pesquisador, conferir a seção 3.3.13.

<sup>54</sup>Para mais detalhes sobre as pesquisas orientadas por esse pesquisador, conferir a seção 3.3.18.

o português brasileiro, assim como abordagens mais ligadas tradicionalmente tanto ao campo da Fonologia quanto ao campo da Fonética.

Como veremos na seção 3.4, a Unicamp é a universidade que mais produziu mestrados e doutorados nas áreas de Fonética e Fonologia de acordo com os dados de nosso *corpus*. Uma análise mais detalhada desses trabalhos é tecida na seção 4.2.1, mas retomamos aqui um pouco do percurso histórico da universidade, que tem uma forte tradição nos estudos linguísticos.

ALBANO (1999) menciona dois laboratórios de Fonética instalados na Unicamp: o Laboratório de Fonética acústica e Psicolinguística experimental (LAFAPE), do Instituto de Estudos da Linguagem e o Laboratório de Fonética Forense, do Departamento de Medicina Legal da Faculdade de Ciências Médicas.

Além de Albano, Cagliari também foi um dos agentes importantes para a área de Fonética na universidade. Depois de 1988, ao voltar do Reino Unido após o seu pós-doutorado, esse pesquisador começou a trabalhar para que na Unicamp houvesse um laboratório bem equipado para as pesquisas:

De volta ao Brasil, o sonho de Luiz Carlos Cagliari era montar um Laboratório de Fonética semelhante ao de Edimburgo, formando um bom grupo de trabalho em Fonética. Depois de muita luta, conseguiu que a Unicamp adquirisse um espectrógrafo de som Voiceprint, o passo inicial para a Fundação do Laboratório de Fonética do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). (MASSINI-CAGLIARI, 2006, p. 14)

Já na década de 1970, como listado acima, Cagliari havia ido para Edimburgo para cursar o seu doutorado, durante o qual conviveu com importantes pesquisadores da área de fonética, como “David Abercrombie, John Laver e Sandy Hatcheson, que acabou por ser a orientadora de sua tese, defendida em 1978” (MASSINI-CAGLIARI, 2006, p. 13).

A trajetória da Unicamp na área de estudos laboratoriais em Fonética é longa. ALBANO (2021), em retrospectiva sobre essa história, diz que nos anos 1970 os estudos se realizavam principalmente pela oitiva e gravadores simples de som; no período entre 1983 e 1991, a pesquisadora cita as seguintes ferramentas como importantes para a pesquisa: gravadores de rolo, gravadores cassete, espectrógrafo analógico *Voice Print* (ferramentas disponíveis na Unicamp no laboratório montado por Cagliari) e transcrição fonética<sup>55</sup>; para o período entre 1991<sup>56</sup> e 2001, Albano fala sobre equipamentos já mais aprimorados,

<sup>55</sup>Para esse mesmo período, ALBANO (2021) menciona os seguintes temas de estudo: vogais, acento e ritmo, fala infantil, diálogo adulto-criança, estilo e oratória.

<sup>56</sup>Ano em que foi fundado o Laboratório de Fonética acústica e Psicolinguística experimental (LAFAPE).

entre eles *Kay Elemetrics DSP 5500*, *Kay Elemetrics CSL* e *Kay Elemetrics MultiSpeech*<sup>57</sup>.

A questão dos equipamentos<sup>58</sup> é, talvez, um dos pontos que mais marca a diferença entre as pesquisas das áreas de Fonética e Fonologia.

Algum nível de saber prático é requisitado nos diferentes modos de tratamento de dados das subespecialidades da Linguística; no caso da Fonética, esse tipo de saber tem profunda importância. Vista da perspectiva dos seus agentes, a história da especialidade é uma história em que o quimógrafo, o osciloscópio, o raio-X, o palatógrafo, o espectrógrafo têm papel não acessório, assim como não o tem o treinamento procedimental dos pesquisadores que vão atuar no campo. A tensão entre o empírico e o especulativo, o teórico e o aplicado, que também se coloca para outras especialidades da Linguística, é bastante avivada aqui e tem impacto sobre o estatuto atribuído à Fonética em diferentes momentos, seja pelos próprios foneticistas, seja por atores exteriores ao campo de estudos. (COELHO *et al.*, 2021)

Atualmente, tem-se a possibilidade de usar programas computacionais que estão disponíveis para análise acústica da fala, como o PRAAT, que de modo bastante rápido e eficaz produz espectrogramas de áudios gravados por um pesquisador. Esse tipo de ferramenta é algo relativamente recente, tomando uma perspectiva histórica maior como parâmetro.<sup>59</sup> Entretanto, (CAGLIARI, 2006, p. 3) atenta para o fato de que todas essas tecnologias podem “desviar” o pesquisador do contato direto com a língua:

Com as facilidades da investigação acústica da fala nos atuais computadores, apareceram, recentemente, muitos estudos que se fecharam em procedimentos estatísticos duvidosos, deixando de lado a relação estreita que os sons da fala têm com a Fonologia e com a linguagem, em geral. São estudos sem valor lingüístico, porque não procuram descrever a linguagem como os falantes a entendem, mas as características sonoras da fala como a Física as entende. (CAGLIARI, 2006, p.3)

Na seção anterior, citamos (ABERCROMBIE, 1991, p. 16), ao chamar a atenção para o fato de que muitas vezes fonólogos se distanciam da língua falada ao usar apenas

---

<sup>57</sup>Para esse período temporal, ALBANO (2021) menciona como temas de estudos de projetos a descrição fonético-acústica de classes fônicas do português brasileiro, o Aiuruetê – projeto de Albano em parceria com pesquisadores do Departamento de Engenharia Elétrica da Unicamp, para a criação de um *software* capaz de ler textos em português, ou seja, um conversor texto-fala –, incursões pela qualidade de voz e incursões pela Fonologia Articulatória.

<sup>58</sup>Para uma descrição mais detalhada das técnicas e equipamentos possíveis para fazer pesquisa na área, consultar CRISTÓFARO SILVA (2009, p. 251-255).

<sup>59</sup>O PRAAT foi desenvolvido em 1992, por Paul Boersma, no Instituto de Ciências Fonéticas da Universidade de Amsterdã (LOAKES, 2013, p. 128). Em Holandês, “praat” significa “fale”.

livros como fonte de dados (ou seja, usar fontes escritas, em vez de fontes orais), citando o exemplo de um autor de uma pesquisa sobre a fonologia do japonês, que afirmava que seus dados foram retirados de dicionários e livros didáticos, e não de pessoas vivas. Essa questão do distanciamento da língua real falada, portanto, serve tanto para a área mais técnica da Fonética, que corre o risco de se perder em meio a dados estatísticos e análises tecnológicas, como para a área da Fonologia, que corre o risco de se perder em meio ao distanciamento da língua falada ao tomar como base regras fonológicas teóricas, que podem ser, por vezes, demasiadamente abstratas.

Essa preocupação com a proximidade com a língua falada na área de Fonologia, ainda pensando no caso da Unicamp, pode ser vista nas pesquisas sobre as línguas indígenas, uma vez que muitas dessas línguas são ágrafas. Nessa universidade, há pelo menos dois agentes que se destacaram enormemente nessa área de pesquisa: Lucy Seki<sup>60</sup>, e Aryon Dall’Igna Rodrigues<sup>61</sup>. Como apontado anteriormente, esses dois pesquisadores foram para o exterior para cursar os seus doutorados, mas em épocas e lugares bastante distintos: Rodrigues completou seu doutorado em 1959, na Alemanha, e Seki em 1973, na Rússia (também o seu mestrado foi completado na Rússia, em 1969).

SEKI (2011b), que havia se formado em História em 1962, na UFMG, conta como foi a sua ida para a Rússia em entrevista sobre o seu percurso acadêmico<sup>62</sup>. Na Rússia, recebeu incentivo para estudar as línguas indígenas de seu próprio país, e em 1968 foi, pela primeira vez, para o Xingu, e teve contato com povos indígenas da região (CRUZ & COELHO, 2018)<sup>63</sup>:

Sobre o trabalho linguístico propriamente dito, segui o questionário que existia no Museu Nacional. Embora esse questionário fosse muito criticado, foi um bom começo para mim, pois eu não tinha nenhuma base. Depois, eu mesma desenvolvi uma metodologia própria com base nos textos de Edward Sapir (1884–1939), Benjamin Lee Whorf (1897–1941)

---

<sup>60</sup>Para mais detalhes sobre as pesquisas orientadas por Luci Seki, conferir a seção 3.3.20.

<sup>61</sup>Para mais detalhes sobre as pesquisas orientadas por Aryon Dall’Igna Rodrigues, conferir a seção 3.3.1.

<sup>62</sup>“O caminho para a Linguística foi muito tortuoso. Por dificuldades econômicas, eu acabei indo estudar na Universidade Patrice Lumumba. As condições eram favoráveis porque pagavam a passagem, tinha alojamento, a assistência médica era grátis como para todos os russos e a gente recebia uma mensalidade. Depois de um ano de preparatório, para aprender russo, foi que o curso começou. As opções eram na área de humanas. Dentre essas opções, eu optei pela [...] Faculdade de História e Filologia, e eu optei pelo curso de língua e literatura russa, e nesse curso era dada uma atenção muito grande à Linguística. Tive professores muito bons, muito bons linguistas, que trabalhavam com tipologia, [...] tinham muitas informações sobre ‘americanística’, como eles chamavam e incentivavam a gente a trabalhar com as línguas do próprio país e a empregar os conhecimentos lá adquiridos em favor do próprio país. [...] Então eu decidi que eu ia pesquisar essa área de línguas indígenas, ágrafas. Naquela época praticamente não eram estudadas, não havia línguas indígenas estudadas.” (SEKI, 2011b)

<sup>63</sup>Em (CRUZ & COELHO, 2018) há muitos e ricos detalhes sobre toda a trajetória de Lucy Seki.

e outros autores que havia lido na Rússia. Durante esse primeiro contato com os Kamaiurá, tive a oportunidade de gravar bastante coisa. Para transcrever esses dados, utilizei um sistema que eu mesma desenvolvi, usando letras russas, como o “i” russo, e o “re” russo, porque eu não havia decorado a tabela do *Alfabeto Fonético Internacional*. Apesar de não conhecer o IPA em sua totalidade, eu tinha algum preparo em transcrição de dados, porque na Rússia o professor do curso de Fonética e Fonêmica havia trabalhado muito com dados, graças à diversidade de alunos da classe: havia um aluno paraguaio que falava Guarani; havia também colegas africanos. Além disso, estudei por minha conta, principalmente Troubetzkoy (1890–1938) e Pike (1912–2000). (CRUZ & COELHO, 2018, p. 417-418)

Seki trabalhou bastante com a descrição de línguas indígenas, sempre procurando documentar essas línguas. Ela afirma, ainda que “Há outros tipos de trabalho sobre línguas indígena que também são bastante importantes. O Aryon [Dall’Igna Rodrigues (1925-2014)], por exemplo, faz um bom trabalho comparativista.” (CRUZ & COELHO, 2018, p. 421). Apesar de terem trabalhado na mesma universidade e pesquisando línguas indígenas, os dois pesquisadores têm, como se pode ver, caminhos e histórias marcadamente diferentes.

Rodrigues, segundo depoimento próprio, começou a ter contato com o mundo das letras ainda no ensino básico, quando cursava o então chamado “ginásio”, no Paraná, tendo como professor Rosário Farani Mansur Guérios (1907-1987), e já nessa época se interessava por línguas indígenas (RODRIGUES & ALTMAN, 2000). Ao terminar a faculdade em 1950 e fazer uma visita a uma aldeia Kaingáng, Rodrigues percebeu que lhe faltava a técnica adequada para poder fazer transcrição fonética e pesquisa sobre línguas indígenas, no geral, o que o incentivou a ir estudar fora do Brasil. Foi para a Alemanha com bolsa parcial da Fundação Humboldt.

Seki e Rodrigues são dois exemplos de pesquisadores que tiveram trajetórias bastante diferentes, apesar de mais tardiamente em suas carreiras trabalharem na mesma universidade (Unicamp) e fazerem pesquisa na mesma área (sobre línguas indígenas). O acompanhamento do percurso desses e de outros pesquisadores na segunda metade do século XX no Brasil pode nos mostrar quão variadas foram as formações e possíveis afiliações teóricas dos pesquisadores brasileiros.

O mapeamento dessas vinculações teóricas nos parece, no enquadramento desta pesquisa, mais difícil, uma vez que constituímos um inventário fundamentalmente baseado nos títulos, nem sempre esclarecedores, das diferentes investigações de mestrado e doutorado. Podemos fazer certas inferências, juntando esses dados aos das universidades em que estudaram ou dos orientadores que tiveram (que estão listados no apêndice B), mas uma análise mais detalhada de seus trabalhos seria necessária para uma melhor compreensão

dessa questão<sup>64</sup>. Entretanto, BISOL (2006, p. 446) apresenta uma revisão de modelos fonológicos sobre a descrição do português que inclui várias pesquisas feitas também no exterior. Ela afirma o seguinte:

Relacionando o desenvolvimento da teoria fonológica com seus sucessivos modelos à produção de teses no país, constatamos que não há lapsos teóricos na descrição do português, embora os haja no tempo, pois a produtividade nas diferentes etapas dessa caminhada, que vai de Mattoso Câmara Jr. a nossos dias, não manteve um ritmo regular. Todavia há sempre um estudo ou outro a documentar as fases diversas. BISOL (2006, p. 446)

A autora cita da seguinte forma, como uma espécie de cronologia, as seguintes obras e correntes teóricas:

#### Fase inicial<sup>65</sup>

- Head, Brian. *A comparison of the segmental phonology of Lisbon and Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado) – University of Texas at Austin, 1964.
- Pontes, Eunice. *Estrutura do verbo no português coloquial*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, 1965.
- Lemle, Miriam. *Phonemic system of the Portuguese of Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado) – University of Pennsylvania, 1966.

#### Gerativismo

- Paviani, L. A. *Brazilian Portuguese morphophonology: a generative approach*. Dissertação (Mestrado) – University of Texas at Austin, 1969.

---

<sup>64</sup>Uma das nossas intenções iniciais com esta pesquisa era entender quais foram os caminhos teóricos seguidos pelos pesquisadores brasileiros, mas ao longo do processo de coleta e análise dos dados percebemos que não é possível fazer tal análise somente acessando os títulos dos trabalhos, uma vez que são poucas as pesquisas que explicitam o viés teórico em seus títulos. Parece-nos que a explicitação do modelo teórico aparece nos títulos quando há a intenção de marcar uma abordagem nova, ainda pouco conhecida entre os pesquisadores, como em *O acento em português: estudo de algumas mudanças no modelo da fonologia gerativa* (1978), *Morfologia e Fonologia lexical do português do Brasil* (1995), *Descrição das substituições consonantais presentes nos desvios fonológicos evolutivos: uma abordagem autosegmental* (1996), *Aquisição dos ditongos orais decrescentes: uma análise à luz da teoria da otimidade*, entre outros.

<sup>65</sup>Bisol se refere a esses estudos como “contemporâneas à obra mattosiana”, mas mudamos essa definição aqui em nosso texto por se tratarem de estudos já da década de 1960, enquanto a obra principal de Mattoso a que fazemos menção aqui é de 1949, data de sua defesa de doutorado, com posterior publicação como livro em 1953.

- Leite, Yonne. *Portuguese stress and related rules*. Tese (Doutorado) – University of Texas at Austin, 1974.
- Costa, Iara Bemquerer. *O acento em português: estudo de algumas mudanças no modelo da fonologia gerativa*. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, 1995.
- Major, Roy. *Prosody in Brazilian Portuguese phonology*. Tese (Doutorado) – The Ohio State University, 1979.
- Lopez, Bárbara Strodt. *The sound pattern of Brazilian Portuguese. Cariocan dialect*. Tese (Doutorado) – University of California, Los Angeles, 1979.
- Albano, Eleonora. *Phonological and lexical processes in a generative grammar of Portuguese*. Tese (Doutorado) – Brown University, 1981.

#### Fonologia natural

- Abaurre, Maria Bernadete. *Phonostylistic aspects of a Brazilian Portuguese dialect: implications for syllable structure constraints*. Tese (Doutorado) – University of New York, Buffalo, 1979.

#### Fonologias não lineares

- Magalhães, José. *Une étude de certains processus de la phonologie portugaise dans le cadre de la théorie du charme et du gouvernement*. Tese (Doutorado) – Université de Montréal, 1990.
- Cristófaros Silva, Thaïs. *Nuclear phenomena in Brazilian Portuguese*. Tese (Doutorado) – University of London, 1992.

#### Fonologia métrica

- Cagliari, Gladis M. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao linguístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em português*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, 1995.

#### Fonologia lexical

- Lee, Seung-Hwa. *Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, 1995.

#### Fonologia autosssegmental (em suas características gerais)

- Collischon, Gisela. *Análise prosódica da sílaba em português*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.
- Vieira, Maria José B. *Aspectos do sistema vocálico do português*. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.

#### Interfaces

- Abousalh, Elaine Silveira Ferreira. *Resolução de choques de acento no português brasileiro: elementos para uma reflexão sobre a interface sintaxe-fonologia*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- Miranda, Maximiliano Guimarães. *Repensando a interface sintaxe-fonologia a partir do axioma de correspondência linear*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, 1998.

#### Teoria da Otimidade

- Battisti, Elisa. *A nasalização no português brasileiro e a redução dos ditongos nasais átonos*. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.

(BISOL, 2006, p. 446-448)

Em trabalhos futuros e mais verticalizados, esperamos poder analisar essa questão das linhas teóricas das pesquisas com mais profundidade. Nesta revisão bibliográfica que fazemos e em nossa análise panorâmica de teses e dissertações na área, entretanto, não nos é possível tratar a questão com mais detalhes.

Outro aspecto importante da história das pesquisas em Fonologia no Brasil para o qual Bisol chama a atenção são os projetos que foram realizados com a colaboração de vários pesquisadores e universidades.

O projeto NURC (Norma Urbana Culta), foi um dos projetos importantes para o desenvolvimento da Linguística (e, conseqüentemente, das áreas de Fonética e Fonologia no



Brasil). Nelson Rossi (da Universidade Federal da Bahia), indicado por Aryon Rodrigues para encabeçar o projeto no Brasil, foi quem coordenou a pesquisa em âmbito nacional, ligada a um projeto maior, de pesquisa da fala culta em toda a América Latina (BISOL, 2006, p. 449-450); (RODRIGUES & ALTMAN, 2000, p. 23-24). Esse projeto, iniciado em 1969, investigou a fala em 5 capitais brasileiras: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

Constituídas as 5 equipes de linguistas para fazer pesquisa nessas 5 cidades, no período entre 1970 e 1978 foram gravadas 1.870 entrevistas, com cerca de 60 minutos cada, e a maioria estão transcritas (CASTILHO, 1989, apud BISOL (2006, p. 450)).

O projeto NURC serviu de base para outro projeto citado por BISOL (2006) como importante no percurso dos estudos da Fonologia no Brasil, o Projeto de Gramática do Português Falado, que, sob a coordenação de Ataliba de Teixeira de Castilho, na época, atuando na Unicamp, reuniu aproximadamente 35 pesquisadores, de 15 universidades diferentes, por mais ou menos 10 anos, e teve várias pesquisas na área de Fonética e Fonologia ligadas a ele.

As publicações citadas por BISOL (2006) ligadas a esses dois projetos são em sua maioria artigos e livros completos. Em nosso *corpus*, por termos tipos de documentos diferentes desses indicados por Bisol, é difícil observar a influência direta desses projetos na pós-graduação. Uma análise mais atenta, com leitura específica das teses que foram desenvolvidas sob a orientação de pesquisadores envolvidos nesses projetos poderia evidenciar essa questão com mais clareza, mas isso foge do escopo a que esta tese de doutorado se propõe.

BISOL (2006, p. 453-454) cita ainda um terceiro projeto, o VARSUL – Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul, que reuniu dados dos três estados do Sul do Brasil, coletados entre 1989 e 1996. Em relação a esse projeto, a própria autora cita, em seu artigo, dois doutorados ligados a ele: *Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica* (1997), de autoria de Valéria Neto de Oliveira Monaretto e *A lateral em coda silábica no Sul do Brasil* (1999), de autoria de Maria Tasca, ambos pela PUC-RS, e afirma ainda que várias dissertações de mestrado também foram produzidas no âmbito do projeto.

Além dos projetos citados por Bisol, também tem perfil plurinstitucional o projeto Atlas Linguístico do Brasil<sup>66</sup>, que se enquadra na área de dialetologia/geolinguística, e tem sua base institucional na UFBA, mas envolve várias universidades pelo Brasil. Esse projeto foi iniciado em 1996 (AGUILERA, 2005), já quase no fim do nosso escopo temporal, mas antes da formalização do projeto já havia pesquisas na área<sup>67</sup>. Em nosso *corpus*,

<sup>66</sup>Para mais informações sobre o projeto, verificar <<https://alib.ufba.br/>>.

<sup>67</sup>Para uma retrospectiva desses estudos no Brasil, verificar ARAGÃO (2020).

por exemplo, temos o mestrado *Atlas Lingüístico da Paraíba - Uma Leitura das Cartas Léxicas e Fonéticas* (1993, UFPB), de autoria de Nadege da Silva Dantas, sob a orientação da professora Maria do Socorro Silva de Aragão, uma das pesquisadoras mais ativas no projeto.

Esta seção não se pretende exaustiva, e mais detalhes sobre os percursos da Fonologia e da Fonética no Brasil serão discutidos nos capítulos 3 e 4.

Neste capítulo vimos um panorama dos estudos sobre Fonética e Fonologia no mundo, mais precisamente na Europa e nos Estados Unidos, assim como os estudos no Brasil.

Tentamos mostrar as várias correntes teóricas na Fonologia, assim como a evolução de técnicas e teorias também na área da Fonética, que fazem com que esse campo do conhecimento linguístico seja tão rico e multifacetado.

Na seção sobre o Brasil, utilizamos referências bibliográficas e depoimentos dos próprios cientistas que compõem essa história, assim como os dados de nosso *corpus*, apresentando algumas análises sobre esse percurso no Brasil.

Nos próximos dois capítulos apresentamos os dados de nosso *corpus* analisados de forma mais quantitativa na maioria dos casos, mas também com algumas tentativas de aproximação mais verticalizada aos textos, quando pudemos ter acesso às pesquisas listadas em nosso *corpus*.



# Capítulo 3 – Apresentação e análise dos dados externos

---

# Capítulo 3

## Apresentação e análise dos dados externos

Neste capítulo analisamos os dados presentes no apêndice C, ou seja, os dados que se referem a fatores externos dos nossos objetos de estudo, a saber: ano de publicação, autoria, orientação e universidade. Ao longo da análise tecemos comentários mais específicos sobre possíveis interpretações sobre o material estudado.

### 3.1 Ano de publicação e tipo (mestrado ou doutorado)

A tabela a seguir mostra a quantidade de mestrados e doutorados de acordo com as décadas dentro do nosso escopo temporal (1949-2000):

<b>Período</b>	<b>Mestrados</b>	<b>Doutorados</b>	<b>Total</b>
1949-1960	0	1	1
1961-1970	7	2	9
1971-1980	64	11	75
1981-1990	80	16	96
1991-2000	216	50	266

*Tabela 3.1:* Quantidade de mestrados e doutorados ao longo das décadas analisadas.

Os mestrados compõem a grande parte das pesquisas, e claramente há um aumento na quantidade de documentos na década de 1970 (1971-1980) assim como na última década (1991-2000), em comparação com as respectivas décadas anteriores.

Uma observação geral não sistemática nos leva a crer que muitos desses mestrados são descrições iniciais de línguas indígenas, ou estudos sobre questões ainda não abordadas

por pesquisadores brasileiros, como descrições de variedades regionais específicas do português, mas que não têm (pelo menos em nosso corpus) sequência metódica de ataque ao mesmo problema de pesquisa.<sup>1</sup>

Entre 1949 e 1970 há poucas pesquisas listadas. Isso reflete a situação geral brasileira no que se refere à pesquisa no âmbito de departamentos de pós-graduação. A partir da década de 1970, como afirma **SUGIYAMA JUNIOR (2020, p. 95)**, “a pós-graduação passou a ser objeto de normatização e ganhou um plano estratégico para sua consolidação e expansão”. É também na década de 1970 que o termo “Linguística” começa a aparecer nas livrarias brasileiras, com seção própria, o que até então só acontecia para a Filologia (**RODRIGUES & ALTMAN, 2000, p. 15**).

Sobre a década subsequente, **SUGIYAMA JUNIOR (2020, p. 96)** afirma que “durante a década de 1980, não houve um aumento expressivo dos programas de pós-graduação como aconteceu na década anterior”, e os nossos dados mostram números realmente parecidos nas duas décadas (64/80 mestrados e 11/16 doutorados).

Na década de 1990, podemos observar uma crescente bastante significativa no número de documentos no nosso corpus, principalmente no nível de mestrado. Sobre essa década, **SUGIYAMA JUNIOR (2020, p. 98)** afirma que “O envolvimento da Linguística com o ensino, sobretudo de língua materna, promoveu, ainda, a construção de novos objetos e linhas de pesquisa durante a década de 1990”. Não nos parece haver, em nosso corpus, um grande aumento de pesquisas relacionadas ao ensino nessa década, mas, de qualquer forma, é possível pensar na própria consolidação dos programas de pós-graduação e dos grupos de pesquisa como justificativa para o grande aumento.

## 3.2 Autoria

O total de 447 trabalhos listados foram escritos por 408 autores diferentes. Há apenas 39 pesquisadores que aparecem no corpus mais de uma vez, ou seja, com seus mestrados e doutorados listados.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup>A título de ilustração, alguns exemplos são: “Contribuição à análise fonológica do Suruí do Tocantins”, “Análise fonológica preliminar da língua Xokleng”, “Análise espectrográfica de um texto: uma contribuição aos estudos acústicos do Português do Brasil”, “Características fonético-fonológicas da língua portuguesa falada na comunidade de Vale Vêneto – RS”, “A monotongação na norma culta de Fortaleza”, entre outros.

<sup>2</sup>São estes: Aglael Juliana Aparecida Gama Rossi, Ana Paula Fadanelli Ramos, Ana Ruth Moresco Miranda, Carlos Alexandre Victorio Gonçalves, Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa, Cátia de Azevedo Fronza, Claudete Lucyk, Dilma Tavares Luciano, Dinah Maria Isensee Callou, Elisa Battisti, Elza Taeko Doi, Gisela Collischonn, Gladis Massini-Cagliari, Helena Bolli Mota, Izabel Christine Seara, Josênia Vieira da Silva, Laura Rosane Quednau, Lilian Coutinho Yacovenco, Lodenir Becker Karnopp, Lucia Lovato Leiria, Mara Suzana Behlau, Maria de Nazaré da Cruz Vieira, Maria do Socorro Silva de Aragão, Maria José Blaskovski Vieira, Marília Lopes da Costa Facó Soares, Marymarcia Guedes, Miriam Coimbra, Mirian Martins Sozim, Myrian Azevedo de Freitas,

Dentre tais autores, vale destacar aqueles que aparecem como orientadores de muitas pesquisas na área de Fonética e Fonologia (considerando o *corpus* desta tese), ou seja, aqueles que se tornaram pontos de referência para as pesquisas em suas respectivas áreas. Como veremos a seguir, Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, Maria do Socorro Silva de Aragão e Regina Ritter Lamprecht se enquadram nesta descrição, além dos pesquisadores que estiveram no exterior para cursarem seus doutorados, depois retornando ao Brasil para dar prosseguimento às suas carreiras acadêmicas, e que exploraram um caminho anteriormente percorrido de forma mais isolada por precursores na área, como Joaquim Mattoso Câmara Jr., Aryon Dall’Igna Rodrigues e Cidmar Teodoro Pais, como já mencionado na seção 2.2.

### 3.3 Orientação

Alguns pesquisadores notoriamente se destacam em relação ao número de pesquisas orientadas. A tabela a seguir lista os orientadores com 5 orientações ou mais, de acordo com a ordem cronológica de aparecimento no *corpus*, ou seja, aparecem primeiro os orientadores que começaram a orientar primeiro.

Além disso, a tabela mostra o número total de orientações e coorientações, sem distinção, mas as coorientações são destacadas (quando existem), nas subseções sobre cada orientador.

Orientador(a)	Quantidade de orientações	Datas
Aryon Dall’Igna Rodrigues	29	1965-2000
Cidmar Teodoro Pais	13	1970-1977
Paulino Vandresen	11	1976-2000
Maria Bernadete Marques Abaurre	15	1977-1999
Anthony Julius Naro	6	1978-1989
Regina Célia Pagliuchi da Silveira	6	1978-1991
Jean-Pierre Angenot	15	1979-2000
Yonne de Freitas Leite	7	1979-1990
Giles Lothar Istre	8	1980-1995
Luiz Carlos Cagliari	10	1981-1995
Eleonora Cavalcante Albano	13	1983-1999
Hildo Honório do Couto	5	1983-2000
Marco Antônio de Oliveira	8	1985-2000
Mehmet Sukru Yavas	8	1986-1992
Leda Bisol	24	1987-2000
Maria do Socorro Silva de Aragão	5	1988-2000

---

Myrian Barbosa da Silva, Norma Hochgreb Fernandes, Raquel Guimarães Romankevicius Costa, Regina Ritter Lamprecht, Ricardo Molina de Figueiredo, Valdir Vegini, Suzana Magalhães Maia Vieira, Valéria Neto de Oliveira Monaretto, Zilda Maria Zapparoli C. Melo.

Marita Pôrto Cavalcante	7	1990-1999
João Antônio de Moraes	6	1991-2000
Regina Ritter Lamprecht	29	1991-2000
Lucy Seki	6	1992-1998
Elizabeth Reis Teixeira	6	1993-2000
Dário Fred Pagel	7	1995-1998
Carmen Lúcia Barreto Matzenauer	10	1996-2000
Dermeval da Hora Oliveira	6	1996-2000

Tabela 3.2: Nomes de pesquisadores com mais de 5 orientações listadas no *corpus*.

As subseções a seguir apresentam, ordenadamente, as informações sobre as pesquisas ligadas a cada um desses orientadores.

Ressaltamos o fato de que nossa tese tem um campo teórico (o da Fonética e Fonologia), um escopo temporal (1949-2000), e uma especificidade de documentação (dissertações de mestrado e teses de doutorado) delimitadas, portanto, os comentários tecidos a seguir se baseiam nos dados de nosso *corpus*, e não no conjunto da obra dos pesquisadores listados, que, muitas vezes, atuaram de forma ampla em mais de uma área no Brasil. Não é nosso intuito neste texto nos aprofundarmos em detalhes do conjunto da obra de cada um, mas somente organizar e evidenciar o que pode ser visto a partir dos dados que coletamos para esta tese de doutorado.

### 3.3.1 Aryon Dall’Igna Rodrigues (1925-2014)

Aryon Rodrigues é reconhecidamente um dos nomes mais importantes da Linguística no Brasil. Além de ter sido de grande importância nos estudos das línguas indígenas, foi um dos primeiros linguistas do país a assumir importantes cargos para o desenvolvimento da área como um todo. Em 1963, assumiu o cargo de chefe do primeiro Departamento de Linguística em território brasileiro, criado na UnB no ano anterior (D’ANGELIS, 2006, p. 14).

Rodrigues se graduou em Letras Clássicas pela UFPR em 1950 e realizou pesquisa de doutorado na Alemanha (1959). Trabalhou em várias universidades brasileiras<sup>3</sup>, dentre

<sup>3</sup>Também atuou como professor visitante em universidades estrangeiras. Em seu Currículo Lattes há as seguintes informações: *Universidad de la Republica Uruguay*, Uruguai, 12/1965 - 2/1966, Ensino, Lingüística e Ensino de Línguas, Nível: Pós-Graduação, Disciplinas ministradas: *Fonética, Gramática contrastiva español-portugués, Lenguas de la familia Tupí-Guaraní*; *Universidad Nacional Autónoma de Mexico*, México, 2/1966 - 2/1967, Ensino, Lingüística, Nível: Pós-Graduação, Disciplinas ministradas: *Fonética, Fonología contrastiva español/portugués, Estructura de las lenguas tupí-guaraníes*; *University of California System*, Estados Unidos, 1/1983 - 4/1983, Ensino, Lingüística, Nível: Pós-Graduação, Disciplinas ministradas: *Brazilian Indian languages*; *Leiden University*, Holanda, 11/1986 - 6/1987, Ensino, Língua Tupinambá, Nível: Pós-Graduação, Disciplinas ministradas: *Estrutura da língua Tupinambá*. A atuação nessas universidades também é um indício de como Rodrigues foi pioneiro e uma forte liderança

as quais estão a UFPR (1960-1963), a UnB (em dois períodos distintos, 1963-1965 e 1988-2014), a UFRJ (1966-1973) e a Unicamp (1973-1988).

<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>M/D</b>	<b>Univ.</b>
1965	Língua Kiriri: descrição do dialeto Kipeá	Gilda M. C. De Azevedo	M	UnB
1971	Fonologia do Westfaliano de Rio Fortuna	Paulino Vandresen	D	PUC-RS (UFRJ?)
1972	A fonologia segmental da língua Txikão	Charlotte Emmerich	M	UFRJ
1974	Fonologia do guarani antigo	Daniele Marcelle Grannier	M	Unicamp
1974	Aspectos do sistema fonológico do português e do latim - estudo contrastivo	Margarida Maria de Paula Basílio	M	UFRJ
1975	Fonologia contrastiva do francês e do português de Florianópolis	Maria Marta Furlanetto	M	Unicamp
1976	Alguns aspectos da intonação no português	Ester Miriam Scarpa Gebara	M	Unicamp
1979	Aspectos da fonologia do Pirahã	Daniel Leonard Everett	M	Unicamp
1981	Aspectos fonológicos e morfológicos do Kadiwéu	Sílvia Lúcia Bigonjal Braggio	M	Unicamp
1982	Fonologia da língua Suruí	Tine Henriete van der Meer	M	Unicamp
1983	Subsídios para uma análise fonológica do Mbyá	Marymarcia Guedes	M	Unicamp
1984	O desenvolvimento histórico da língua Wayampi	Cheryl Joyce S Jensen	M	Unicamp
1984	Guató: a língua dos índios conoeiros do Rio Paraguai	Adair Pimentel Palacio	D	Unicamp
1987	Fonologia e morfologia da língua Kaingang: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná	Marita Pôrto Cavalcante	D	Unicamp
1987	Análise fonêmica preliminar da língua Guajá	Péricles Cunha	M	Unicamp
1988	Contribuição para a fonologia da língua Arara (Karib)	Isaac Costa de Souza	M	Unicamp
1988	Contribuição para a fonologia do dialeto Kaingang de Nonoai	José Baltazar Teixeira	M	Unicamp
1989	Fonologia da língua Karo (Arara de Rondônia)	Nilson Gabas Júnior	M	Unicamp

---

na área de estudos de línguas indígenas brasileiras.



1990	Estudo preliminar da fonêmica Panará	Luciana Gonçalves Dourado	M	UnB
1990	Estudo preliminar da fonologia da língua Mehináku	Tereza Cristina de Souza Silva	M	UnB
1991	Aspectos fonológicos da língua Yatê	Eurípedes A. Barbosa	M	UnB
1991	Análise fonológica preliminar da língua Tuparí	Poliana Maria Alves	M	UnB
1991	Alguns aspectos fonológicos e morfológicos da língua Máku	Iraguacema Maciel	M	UnB
1991	Segmentos complexos da língua Yuhup	Dalva Del Vigna	M	UnB
1991	A língua geral amazônica: aspectos de sua fonêmica	Luiz Carlos Borges	M	Unicamp
1992	Fonologia preliminar da língua Kanoê	Laércio Nora Bacelar	M	UnB
1993	Contribuição à análise fonológica do Suruí do Tocantins	José Natal Barbosa	M	UnB
1994	Análise fonológica preliminar da língua Xokleng	Terezinha Bublitz	M	UnB
2000	Estudo histórico da família Tupi-Guarani: aspectos fonológicos e lexicais (coorientação; o orientador foi Paulino Vandresen)	Antônio Augusto de Souza Mello	D	UFSC

Tabela 3.3: Pesquisas orientadas por Aryon Dall'Igna Rodrigues.

Em nosso período de estudo, ele orientou 29 pesquisas na área de Fonética e Fonologia, e quase todas as pesquisas versam sobre línguas indígenas.

A própria pesquisa de doutorado de Rodrigues versou sobre o tema de línguas indígenas e sobre fonologia, tendo como objeto de estudo o Tupinambá, mas foi defendida fora do Brasil, na Universidade de Hamburgo, na Alemanha, com o título *Phonologie der Tupinambá-Sprache*, em 1959. Ela é, inclusive, a primeira pesquisa que temos listada em nosso *corpus* sobre pesquisas realizadas fora do Brasil (cf. apêndice B). O começo do contato de Rodrigues com as línguas indígenas, entretanto, data de 1951, como afirma D'ANGELIS (2006, p. 16), com uma visita feita aos Kaingang de Mangueirinha.

As orientações feitas por Rodrigues estão distribuídas ao longo de 4 décadas (entre 1965 e 2000), apesar de haver apenas uma pesquisa realizada na década de 1960, e maior número nas décadas de 1970, 1980 e 1990. Pelos títulos dos trabalhos pode-se verificar a grande variedade de línguas indígenas presentes em suas orientações, o que reflete a dedicação extrema que Rodrigues teve em descrever, catalogar e analisar as línguas indígenas brasileiras ao longo de toda a sua vida.

As pesquisas listadas foram defendidas na UnB, UFRJ e Unicamp, universidades

nas quais ele trabalhou. Além disso, há uma pesquisa listada em coorientação com Paulino Vandresen, defendida na UFSC, em 2000. Trata-se de *Estudo histórico da família Tupi-Guarani: aspectos fonológicos e lexicais*.

Registramos em nosso *corpus* a PUC-RS como universidade onde a pesquisa *Fonologia do Westfaliano de Rio Fortuna* (1971), orientada por Rodrigues, ocorreu, pois essa é a informação contida no Currículo Lattes de Paulino Vandresen, disponível em <http://lattes.cnpq.br/5202191446880309>. Na própria pesquisa, entretanto, consultada por nós em documento PDF, disponível no site do repositório acadêmico da UFSC, lê-se que a pesquisa foi submetida à UFRJ para aprovação do grau de Mestre em Linguística. Há também uma discrepância ortográfica no título da dissertação, que aparece aqui registrada como “Westfaliano”, com *W*, assim como registrado no Currículo Lattes supramencionado, mas que aparece como “Vestfaliano”, com *V*, no PDF original.

A pesquisa *Língua Kiriri: descrição do dialeto Kipeá* (de Gilda M. C. de Azevedo, 1965) é a primeira pesquisa listada em nosso *corpus* sobre uma língua indígena. Também são de 1965 as outras duas pesquisas listadas após o doutorado de Mattoso Câmara Jr. (1949): *Estrutura do verbo no português coloquial* (Eunice Pontes, 1965) e *O falar de Mato Grosso (Bahia). Fonêmica. Aspectos da morfo-sintaxe e do Léxico* (Dinah Maria Isensee Callou, 1965), colocando, assim, o estudo das línguas indígenas já no início da formação da área no Brasil, uma vez que entre 1949 e 1965 temos um espaço de tempo em que nenhuma pesquisa foi listada em nosso *corpus*.

É clara a predominância das línguas indígenas nos títulos das pesquisas, e há uma constância em todo o período sobre isso. Além disso, também é digna de nota a predominância dos termos relacionados à Fonologia nos títulos dos trabalhos (tanto nos que versam sobre línguas indígenas quanto nos poucos que versam sobre outros temas). Temos também a palavra *fonêmica*, nos títulos *Análise fonêmica preliminar da língua Guajá* (Péricles Cunha, 1987), *Estudo preliminar da fonêmica Panará* (Luciana Gonçalves Dourado, 1990) e *A língua geral amazônica: aspectos de sua fonêmica* (Luiz Carlos Borges, 1991), mas não é possível, apenas pelo título, saber qual “fonêmica” é essa, ou seja, o que está implicado – teórica e metodologicamente – nesses estudos, e se eles estão diretamente ligados à fonêmica de Mattoso Câmara Jr.

### 3.3.2 Cidmar Teodoro Pais (1940-2009)

Como vimos na seção 2.2, Cidmar Teodoro Pais foi o responsável pela implementação do Laboratório Experimental *Theodoro Henrique Maurer*, na USP, na década de 1970 (MEDEIROS & DEMASI, 2006) e exerceu papel central no estabelecimento dos estudos linguísticos na USP (cf. seção 2.2). Em ALTMAN (2004, p. 111) encontramos informações biográficas sobre Pais:

Pais graduara-se em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo e doutorara-se em Montpellier, em 1966. Voltou da França, em 1967, com uma tese de Doutorado sobre Aristófanes, considerada brilhante pelos seus contemporâneos, muito bem informado, e com toda uma programação de Linguística pronta. Imediatamente assumiu, em 1968, a regência das aulas de Introdução à Linguística. Em 1969, prestava seu concurso de livre-docência, e se tornou, rapidamente, o responsável pela coordenação dos cursos de Linguística. **ALTMAN** (2004, p. 111)

A atuação de Pais na área acadêmica foi bastante ampla, com grande contribuição para a área de Semiótica, principalmente. Na tabela a seguir vemos que as primeiras orientações de Pais datam já de 1970, o que nos mostra que ele, logo que voltou para a USP, começou a orientar pesquisas.

<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>M/D</b>	<b>Univ.</b>
1970	Comportamento fonético-fonológico da língua na televisão paulista	Regina Célia Pagliuchi da Silveira	M	USP
1970	Comportamento fonético-fonológico da região de Itu	Zilda Maria Zapparoli C. Melo	M	USP
1970	Descrição fonológica do português da cidade de São Paulo	Idméa Semeghini P. M. de Siqueira	M	USP
1971	Contribuição para um estudo da aquisição do sistema fonológico português pela criança	Antônio S. Abreu	M	USP
1973	Notas a uma análise fonético-fonológica do sistema linguístico regional da Paraíba	Maria do Socorro Silva de Aragão	M	USP
1973	Aspectos quantitativos e formais do sistema fonológico da língua portuguesa contemporânea no Brasil	Oswaldo Sangiorgi	D	USP
1974	Sistema, norma e diassistema no falar regional da Paraíba	Maria do Socorro Silva de Aragão	D	USP
1974	Considerações sobre o comportamento fonético-fonológico de crianças paralítico-cerebral	Suzana Magalhães Maia Vieira	M	USP
1975	Estruturas silábicas do português do Brasil	Francis Henrik Aubert	D	USP
1976	Comportamento da função estilística no nível fonológico	Mara Sofia de Toledo Zanotto	D	USP
1976	A norma fonético-fonológica do paralítico cerebral	Suzana Magalhães Maia Vieira	D	USP
1977	Características da linguagem falada e escrita de Goiânia	Eli de Oliveira Chaves Falanque	M	UFG
1977	Contribuição para uma análise instrumental da acentuação e intonação do português	Norma Hochgreb Fernandes	M	USP

Tabela 3.4: Pesquisas orientadas por Cidmar Teodoro Pais.

Entre as pesquisas orientadas nos campos de Fonética e Fonologia, os temas são diversos: vemos que há pesquisas sobre variedades específicas da língua portuguesa (Itu, Paraíba e Goiânia), assim como pesquisas relacionadas à aquisição da linguagem e outros temas gerais sobre o português, praticamente todas defendidas na USP<sup>4</sup>.

Em cinco pesquisas se vê a menção ao caráter “fonético-fonológico” dos trabalhos: *Comportamento fonético-fonológico da língua na televisão paulista* (Regina Célia Pagliuchi da Silveira, 1970), *Comportamento fonético-fonológico da região de Itu* (Zilda Maria Zapparoli C. Melo, 1970), *Notas a uma análise fonético-fonológica do sistema linguístico regional da Paraíba* (Maria do Socorro Silva de Aragão, 1973), *Considerações sobre o comportamento fonético-fonológico de crianças paralítico-cerebral* (Suzana Magalhães Maia Vieira, 1974) e *A norma fonético-fonológica do paralítico cerebral* (Suzana Magalhães Maia Vieira, 1976). Algumas outras pesquisas explicitam o caráter fonológico nos títulos, mas nenhuma delas traz somente a palavra “fonética”.

### 3.3.3 Paulino Vandresen (nascido em 1939)

Paulino Vandresen foi orientando de Aryon Dall’Igna Rodrigues, e teve uma longa trajetória universitária no Brasil. Trabalhou brevemente na UnB, em 1964 e 1965, e depois esteve ligado à UFSC, entre 1966 e 2002. Além disso, desde 1997, trabalha também na UCPel<sup>5</sup>. Vandresen, que se graduou na UFSC em 1963, voltou ao seu local de origem, Santa Catarina, para sua atuação profissional mais longa, apesar de, posteriormente, também ter trabalhado em outra universidade do Sul do país (neste caso, a UCPel, que fica em Pelotas, no Rio Grande do Sul).

Ano	Título	Autor	M/D	Univ.
1976	Mecanismos nasais do português	Dario Deschamps	M	UFSC
1978	Um estudo fonológico gerativo dos diminutivos em português	Hilda Gomes Vieira	M	UFSC
1978	Existe realmente semi-vogal no português?: uma abordagem gerativa natural pura	Sidnei Gaspar de Oliveira	M	UFSC

<sup>4</sup>A pesquisa *Características da linguagem falada e escrita de Goiânia* (1977, UFG), de Eli de Oliveira Chaves Falanque, aparece no Currículo Lattes do próprio pesquisador (<http://lattes.cnpq.br/5135737312646250>) com a informação de orientação de Cidmar Teodoro Pais, mas não no Lattes de Pais, pois as pesquisas da década de 1970 (e também de 1980 e começo da década de 1990) não estão listadas em seu currículo. Não sabemos, portanto, sob qual contexto poderia o professor Cidmar Pais ter orientado uma pesquisa na UFG.

<sup>5</sup>A última atualização do Currículo Lattes de Vandresen é de 2010, então, não sabemos exatamente qual é a situação atual.

1978	A alternância vocálica nos verbos regulares e nomes	Sonia Aparecida Serqueira Lopes	M	UFSC
1978	Morfofonologia das formas verbais finitas (tratamento fonológico-gerativo)	Maria Inês Pagliarini	M	UFSC
1978	Vogais orais e nasais: estudo contrastivo Português-Francês (análise de erros) (coorientação; a orientadora foi Maria Marta Furlanetto) <sup>6</sup>	Maria Elisabeth Mendes de Albuquerque	M	UFSC
1996	A palatalização da fricativa alveolar não morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana do município de Florianópolis: uma abordagem não-linear	Cláudia Regina Brescancini	M	UFSC
1996	Aspectos da fonologia da língua Kaingáng: dialeto central	Cristina Herold	M	UFSC
1998	Aspectos da fonologia e morfologia do Tariana- língua aruaque do noroeste amazônico	Claudete Lucyk	D	UFSC
2000	Estudo histórico da família Tupi-Guarani: aspectos fonológicos e lexicais	Antônio Augusto de Souza Mello	D	UFSC
2000	Estudo Acústico Perceptual da Nasalidade das Vogais do Português Brasileiro	Izabel Christine Seara	D	UFSC

Tabela 3.5: Pesquisas orientadas por Paulino Vandresen.

As pesquisas orientadas por Paulino Vandresen listadas em nosso *corpus* estão todas ligadas à UFSC, e tem como temas a língua portuguesa e algumas línguas indígenas, no geral.

Ressaltamos que há uma pesquisa orientada por Vandresen que teve Rodrigues como coorientador também, como já mencionado em 3.3.1 (*Estudo histórico da família Tupi-Guarani: aspectos fonológicos e lexicais*, defendida em 2000, de autoria de Antônio Augusto de Souza Mello). As pesquisas sobre línguas indígenas aparecem somente na década de 1990, assim como nos trabalhos orientados por outros agentes da UFSC, como veremos nas seções 3.3.7 e 3.3.9, sobre Jean-Pierre Angenot e Giles Lothar Istre, respectivamente.

A última pesquisa listada é de autoria de Izabel Christine Seara, *Estudo Acústico*

<sup>6</sup>Nos agradecimentos, a autora, Maria Elisabeth Mendes de Albuquerque, agradece tanto a Maria Marta Furlanetto quanto a Paulino Vandresen como orientadores, não estabelecendo uma hierarquia entre orientação e coorientação, portanto, não sabemos qual foi a real situação de orientação neste caso.

*Perceptual da Nasalidade das Vogais do Português Brasileiro* (2000). Em comunicação pessoal com essa pesquisadora, ela nos esclareceu que Paulino Vandresen assumiu a orientação de sua pesquisa de doutorado já na reta final, após o falecimento de Giles Lother Istre, orientador primeiro da pesquisa, e também orientador de sua pesquisa de mestrado, *Estudo estatístico dos fonemas do português falado na capital de Santa Catarina para elaboração de frases foneticamente balanceadas* (1994).

Três pesquisas de 1978 trazem em seus títulos a teoria gerativa como o ponto de vista teórico utilizado para a análise: *Um estudo fonológico gerativo dos diminutivos em português*, de Hilda Gomes Vieira; *Existe realmente semi-vogal no português?: uma abordagem gerativa natural pura*, de Sidnei Gaspar de Oliveira e *Morfofonologia das formas verbais finitas (tratamento fonológico-gerativo)*, de Maria Inês Pagliarini. Não há marcações tão claras assim nas pesquisas das outras décadas.

### 3.3.4 Maria Bernadete Marques Abaurre (nascida em 1946)

Maria Bernadete Marques Abaurre cursou sua graduação na Universidade Federal do Espírito Santo, entre 1966 e 1969, e seu mestrado na Unicamp, entre 1970 e 1973, com a pesquisa *Identidade de representações básicas e fatores de diferenciação superficial no componente fonológico de línguas cognatas*. Posteriormente, realizou seu doutorado sob a orientação de Joan Bybee Hooper, nos Estados Unidos, com a pesquisa intitulada *Phonostylistic aspects of a Brazilian portuguese dialect: implications for syllable structure constraints* (1979).

Sua carreira profissional enquanto pesquisadora, no Brasil, está ligada à Unicamp, universidade na qual atua desde 1975. Todas as pesquisas listadas a seguir foram orientadas nessa instituição:

Ano	Título	Autor	M/D	Univ.
1977	Algumas considerações sobre o problema da abstração das representações fonológicas	Sirio Possenti	M	Unicamp
1978	O acento em português: estudo de algumas mudanças no modelo da fonologia gerativa	Iara Bemquerer Costa	M	Unicamp
1981	A fonologia segmental Kamayurá	Márcio Ferreira da Silva	M	Unicamp
1983	A interferência fonológica no português falado pelos japoneses na região de Campinas (SP)	Elza Taeko Doi	M	Unicamp
1987	A Nasalização Vocálica e Fonologia Introdutória à Língua Katukína (Páno)	Luízete Guimarães de Barros	M	Unicamp

1989	Aspectos da língua Pirahã e a noção de polifonia	Maria Filomena Spatti Sândalo	M	Unicamp
1991	Tom, entonação e acento de intensidade na língua sí-makonde: bases para um estudo morfotônico	Marcelino Marta Liphola	M	Unicamp
1992	O suprasegmental em Tikuna e a teoria fonológica, v. I - Investigação de aspectos da sintaxe Tikuna, v. II - Ritmo	Marília Lopes da Costa Facó Soares	D	Unicamp
1992	A fonologia segmental e aspectos morfotônicos da língua Makurap (Tupi)	Alzerinda de Oliveira Braga	M	Unicamp
1996	Análise prosódica das inserções parentéticas no corpus do projeto da gramática do português falado	Luciani Ester Tenani	M	Unicamp
1996	Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem	Lourenço Chacon Jurado Filho	D	Unicamp
1997	Resolução de choques de acento no português brasileiro: elementos para uma reflexão sobre a interface sintaxe-fonologia	Elaine Silveira Ferreira Abousalh	M	Unicamp
1997	Fonética e fonologia do Suruwahá	Edson Massamiti Suzuki	M	Unicamp
1997	O papel da sílaba e da mora na organização rítmica do japonês	Elza Taeko Doi	D	Unicamp
1999	A alternância de [ẽ] ~ [e] no português falado na cidade de Caxias, MA	Maria Francisca Ribeiro de Araújo	M	Unicamp

Tabela 3.6: Pesquisas orientadas por Maria Bernadete Marques Abaurre.

As pesquisas sob sua orientação têm como tema, em sua grande parte, a língua portuguesa e línguas indígenas, além de uma língua do grupo bantu, o sí-makonde, e dois trabalhos ligados ao japonês.

A primeira pesquisa listada, *Algumas considerações sobre o problema da abstração das representações fonológicas* (1977), de Sirio Possenti, é um ponto fora da curva em relação às pesquisas em nosso *corpus*. Praticamente todas as pesquisas das quais aqui tratamos versam sobre *dados*, ou seja, utilizam tal ou qual teoria para analisar uma língua específica, mas o mestrado de Possenti é claramente voltado para a *teoria*, o debate teórico sobre a adequação de certos modelos para certas análises<sup>7</sup>.

Também é interessante notar a marcação do ponto de vista teórico na segunda pesquisa orientada por Abaurre, cujo título é *O acento em português: estudo de algumas*

<sup>7</sup>Trataremos dessa questão em mais detalhes na seção 4.2.1.



*mudanças no modelo da fonologia gerativa* (1978), de Iara Bemquerer Costa. Esse tipo de marcação clara do ponto de vista teórico não aparece nos outros títulos, da mesma forma que observamos nos trabalhos orientados por Paulino Vandresen.

### 3.3.5 Anthony Julius Naro (nascido em 1942)

Anthony Julius Naro, estadunidense, graduou-se em matemática pela *Polytechnic University* nos EUA e cursou seu doutorado também em seu país de origem, sob a orientação de Paul Kiparsky (nascido em 1941), no *Massachusetts Institute Of Technology* – MIT. O título de sua pesquisa foi *History of Portuguese Passives and Impersonals*<sup>8</sup> (1968). Segundo o site pessoal<sup>9</sup> de Kiparsky, um dos fundadores da Fonologia Lexical, a pesquisa de Naro foi a primeira realizada sob sua orientação.

Segundo RODRIGUES & ALTMAN (2000, p. 19), Naro foi trazido ao Brasil por um esforço conjunto dos linguistas da época no país (como o próprio Rodrigues e Mattoso Câmara Jr.). Chegou ao Brasil em 1972<sup>10</sup> para trabalhar, com o intuito de ensinar Linguística Histórica (RODRIGUES & ALTMAN, 2000, p. 21). Sobre o começo da atuação de Naro no Brasil, BISOL (2006, p. 454) afirma o seguinte:

[...] Naro estabeleceu-se no Brasil ao redor dos anos setenta, introduzindo a teoria da variação no programa da UFRJ. Sob sua orientação, começam a surgir dissertações e teses que se detêm na alofonia do português brasileiro. A vibrante e suas realizações, a vogal pretônica em dialetos em que prevalece a vogal média baixa, os ditongos variáveis, a harmonização vocálica e o S pós-vocálico foram os primeiros focos deste tipo de estudo que, valendo-se da metodologia laboviana, estendeu-se para outras áreas da gramática, graças ao papel pioneiro de Anthony Naro, contribuindo expressivamente para a descrição do português brasileiro. (BISOL, 2006, p. 454)

As pesquisas presentes em nosso *corpus* orientadas por Naro têm como tema a língua portuguesa, e foram realizadas na PUC-RJ e na UFRJ:

Ano	Título	Autor	M/D	Univ.
1978	Aspectos da variação fonológica na fala dos analfabetos do Rio de Janeiro	Sebastião Josué Votre	D	PUC-RJ

<sup>8</sup>Cf. <http://lattes.cnpq.br/4161994799982051>.

<sup>9</sup>Cf. <https://web.stanford.edu/~kiparsky/>.

<sup>10</sup>Naro já havia estado no Brasil antes, tendo convivido com Câmara Jr., mas veio para o país definitivamente depois da morte de Mattoso. Na época, Naro estava em Angola, estudando o português e línguas africanas (RODRIGUES & ALTMAN, 2000, p. 19-20).



1980	Variação e distribuição da vibrante na fala urbana do Rio de Janeiro (co-orientação; o orientador foi Celso Ferreira da Cunha)	Dinah Maria Isensee Callou	D	UFRJ
1980	Variação fonológica na fala de Mato Grosso: um estudo sociolinguístico	Maria Luíza Canavarros Palma	M	PUC-RJ
1981	Harmonização vocálica: uma regra variável	Leda Bisol	D	UFRJ
1981	A metafonia em português	Edwaldo Machado Cafezeiro	D	UFRJ
1989	As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador (coorientação; o orientador foi Celso Ferreira da Cunha)	Myrian Barbosa da Silva	D	UFRJ

Tabela 3.7: Pesquisas orientadas por Anthony Julius Naro.

Destacamos o fato de que Naro foi orientador<sup>11</sup> da pesquisa de doutorado de Leda Bisol, que realizou a pesquisa *Harmonização vocálica: uma regra variável* (1981) e é uma das pesquisadoras com mais orientações listadas em nosso *corpus*, como pode ser visto na seção 3.3.15.

Além disso, é notável o número de universidades brasileiras e estrangeiras nas quais Naro atuou como professor visitante. Por meio de seu Currículo Lattes, podemos verificar que em território brasileiro ele atuou, além das já citadas PUC-RJ e UFRJ, na PUC-RS (1976-1977), na UnB (1978, 1981, 1983) e na Universidade Federal de Sergipe (1987-1988). No exterior, na *University of California at Los Angeles*, Estados Unidos (1982), na *Università Di Roma La Sapienza*, Itália (1990) e na *University of Pennsylvania*, Estados Unidos (1992-1993).

### 3.3.6 Regina Célia Pagliuchi da Silveira (nascida em 1942)

Regina Célia Pagliuchi da Silveira fez sua graduação (1963) na PUC-SP e foi orientanda de mestrado<sup>12</sup> de Cidmar Teodoro Pais, com a pesquisa *Comportamento fonético-fonológico da língua na televisão paulista* (1970), defendida na USP. As pesquisas elencadas na tabela a seguir, orientadas por Pagliuchi da Silveira, foram realizadas na PUC-SP, universidade na qual ela trabalha desde 1966.

<sup>11</sup>Naro também foi o orientador da pesquisa de mestrado de Bisol: *Predicados complexos do Português - uma análise transformacional* (1972), em outra área da Linguística.

<sup>12</sup>Seu doutorado foi realizado na PUC-SP, mas não na área de Fonética e Fonologia, uma vez que sua pesquisa se relacionou com as áreas de Sintaxe e Semântica: *Um Estudo Sintático-Semântico de Causa e Consequência em Português* (1974).

Ano	Título	Autor	M/D	Univ.
1978	Um estudo do acento do português	Regina Buongiorno	M	PUC-SP
1978	Um estudo dos ditongos orais em português	Mário César Alves Lemes de Moraes	M	PUC-SP
1979	Um estudo dos encontros consonantais do português	Váleuska França Cury	M	PUC-SP
1979	Um estudo dos fonemas /s/, /z/ e das letras ‘s’, ‘ss’, ‘ç’, ‘ç’ e ‘z’ em português	Lêda Teresinha Martins	M	PUC-SP
1980	Um estudo do tritongo em português: contribuições a uma teoria da sílaba portuguesa	Silvia Inês Coneglian de Vasconcelos	M	PUC-SP
1991	O acento e as formas nominais do português	Angela Marina Sivieri	M	PUC-SP

Tabela 3.8: Pesquisas orientadas por Regina Célia Pagliuchi da Silveira.

As pesquisas listadas são sobre a língua portuguesa. É curioso notar que várias delas têm o título igual no começo: “um estudo”. Isso pode ser interpretado, talvez, como uma precaução em enfatizar o caráter preliminar das pesquisas realizadas, como um produto não final, mas sim como uma sondagem do fenômeno estudado em cada uma delas.

### 3.3.7 Jean-Pierre Angenot (1941-2018)

Jean-Pierre Angenot<sup>13</sup> trabalhou em várias universidades brasileiras. Como professor visitante, atuou na UFBA (1975-1979, 1988, 1995), na PUC-Campinas (1978-1979), na UFRJ (1979), na UnB (1986) e na UFPA (1991). Já na UFSC (1979-1994) e na UNIR (1994-2018) trabalhou como professor titular. Sua graduação foi realizada na Bélgica, e ele possui dois mestrados (um na Bélgica, em 1966, e um no Congo, em 1968) e dois doutorados (um na Holanda, em 1971, e um na Bélgica, em 1975), além de vários pós-doutorados em países diferentes, o que demonstra uma grande experiência internacional<sup>14</sup>.

Em seu Currículo Lattes<sup>15</sup>, a última atualização, de 2014, informa que ele tinha vínculo de trabalho com a Universidade Federal de Rondônia e com a Universidade

<sup>13</sup>A informação sobre sua data de nascimento e falecimento foram retiradas de <http://www.etnolinguistica.org/autor:jean-pierre-angenot>.

<sup>14</sup>Trabalhou também como professor visitante nas seguintes universidades e instituições: *Universidad de Buenos Aires*, Argentina, 1987; *Université de L'état à Mons*, Bélgica, 1982 e 1987; Universidade de Viena, Áustria, 1987; *Universitat Wuppertal*, Alemanha, 1988; *Academia das Ciências Soviéticas*, Rússia, 1988-1989 e *Université de Provence Aix Marseille 1*, França, 1998-2001.

<sup>15</sup>Cf. <http://lattes.cnpq.br/5474758756542201>.

Agostinho Neto de Luanda, em Angola, naquele momento.

Ano	Título	Autor	M/D	Univ.
1979	Umlautizações	Maria Vitoria Alves de Oliveira	M	UFBA
1979	O status do glide no grego ático: uma abordagem de acordo com a fonologia natural pura	Apparecido Alciso Maglio	M	PUC-Campinas
1979	Um caso de português tonal no Brasil? (coorientação; a orientadora foi Andrietta Lenard)	Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa	M	UFSC
1982	Inversão silábica: um jogo linguístico	Claudete Lucyk	M	UFSC
1989	Variação fonoestilística das vogais postônicas finais: idioleto de um dialeto do português brasileiro falado em SC	Valdir Vegini	M	UFSC
1990	A prosódia do maternalês na língua portuguesa	Rute Maria Coelho Amorim	M	UFSC
1992	O som da fala dos pescadores de Cametá	Regina Célia Fernandes Cruz Trindade	M	UFSC
1993	Asheninca-ucayali: morfologia & fonologia	Gabriela Victoria Garcia Salazar	M	UFSC
1993	Fonologia sincrônica e diacrônica do Baniwa-Siusi: um tratamento não-linear	Maria Cristina Victorino de França	M	UFSC
1994	Análise prosódica da Língua Dâw (Maku-Kamã) numa perspectiva não-linear	Valteir Martins	M	UFSC
1995	Aspectos da fonética, da fonêmica e do léxico da língua Moré (família Txapakúra)	Diocelma Maria Muller	M	UFSC
1995	Atualização fonética da proeminência acentual em Baniwa-Hohodene: parâmetros físicos	Iara Maria Teles	D	UFSC
1995	Classificação das línguas Maipure/Arawak do grupo continental	Valdir Vegini	D	UFSC
2000	Descrição fonológica e lexical do dialeto “Kaw Tayo” (Kujubi) da língua Moré	Iris Rodrigues Duran	M	UNIR
2000	Descrição preliminar do Oro Eo: um caso de sílaba embutida no onset	Cláudia Teles Maeda	M	UNIR

Tabela 3.9: Pesquisas orientadas por Jean-Pierre Angenot.

Os temas das pesquisas são bastante variados, tanto no que se refere às línguas estudadas quanto a abordagem de cada pesquisa, aparentemente. Em seu Currículo

Lattes, várias áreas de atuação estão listadas: Teoria e Análise Linguística, Linguística Histórica, Línguas Indígenas Amazônicas, Linguística Africana Bantu e Etnolinguística Afro-diaspórica.

A partir de 1993, as línguas estudadas nas pesquisas são línguas indígenas, enquanto antes dessa data temos trabalhos sobre o português brasileiro, o grego, e duas pesquisas que não citam a língua estudada em seus títulos (*Umlautizações*, de 1979 e *Inversão silábica: um jogo linguístico*, de 1982).

### 3.3.8 Yonne de Freitas Leite (1935-2014)

Como mencionado na seção 2.2, segundo RODRIGUES (2005, p. 24) a única possível seguidora direta dos estudos de Mattoso Câmara Jr. foi Yonne de Freitas Leite. Ela realizou seu doutorado nos Estados Unidos, com a tese *Portuguese stress and related rules* (1974), como listado em nosso apêndice B, e segundo RODRIGUES & ALTMAN (2000, p. 18) foi a primeira pessoa no Brasil a ter um emprego como linguista, apesar de o título oficial do cargo de então ser ligado à antropologia.

O interesse de Leite pelo estudo de línguas indígenas se deu durante sua primeira estadia nos Estados Unidos, pois até então ela achava que não existiam mais índios vivos no Brasil, e que não havia línguas indígenas para serem ainda estudadas no país (FRANCHETTO & VIEIRA, 2013).

As pesquisas orientadas por Leite foram realizadas na UFRJ, com temática ligadas a línguas indígenas, a língua portuguesa e as relações do português com o inglês:

Ano	Título	Autor	M/D	Univ.
1979	O sândi vocálico externo no dialeto carioca	Tania Conceição Clemente de Souza	M	UFRJ
1979	A perda da nasalidade e outras mutações vocálicas em Kokama, Asurini e Guajajara	Marília Lopes da Costa Facó Soares	M	UFRJ
1980	Língua Kaxuyana: fonologia segmental e afixos nominais	Ruth Wallace de Garcia Paula	M	UFRJ
1981	A acentuação dos nomes em compostos em inglês e o ensino para estrangeiros	Carolyn M. Davies	M	UFRJ
1984	Os empréstimos do inglês no português do Brasil: algumas estratégias de adaptação	Myrian Azevedo de Freitas	M	UFRJ
1990	As pretônicas na variedade mineira juizdeforana	Elzimar Cesar de Castro	M	UFRJ
1990	Descrição e análise da redução das palavras proparoxítonas	Válmir Pereira Cai-xeta	M	UFRJ

---

*Tabela 3.10:* Pesquisas orientadas por Yonne de Freitas Leite.

Apesar das poucas obras aqui listadas, sabe-se que a produção de conhecimento de Leite e sua dedicação à área de Linguística no Brasil foi grande. Entretanto, de fato, ela não orientou muitas pesquisas formalmente (se comparada com outros pesquisadores sobre os quais também tecemos comentários neste texto):

Pesquisadora 1A do CNPq, Yonne formou 10 mestres e duas doutoras, embora tenha coorientado informalmente muitos, o que a fez conhecida entre colegas e ex-alunos pela generosidade e disponibilidade. (FRANCHETTO & VIEIRA, 2013, p. 67)

Mesmo sem uma rede extensa de orientandos, Leite foi figura importante tanto nos sobre línguas indígenas quanto no estabelecimento dos estudos linguísticos no Brasil.

### 3.3.9 Giles Lothar Istre (1927-1999)

Giles Lothar Istre não possui registro na plataforma do Currículo Lattes, por isso não pudemos seguir seu percurso acadêmico como o fizemos com outros pesquisadores<sup>16</sup>.

Em seu trabalho de doutorado, entretanto, há uma espécie de memorial ao final, o que nos permitiu ter conhecimento de sua trajetória profissional até o momento do doutorado, cujo título é *A Phonological Analysis of a Brazilian Portuguese Interior Dialect*, defendido em 1971 na *Louisiana State University and Agricultural and Mechanical College*, nos Estados Unidos, e disponível em <[https://digitalcommons.lsu.edu/gradschool\\_disstheses/1994/](https://digitalcommons.lsu.edu/gradschool_disstheses/1994/)>.

Istre, estadunidense, se graduou pela *Southwestern Louisiana Institute* em 1955, com o título de bacharel em Educação Artística<sup>17</sup>. Trabalhou como artista comercial para uma agência de publicidade, como cartógrafo para empresas de petróleo e como auxiliar de engenharia do Departamento de Rodovias do Estado da Louisiana entre 1952 e 1959. Entre 1960 e 1964 foi professor de inglês no ITA em São José dos Campos (ISTRE, 1971, p. 300).

Não pudemos traçar qual foi o caminho profissional percorrido por Istre posteriormente, mas sabemos que seu doutorado foi defendido em 1971, e em sua tese ele menciona viagens ao Vale do Paraíba, mais especificamente a São Luiz do Paraitinga, em 1969, para

---

<sup>16</sup>Agradeço à Prof. Dra. Izabel Christine Seara (UFSC) por ter me fornecido as informações sobre o ano de nascimento e de falecimento de Giles Lothar Istre, que foi seu orientador de mestrado e também em grande parte do doutorado, durante o qual ele faleceu.

<sup>17</sup>“Bachelor of Arts degree in Art Education”, em inglês.

a coleta de dados para análise. Na tabela a seguir vemos que as pesquisas orientadas por ele começaram a ser defendidas na década de 1980.

Ano	Título	Autor	M/D	Univ.
1980	Uma primeira abordagem para uma teoria de silabação	Josênia Vieira da Silva	M	PUC-RS
1985	Estudo da supressão do /R/ em Tubarão e Capivari (SC)	Leonilda Aparecida Tonin Hidalgo	M	UFSC
1991	Análise acústica das vogais orais do português de Florianópolis - Santa Catarina	Ronaldo Lima	M	UFSC
1991	Análise da duração das vogais orais do português de Florianópolis - Santa Catarina	Cláudia Borges de Faveri	M	UFSC
1991	O estudo do VOT da língua portuguesa falada por bilíngues dominantes em língua alemã	Verena Marga Hense Jungklaus	M	UFSC
1994	Estudo estatístico dos fonemas do português falado na capital de Santa Catarina para elaboração de frases foneticamente balanceadas	Izabel Christine Seara	M	UFSC
1995	Os sons e a sílaba da língua Wapichana, uma perspectiva não-linear	Manoel Gomes dos Santos	M	UFSC
1995	Fonologia da língua Yuhup: uma abordagem não-linear	Aurise Brandão Lopes	M	UFSC

*Tabela 3.11:* Pesquisas orientadas por Giles Lothar Istre.

As primeiras pesquisas são sobre o português (e mais especificamente sobre o português de Santa Catarina, no geral). As duas últimas pesquisas listadas, de 1995, são sobre línguas indígenas. Na seção 3.3.7 vimos que as pesquisas orientadas por Jean-Pierre Angenot, na UFSC, também se voltaram para línguas indígenas no início da década de 1990, assim como as de Paulino Vandresen (seção 3.3.3) no final da década de 1990. Tentaremos explorar essa questão com mais detalhes na seção 4.2.2, sobre os trabalhos defendidos na UFSC.

### 3.3.10 Luiz Carlos Cagliari (nascido em 1945)

Luiz Carlos Cagliari tem uma trajetória bastante ampla no meio acadêmico, que perpassa importantes universidades e vários temas de estudo. Em seu Currículo Lattes, o próprio pesquisador informa:

Sou professor aposentado da UNICAMP. Com 70 anos, fui aposentado pela UNESP, seguindo a lei vigente em 21/07/2015. Mantive um grupo de pesquisa em fonética acústica FONAC até julho de 2020. Estou com um novo grupo em formação chamado GRUPA, que agrega pesquisadores e alunos de vários estados do Brasil. O objetivo é o estudo da alfabetização nos seus mais diferentes aspectos. Atualmente, tenho me dedicado ao estudo das questões linguísticas e da história da alfabetização. Tenho também como área de pesquisa a semântica cognitiva.<sup>18</sup>

Seu mestrado foi realizado na Unicamp, *A palatalização em português: uma investigação palatográfica* (1974), e seu doutorado na Escócia, *An experimental study of nasality with particular reference to brazilian portuguese* (1978).

Após o retorno da Escócia, foi o responsável por adquirir importantes equipamentos para os estudos na área de Fonética na Unicamp, e ministrou aulas sobre vários temas gerais e específicos, como “entoação, ritmo, fonética e terapia da fala, fonética acústica, análise instrumental da fala, lingüística computacional e cursos de treinamento de produção e transcrição dos sons da fala.” (MASSINI-CAGLIARI, 2006, p. 14).

As orientações listadas na tabela a seguir foram realizadas em duas universidades diferentes (Unicamp e UFMG).

Ano	Título	Autor	M/D	Univ.
1981	O papel da entoação do português brasileiro na descrição de atos de fala	Josefa Freixa Pascual Rizzo	M	Unicamp
1984	Aspectos entoacionais do português de Belo Horizonte	César Augusto da Conceição Reis	M	UFMG
1986	Descrição fonética e análise de alguns problemas fonológicos da língua Krenak	Thaís Cristóforo Alves da Silva	M	UFMG
1986	Estudo Fonético em crianças fissuradas de zero a três anos	Sandra Regina Oliveira Chiquetti	M	Unicamp
1988	Pelas falas do Canto: uma etnografia	Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa	D	Unicamp
1991	Estudo descritivo de alguns aspectos da fala de sujeitos portadores de fissura lábio-palatina	Scheila Maria Leão Braga	M	Unicamp
1993	Siwja mekaperera: Suyá – a língua da gente – “um estudo fonológico e gramatical”	Marymarcia Guedes	D	Unicamp
1994	A linguagem da comunidade Tirolesa-trentina: da cidade de Piracicaba – SP	Maria Luisa de Almeida Leme	M	Unicamp

<sup>18</sup>Informação disponível em <http://lattes.cnpq.br/9965718421533502>. Acesso em: 24 fev. 2021.

1994	Análise espectrográfica de um texto: uma contribuição aos estudos acústicos do Português do Brasil	Nilceni Silveira Vieira	M	Unicamp
1995	Morfologia e Fonologia lexical do português do Brasil	Seung Hwa Lee	D	Unicamp

Tabela 3.12: Pesquisas orientadas por Luiz Carlos Cagliariari.

A área da Fonética, especificamente, é bastante marcada em vários títulos. Também há pesquisas sobre línguas indígenas, uma realizada na UFMG, *Descrição fonética e análise de alguns problemas fonológicos da língua Krenak* (1986) e uma realizada na Unicamp, *Siwja mekaperera: Suyá – a língua da gente – “um estudo fonológico e gramatical”* (1993), universidade na qual, de fato, pesquisas sobre línguas indígenas são numerosas.

Além disso, notamos entre as pesquisas dois títulos que citam “fissura” na região articulatória lábio-palatal, *Estudo Fonético em crianças fissuradas de zero a três anos* (1986) e *Estudo descritivo de alguns aspectos da fala de sujeitos portadores de fissura lábio-palatina* (1991), o que indica pesquisas com certo grau de interdisciplinaridade<sup>19</sup>. Além disso, note-se que o título *Estudo Fonético em crianças fissuradas de zero a três anos* traz somente a Fonética (e não a Fonologia ou a intersecção entre as áreas) destacada como método do trabalho, o que não ocorre em muitos títulos listados em nosso *corpus*.

### 3.3.11 Eleonora Cavalcante Albano (nascida em 1950)

Eleonora Cavalcante Albano realizou seu doutorado nos Estados Unidos, com a pesquisa *Phonological and lexical processes in a generative grammar of portuguese* (1981). Sua formação no bacharelado (1973) foi na área de Psicologia, na UFRJ, e o mestrado, também na UFRJ, teve como tema a pesquisa intitulada *A negação na criança: reflexões sobre as bases empíricas da teoria transformacional* (1975). Na Unicamp, onde começou a trabalhar em 1983 e trabalha até hoje, fundou o Laboratório de Fonética e Psicolinguística, em 1991. Em apresentação sobre a trajetória dos estudos da área de Fonética na Unicamp (ALBANO, 2021), ela enfatiza o quanto a sua formação na área de Psicologia esteve (e está) presente na base de sua pesquisa linguística.

As pesquisas listadas na tabela a seguir mostram seu envolvimento com a área de aquisição da linguagem, com ênfase em aspectos fonéticos, dentre outros temas. Segundo a própria autora, seus trabalhos estão inseridos na “fronteira entre a Linguística, a Filosofia da Linguagem e as Ciências Cognitivas, com foco em Fonética-Fonologia”<sup>20</sup>.

<sup>19</sup>Em ambas as dissertações há agradecimentos a médicos de várias especialidades nas seções iniciais da dissertação, assim como aos hospitais e aos pacientes que estiveram envolvidos nas pesquisas.

<sup>20</sup>De seu Currículo Lattes, disponível em <http://lattes.cnpq.br/1698381352533184>.



Ano	Título	Autor	M/D	Univ.
1983	Aspectos metalingüísticos da capacidade de segmentação em crianças de 5 a 9 anos	Ana Paula Machado Goyano	M	PUC-SP
1983	Aspectos psicolinguísticos da percepção fonológica em crianças de 4 a 6 anos	Eunice Caldeira de Freitas Chaves Pacheco	M	PUC-SP
1989	A narração de futebol no Brasil: um estudo fono-estilístico	Zaldo Rocha Filho	M	Unicamp
1989	Fala e ação no cuidado materno ao bebê	Aglael Juliana Aparecida Gama Rossi	M	Unicamp
1990	Identificação de vogais: aspectos acústicos, articulatórios e perceptuais	Ricardo Molina de Figueiredo	M	Unicamp
1991	A duração no estudo do acento e do ritmo do português	Gladis Massini-Cagliari	M	Unicamp
1993	Uma outra face da Nau dos insensatos: a dificuldade de vozear obstruintes em crianças de idade escolar	Ivone Panhoca Levy	D	Unicamp
1994	Identificação de falantes: aspectos teóricos e metodológicos	Ricardo Molina de Figueiredo	D	Unicamp
1994	Para a caracterização fonético-acústica da nasalidade no português do Brasil	Elizabeth Maria Gigliotti de Sousa	M	Unicamp
1996	Para a descrição fonético-acústica das líquidas no português brasileiro: dados de um informante paulistano	Adelaide Hercília Pescatori Silva	M	Unicamp
1997	O papel das vogais reduzidas pós-tônicas na construção de um sistema de síntese concatenativa para o português do Brasil	Patrícia Aparecida de Aquino	M	Unicamp
1998	Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Je & teoria fonológica	Wilmar D'Angelis	D	Unicamp
1999	Relações entre desenvolvimento lingüístico e neuromotor: a aquisição da duração no português brasileiro	Aglael Juliana Aparecida Gama Rossi	D	Unicamp

Tabela 3.13: Pesquisas orientadas por Eleonora Cavalcante Albano.

Dentre as pesquisas orientadas por Eleonora Cavalcante Albano, realizadas na PUC-SP<sup>21</sup> e na Unicamp, destacamos a pesquisa *Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Je & teoria fonológica* (1998), que destoa da temática dos

<sup>21</sup>Albano trabalhou na PUC-SP entre 1981 e 1983.

outros títulos, por tratar de línguas indígenas. Wilmar D'Angelis, autor desta pesquisa, é um pesquisador importante na área de línguas indígenas no Brasil, e atua, também, na Unicamp.

As outras pesquisas orientadas por Albano se focam na área de aquisição da linguagem (na década de 1980) e parecem se voltar mais a estudos gerais sobre o português brasileiro a partir da década de 1990, apesar de os estudos sobre aquisição continuarem presentes.

### 3.3.12 Hildo Honório do Couto (nascido em 1941)

Hildo Honório do Couto realizou seu doutorado na Alemanha, na *Universität zu Köln*, com a pesquisa intitulada *Das Konsonantensystem des Guarani (O sistema consonantal do guarani, 1978*, que versou sobre o guarani do Paraguai). Seu percurso acadêmico posterior, apesar de ainda lidar com a área de fonologia, entretanto, foi mais focado na área geral de contato de línguas. Em seu Currículo Lattes, podemos ver as seguintes informações:

Graduado em Letras Vernáculas pela Universidade de São Paulo (1969), mestrado em Linguística pela Universidade de São Paulo (1973) e doutorado em Linguística pela Universitaet zu Köln (1978), Alemanha. Atualmente é Pesquisador Associado da Universidade de Brasília, tendo obtido o título de Professor Emérito em 12 de junho de 2017. Tem experiência nas áreas de Fonologia (em que se doutorou), Contato de Línguas, Crioulística e Ecolinguística, atuando principalmente nos seguintes temas: contato de línguas, relações entre língua e meio ambiente (Ecolinguística). Atualmente, está desenvolvendo, juntamente com colaboradores, a versão da Ecolinguística chamada Linguística Ecológica, que contém uma vertente para análise do discurso (Análise do Discurso Ecológica/Ecológica - ADE). [...] <sup>22</sup>

Seu interesse pelo contato de línguas se reflete nas pesquisas orientadas por ele, na UnB, como pode ser visto na seguinte tabela:

Ano	Título	Autor	M/D	Univ.
1983	Geminação e longura nas consoantes do subcódigo urucuiano de Buritis (MG)	Antonio Batista Pereira	M	UnB
1998	A sílaba no palanquero, crioulo espanhol da Colômbia	Eliane Soares de Rezende	M	UnB

<sup>22</sup>Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/7016153207130008>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

1999	A fonologia do dialeto cigano romanês de Contagem (MG)	Rita de Cássia de Camargos Vieira e Macedo	M	UnB
1999	Fonologia do português matogrossense: uma perspectiva crioulista	Ulisdete Rodrigues de Souza	M	UnB
2000	A fonologia segmental do sranan	Marcelo Domingos de Albuquerque	M	UnB

Tabela 3.14: Pesquisas orientadas por Hildo Honório do Couto.

As pesquisas orientadas por Hildo Honório do Couto apresentam variedade de línguas e temas. Das três ocorrências de idiomas crioulos que aparecem em nossa *corpus*, por exemplo, dois aparecem listados aqui: o palanquero e o sranan. Além disso, há uma pesquisa sobre o dialeto cigano romanês e uma pesquisa sobre o português com enfoque na área crioulista, *Fonologia do português matogrossense: uma perspectiva crioulista* (1999).

### 3.3.13 Marco Antônio de Oliveira (nascido em 1949)

BISOL (2006, p. 455) menciona Marco Antônio de Oliveira como um dos pesquisadores importantes na área de estudos de fonologia do português no Brasil, dizendo que “seus estudos sobre a difusão lexical são páginas que fazem parte da descrição do português brasileiro”.

Oliveira se graduou na UFMG em 1971, seu mestrado foi na Unicamp (*A sintaxe do verso esquecer(-se)*, 1975) e seu doutorado (*Variation and Change in Brazilian Portuguese: The case of the liquids*, 1983) na *University of Pennsylvania*, nos Estados Unidos, onde foi orientando de William Labov.

As pesquisas listadas a seguir foram todas realizadas na UFMG, universidade na qual Oliveira trabalhou entre 1981 e 2003.

Ano	Título	Autor	M/D	Univ.
1985	Aspectos do linguajar rural da região de Turmalina	Carolina do Socorro Antunes Santos	M	UFMG
1987	Sobre as condições da vocalização da lateral palatal no português	Evelyne Jeanne Andrée Angèle Madeleine Dogliani	M	UFMG
1987	Alçamento das vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística	Maria do Carmo Viagas	M	UFMG
1987	Rotacismo em grupo consonantal: uma abordagem sincrônica e diacrônica	Christina Abreu Gomes	M	UFMG

1994	O processo de segmentação da escrita	Gilcinei Teodoro Carvalho	M	UFMG
1995	Herrar é umano: uma visão linguística dos desvios ortográficos da nasalidade vocálica	Heloisa Rocha de Alkmim	M	UFMG
1998	A construção do sistema ortográfico: uma análise das variações de escrita em pontos de instabilidade silábica	Neiva Costa Toneli	M	UFMG
2000	A construção da representação gráfica da nasalidade na fase inicial da aquisição da escrita	Idalena Oliveira Chaves	M	UFMG

Tabela 3.15: Pesquisas orientadas por Marco Antônio de Oliveira.

Nas quatro últimas pesquisas listadas, da década de 1990, há menção ao estudo de questões ligadas à escrita.

### 3.3.14 Mehmet Sukru Yavas (data de nascimento não encontrada)

BISOL (2006, p. 455) menciona, em sua retrospectiva sobre o percurso dos estudos na área de Fonologia no Brasil, que Yavas esteve no país por 10 anos, entre 1980 e 1990, na PUC-RS, e que nessa época preparou acadêmicos para fazerem pesquisa na área de aquisição da linguagem ligada à Fonologia. De fato, Yavas foi orientador de Regina Ritter Lamprecht e Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, duas pesquisadoras que também aparecem nesta seção como orientadoras de outras pesquisas.

Em contato pessoal com a professora Carmen Matzenauer, obtivemos a informação de que Yavas nasceu na Turquia, e que após sair da PUC-RS foi para a *Florida International University*<sup>23</sup>. Assim como Giles Lother Istre, Yavas não tem cadastro na plataforma Lattes, e por isso não foi possível acessar seu perfil profissional por meio dessa plataforma, como fizemos com os outros pesquisadores aqui listados.

Ano	Título	Autor	M/D	Univ.
1986	Os processos nos desvios fonológicos evolutivos – estudo sobre quatro crianças	Regina Ritter Lamprecht	M	PUC-RS
1988	Uma proposta de análise de desvios fonológicos através de traços distintivos	Carmen Lúcia Barreto Matzenauer	M	PUC-RS

<sup>23</sup>No site da universidade é possível ver informações básicas sobre Yavas, no link <https://case.fiu.edu/about/directory/profiles/yavas-mehmet.html>. Entramos em contato com ele por meio do e-mail informado na página, para obter a data de nascimento, mas não obtivemos resposta.

1989	Perfil da aquisição normal da fonologia do português – descrição longitudinal de 12 crianças 2:9 a 5:5	Regina Ritter Lamprecht	D	PUC-RS
1990	Aquisição da fonologia do português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos	Carmen Lúcia Barreto Matzenauer	D	PUC-RS
1990	O desenvolvimento fonológico: estudo longitudinal sobre quatro crianças com idade entre dois anos e dois meses a dois anos e oito meses	Sulany Silveira dos Santos	M	PUC-RS
1990	Uma abordagem terapêutica baseada nos processos fonológicos no tratamento de crianças com desvios fonológicos	Helena Bolli Mota	M	PUC-RS
1991	As relações entre desvios fonológicos e produção escrita	Marlene Maria Ogliari	M	PUC-RS
1992	Desenvolvimento fonológico do português: descrição longitudinal de 6 crianças 2:8 a 3:2	Silvana Faccin da Rosa	M	PUC-RS

*Tabela 3.16:* Pesquisas orientadas por Mehmet Sukru Yavas.

As pesquisas orientadas por Yavas tiveram como tema a aquisição da linguagem, seja aquisição normal ou aquisição com desvios fonológicos.

Apesar de ter ficado apenas 10 anos no Brasil, Yavas teve importante papel na formação de pesquisadores locais, pois, como já mencionado, foi orientador de duas pesquisadoras que se tornaram importantes agentes na área de aquisição da linguagem no país posteriormente.

### **3.3.15 Leda Bisol (nascida em 1924)**

Leda Bisol, em entrevista publicada em 2013, esclarece que seu interesse pela Linguística começou ao ter contato com um minicurso ministrado por Mattoso Câmara Jr:

Meu interesse pela área começou no II Instituto Interamericano de Linguística, que se realizou no México, de 27 de novembro de 1967 a 02 de fevereiro de 1968, com minicursos ministrados por professores de diferentes partes do mundo, entre os quais Mattoso Câmara Jr. Foi o primeiro curso com o grande mestre. Encantada com a nova perspectiva de estudos da linguagem que se desvendava, pois de minha formação

trazia somente conhecimentos de Filologia, tomei, então, todas as providências para realizar o mestrado na área, o que veio a se tornar possível com a Pós-Graduação em Linguística, sob direção de Aryon Dall'Igna Rodrigues e colaboração de Mattoso Camara Jr., que se instituiu no Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde realizei o mestrado e o doutorado, não subseqüentemente. (COSTA & KELLER, 2013, p. 13)

Seu orientador no mestrado e doutorado foi Anthony Julius Naro, mas apenas seu doutorado, cujo título é *Harmonização vocálica: uma regra variável* (1981) está listado em nosso *corpus*, pois o mestrado não foi na área de Fonética e Fonologia, mas sim na área de Sintaxe, concluído em 1972.

Durante o doutorado, em 1979, Bisol estudou em Edimburgo, com importantes pesquisadores da área de Fonética, como Abercrombie e Laver (COSTA & KELLER, 2013, p. 13). Entretanto, não nos parece que as pesquisas orientadas por Bisol no Brasil tenham tido influência direta da época de estudos na Escócia, não sendo possível observar nos títulos dos trabalhos pesquisas que tenham pendido mais para técnicas de fonética experimental. Pelo contrário, vemos um foco bastante claro nas questões de fonologia.

A seguir, vemos a lista dos trabalhos orientados por Bisol que fazem parte do nosso *corpus*:

Ano	Título	Autor	M/D	Univ.
1987	Redução vocálica postônica e estrutura prosódica	Cristina Schmitt	M	UFRGS
1987	Variação Sociolingüística: uma revisão sobre a extensão da noção de variável fonológica a todos os níveis da gramática	Lourdes Hiratta	M	UFRGS
1990	A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não linear (coorientação; a orientadora foi Leci Borges Barbisan)	Dermeval da Hora Oliveira	D	PUC-RS
1992	A vibrante: representação e análise sociolingüística	Valéria Neto de Oliveira Monaretto	M	UFRGS
1993	Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha	Elisa Battisti	M	UFRGS
1993	A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear	Laura Rosane Quednau	M	UFRGS
1993	Um estudo do acento secundário em português	Gisela Collischonn	M	UFRGS
1994	Formação de ditongo em sílaba travada por /S/ na linguagem coloquial gaúcha	Vera Helena Dentee de Melo	M	UFRGS

1994	Neutralização das vogais médias postônicas	Maria José Blaskovski Vieira	M	PUC-RS
1995	A harmonia vocálica nos dialetos do sul do país: uma análise variacionista	Luís Carlos da Silva Schwindt	M	PUC-RS
1995	A ditongação variável em sílabas travadas por /S/	Lucia Lovato Leiria	M	PUC-RS
1996	A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre	Silvio Henrique Cabreira	M	PUC-RS
1997	Aspectos do sistema vocálico do português	Maria José Blaskovski Vieira	D	PUC-RS
1997	A nasalização no português brasileiro e a redução dos ditongos nasais átonos: uma abordagem baseada em restrições	Elisa Battisti	D	PUC-RS
1997	Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica	Valéria Neto de Oliveira Monaretto	D	PUC-RS
1997	Análise prosódica da sílaba em português	Gisela Collischonn	D	PUC-RS
1998	Elevação da vogal média átona final em comunidades bilingües: Português e Italiano	Suzana Damiani Roveda	M	PUC-RS
1998	Morfologia nominal do português: um estudo de fonologia lexical	Claudio Primo Alves Moreno	D	PUC-RS
1999	A lateral em coda silábica no Sul do Brasil	Maria Tasca	D	PUC-RS
1999	As proparoxítonas: teoria e variação	Marisa Porto do Amaral	D	PUC-RS
2000	A metafonía nominal (Português do Brasil)	Ana Ruth Moresco Miranda	D	PUC-RS
2000	O acento do latim ao português arcaico	Laura Rosane Quednau	D	PUC-RS
2000	O prefixo no português brasileiro: análise morfofonológica	Luiz Carlos da Silva Schwindt	D	PUC-RS
2000	A variação das oclusivas dentais na comunidade bilíngüe de Flores da Cunha: uma análise quantitativa	Marco Antônio Bomfoco de Almeida	M	PUC-RS

*Tabela 3.17: Pesquisas orientadas por Leda Bisol.*

Nessa tabela, temos 24 trabalhos listados. As pesquisas se concentram no português do Brasil, com especificidades sobre vogais e consoantes, e com especial atenção à variedade do português falada no Sul do país, e foram realizadas na UFRGS e na PUC-RS,

universidades com as quais Bisol tem relação<sup>24</sup>.

Em uma pesquisa no fim da década de 1990, podemos ver uma marcação de viés teórico diferente dos outros trabalhos (que normalmente trazem a variação e a sociolinguística marcada em seus títulos). Trata-se de *Morfologia nominal do português: um estudo de fonologia lexical* (1998), de autoria de Claudio Primo Alves Moreno.

Cabe aqui ressaltar também a importância que Leda Bisol teve na formação de vários pesquisadores que são (ou foram) ativos na comunidade científica que atua nas áreas de Fonética e Fonologia no momento em que escrevemos esta tese (2021). Nomes como Dermeval da Hora Oliveira, Elisa Battisti, Gisela Collischonn (1964-2016), Luís Carlos da Silva Schwindt, entre outros, são pesquisadores reconhecidos que aparecem nessa lista de orientandos de Bisol, dentro de nosso escopo temporal.

### 3.3.16 Maria do Socorro Silva de Aragão (nascida em 1940)

Maria do Socorro Silva de Aragão se graduou em 1959, pela então chamada Universidade regional do Nordeste (hoje Universidade Estadual da Paraíba), e realizou seu mestrado (*Notas a uma análise fonético-fonológica do sistema linguístico regional da Paraíba*, 1973) e doutorado (*Sistema, norma e diassistema no falar regional da Paraíba*, 1974) na USP, sob a orientação de Cidmar Teodoro Pais.

Trabalhou na UFPB entre 1974 e 1994 (e desde 2006 está novamente ligada à universidade) e trabalha na UFC desde 1995. Foi a primeira pessoa a presidir o GELNE (Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste), entre 1977 e 1981, e no geral foi uma importante agente para os estudos linguísticos no Nordeste:

Na Universidade Federal da Paraíba fundou, em 1975, o primeiro curso de Pós-Graduação em Letras de todo o Norte e Nordeste do Brasil, curso que recebeu alunos não só dessas regiões mas de todo o país. Com recursos do CNPq e da FINEP, para a pesquisa do Atlas Lingüístico da Paraíba, fundou o primeiro Laboratório de Fonética do Norte e Nordeste, com equipamentos importados dos Estados Unidos. (SOARES, 2000, p. 7)

Não temos maiores detalhes desse Laboratório de Fonética fundado pela professora Aragão, mas, como vimos no Capítulo 2, Nelson Rossi fundou um Laboratório de Fonética na UFBA, em 1957, que aparentemente teve uma vida curta, mas existiu, de qualquer forma. Então, talvez esse laboratório criado por Aragão possa ter sido o primeiro em uma época

---

<sup>24</sup>De seu Currículo Lattes, disponível em <http://lattes.cnpq.br/2850948628761143>: “Professora aposentada da UFRGS; foi professora do pós-Graduação da PUCRS e, atualmente, professora colaboradora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.”



em que a Fonética e a Fonologia já gozavam de maior reconhecimento institucionalizado em nosso país, mas não o primeiro do Nordeste.

A seguir, temos a lista das pesquisas orientadas por Aragão em nosso escopo temporal, defendidas na UFPB e UFC.

Ano	Título	Autor	M/D	Univ.
1988	Análise contrastiva aplicada ao português e espanhol – abordagem fonético-fonológica	Judite Amaral de Medeiros Vieira	M	UFPB
1993	Pelo microfone: inserção e desvios do falar regional na pronúncia de jornalistas de rádio e TV em João Pessoa	Márcia Rafaela Arnold	M	UFPB
1993	Atlas Lingüístico da Paraíba - Uma Leitura das Cartas Léxicas e Fonéticas	Nadege da Silva Dantas	M	UFPB
1997	A Linguagem Regional Popular na Obra de Patativa do Assaré: Aspectos Fonético-Lexicais	Maria Silvana Militão de Alencar	M	UFC
2000	A monotongação na norma culta de Fortaleza	Aluiza Alves de Araújo	M	UFC

Tabela 3.18: Pesquisas orientadas por Maria do Socorro Silva de Aragão.

Aragão está ligada aos estudos que há décadas vêm sendo realizados para construir um Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)<sup>25</sup>, e algumas das pesquisas listadas refletem isso. As pesquisas orientadas por ela têm características diversas, mas têm o português, e as variedades do português, como ponto em comum.

### 3.3.17 Marita Pôrto Cavalcante (nascida em 1941)

Marita Pôrto Cavalcante se graduou pela UFPR em 1963, realizou seu mestrado na PUC-SP (*Um estudo sobre a formação de TAGS no português*, 1972) e o doutorado pela Unicamp (1987), sob a orientação de Aryon Dall’igna Rodrigues, com a pesquisa *Fonologia e morfologia da língua Kaingang: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná*.

Sua carreira profissional foi na UFG, universidade onde trabalha desde 1987. Na tabela a seguir vemos a lista de pesquisas listadas no nosso *corpus* orientadas por ela:

Ano	Título	Autor	M/D	Univ.
1990	Aspectos fonológicos da variedade linguística de Barra do Garças	Marly Magalhães	M	UFG

<sup>25</sup>Informações sobre esse projeto podem ser consultadas em <<https://alib.ufba.br/>>. Consultado em: 29 jun. 2021.

1992	Aspectos fonético-fonológicos do ditongo na variedade lingüística de Abadia de Goiás	Lacordaire Vieira da Silva	M	UFG
1994	Aspectos fonético-fonológicos da variedade lingüística usada pelos alunos do Colégio de Aplicação da UFG no início do processo de alfabetização	Diva B. dos Anjos	M	UFG
1995	Aspectos fonético-fonológicos da variedade lingüística de alfabetizando adultos	Ormezinda Gervásio	M	UFG
1996	Elementos de fonologia Avá-Canoeiro	Anivaldo Paiva	M	UFG
1996	O atual sistema vocálico do Francês Padrão	Luiz Maurício Rios	M	UFG
1999	A frase fonológica numa variedade lingüística goiana	Irene Zasimovicz Pinto Calaça	M	UFG

Tabela 3.19: Pesquisas orientadas por Marita Pôrto Cavalcante.

Os trabalhos orientados por Cavalcante, ao longo da década de 1990, tratam de assuntos variados. Notemos que os primeiros quatro trabalhos, até 1995, trazem no começo de seus títulos a palavra “aspectos”, e que o primeiro trabalho fala apenas em aspectos fonológicos, enquanto os outros são sobre aspectos fonético-fonológicos, e os três primeiros tratam de variedades do português de Goiás. Em 1996 temos um trabalho sobre uma língua indígena, o Avá-Canoeiro, e também um trabalho sobre o francês. Por fim, em 1999, temos mais um trabalho sobre uma variedade do português de Goiás.

### 3.3.18 João Antônio de Moraes (nascido em 1952)

João Antônio de Moraes realizou graduação em Letras (1971-1975) e em Medicina (1970-1976) em épocas concomitantes, no Rio de Janeiro. Posteriormente, realizou mestrado e doutorado na França. Seu mestrado teve como título *Projet de Questionnaire pour l'Atlas Linguistique de l'Etat de Rio de Janeiro* (1979) e sua tese de doutorado se intitula *Recherches sur l'intonation modale du portugais brésilien parlé à Rio de Janeiro* (1984).

Ano	Título	Autor	M/D	Univ.
1991	Aspectos prosódicos na conversação	Edson Mota de Moura	M	UFRJ
1995	Prosódia e sintaxe: delimitação e contraste de estruturas	Myrian Azevedo de Freitas	D	UFRJ
1996	A acústica das vogais orais no dialeto carioca: a voz feminina	Monica Tavares Orsini	M	UFRJ

1997	Focalização no português do Brasil (coorientação; a orientadora foi Marília Lopes da Costa Facó Soares)	Carlos Alexandre Victorio Gonçalves	D	UFRJ
2000	O fenômeno prosódico da pausa e a organização temporal do discurso	Lilian Coutinho Yacovenco	D	UFRJ
2000	Entoação regional no português do Brasil	Cláudia de Souza Cunha	D	UFRJ

Tabela 3.20: Pesquisas orientadas por João Antônio de Moraes.

As pesquisas orientadas por ele foram realizadas na UFRJ, universidade na qual ele trabalha como professor desde 1988. As temáticas giram em torno de estudos prosódicos e de entoação e estão relacionadas ao português do Brasil.

### 3.3.19 Regina Ritter Lamprecht (nascida em 1943)

Regina Ritter Lamprecht é uma das pesquisadoras com mais orientações listadas (29), mesma quantidade de Aryon Dall’Igna Rodrigues. Ressaltamos o fato de que essas 29<sup>26</sup> orientações aconteceram em um período relativamente curto, apenas 9 anos, o que indica grande produtividade.

Ela se graduou em 1965, pela UFRGS, e realizou seu mestrado e doutorado pela PUC-RS, em 1986 e 1990, respectivamente. Sua pesquisa de mestrado teve como título *Os processos nos desvios fonológicos evolutivos – estudo sobre quatro crianças* e seu doutorado *Perfil da aquisição normal da fonologia do português – descrição longitudinal de 12 crianças 2:9 a 5:5*.

Ano	Título	Autor	M/D	Univ.
1991	Avaliação e tratamento fonológico de crianças portadoras de fissuras do lábio e do palato reparadas na faixa etária de 4 a 9 anos	Ana Paula Fadanelli Ramos	M	PUC-RS
1991	Síndrome afasia-epilepsia: aspectos fonológicos e neurofisiológicos	Mirna Helters Portuguesez	M	PUC-RS
1991	Influência da otite média tratada no desenvolvimento da fala	Valderez Scarrone de Souza	M	PUC-RS
1992	“Jacaré” ou “Krokodil”? : aquisição fonológica das consoantes líquidas por crianças bilíngues: português-alemão	Maria Cristina Varela-Fuhr	M	PUC-RS

<sup>26</sup>Em 2021, o número de orientações é muito maior, 68, como informado no próprio Currículo Lattes da pesquisadora: “Orientadora de 68 dissertações de mestrado e teses de doutorado concluídas e defendidas.”, em <http://lattes.cnpq.br/0695710695859433>.

1993	Aquisição fonológica do português em uma criança bilíngüe: estudo de caso	Miriam Coimbra	M	PUC-RS
1993	O desenvolvimento fonológico do português em crianças com idade entre 1:8 e 2:3	Susie Enke Ilha	M	PUC-RS
1993	Na aquisição da escrita pelas crianças ocorrem processos fonológicos similares aos da fala?	Noely Klein Varella	M	PUC-RS
1994	Aquisição normal e com desvios da fonologia do português: contrastes de sonoridade e de ponto de articulação	Cátia de Azevedo Fronza	M	PUC-RS
1994	Aquisição do parâmetro configuração de mão na Língua Brasileira dos Sinais (LIBRAS): estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos	Lodenir Becker Karnopp	M	PUC-RS
1995	Reincidência de desvios fonológicos na escrita de crianças	Rosangela Marostega Santos	M	PUC-RS
1996	Aplicação de um modelo de terapia fonológica para crianças com desvios fonológicos evolutivos: a hierarquia implicacional dos traços distintivos	Marcia Keske-Soares	M	PUC-RS
1996	Processos de estrutura silábica em crianças com desvios fonológicos: uma abordagem não-linear	Ana Paula Fadanelli Ramos	D	PUC-RS
1996	Descrição das substituições consonantais presentes nos desvios fonológicos evolutivos: uma abordagem autosegmental	Ana Valéria de Almeida Vaucher	M	PUC-RS
1996	Comparação entre o processo fonológico de assimilação encontrado na diacronia e na aquisição do português	Paulo Ricardo Silveira Borges	M	PUC-RS
1996	A aquisição do “r”: uma contribuição à discussão sobre seu status fonológico	Ana Ruth Moresco Miranda	M	PUC-RS
1996	Aquisição segmental do português: um modelo implicacional de complexidade de traços	Helena Bolli Mota	D	PUC-RS
1997	<i>Metaphonological ability to judge phonetic and phonological acceptability in five-year-old monolingual and bilingual children</i>	Miriam Coimbra	D	PUC-RS

1997	Os processos fonológicos de estrutura silábica no desenvolvimento fonológico normal e nos desvios fonológicos evolutivos	Andrea Cristina Rizzotto	M	PUC-RS
1997	Um estudo sobre o processamento auditivo em crianças portadoras de desvios fonológicos evolutivos	Simone Mariotto Roggia	M	PUC-RS
1998	Uma análise auto-segmental da fonologia normal: estudo longitudinal de 3 crianças de 1:6 a 3:0	Gilsenira de Alcino Rangel	M	PUC-RS
1998	Uma análise da ocorrência de metáteses na fala de crianças em fase de aquisição de linguagem	Bethânia Coswig Zitzke	M	PUC-RS
1998	Um estudo sobre a memória de trabalho em crianças com desvios fonológicos	Raquel Brodacz	M	PUC-RS
1998	A aquisição das líquidas laterais do português: um estudo transversal	Elen Jane Medeiros Azambuja	M	PUC-RS
1999	Aquisição dos fonemas na posição de coda medial do português brasileiro, em crianças com desenvolvimento fonológico normal	Carolina Lisbôa Mezzomo	M	PUC-RS
1999	A consciência fonológica na relação fala-escrita em crianças com desvios fonológicos evolutivos	Gabriela Ribeiro Castro Menezes	M	PUC-RS
1999	O nó laríngeo e o nó ponto de C no processo de aquisição normal e com desvios do português brasileiro	Cátia de Azevedo Fronza	D	PUC-RS
1999	Um paralelo entre percepção auditiva e os sistemas fonológicos de crianças surdas submetidas à fonoterapia de base oralista	Gabriela Martino Coronel	M	PUC-RS
1999	Aquisição fonológica na língua brasileira de sinais: estudo longitudinal de uma criança surda	Lodenir Becker Karnopp	D	PUC-RS
2000	Aquisição das líquidas não-laterais por crianças com desvios fonológicos evolutivos: descrição, análise e comparação com o desenvolvimento normal	Deisi Cristina Gollo Marques Vidor	M	PUC-RS

*Tabela 3.21:* Pesquisas orientadas por Regina Ritter Lamprecht.

As pesquisas orientadas por Regina Ritter Lamprecht estão todas concentradas na PUC-RS, e tem como temática, principalmente, a aquisição da linguagem (inclusive sobre

a Libras) e temas relacionados a problemas de linguagem advindos de *desvios fonológicos evolutivos* (nos termos da própria pesquisadora). Segundo, **LIER-DEVITTO (2013)**, “A pesquisa de Regina Lamprecht desenvolve-se, sem embaraços, nas esferas do normal e patológico (como se diz) e, contribui, por isso, de forma importante, para a discussão fonoaudiológica.”

### 3.3.20 Lucy Seki (1939-2017)

Lucy Seki teve um percurso acadêmico diferente dos outros pesquisadores sobre os quais também comentamos nesta tese, pois após concluir seu bacharelado (na área de História, pela UFMG), em 1962, foi para a Rússia, em 1963, e lá obteve os seus títulos de mestrado, *K opissaniju jazyka Kamaiura* (1969) e doutorado *Jazyk Kamaiurá - fonética, i fonologuija, kratkie svedenija o grammatike* (1973), ambos na Universidade da Amizade dos Povos Patrice Lumumba.

Em entrevista publicada posteriormente ao seu falecimento (**CRUZ & COELHO, 2018**), a autora detalha seu percurso acadêmico, e como chegou à área de línguas indígenas para fazer pesquisa. Ela afirma, por exemplo, que era comum os pesquisadores da área pensarem que Aryon Rodrigues teve relação direta com a formação dela, mas que isso não é verídico. Tendo tido suficiente preparação teórica sobre linguística na Rússia, Lucy Seki afirmava, entretanto, que preferia trabalhar com a descrição das línguas de uma forma mais direta, ligada à sociedade indígena em questão e à cultura daquele povo (**SEKI, 2011a**). Além disso, foi na Rússia que ela recebeu incentivo para trabalhar com línguas de seu próprio país, o que fez com que ela ingressasse nesse meio de pesquisa.

A língua a que mais se dedicou foi o Kamaiurá, mas as orientações listadas em nosso corpus, sobre Fonética e Fonologia, no escopo temporal que estudamos, apresentam também outras línguas<sup>27</sup>:

Ano	Título	Autor	M/D	Univ.
1992	Análise fonológica da língua Juruna	Cristina Martins Fargetti	M	Unicamp
1992	Aspectos fonológicos e gramaticais da língua Yawalapiti (Aruak)	Mitzila Isabel Ortega Mujica	M	Unicamp
1992	Análise do Wörterbuch der Botokudensprache	Benedita Aparecida Chavedar Araújo	M	Unicamp
1994	Fonologia e gramática do Aguaruna (Jívaro)	Angel Humberto Corbera Mori	D	Unicamp

<sup>27</sup>Lembremos que, assim como em outras áreas mais amplas, que englobam vários níveis de análise, os pesquisadores de línguas indígenas lidam com vários níveis diferentes de estudo das línguas. As orientações aqui listadas, portanto, não refletem o todo de seus trabalhos acadêmicos.

1997	Análise do sistema de marcação de caso nas orações independentes da língua Ikpeng	Cilene Campetela	M	Unicamp
1998	Mocovi (Guaicuru): fonologia e morfossintaxe	Cecilia Beatriz Gualdieri	D	Unicamp

Tabela 3.22: Pesquisas orientadas por Lucy Seki.

Todas as pesquisas foram realizadas na Unicamp, universidade na qual ela trabalhou desde 1977 até o seu falecimento, em 2017. Além disso, todas as pesquisas são sobre línguas indígenas, área para a qual Lucy Seki dedicou toda a sua vida acadêmica.

### 3.3.21 Elizabeth Reis Teixeira (nascida em 1950)

Elizabeth Reis Teixeira se graduou em 1973 pela PUC-RJ, e posteriormente realizou 2 mestrados: um nos Estados Unidos, finalizado em 1975, cujo título é *On the 'grammatica de lingoagem portuguesa'* e um outro em 1980, na Inglaterra, cujo título é *A study of articulation testing with special reference to Portuguese*. Seu doutorado foi realizado também na Inglaterra, finalizado em 1985, com a pesquisa intitulada *The acquisition of phonology in cases of phonological disability in portuguese-speaking subjects*.

A partir de 1985, Teixeira se estabeleceu como professora na UFBA, universidade na qual ela trabalha até hoje. A seguir, vemos a lista de pesquisas orientadas por ela nessa universidade.

Ano	Título	Autor	M/D	Univ.
1993	Oclusivização, anteriorização e ensurdecimento na aquisição fonológica do português: processos sistêmicos ou assimilatórios?	Vera Pedreira dos Santos Pepe	M	UFBA
1994	O processo de elisão das sílabas fracas no estágio inicial da aquisição fonológica em português	Carola Rapp	M	UFBA
1996	Processos fonológicos aquisicionais e processos fonológicos no crioulo da Guiné-Bissau: algumas relações	Norma Lúcia Fernandes de Almeida	M	UFBA
1998	O processo de simplificação do encontro consonantal na aquisição fonológica do português	Rosana Santos Dórea	M	UFBA
1999	Aquisição das fricativas iniciais em crianças de 1;04 a 4;04	Ivanete Cequeira de Freitas	M	UFBA
2000	As consoantes líquidas na aquisição do português	Renata Lemos Carvalho	M	UFBA

Tabela 3.23: Pesquisas orientadas por Elizabeth Reis Teixeira.

Os mestrados listados são sobre aquisição da linguagem, área na qual Teixeira trabalha. Além disso, podemos notar que as pesquisas se focam em processos fonológicos específicos, ou sobre certos segmentos.

### 3.3.22 Dário Fred Pagel (nascido em 1952)

Dário Fred Pagel se graduou em 1974 pela Fundação Universidade Regional de Blumenau, e realizou, posteriormente, mestrado e doutorado na França, pela *Université de Strasbourg*. Seu mestrado teve como título *Problèmes posés par l'acquisition du français par des élèves monolingues-bilingues à Blumenau* (1978) e seu doutorado *Étude acoustique des voyelles du portugais parlé à Blumenau à partir de la méthode sonographique* (1981).

Ele está ligado a pesquisas sobre o francês como língua estrangeira, e pelo que podemos verificar é bastante ativo na área de ensino de línguas (do francês, especificamente) no Brasil.

Dário Pagel é professor de Língua Francesa na Universidade Federal de Sergipe. Já foi professor na Universidade Federal de Santa Catarina; na Université Paris III e na Université Paris VII. Já foi presidente, por dois mandatos, da Federação Brasileira de Professores de Francês e da Federação Internacional de Professores de Francês. (RARAS, 2017, p. 234)

Pagel foi professor na UFSC entre 1982 e 2005. A partir de 2012, passou a ser professor na Universidade Federal do Sergipe. As pesquisas listadas a seguir, portanto, foram todas realizadas na UFSC, uma vez que nosso escopo temporal é até o ano 2000.

Ano	Título	Autor	M/D	Univ.
1995	Labialização das vogais orais do sistema vocálico francês por alunos brasileiros: caso particular /y/: estudo acústico	Célia Aparecida de Moraes	M	UFSC
1995	O alongamento das vogais /a/, /i/, /u/ e /õ/ no francês falado por estudantes brasileiros	Raquel Silvana Pinheiro	M	UFSC
1996	Estudo acústico da labialização das vogais francesas de média abertura por aprendizes brasileiros	Celina Maria Ramos Arruda Macedo	M	UFSC
1998	O acento rítmico francês realizado por estudantes brasileiros de nível iniciante e avançado: estudo acústico das vogais /a/, /i/ e /u/	Noêmia Guimarães Soares	M	UFSC



1998	Análise auditiva e acústica do fenômeno da ligação do francês com consoantes sonoras realizado por estudantes brasileiros	Albertina Rossi	M	UFSC
1998	Progressão das estratégias utilizadas por brasileiros para a realização das vogais /ã/ e /ẽ/ do francês: análise acústica e auditiva	Letícia Fraga	M	UFSC
1998	Variações temporais de vogais e consoantes em sílabas de padrão CV em enunciados em francês: estudo comparativo	Ana Lúcia Kretzer	M	UFSC

Tabela 3.24: Pesquisas orientadas por Dario Fred Pagel.

As pesquisas orientadas por Pagel se referem ao francês como língua estrangeira, e têm uma clara demarcação aos estudos relacionados com a área da Fonética, uma vez que termos como “estudo acústico” e “análise auditiva e acústica” são tradicionalmente mais ligados a essa área.

### 3.3.23 Carmen Lúcia Barreto Matzenauer (nascida em 1949)

Carmen Lúcia Barreto Matzenauer foi orientanda de Mehmet Sukru Yavas (cf. 3.3.14), e realizou seu mestrado (*Uma proposta de análise de desvios fonológicos através de traços distintivos*, 1988) e doutorado (*Aquisição da fonologia do português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos*, 1990) na PUC-RS.

Sua carreira profissional se deu em grande parte na UCPel, onde ela começou a trabalhar como docente em 1994 e ainda trabalha atualmente. Além disso, trabalhou também na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) entre 1978 e 1993, e desde 2019 trabalha novamente nessa universidade.

Ano	Título	Autor	M/D	Univ.
1996	O abaixamento das vogais /i/ e /u/ no português da campanha gaúcha	Luis Isaias Centeno do Amaral	M	UCPel
1997	A epêntese vocálica na interfonologia português/inglês	Paulo Roberto Couto Fernandes	M	UCPel
1997	Influência do espanhol na variação da lateral pós-vocálica do português na fronteira	Jorge Walter da Rocha Espiga	M	UCPel
1997	A palatalização na cidade de Santa Vitória do Palmar	Maria Pia Mendoza Sassi	M	UCPel

1998	A regra variável de nasalização da vogal pretônica /a/ na cidade de Pelotas	Teresa Pons Morelli	M	UCPel
1998	O processo de aquisição das vogais frontais arredondadas do francês por falantes nativos do português	Cintia da Costa Alcantara	M	UCPel
2000	A aquisição do ataque silábico complexo: um estudo sobre crianças com idade entre 2:0 e 3:7	Maria Carolina Alves Pereira Ávila	M	UCPel
2000	Epêntese diante do segmento [w] no espanhol do Uruguai	Clara da Silva	M	UCPel
2000	Aquisição dos ditongos orais decrescentes: uma análise à luz da teoria da otimidade	Giovana Ferreira Gonçalves Bonilha	M	UCPel
2000	A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar	Miriam Cristina Carniato	M	UCPel

Tabela 3.25: Pesquisas orientadas por Carmen Lúcia Barreto Matzenauer.

As pesquisas orientadas por Matzenauer, realizadas na UCPel, enfocam fenômenos relacionados às vogais e ao português do sul do Brasil, além de pesquisas que comparam o português com outras línguas (espanhol, francês e inglês) e processos de aquisição de linguagem.

Em uma das pesquisas defendidas no ano 2000 podemos ver uma marcação clara da teoria usada na pesquisa: *Aquisição dos ditongos orais decrescentes: uma análise à luz da teoria da otimidade*, de autoria de Giovana Ferreira Gonçalves Bonilha. Como já comentado anteriormente, parece-nos que as teorias são marcadas nos títulos somente quando elas representam novidade, ou seja, uma abordagem nova para fenômenos já analisados antes sob outras vertentes.

### 3.3.24 Dermeval da Hora Oliveira (nascido em 1951)

Dermeval da Hora Oliveira realizou seu mestrado sobre a orientação de Maria do Socorro Silva de Aragão (cf. 3.3.16), na UFPB, mas não na área de Fonética e Fonologia, e sim sobre o ensino de língua portuguesa<sup>28</sup>. Seu doutorado, com o título *A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não linear* (1990) foi realizado na PUC-RS, sob a orientação de Leci Borges Barbisan e Leda Bisol (cf. 3.3.15).

<sup>28</sup>O título de sua dissertação de mestrado é *A problemática do ensino de Língua Portuguesa no primeiro e segundo graus - níveis II e III* (1983).

As pesquisas orientadas por Oliveira, listadas a seguir, foram realizadas na UFPB, onde ele trabalhou entre 1992 e 2018.

Ano	Título	Autor	M/D	Univ.
1996	O uso variável da vibrante na cidade de João Pessoa	Nadir Arruda Skeete	M	UFPB
1997	Estudo das vogais pretônicas na fala do pessoense urbana	Regina Celi Mendes Pereira	M	UFPB
1997	Processo de monotongação em João Pessoa	Fabiana Souza Silva	M	UFPB
1997	Processo de ditongação diante dos fonemas S e Z na fala do pessoense	Marina de Fátima de Souza Aquino	M	UFPB
1999	Atitudes lingüísticas de falantes campinenses sobre os fenômenos da palatalização das consoantes /t/ e /d/ e do uso da concordância nominal de número	Fabiana Ramos	M	UFPB
2000	A nasal final em formas verbais de terceira pessoa plural	Paula Frassinetti Lima Ferraz	M	UFPB

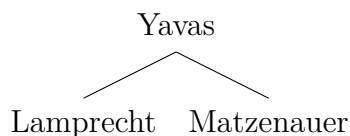
*Tabela 3.26:* Pesquisas orientadas por Dermeval da Hora Oliveira.

As pesquisas são sobre o português brasileiro, com enfoque na variedade do português de João Pessoa, no geral.

### 3.3.25 Redes de orientação

De acordo com os dados de orientação, detalhados na seção anterior, pudemos traçar alguns grupos, ou, ao menos, redes de orientação, que apresentamos a seguir. Aqui nesta seção mostramos, portanto, os orientadores que foram orientadores de pesquisadores que se tornaram orientadores depois, ou seja, que aparecem na tabela 3.2.

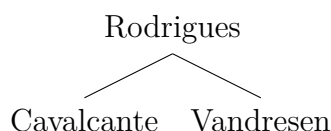
Na região Sul do Brasil, pode-se observar uma rede de orientação com pesquisadoras que se ocupam especificamente de estudos sobre aquisição da linguagem, com Mehmet Sukru Yavas, Regina Ritter Lamprecht e Carmen Lúcia Barreto Matzenauer.



Yavas viveu no Brasil apenas durante dez anos, mas tendo sido orientador dessas duas pesquisadoras, teve papel importante nos rumos que as pesquisas sobre aquisição

da linguagem tomaram. Tanto Lamprecht quanto Matzenauer cursaram os seus cursos de pós-graduação na PUC-RS, onde Lamprecht posteriormente se tornou professora. Matzenauer, por sua vez, se tornou professora na UCPel, em Pelotas. O campo geográfico de trabalho dessa rede de orientação parece ter ficado circunscrito ao Rio Grande do Sul.

Uma outra rede de orientações identificada foi a seguinte:



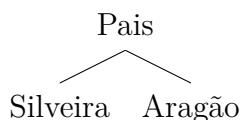
Aryon Dall’Igna Rodrigues, como é de amplo conhecimento, dedicou a sua carreira aos estudos das línguas indígenas. Seus orientandos, Marita Pôrto Cavalcante e Paulino Vandresen, também orientaram pesquisas sobre línguas indígenas, mas não se restringiram a essa área.

Vandresen, que se tornou professor na UFSC em 1966 (antes mesmo de defender seu doutorado, em 1971, que versou sobre o “westfaliano” de Rio Fortuna, uma cidade no estado de Santa Catarina), orientou pesquisas sobre a língua portuguesa, mas na década de 1990 temos algumas pesquisas listadas sobre línguas indígenas sob a sua orientação.

Cavalcante, por outro lado, já em seu doutorado realizou pesquisa na área de línguas indígenas também, sobre a língua Kaingang. Ao se tornar professora doutora na UFG, em 1987, passou a orientar pesquisas sobre temas variados, mas há uma pesquisa sobre línguas indígenas na lista de suas orientações, de 1996.

Diferentemente do caso anterior, em que tínhamos pesquisadores somente do Rio Grande do Sul, os orientandos de Rodrigues foram para regiões diferentes do Brasil, uma vez que temos aqui um professor em Santa Catarina (Vandresen) e uma em Goiás (Cavalcante).

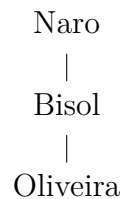
Podemos ainda observar outras duas redes de orientação, cujos pesquisadores estiveram envolvidos com pesquisas sobre a língua portuguesa. Uma delas foi traçada na USP, com Cidmar Teodoro Pais como orientador:



As duas pessoas orientadas por Pais, Regina Célia Pagliuchi da Silveira e Maria

do Socorro Silva de Aragão foram para universidades distintas: Pagliuchi da Silveira, que foi orientanda de mestrado de Pais, se estabeleceu na PUC-SP, universidade na qual ela se graduou e também realizou seu doutorado. Aragão, que se graduou na região Nordeste, cursou o mestrado e doutorado na USP, mas atuou como professora em universidades do Nordeste posteriormente, mais especificamente na UFPB e na UFC.

Por fim, temos uma rede de orientação que, ao contrário das anteriores, tem 3 “gerações” de orientadores envolvidos:



Anthony Julius Naro foi orientador de mestrado e doutorado de Leda Bisol, que por sua vez foi coorientadora de doutorado de Dermeval da Hora Oliveira.

Geograficamente falando, essa rede de orientações também é mais complexa: Bisol se formou com Naro no Rio de Janeiro, na UFRJ, mas, como se sabe, sua atuação é no Sul do Brasil, mais especificamente na PUC-RS e na UFRGS (onde se graduou, inclusive). Dermeval Oliveira cursou seu doutorado no Sul do Brasil, mas sua graduação havia sido na UFBA e seu mestrado na UFPB, e ele voltou para o Nordeste para a sua atuação profissional, sendo professor em mais de uma universidade nessa região do Brasil. Teríamos, então, uma cadeia que começa no Sudeste, passa pelo Sul e se alonga até o Nordeste.

Os três agentes envolvidos nessa rede de orientações trabalharam com variação linguística ao longo de suas carreiras. Em seu memorial para promoção de nível de carreira, Dermeval Oliveira comenta:

Em 1986, candidatei-me ao doutorado na PUC do Rio Grande do Sul. Fui aprovado e mudei-me para Porto Alegre, onde passei cinco belos e produtivos anos de minha vida. Levava comigo uma vaga ideia do que eu gostaria de desenvolver como tese: trabalhar com as vogais do português, usando como pressuposto a Sociolinguística Variacionista. Santa ingenuidade. Meu contato com a Professora Leci Barbisan, aquela que seria minha orientadora, fez-me mudar de ideia. Poderia, sim, trabalhar com a Sociolinguística Variacionista, mas teria que melhor delimitar o tema. Foi aí que decidi trabalhar com a palatalização das oclusivas dentais na comunidade de Alagoinhas – Bahia. Com as aulas

de Leci, fui apaixonando-me pela Sociolinguística. Como o tema era de fonologia, tinha que procurar algum especialista no assunto. E assim, chego a Leda Bisol. (OLIVEIRA, 2015, p. 17)

Outras redes de orientações poderiam ser observadas se levássemos em conta não somente os pesquisadores que foram listados como orientadores de muitas pesquisas, mas sim todos os pesquisadores listados no Apêndice 3. Esse trabalho, de natureza muito mais complexa, entretanto, deverá ser feito em uma oportunidade futura.

### 3.4 Universidade

O gráfico a seguir mostra as universidades presentes no corpus e quantos trabalhos estão relacionados a cada uma delas.

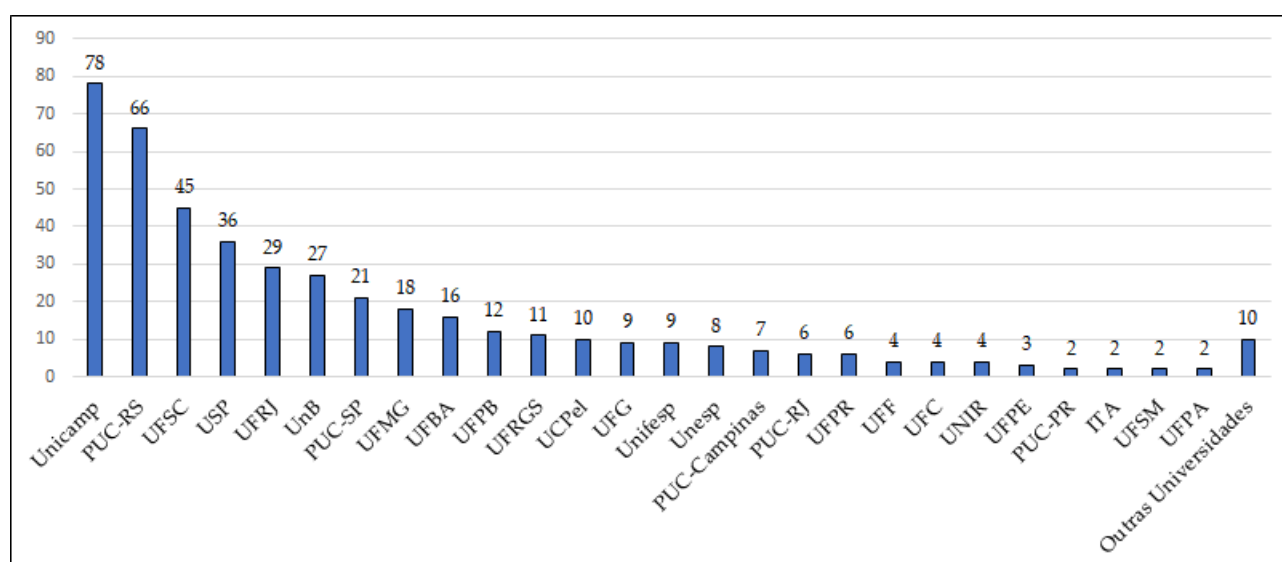


Figura 3.1: Quantidade de pesquisas por universidade

Ao agruparmos as universidades por regiões do país, percebemos o quanto as regiões Sul e Sudeste tiveram um papel importante na realização das pesquisas: na região Sul do país temos 142 documentos, e na região Sudeste, 218. Em um universo de 447 obras, essas universidades são responsáveis por 314 delas, ou seja, 80% do total.

A categoria “outras universidades” agrupa as instituições que têm apenas uma obra, a saber: Cásper Líbero, Faculdade Nacional de Filosofia, FGV, UECE, UFJF, UFRN, UFSCar, UFU, UNIRIO e UPM.

O mapa a seguir mostra a distribuição geográfica das universidades pelo Brasil:



Figura 3.2: Distribuição geográfica pelo Brasil das universidades nas quais encontramos pesquisas sobre Fonética e Fonologia entre 1949 e 2000.

Esse mapa mostra a totalidade das universidades, mas dividindo o nosso escopo temporal em décadas, para podermos observar em quais universidades os estudos estão presentes ao longo do tempo, temos a seguinte distribuição:

Período	Mest.	Dout.	Total	Universidades
1949-1960	0	1	1	Faculdade Nacional de Filosofia
1961-1970	7	2	9	UnB, Unesp, USP
1971-1980	64	11	75	PUC-Campinas, PUC-RJ, PUC-RS, PUC-SP, UFBA, UFF, UFG, UFRGS, UFRJ, UFSC, UnB, Unesp, Unicamp, USP
1981-1990	80	16	96	FGV, ITA, PUC-Campinas, PUC-PR, PUC-RS, PUC-SP, UFBA, UFG, UFMG, UFPB, UFPR, UFRGS, UFRJ, UFRJ, UFRN, UFSC, UnB, Unesp, Unicamp, Unifesp, USP
1991-2000	216	50	266	Cásper Líbero, ITA, PUC-Campinas, PUC-PR, PUC-RS, PUC-SP, UCPel, UECE, UFBA, UFC, UFF, UFG, UFJF, UFMG, UFPA, UFPB, UFPE, UFPR, UFRGS, UFRJ, UFSC, UFSCar, UFSM, UFU, UnB, Unesp, Unicamp, Unifesp, UNIR, UNIRIO, UPM, USP

Tabela 3.27: Quantidade de mestrados e doutorados ao longo das décadas analisadas e respectivas universidades

Partindo, então, do primeiro doutorado, o de Mattoso Câmara Jr., na Faculdade Nacional de Filosofia, único no período entre 1949 e 1960, temos na década de 1960 três universidades presentes: UnB, USP e Unesp. Na década seguinte a quantidade de universidades já é muito maior, o que condiz com a crescente no número de trabalhos. O número de universidades novamente cresce na década de 1990, acompanhando o crescimento do número de trabalhos.

Na Unicamp, há uma continuidade por todo o escopo temporal dos nossos estudos. Partindo do primeiro trabalho, defendido em 1973<sup>29</sup>, as pesquisas seguem ininterruptamente ao longo das décadas seguintes. O grande número de trabalhos da Unicamp, inclusive, reflete a ação de diferentes agentes na universidade. Ela é a instituição com mais pesquisadores-orientadores que pudemos identificar no nosso *corpus*: Albano (3.3.11), Abaurre (3.3.4), Seki (3.3.20), Cagliariari (3.3.10) e Rodrigues (3.3.1), além de outros pesquisadores, não mencionados nas seções anteriores, como Ester Mirian Scarpa, por exemplo.

Nas imagens a seguir, podemos ver nos mapas a distribuição das universidades de acordo com períodos temporais menores:

<sup>29</sup>O mestrado de Maria Bernadete Marques Abaurre, orientado por Brian Franklin Head e intitulado *Identidade de representações básicas e fatores de diferenciação superficial no componente fonológico de línguas cognatas*.





Figura 3.3: Distribuição geográfica pelo Brasil das universidades nas quais encontramos pesquisas sobre Fonética e Fonologia em 1949.



Figura 3.4: Distribuição geográfica pelo Brasil das universidades nas quais encontramos pesquisas sobre Fonética e Fonologia entre 1965-1970.

As décadas de 1950 e 1960 mostram pouco crescimento. Os estudos realizados na USP, UnB e Unesp entre 1965 e 1970 são espaçados, mas mostram já o começo do estudo de temas que permanecerão presentes ao longo das outras décadas também. Os títulos desses estudos são: *Estrutura do verbo no português coloquial* (1965), *O falar de Mato Grosso (Bahia). Fonêmica. Aspectos da morfo-sintaxe e do Léxico* (1965), *Língua Kiriri: descrição do dialeto Kipeá* (1965), *Os sistemas vocálicos do espanhol e do português: estudo*

*comparativo* (1967), *Estudo fonológico da língua Rikbáktsa* (1967) e *Análise comparativa dos sistemas fonológicos do inglês e do português: classificação dos erros prováveis com sugestões para uma aplicação pedagógica* (1969). Temos aqui, portanto, estudos sobre línguas indígenas, sobre variedades do português, sobre ensino e aprendizado de línguas estrangeiras, todos temas que perdurarão na pesquisa acadêmica nas décadas subsequentes.



*Figura 3.5:* Distribuição geográfica pelo Brasil das universidades nas quais encontramos pesquisas sobre Fonética e Fonologia entre 1971-1980.

Na década de 1970 podemos observar a expansão da malha universitária nos estudos de Fonética e Fonologia tanto para o Sul quanto para o Nordeste brasileiro. No final dessa década temos registros de trabalhos realizados na UFBA, orientados tanto por Nelson Rossi quanto por outros orientadores.



Figura 3.6: Distribuição geográfica pelo Brasil das universidades nas quais encontramos pesquisas sobre Fonética e Fonologia entre 1981-1990.



Figura 3.7: Distribuição geográfica pelo Brasil das universidades nas quais encontramos pesquisas sobre Fonética e Fonologia entre 1991-2000.

É notável a expansão para uma distribuição mais ampla no Brasil nas décadas de 1980 e 1990. Essa expansão provavelmente é resultado da própria expansão das universidades brasileiras. A UNIR, por exemplo, o ponto mais à oeste que temos em nosso mapa, aparece em nosso *corpus* apenas no final de nosso escopo temporal (com trabalhos realizados entre 1997 e 2000), e com trabalhos somente na área de fonologia de línguas indígenas.

Não nos aprofundamos aqui sobre os trabalhos de cada universidade, mas nas seções 4.2.1 e 4.2.2, fazemos uma análise mais detalhada das pesquisas realizadas em duas universidades, Unicamp e UFSC, uma vez que pudemos ter acesso integral a todos os documentos listados em nosso *corpus*, graças ao escaneamento completo das obras, disponíveis nos sites das bibliotecas das universidades.

# Capítulo 4 – Apresentação e análise dos dados internos

---

# Capítulo 4

## Apresentação e análise dos dados internos

Neste capítulo, apresentamos os dados de acordo com a análise possível de ser feita a partir dos títulos dos documentos em nosso *corpus*. Nas seções 4.2.1 e 4.2.2 utilizamos também os resumos das pesquisas.

### 4.1 Título

Os títulos das pesquisas nem sempre refletem todos os aspectos internos delas, como o objeto de estudo ou a metodologia utilizada, mas a partir deles podemos observar as temáticas gerais.

No capítulo 3, vimos com mais detalhes a produção ligada a cada orientador e a cada universidade, então não nos deteremos aqui nessa questão, limitando-nos a apontar os padrões de temáticas de cada região que aparecem nas imagens criadas com os títulos das pesquisas e apresentadas nesta seção.

A seguir, mostramos uma nuvem de palavras<sup>1</sup> feita com os títulos das 447 pesquisas realizadas no Brasil, dentro de nosso escopo temporal.

---

<sup>1</sup>As imagens das nuvens de palavras foram geradas com o site <<https://www.wordclouds.com/>>, adaptando o tamanho da nuvem de acordo com a quantidade de palavras acrescentadas na lista utilizada em cada uma delas. Na nuvem, as palavras que aparecem em tamanho maior são as mais frequentes, e a frequência diminui proporcionalmente ao tamanho da palavra mostrada na nuvem. Para que houvesse homogeneidade, todas as palavras foram escritas com letras minúsculas, pois o programa diferencia letras minúsculas e maiúsculas no início de cada item, gerando repetições léxicas na nuvem, caso essa diferenciação não seja eliminada.











Figura 4.6: Nuvem de palavras feita com os títulos das 6 pesquisas realizadas na região Norte do Brasil (1997-2000).

Como o número de títulos é reduzido, observemos com detalhes os títulos específicos:

- Fonotática e fonologia do lexema Protochapakúra (UNIR, 1997)
- Fonologia da língua Kuruaya (UFPA, 1998)
- Variação do /s/ pós-vocálico na fala de Belém (UFPA, 2000)
- Descrição fonológica e lexical do dialeto “Kaw Tayo” (Kujubi) da língua Moré (UNIR, 2000)
- Descrição preliminar do Oro Eo: um caso de sílaba embutida no onset (UNIR, 2000)
- A Fonologia da Língua Cinta Larga (UNIR, 2000)

Todas as pesquisas são de mestrado. Aqui vemos pesquisas nos últimos anos do nosso escopo temporal apenas, mas que mostram, talvez, um novo foco, ou, pelo menos, novos grupos e/ou agentes que têm as línguas indígenas (ou as próprias variedades do português da região Norte, de fato não estudadas nas outras regiões) como preocupação principal. O desenrolar posterior dessa história, entretanto, escapa ao objetivo desta pesquisa, mas indicamos aqui a possibilidade de estudos posteriores.

## 4.2 Natureza do trabalho

A grande maioria dos trabalhos é de descrição, tanto do português quanto de outras línguas. Isso se evidencia como compreensível, uma vez que a tarefa da Linguística no Brasil muito se pautou pela descrição e análise ao invés do pensar e repensar teórico

sobre a metodologia e pressupostos teóricos, e importou as teorias de outros continentes, segundo [ALTMAN \(2004\)](#).

A seguir, apresentamos mais detalhes do conjunto de obras de duas universidades específicas, a Unicamp e a UFSC. A escolha por essas universidades foi feita exclusivamente pelo fato de que elas são as únicas, no universo de universidades com as quais trabalhamos nesta tese, que nos permitiram acesso total aos documentos, uma vez que o escaneamento completo dos mestrados e doutorados está disponível em formato PDF em seus respectivos sites de busca.

### 4.2.1 Unicamp

A Unicamp é a universidade com mais pesquisas listadas em nosso *corpus*, 78 trabalhos no total. Entre os orientadores dessa universidade estão Aryon Dall’Igna Rodrigues (1925-2014), Maria Bernadete Marques Abaurre (nascida em 1946), Luiz Carlos Cagliari (nascido em 1945), Eleonora Cavalcante Albano (nascida em 1950) e Lucy Seki (1939-2017), reconhecidos pesquisadores da área.

A primeira pesquisa que temos listada em nosso *corpus* é de 1973, e se trata do mestrado de Maria Bernadete Marques Abaurre, intitulado *Identidade de representações básicas e fatores de diferenciação superficial no componente fonológico de línguas cognatas*. Ao longo da década de 1970 há apenas mestrados registrados na Unicamp, o que talvez nos sirva de indicação de um programa de pós-graduação ainda em seus passos iniciais, assim como a maioria dos programas semelhantes em outras universidades brasileiras. Os orientadores dos mestrados nessa década são Brian Franklin Head<sup>2</sup>, que orientou as pesquisas de Maria Bernadete Marques Abaurre e Luiz Carlos Cagliari; Aryon Dall’Igna Rodrigues, o que coloca o estudo das línguas indígenas presente já no início dos estudos sobre Fonética e Fonologia na Unicamp; a própria Maria Bernadete Marques Abaurre, que aparece como orientadora mesmo antes de defender o seu doutorado – provavelmente nos moldes disponíveis dos programas de pós-graduação da época, diferentes dos que temos atualmente, é claro – e Armando Freitas da Rocha, professor da área de Medicina (Neurociências), que orientou a pesquisa *Correlatos eletroencefalográficos da estrutura informacional de sentenças do português*, defendida por Edson Françaço em 1979, no Instituto de Biologia da Unicamp.

Essa primeira década de estudos, portanto, já tem a presença de temas que estarão presentes ao longo de todo o nosso escopo temporal: o estudo da língua portuguesa (a pesquisa de mestrado de Cagliari, por exemplo, intitulada *A palatalização em português: uma investigação palatográfica*, de 1974), o estudo de línguas indígenas (com as pesquisas

---

<sup>2</sup>Brian Franklin Head é um dos pesquisadores presentes em nosso Apêndice B, que lista as pesquisas realizadas no exterior, pois seu doutorado foi sobre o português de Lisboa e do Rio de Janeiro.

*Fonologia do guarani antigo* (1974) e *Aspectos da fonologia do Pirahã* (1979)) e a presença de pesquisas em outros institutos da Unicamp, em áreas de interface com a Fonética e a Fonologia.

Um trabalho da década de 1970 na Unicamp que se diferencia dos outros é o mestrado de Sirio Possenti, cujo título é *Algumas considerações sobre o problema da abstração das representações fonológicas* (1977). Enquanto praticamente todas as pesquisas que temos listadas em nosso *corpus* são voltadas para a descrição de línguas, com diferentes teorias e metodologias usadas para tais descrições, o mestrado de Possenti se propõe a discutir a questão das abstrações das representações fonológicas em duas subdivisões da Fonologia Gerativa, a Fonologia Gerativa Transformacional (que permite abstração) e Fonologia Gerativa Natural (que impede a abstração) (POSSENTI, 1977, p. 2). Ele descreve, na introdução, o ponto central de seu mestrado:

O que se tenta é um estudo, que se pretende crítico, embora não exaustivo, de algumas soluções apresentadas - para um problema específico da fonologia, a saber, o problema de quanto podem ser abstratas as representações fonológicas de uma língua. [...] Ou seja, fundamentalmente, o que se discute é o conceito de naturalidade da relação entre a representação fonológica e a representação fonética. (POSSENTI, 1977, p. 2-3)

A pesquisa se apresenta, claramente, como uma análise do ponto de vista do próprio pensar e repensar teórico, algo que não é constante nas outras pesquisas. Há um outro trabalho da Unicamp, um doutorado de 1994, intitulado *Identificação de falantes: aspectos teóricos e metodológicos*, de autoria de Ricardo Molina de Figueiredo e orientação de Eleonora Cavalcante Albano que também se inclina para a teoria, e não para os dados. A seguir, temos o resumo da pesquisa:

O presente trabalho pretende examinar a eficiência de diversos parâmetros acústicos na Identificação de Falantes. Nos experimentos analisou-se um conjunto básico de 8 falantes, adultos do sexo masculino, com idades entre 22 e 45 anos. Em alguns casos incluiu-se a análise de mais dois falantes, gêmeos idênticos, de modo a examinar instrumentalmente as diferenças entre vozes perceptualmente muito semelhantes. Os parâmetros estudados foram: Formantes Vocálicos, Freqüência Fundamental, Espectro de Longo Termo, Velocidade de Fala, Consoantes Nasais e VOT (*Voice Onset Time*). Discutiu-se também a eficiência da inspeção visual de espectrogramas na Identificação de Falantes, um tema especialmente relevante para o modelo forense, e que tem provocado grande controvérsia nas últimas décadas. (FIGUEIREDO, 1994, p. V)

Mais uma vez, temos claramente uma pesquisa que se propõe a pensar e repensar a própria teoria da área (e a metodologia que parece ser mais relevante, nesse caso). Entretanto, as outras pesquisas têm como características a análise específica de dados de uma língua.

Na década de 1980, a produção da Unicamp continua variada: há estudos sobre línguas indígenas, sobre o português do Brasil, estudos que indicam a “fonêmica clássica” como base teórica (sem definir exatamente no resumo, no entanto, o que se entende por essa expressão) (CUNHA (1987), BARROS (1987), GABAS JUNIOR (1989)) ou a “fonêmica estruturalista” (SOUZA, 1988), estudos que indicam o gerativismo como aporte teórico (SILVA (1981), BRAGGIO (1981), MEER (1982), CAVALCANTE (1987)), estudos de cunho sociolinguístico (WIKMANN (1981), COSTA (1988)) e pesquisas com interface com outras áreas (CHIQUETTI, 1986).

Apesar dessa variedade, os trabalhos sobre as línguas indígenas se destacam. Com Aryon Rodrigues como orientador (mas não somente ele, pois também Maria Bernadete Marques Abaurre orientou pesquisas sobre tais línguas), várias pesquisas tiveram como objetivo a descrição preliminar da fonologia de línguas indígenas, assim como há também trabalhos que se propõem a fazer análises mais aprofundadas das línguas que já haviam começado a ser descritas antes, como é o caso do Pirahã (EVERETT (1979) e SÂNDALO (1989), apesar de haver uma diferença de 10 anos entre os dois estudos) e do Kaingang (CAVALCANTE (1987) e TEIXEIRA (1988)).

Os estudos sobre as línguas indígenas continuam fortes na década de 1990, apesar de Aryon Rodrigues já não atuar mais na Unicamp, uma vez que em 1988 ele voltou para a UnB (onde tinha atuado brevemente entre 1963 e 1965). Nessa década surge no cenário de orientadores Lucy Seki, além de Maria Bernadete Marques Abaurre continuar orientando pesquisas, e outros orientadores, como Ester Miriam Scarpa, Charlotte Galves e Angel Humberto Corbera Mori, já no final da década. No ano 2000, temos listado um mestrado que analisa uma língua indígena a partir do ponto de vista da Teoria da Otimidade: *Fonologia e morfologia da língua Maxakali*, de autoria de Gabriel Antunes Araújo. Como mencionado no Capítulo 2, essa teoria surgiu no começo dos anos 1990, e é interessante notar que já nos anos 2000 ela estava sendo aplicada no Brasil para a análise de uma língua que não fosse a língua portuguesa.

A década de 1990 apresenta pesquisas com interfaces com outras áreas na Unicamp. Uma delas, no começo da década, é a interface com a Medicina, por exemplo com a pesquisa *Estudo descritivo de alguns aspectos da fala de sujeitos portadores de fissura lábio-palatina* (1991), de autoria de Scheila Maria Leão Braga e orientação de Luiz Carlos Cagliari.

Uma outra interface é a que é constituída com pesquisas realizadas na Faculdade

de Engenharia Elétrica da Unicamp. Neste caso, houve um projeto em conjunto entre as faculdades, uma vez que Eleonora Albano trabalhou em parceria com Fábio Violaro (da área de Engenharia) para criar sistemas de conversão de texto em fala (ALBANO, 2021). Dessa parceria entre as faculdades, surgiram pesquisas como *Síntese de voz a partir de texto para a língua portuguesa* (1992), *Modelamento prosódico para conversão texto-fala do português falado no Brasil* (1995), *Implementação de um sistema de conversão texto-fala para o português do Brasil* (1999) e *Reconhecimento de fala contínua usando modelos ocultos de Markov* (1999).

#### 4.2.2 UFSC

Em nosso *corpus*, temos listadas 45 pesquisas da UFSC, entre os anos 1976 e 2000. A distribuição temporal dessas pesquisas em décadas é bastante desigual, uma vez que grande parte delas está concentrada na década de 1990. Considerando as 3 décadas, temos 10 trabalhos na década de 1970, 5 na década de 1980 e 30 na década de 1990.

Talvez essa distribuição desigual seja resultado dos agentes presentes na universidade em cada uma dessas décadas, e das possibilidades gerais de se fazer pesquisa ou não em determinados períodos, algo que foge ao nosso escopo de possibilidade de interpretação por falta de materiais para consulta.

Dos 10 mestrados defendidos na década de 1970, entre 1976 e 1979, 5 foram orientados por Paulino Vandresen, que aparece como orientador ao longo de todo o período aqui estudado. Os trabalhos versam sobre o português, no geral, mas dois deles podem ser interpretados em uma interface que vai aparecer fortemente na década de 1990 também: *Fonética e Fonologia e ensino (de línguas estrangeiras)*. Tratam-se dos seguintes mestrados: *Vogais orais e nasais: estudo contrastivo Português-Francês (análise de erros)* (1978) e *A study in english and portuguese intonation* (1978).

Na década de 1980, os 5 mestrados defendidos versam sobre a língua portuguesa, estudada de várias perspectivas (sílaba, entoação/prosódia, variação regional).

No início da década de 1990, começam a surgir pesquisas sobre línguas indígenas, tendo Alexandra Yurievna Aikhenvald, Jean-Pierre Angenot, Giles Lothier Istre e Paulino Vandresen como orientadores. Dos 4 pesquisadores, 3 são estrangeiros, o que demonstra a influência de elementos de fora do Brasil tiveram impacto também nesta universidade em relação à pesquisa aí produzida. Sobre Jean-Pierre Angenot e Giles Lothier Istre já vimos informações no capítulo 3 desta tese; Alexandra Yurievna Aikhenvald, pesquisadora de origem russa, trabalhou na UFSC por certo tempo, mas em 1994 foi para a Austrália<sup>3</sup>. As pesquisas sobre línguas indígenas estão concentradas entre os anos de 1993 e 1996, com 9

---

<sup>3</sup>Informações retiradas da página da própria pesquisadora: <https://www.aikhenvaldlinguistics.com/>, consultado em 06 de setembro de 2021.

mestrados e 2 doutorados defendidos nesse curto período de tempo.

A partir de 1995, pesquisas sobre ensino de línguas estrangeiras, principalmente o francês, aparecem em abundância no *corpus*, devido às orientações realizadas pelo professor Dário Fred Pagel. Essas pesquisas estão claramente ligadas a parâmetros que são considerados como da Fonética, e incluem em seus títulos termos como “estudo acústico”. Além disso, várias pesquisas mencionam em seus resumos detalhes técnicos sobre os aparelhos (ou programas) usados para a análise fonética.

Vemos, então, no Brasil, um movimento parecido com o que pudemos constatar no começo dos estudos de Fonética em outros países, com o ensino de língua estrangeira como centro das preocupações da área, como discutido no capítulo 2, sobre o começo dos estudos sobre Fonética no Reino Unido na primeira metade do século XX (ANDERSON, 1985, p. 170).

### 4.3 Níveis da análise

Verificar os níveis apenas pelos títulos dos documentos, como fazemos para este texto, limitou as nossas possibilidades de compreensão global das pesquisas realizadas, pois muitos títulos não especificam detalhes sobre os objetos de estudo. O que foi possível verificar está detalhado na tabela a seguir, que traz as categorias (criadas por nós) na primeira coluna, e a divisão temporal nas colunas seguintes.

Níveis da análise	49-70	71-80	81-90	91-00	Total
Sem especificação	8	34	57	118	217
Nível segmental <sup>4</sup>	1	20	18	80	119
Nível suprasegmental <sup>5</sup>	0	7	8	29	44
Processos fonético/fonológicos específicos <sup>6</sup>	0	9	9	20	38
Fonética e Fonologia e outras áreas <sup>7</sup>	1	5	4	19	29

Tabela 4.1: Níveis de análise dos documentos do *corpus*.

O nível segmental é o que apresenta mais dados. Muitos estudos são sobre segmentos específicos estudados na variedade de alguma região do Brasil<sup>8</sup>, ou no sistema

<sup>4</sup>Nessa categoria, estão elencados: consoantes, vogais, ditongos, glides, sílabas.

<sup>5</sup>Nessa categoria, estão elencados: acento, tom, entonação, prosódia e temas afins.

<sup>6</sup>Nessa categoria, estão elencados: epêntese, elisão, ensurdecimento, palatalização, etc.

<sup>7</sup>Interfaces com a Morfologia, a Sintaxe, o Léxico, entre outros.

<sup>8</sup>Exemplos: “A regra variável de nasalização da vogal pretônica /a/ na cidade de Pelotas”, “Variação e distribuição da vibrante na fala urbana do Rio de Janeiro”, “Aspectos fonético-fonológicos do ditongo na variedade lingüística de Abadia de Goiás”, “Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha”.

da língua portuguesa entendida como um todo.

O crescimento ao longo das décadas reflete o crescimento geral que já vimos em outras tabelas, com a década de 1990 com a maior quantidade de estudos em todas as categorias da tabela.

## 4.4 Língua

A maioria dos estudos se refere à língua portuguesa e suas variedades. Do total de 447 dissertações e teses, 219 mencionam o estudo da língua portuguesa em seus títulos (134 sobre o português e 85 sobre variedades do português); 71 são sobre línguas indígenas, 15 sobre línguas indo-europeias, 3 sobre crioulos (crioulo da Guiné-Bissau, palanquero (crioulo espanhol) e sranan), 2 sobre Libras, 1 sobre uma língua bantu (sí-makonde), e 1 sobre o japonês. Entretanto, 135 documentos não apresentam informação sobre a língua estudada em seus títulos.

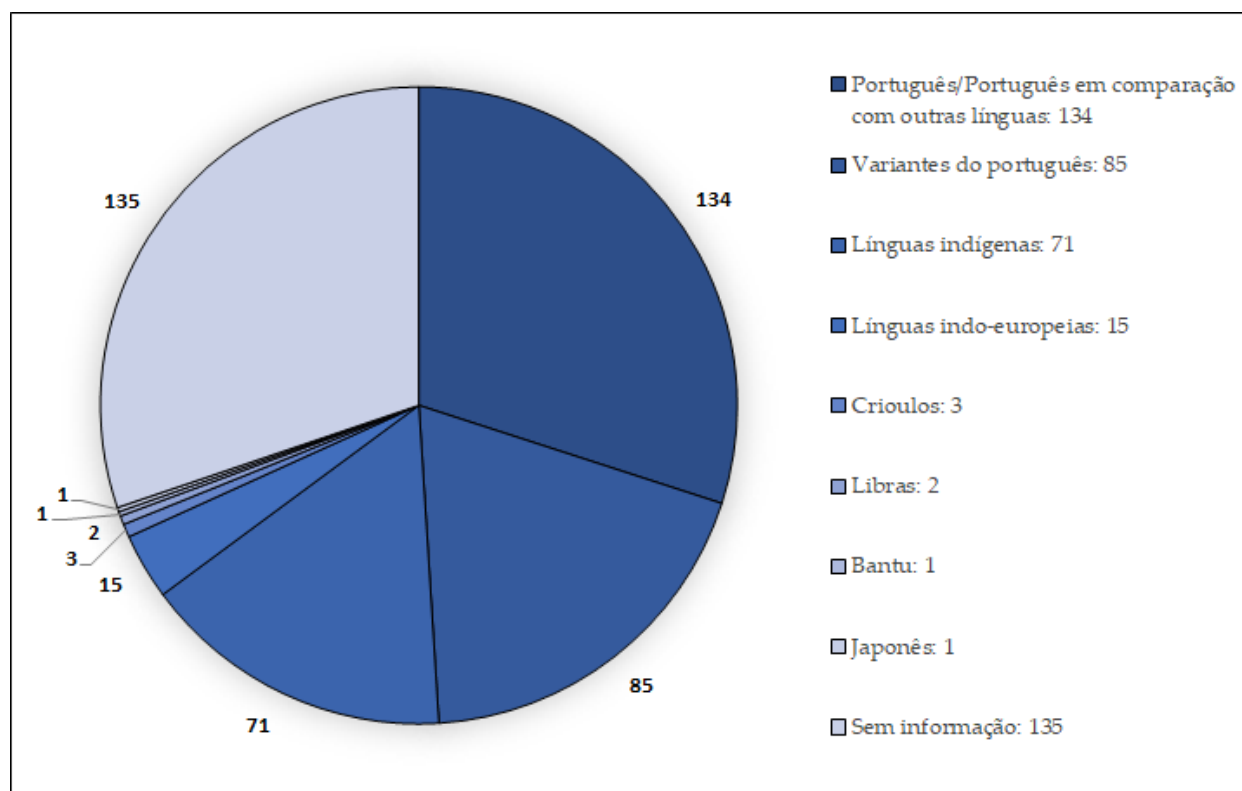


Figura 4.7: Línguas estudadas.

As línguas que aparecem nos títulos que mostram comparação delas com o português são, em sua maioria, alemão, espanhol, francês e inglês.

As duas pesquisas listadas sobre Libras são da década de 1990 (KARNOPP (1994) e KARNOPP (1999)), o que provavelmente reflete um aparecimento tardio de interesse



sobre a comunidade surda no Brasil entre os linguistas. Além disso, as duas pesquisas são da mesma autora (mestrado e doutorado), e sob orientação da professora Regina Ritter Lamprecht, na PUC-RS.

Esse panorama reforça o que já foi visto anteriormente em relação ao foco da comunidade de pesquisadores de Fonética e Fonologia em estudar a língua portuguesa.

#### 4.4.1 Línguas indígenas

O campo de estudos sobre as línguas indígenas no Brasil se formou e se estabilizou de forma lenta, segundo SEKI (1999). Se tomarmos o nosso *corpus* como parâmetro, por exemplo, no período estudado, de fato, há muito mais estudos sobre a língua portuguesa, englobando estudos sobre suas variedades geográficas, aquisição da linguagem, comparação do português com outras línguas, enfim, estudos já mais aprofundados em detalhamento. As línguas indígenas, por outro lado, ganham apenas o segundo lugar de destaque, com pesquisas menos aprofundadas, uma vez que muitas dessas línguas nunca tinham sido estudadas por linguistas.

SEKI (1999) explica da seguinte forma essa lenta formação do campo de estudos sobre línguas indígenas:

O processo de delimitar um domínio próprio de investigação da Lingüística foi marcado no Brasil pela oposição à Filologia e à Gramática tradicional, o que favoreceu o interesse pelo estudo do Português, a partir das novas orientações relacionadas à Lingüística, em oposição aos estudos anteriores dessa língua. No que respeita às línguas indígenas (vivas) em sua prática totalidade não havia, com raras exceções, estudos prévios que as tornassem visíveis e aos quais se pudesse aplicar as novas abordagens. Um outro fator a ser considerado é que era ainda amplamente difundida a idéia errônea, reforçada pelo estabelecimento oficial, de que o Brasil era um país monolíngüe, o que também favoreceu o estudo do Português do Brasil em prejuízo das línguas indígenas, como de resto as outras línguas minoritárias faladas no País, que em geral eram ignoradas, inclusive nos meios universitários. Sobre línguas indígenas, a ideia prevalecente (e ainda hoje bastante comum) é a de que no Brasil havia o Tupi, ou Tupi-Guarani, uma língua extinta da qual se falava usando os tempos do passado. (SEKI, 1999, p. 263)

O *Summer Institute of Linguistics* teve forte influência no começo dos estudos das línguas indígenas no Brasil (SEKI (1999) e SEKI (2011a)), cujas implicações e detalhes não nos focaremos neste texto, mas para os quais Lucy Seki sempre chama atenção em seus comentários sobre o tema. Olhando mais atentamente para o nosso *corpus*, temos 71 pesquisas elencadas, que se dividem da seguinte forma temporalmente:

Período	Mestrados	Doutorados	Total
1961-1970	2	0	2
1971-1980	5	0	5
1981-1990	14	2	16
1991-2000	36	12	48

Tabela 4.2: Quantidade de mestrados e doutorados sobre línguas indígenas ao longo das décadas.

Os dados nos indicam que foi a partir da década de 1980 que houve um crescimento significativo na área, como também aponta Lucy Seki:

Somente a partir da década de setenta, e mais particularmente de oitenta, paralelamente ao avanço gradativo no processo de institucionalização da Lingüística no Brasil, houve também um avanço considerável na formação de lingüistas brasileiros que passaram a se dedicar ao estudo de nossas línguas e à formação de novos quadros para a área, o que se evidencia pelo número de teses e dissertações defendidas e pelo significativo aumento de publicações. (SEKI, 1999, p. 266)

Há um claro crescimento na quantidade de pesquisas ao longo do tempo (assim como nos dados gerais do nosso *corpus*). (SEKI, 1999) esclarece os fatores externos que contribuíram para o crescimento das pesquisas sobre línguas indígenas:

A partir dos anos 80 houve a participação crescente de brasileiros no estudo de nossas línguas. Em 1991 eram 59 as línguas sendo estudadas por brasileiros, o que constituiu um aumento de 36% em relação a 1985 (Rodrigues, 1991). Este aumento foi em muito favorecido pelo Programa de Pesquisa Científica das Línguas Indígenas Brasileiras /PPCLIB (Rodrigues et alii, 1997), patrocinado pelo CNPq e pela FINEP, e que a partir de 1987 passou não só a apoiar atividades relacionadas a projetos já em andamento, como também a estimular a elaboração de novos projetos, bem como a propiciar o ingresso de novos pesquisadores na área, através de Cursos Intensivos de Lingüística Indígena. O Programa foi desativado com o advento do governo Collor, quando, em decorrência da prioridade à tecnologia, veio o fim da classe de Projetos Especiais. (SEKI, 1999, p. 271-272)

Em relação às instituições em que os estudos foram realizados, SEKI (1999, p. 273-274) afirma que os núcleos mais fortes de estudos das línguas indígenas no Brasil são o Departamento de Linguística da Unicamp e o Setor Linguístico do Museu Nacional<sup>9</sup>/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

<sup>9</sup>Houve um incêndio no Museu Nacional, em 2018, e entre os materiais perdidos estavam registros de línguas indígenas que já não são mais faladas, ou seja, os registros possíveis dessas línguas foram completamente perdidos e já não há mais possibilidade de estudá-las.

Sobre a Unicamp, a autora afirma:

No que se refere ao primeiro ponto, a Unicamp é a instituição brasileira que mais formou pesquisadores para a área de Línguas Indígenas: de 1977 até o presente contam-se 33 mestrados e 15 doutorados, incluindo-se entre eles ex-estagiários do Museu Nacional e do Museu Goeldi, bem como docentes filiados a outras universidades e alguns provenientes de outros países da América Latina. Esses trabalhos se referem a 33 línguas indígenas brasileiras e 3 línguas indígenas sul-americanas. Atualmente há 8 dissertações e 10 teses em andamento envolvendo outras 13 línguas. (SEKI, 1999, p. 275)

Em nossos dados, além da Unicamp e da UFRJ, também aparecem outras universidades que promoveram pesquisas sobre línguas indígenas, como UnB, UFSC, UFMG<sup>10</sup>, UFG<sup>11</sup>, UFPA<sup>12</sup>, UFPE<sup>13</sup>, USP<sup>14</sup> e UNIR<sup>15</sup>.

Vejamos agora quais línguas aparecem em nosso *corpus*. Segundo RODRIGUES (2013, p. 11), “No Brasil reconhecem-se 42 famílias linguísticas genéticas, dez das quais constituem o tronco Tupí e outras doze que integram o tronco Macro-Jê.” As línguas indígenas presentes nos documentos, organizadas por troncos e famílias linguísticas<sup>16</sup>, são:

- **Tronco Tupí:**

Família Tupi-Guaraní: Guarani antigo, Kokama/Asurini/Guajajara, Kamayurá, Suruí de Tocantins, Mbyá, Wayampi, Guajá, Língua Geral Amazônica, Avá-Canoeiro

---

<sup>10</sup>Com a pesquisa *Descrição fonética e análise de alguns problemas fonológicos da língua Krenak*, de 1986, de autoria de Thaís Cristóvão Alves da Silva e orientação de Luiz Carlos Cagliari.

<sup>11</sup>Com a pesquisa *Elementos de fonologia Avá-Canoeiro*, de 1996, de autoria de Anivaldo Paiva e orientação de Marita Pôrto Cavalcante.

<sup>12</sup>Com a pesquisa *Fonologia da língua Kuruyaya*, de 1998, de autoria de Raimundo Nonato Vieira Costa e orientação de Carl Howard Harrison.

<sup>13</sup>Com a pesquisa *YA:THÊ, a última língua nativa no nordeste do Brasil: aspectos morfo-fonológicos e morfo-sintáticos*, de 1999, de autoria de Januacele Francisca da Costa e orientação de Adair Pimentel Palácio (coorientação: W. Leo Wetzels).

<sup>14</sup>Com as pesquisas *Aspectos fonológicos do Apãniekrá (Jê)*, de 1999, de autoria de Flávia de Castro Alves e *Análise fonológica preliminar do Pykobyê*, de 2000, de autoria de Rosane Muñoz de Sá (Rosane de Sá Amado), ambas sob a orientação de Waldemar Ferreira Netto.

<sup>15</sup>Com as pesquisas *Fonotática e fonologia do lexema Protochapakúra*, de 1997, de autoria de Geralda de Lima Vitor Angenot e orientação de Iara Maria Teles, *Descrição fonológica e lexical do dialeto “Kaw Tayo” (Kujubi) da língua Moré*, de 2000, de autoria de Iris Rodrigues Duran e orientação de Jean-Pierre Angenot; *Descrição preliminar do Oro Eo: um caso de sílaba embutida no onset*, de 2000, de autoria de Cláudia Teles Maeda e orientação de Jean-Pierre Angenot e *A Fonologia da Língua Cinta Larga*, de 2000, de autoria de Bráulia Inês Barbosa Ribeiro e orientação de Iara Maria Teles.

<sup>16</sup>Esta organização em troncos e famílias linguísticas foi feita com base em SEKI (1999), RODRIGUES (2013) e nos sites “Povos indígenas do Brasil” (<https://pib.socioambiental.org/pt/L%C3%ADnguas>), *Ethnologue: Languages of the World* (<https://www.ethnologue.com/>) e *The World Atlas of Language Structures (WALS)* (<https://wals.info/>).

Família Mondé: Suruí<sup>17</sup>, Cinta Larga

Família Ramaráma: Karo

Família Tuparí: Tuparí, Makurap

Família Juruna: Juruna

Família Mundurukú: Kuruaya

• **Tronco Macro-Jê:**

Família Jê: Kaingáng, Panará, Suyá, Xoklém, Apãniekrá, Xavante, Pykobyê

Família Maxakali: Maxakali

Família Rikbáktsa: Rikbáktsa

Família Krenak: Krenak

• **Famílias linguísticas sem ligação com nenhum tronco:**

Família Arawá: Suruwahá

Família Aruak: Baré, Yawalapití, Mehináku, Ashéninca-Ucayali<sup>18</sup>, Baniwa-siusí, Baniwa-hohodene, Kurripáku (Kumandáminanai e Ayáneni), Maipure, Wapichana, Tariana

Família Guaicurú: Kadiwéu, Mocovi<sup>19</sup>

Família Jabuti: Jeoromitxi

Família Jívaro: Aguaruna<sup>20</sup>

Família Karib: Arara, Ikpeng /Txikão, Kaxuyana

Família Katukina: Katukina

---

<sup>17</sup>O nome “Suruí” aparece ligado a mais de uma família linguística. No caso desta pesquisa, a autora esclarece: “Este trabalho visa a descrever a fonologia da língua Suruí, da família Mondé do tronco Tupi”. (MEER, 1982)

<sup>18</sup>Língua falada no Peru. A pesquisa realizada sobre esta língua, SALAZAR (1993), mestrado defendido na UFSC, foi escrita em espanhol, sob a orientação de Jean-Pierre Angenot. O nome da língua é Ashéninca, e Ucayali é o nome do dialeto estudado na pesquisa aqui listada. No resumo em português do trabalho, pode-se ler: “Nesse trabalho propõe-se uma descrição dos principais aspectos morfológicos e fonológicos do Ucayali, que ressaltam da análise de um corpus constituído por 51 textos coletados numa pesquisa de campo realizada, entre 15 de junho e 07 de agosto de 1992 na região do rio Yuruá, no Peru.” (SALAZAR, 1993, p. XI)

<sup>19</sup>Língua falada na Argentina. No documento listado em nosso *corpus*, um doutorado defendido na Unicamp, lê-se: “A tese apresenta uma descrição linguística da língua indígena Mocovi (família Guaicuru), falada nas províncias de Chaco e Santa Fe (Argentina).” (GUALDIERI, 1998, p. 13). A pesquisa foi orientada por Lucy Seki.

<sup>20</sup>Língua falada no Peru. Assim como, GUALDIERI (1998) esta pesquisa de doutorado foi orientada por Lucy Seki. Em seu resumo, lê-se “A tese apresenta uma descrição da fonologia e gramática da língua Aguaruna (família linguística Jívaro), falada por 45 mil pessoas que habitam a região norte de Amazônia Peruana.” (MORI, 1994).

Família Mura: Pirahã

Família Makú (Naduhup): Yuhup, Dâw

Família Pano: Marubo, Matis, Shanenawá, Katukina-pano

Família Txapakúra: Moré<sup>21</sup>, Oro Eo

- **Línguas isoladas:**

Tikuna, Kiriri (dialeto Kipeá), Kanoê, Guató, Ya:thê, Máku.

Podemos constatar que a quantidade de línguas é grande, mas a maioria dos estudos são preliminares, e são poucas as línguas que foram estudadas com maiores detalhes, ou seja, que tiveram mais de um mestrado e/ou doutorado dedicados a elas, com pesquisas que vão além da descrição geral da fonologia (e da gramática geral) dessas línguas. Uma dessas línguas é o Kaingang, que tem 3 pesquisas listadas em nosso *corpus*, sobre diferentes variedades regionais da língua<sup>22</sup>.

De um ponto de vista mais geral sobre o conteúdo teórico dessas pesquisas, notamos que muitas delas citam o estruturalismo e a fonêmica como base teórica, por serem a primeira descrição a ser feita das línguas em questão. Parece-nos que, no que se refere às línguas indígenas no Brasil, outras teorias, como o Gerativismo e suas derivações, não estiveram tão presentes como estiveram nos estudos sobre a língua portuguesa, por exemplo.

#### 4.4.2 O português e suas variedades

Nesta seção tecemos comentários sobre as 219 pesquisas que versam sobre a língua portuguesa (por ela própria ou em comparação com outras línguas, no total de 134 trabalhos) e também as pesquisas sobre variedades específicas do português (85 pesquisas no total). Essas duas categorias podem ser vistas juntas na tabela a seguir, que mostra a evolução temporal, dividida em décadas, em relação à realização dessas pesquisas.

---

<sup>21</sup>Esta língua não foi encontrada com este nome em nenhum dos materiais que consultamos para a classificação tipológica das línguas indígenas aqui apresentada. Portanto, seguimos o que a própria autora da pesquisa afirma: “A presente dissertação visa à descrição dos principais aspectos fonéticos, fonêmicos e lexicais da língua Moré, membro da família Txapakúra. Trata-se da primeira tentativa de documentação de uma língua praticamente extinta, reduzida de fato a um único falante fluente.[...] O último falante do Moré vive na aldeia boliviana de Monte Azul, a oito quilômetros do Guaporé, sua família sendo originária da margem brasileira desse rio. Seu nome é Manoel Saez Paray (literalmente ‘Manoel Pomo de Adão Fruta vermelha’).” (MULLER, 1995)

<sup>22</sup>*Fonologia e morfologia da língua Kaingang: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná* (1987, Unicamp), *Contribuição para a fonologia do dialeto Kaingang de Nonoai* (1988, Unicamp) e *Aspectos da fonologia da língua Kaingáng: dialeto central* (1996, UFSC).

Período	Mestrados	Doutorados	Total
1949-1960	0	1	1
1961-1970	5	2	7
1971-1980	43	8	51
1981-1990	35	9	44
1991-2000	96	20	116

Tabela 4.3: Quantidade de mestrados e doutorados sobre o português ao longo das décadas.

Os dados apresentados na tabela se assemelham aos que foram mostrados na tabela 3.1, sobre a totalidade das pesquisas no *corpus*. Ou seja, pode-se ver um crescimento no número de trabalhos na década de 1970, se comparada com a década anterior, assim como na década de 1990 (se comparada com a década de 1980). Notemos, inclusive, que na década de 1980 há menos pesquisas do que na década de 1970.

O mapa a seguir mostra as cidades citadas nos títulos dos 85 documentos que mencionam variedades específicas da língua portuguesa:



Figura 4.8: Cidades que aparecem como indicações do estudo de variedades do português.

Claramente há uma concentração de variedades estudadas no Sul e no Sudeste do Brasil, onde estão de fato concentrados a maioria dos estudos sobre Fonética e Fonologia listados em nosso *corpus*. É importante ressaltar que o mapa mostra simplesmente as cidades e regiões citadas, mas não a quantidade de estudos sobre cada região. Pode ser que haja uma concentração ainda maior em determinadas regiões, algo interessante para ser explorado em estudos futuros.

Além disso, a impressão geral que tivemos a partir dos títulos das pesquisas é que o mais comum é que se estude variedades locais, ou seja, que se estude as variedades do português que estão próximas às universidades onde as pesquisas são realizadas.

Entretanto, há várias pesquisas que são realizadas sobre variedades regionais que estão longe da posição geográfica da instituição da pesquisa. Seria interessante também explorar o cruzamento desses dados, ou seja, em quais universidades ou regiões os pesquisadores tendem a estudar as variedades da própria região ou tendem a estudar variedades que estão distantes, o que poderia implicar em viagens para coleta de dados, um trabalho de campo específico, e um maior esforço para poder realizar a pesquisa. Seria interessante também saber quais foram as motivações desses pesquisadores para estudar variedades do português em regiões mais distantes (como no Norte do país, de onde praticamente não temos universidades listadas em nosso *corpus*).

### 4.4.3 Outras línguas

Grande parte das pesquisas são sobre a língua portuguesa e línguas indígenas, como vimos anteriormente, mas 22 pesquisas se concentram sobre outras línguas. São as línguas mostradas na Figura 4.7 nas categorias “Línguas indo-europeias” (15), “Crioulos”(3), “Libras” (2), “Bantu” (1) e “Japonês” (1). A seguir, listamos essas 22 pesquisas, em ordem cronológica:

- *Fonologia do westfaliano de Rio Fortuna-SC*, 1971, PUC-RS
- *Uma análise dos critérios envolvidos no planejamento de um curso de fonologia do inglês para alunos no primeiro ano de graduação em letras*, 1977, PUC-SP
- *Considerações didáticas sobre alguns contrastes entoacionais do inglês com função gramatical*, 1978, PUC-SP
- *A palatalização de t e k no ibero-romance*, 1979, UFBA
- *O status do glide no grego ático: uma abordagem de acordo com a fonologia natural pura*, 1979, PUC-Campinas

- *Uma proposta de recursos didáticos na acentuação tônica da língua inglesa para um curso de fonologia*, 1981, PUC-SP
- *A acentuação dos nomes em compostos em inglês e o ensino para estrangeiros*, 1981, UFRJ
- *A gheada como variação fonológica da língua galega*, 1984, UFBA
- *Dessonorização final das plosivas na aquisição da língua inglesa como língua estrangeira*, 1990, PUC-RS
- *Tom, entonação e acento de intensidade na língua sí-makonde: bases para um estudo morfotonológico*, 1991, Unicamp
- *Estudo das divergências fonéticas entre o inglês britânico RP e o inglês americano GA*, 1994, UECE
- *Aquisição do parâmetro configuração de mão na Língua Brasileira dos Sinais (LIBRAS): estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos*, 1994, PUC-RS
- *Fenômenos de Enfraquecimento Consonantal no Espanhol Argentino de Rosario*, 1995, UFMG
- *Processos fonológicos aquisicionais e processos fonológicos no crioulo da Guiné-Bissau: algumas relações*, 1996, UFBA
- *O atual sistema vocálico do Francês Padrão*, 1996, UFG
- *O papel da sílaba e da mora na organização rítmica do japonês*, 1997, Unicamp
- *Língua inglesa como língua estrangeira no terceiro grau: um estudo de desvios fonológicos*, 1997, USP
- *A sílaba no palanquero, crioulo espanhol da Colômbia*, 1998, UnB
- *A fonologia do dialeto cigano romanês de Contagem (MG)*, 1999, UnB
- *Aquisição fonológica na língua brasileira de sinais: estudo longitudinal de uma criança surda*, 1999, PUC-RS
- *A fonologia segmental do sranan*, 2000, UnB
- *Epêntese diante do segmento [w] no espanhol do Uruguai*, 2000, UCPel

Várias pesquisas são sobre o inglês como língua estrangeira, e podemos supor que, na verdade, essas pesquisas foram desenvolvidas em comparação com o português, tendo alunos brasileiros como agentes envolvidos nessas pesquisas. Nesse sentido, também



há várias pesquisas em nosso *corpus* sobre o francês, o espanhol e também o alemão como línguas estrangeiras, mas normalmente esses títulos marcam a relação com a língua portuguesa, por isso não foram elencados aqui.

Não nos parece haver nenhum padrão claramente visível entre as línguas estudadas, as datas das pesquisas ou as universidades nas quais foram realizadas. Entretanto, é possível correlacionar inglês e francês com o ensino obrigatório delas, o seu prestígio, em épocas diferentes, nos círculos científicos e nas Humanidades e na Linguística (na qual o francês mantém-se como principal língua em domínios expressivos, como Análise do Discurso e Semiótica), a existência de tradicionais e longevos cursos de Letras com essas habilitações. É também o caso, mais recentemente, do espanhol. Sobre esta língua, além disso, como demonstram estudos como o de DANNA (2019), ao menos desde 1919, há processos oficiais, ainda que descontínuos, de incentivo ao seu ensino, bem como uma presença significativa em regiões como o Sul do Brasil.

Línguas como o alemão e o japonês entram no rol das línguas de imigração tradicionalmente presentes em certas regiões do Brasil, além de também disporem de cursos de graduação e pós-graduação tradicionais em instituições como a USP.

## 4.5 Interfaces

Durante a composição do corpus, percebemos que muitas pesquisas realizadas são interdisciplinares, e por isso mapeamos quais são as interfaces presentes nos documentos.

Uma das interfaces encontradas foi a dos estudos em Fonética e Fonologia com foco no ensino. Nessa interface, identificamos estudos que se referem tanto ao ensino de língua materna (ou seja, o português) quanto ao ensino de línguas estrangeiras. Alguns exemplos são:

- *Análise comparativa dos sistemas fonológicos do inglês e do português: classificação dos erros prováveis com sugestões para uma aplicação pedagógica*, 1969, Unesp
- *Análise contrastiva do sistema fonológico do armênio e do português: implicações pedagógicas*, 1990, USP
- *Aspectos fonético-fonológicos da variedade lingüística usada pelos alunos do Colégio de Aplicação da UFG no início do processo de alfabetização*, 1994, UFG
- *The production of english syllable-final consonants by brazilian EFL learners*, 1998, UFSC
- *A relação oralidade/escrita: evidências de que a criança, em fase de alfabetização, não se utiliza apenas da percepção fonética da fala para representar a escrita*, 2000, UFJF

Além da área pedagógica, encontramos também pesquisas que se relacionam com outros campos de estudos dentro da Linguística, como a Psicolinguística e a Sociolinguística, principalmente. (BISOL, 2006) cita nomes de pesquisadores e de universidades que foram importantes para a área de Psicolinguística, no que se refere à Fonologia, no começo da formação do campo no Brasil:

Entre os centros de psicolinguística de projeção no país, restringimo-nos aos que tratam da aquisição da linguagem e sua relação com a fonologia. Esta linha de pesquisa foi iniciada na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) por Mehmet S. Yavas, que esteve entre nós por 10 anos, 1980-1990, quando preparou pesquisadores para operarem nesta área. Dando continuidade, Regina Lamprecht privilegia a fonologia dos desvios e organiza-se em equipe com Carmen Hernandorena, da Universidade Estadual de Pelotas (UCPel), voltada para a aquisição em seus aspectos fonológicos gerais.

Na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), os pesquisadores Bernadete Abaurre, Ester Scarpa e Eleonora Albano privilegiam estudos sobre a aquisição normal.

Na Universidade Federal da Bahia (UFBA), Elisabeth Teixeira, a iniciadora de pesquisas na área, também cuida, com sua equipe, de assuntos relacionados à fonologia na aquisição. (BISOL, 2006, p. 455)

Nossos dados refletem e confirmam as afirmações de Bisol, pois as pesquisas que listamos na área de Aquisição da Linguagem estão concentradas nas universidades citadas por ela. Entretanto, temos listados em nosso *corpus* 3 mestrados que são anteriores ao surgimento dessa linha de pesquisa na PUC-RS: *Contribuição para um estudo da aquisição do sistema fonológico português pela criança* (1971, USP), *Considerações sobre o desenvolvimento dos traços distintivos do português em crianças de dois a seis anos e onze meses* (1982, PUC-SP) e *Aspectos psicolinguísticos da percepção fonológica em crianças de 4 a 6 anos* (1983, PUC-SP), mas não parece ter havido continuidade dessa área na USP e na PUC-SP nas décadas aqui estudadas.

Outra pesquisadora, LAMPRECHT (2003), reforça a importância da PUC-RS para o estabelecimento da área no Brasil:

A linha de pesquisa *Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem* tem sido, sem dúvida, muito produtiva na PUCRS. [...] É importante ressaltar a constante evolução, ao longo dos anos, nas posições adotadas nas pesquisas. Tomando como exemplo as pesquisas sobre a aquisição do componente fonológico, pode ser apontada uma trajetória percorrendo modelos teóricos nos quais se fundamenta a análise de dados. Iniciada

com a Fonologia Natural de Stampe, a análise passou pela Gerativa de Chomsky e Halle e desta para a Autossegmental, adotada desde 1994 em estudos baseados na Métrica, na Geometria de Traços, na Teoria da Sílabas. Desde 1999 são feitos estudos com base na Teoria da Otimidade.(LAMPRECHT, 2003, p. 13)

Em relação às pesquisas na área de Sociolinguística, nossos parâmetros de trabalho parecem não ter sido muito produtivos para conseguir identificá-las. Somente pelos títulos, pudemos verificar poucas correspondências nessa interface. A seguir, apresentamos alguns exemplos.

- *Italianos em Joaçaba: estudo histórico e sociolinguístico do núcleo italiano da micro-região do meio-oeste catarinense*, 1977, UFSC
- *Variação fonológica na fala de Mato Grosso: um estudo sociolinguístico*, 1980, PUC-RJ
- *Alçamento das vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística*, 1987, UFMG
- *A vibrante: representação e análise sociolinguística*, 1992, UFRGS
- *Um estudo sociolinguístico lexical e fonológico na fala dos guias turísticos em Foz do Iguaçu*, 1994, PUC-RS

Outras interfaces identificadas estão um pouco mais longe do que podemos considerar como estudos “comuns” em Linguística. As interfaces apresentadas a seguir se relacionam a Meios de Comunicação (pesquisas relacionadas a teatro, televisão e rádio), à área da Saúde (pesquisas nas áreas de Medicina, Biologia, Odontologia, por exemplo) e à área de Engenharia.

A tendência que pudemos identificar nas pesquisas relacionadas a Meios de Comunicação foi a análise da fala de jornalistas e radialistas do ponto de vista da Fonética e da Fonologia. Além disso, destacamos que encontramos um estudo na Faculdade Cásper Líbero, cujo foco são os estudos em Comunicação Social, mas que não tem um programa de pós-graduação em Linguística. A seguir, elencamos alguns exemplos que enquadrados nesse tipo de interface:

- *Comportamento fonético-fonológico da língua na televisão paulista*, 1970, USP
- *Aproveitamento dos sons do aparelho fonador para fins estéticos no teatro*, 1982, PUC-Campinas
- *Pelo microfone: inserção e desvios do falar regional na pronúncia de jornalistas de rádio e TV em João Pessoa*, 1993, UFPB

- *Análise da constituição do estilo oral por radialistas: um estudo fonético-acústico comparativo*, 1996, PUC-SP
- *A escrita fonética e a televisão: sua influência na atitude de adolescentes*, 1997, Cásper Líbero

Na área de Saúde, observamos estudos que podem ser identificados mais com o campo da Fonética. Na Unicamp, por exemplo, Luiz Carlos Cagliari orientou dois mestrados que podem ser enquadrados nessa interface: *Estudo Fonético em crianças fissuradas de zero a três anos* (1986) e *Estudo descritivo de alguns aspectos da fala de sujeitos portadores de fissura lábio-palatina* (1991). Ambas as pesquisas citam em seus resumos ou nos agradecimentos a colaboração com hospitais e profissionais da área da Saúde.

Relacionamos estas pesquisas mais especificamente com o campo da Fonética por se tratarem de estudos que se preocupam com questões que envolvem a anatomia do corpo humano, que se utilizam de aparelhos e técnicas específicos, características que, como vimos anteriormente, normalmente estão mais relacionadas à Fonética do que à Fonologia. Alguns outros exemplos desse tipo de mestrados e doutorados são:

- *Frequência fundamental da voz e tempo máximo de fonação em indivíduos com interposição da língua na fala*, 1991, Unifesp
- *Recuperação da difusão fonética em indivíduos desdentados com emprego de próteses totais duplas confeccionadas com base na técnica da zona neutra*, 1993, Unicamp
- *Análise acústica computadorizada, videofluoroscópica e perceptivo-auditiva da fala de indivíduos com fissura labiopalatina*, 1998, PUC-SP
- *O efeito do vedamento da fístula do palato sobre a ressonância da fala de indivíduos com fissura de palato*, 2000, USP (Faculdade de Odontologia de Bauru)

Por fim, temos a interface com a área de Engenharia (e Computação). **ALBANO (2021)** nos conta sobre a parceria que teve com pesquisadores da Faculdade de Engenharia na Unicamp, como já mencionamos na seção 4.2.1. Nessa seção, citamos as seguintes pesquisas: *Síntese de voz a partir de texto para a língua portuguesa* (1992), *Modelamento prosódico para conversão texto-fala do português falado no Brasil* (1995), *Implementação de um sistema de conversão texto-fala para o português do Brasil* (1999) e *Reconhecimento de fala contínua usando modelos ocultos de Markov* (1999). Outros exemplos dessa interface são:

- *Estudo de um modelo para reconhecimento de voz baseado em discriminação acústico-fonética*, 1988, ITA

- *Codificador de voz LPC-multipulso com interpolação por período tonal*, 1991, UnB
- *Voz em sistemas computacionais: projeto e implementação de módulos de processamento de voz em gerenciamento de redes*, 1995, USP
- *Conversão fala-texto em português do Brasil integrando segmentação sub-silábica e vocabulário ilimitado*, 1998, ITA
- *O uso do computador como ferramenta para aprimorar a pronúncia dos sons fonêmicos de línguas estrangeiras*, 1998, UPM

A maioria dos exemplos dados são da década de 1990, período em que, como vimos, o número de pesquisas cresceu grandemente, e essa expansão da área talvez tenha permitido que mais pesquisas interdisciplinares como essas pudessem ser realizadas, ou, simplesmente, que pesquisadores de outras áreas pudessem se interessar com mais clareza pelas áreas de Fonética e Fonologia.

Os dados utilizados para as análises nesta seção nos permitiram observar que a língua portuguesa foi o principal objeto de estudo das pesquisas, com exceção das pesquisas realizadas na região Norte do Brasil, já no final da década de 1990, que apontam uma preferência para as línguas indígenas.

Observando as pesquisas realizadas na Unicamp e na UFSC, pudemos evidenciar interfaces e ênfases diferentes nas duas universidades, em uma primeira análise sobre como as pesquisas e os caminhos seguidos por pesquisadores em diferentes universidades pode ser tão complexo e multifacetado. Entretanto, as duas universidades também apresentam similaridades, como uma grande quantidade de estudos sobre línguas indígenas. Outras interfaces também foram observadas em diferentes universidades pelo Brasil, e algumas dessas interfaces, como com as áreas da Saúde ou Engenharia, indicaram-nos que a divisão entre Fonética e Fonologia, estabelecida pelo Círculo Linguístico de Praga, teve ressonância também no Brasil.

# Capítulo 5 – Considerações finais

---

# Capítulo 5

## Considerações finais

As pesquisas na(s) área(s) de Fonética e Fonologia tiveram continuidade ao longo de todo o período histórico que estudamos. O começo dessas pesquisas variou entre as diferentes regiões do Brasil, mas, uma vez que a especialidade foi instalada em determinada região, não houve interrupção posterior.

Ao longo das décadas pudemos acompanhar o aumento no número de pesquisas, tanto no que diz respeito à quantidade de mestrados e doutorados quanto em relação à presença de estudos em diferentes regiões e universidades do Brasil. Apesar de termos o doutorado de Mattoso Câmara Jr. como marco inicial, em 1949, ao longo da década de 1950 não encontramos nenhuma outra pesquisa de acordo com os nossos parâmetros de busca. A década de 1960 apresenta um (re)começo tímido, com pesquisas na UnB, na Unesp e na USP, que é seguido de um grande crescimento nas décadas de 1970 e 1980, com pesquisas em muitas outras universidades. A década de 1990 apresenta uma expansão bastante grande tanto no número de pesquisas realizadas quanto nos locais de pesquisa no Brasil, como vimos na seção 3.4. No final da década de 1990, a Fonética e a Fonologia estavam já presentes em todas as regiões do país, com diferentes enfoques no que se refere às línguas estudadas, ao nível das análises, à configuração de temas e metodologias das pesquisas, entre outras características.

A distinção estabelecida ainda no começo do século XX, em que se tem, de um lado, “Fonética”, definida como um estudo mais técnico e experimental dos sons da fala humana, não ligado, necessariamente, a um determinado sistema linguístico em particular, e, de outro lado, “Fonologia”, definida como o estudo de um determinado sistema linguístico e das relações estabelecidas dentro desse sistema, parece ter se demonstrado clara também em nosso *corpus*. As pesquisas orientadas por Dário Fred Pagel sobre o francês como língua estrangeira, na UFSC, assim como pesquisas orientadas na Unicamp por Luiz Carlos Cagliari e Eleonora Cavalcante Albano sobre o português do Brasil ou sobre questões mais ligadas à Medicina e à Engenharia, trazem uma clara preocupação com as

técnicas utilizadas, os aparelhos empregados (e a condição dos laboratórios de fonética nessas universidades), as tecnologias envolvidas para garantir uma boa metodologia e resultados claros para a pesquisa, para além dos pressupostos teóricos utilizados. Nas interfaces identificadas, por exemplo, podemos notar que estudos nas área de Engenharia e Saúde privilegiam a palavra “Fonética” em seus títulos, lidando com fatores físicos mais específicos, como problemas de saúde ou uso de teoria fonética combinada com engenharia para criar programas computacionais analíticos sobre a língua. Por outro lado, temos também pesquisas que se preocupam mais com os pressupostos teóricos utilizados e a teoria fonológica para analisar o fenômeno em questão, pois diferentes teorias podem levar a análises distintas sobre o mesmo objeto de estudo.

O estudo da língua portuguesa (como um todo ou em suas variedades regionais) prevalece como um dos temas principais das pesquisas, assim como as línguas indígenas. Agentes específicos aparecem como figuras importantes sobre os estudos das línguas indígenas, como Aryon Dall’Igna Rodrigues e Lucy Seki, como já é bastante conhecido no meio acadêmico. Além disso, os estudos sobre línguas indígenas na UFSC, na década de 1990, também merecem atenção e destaque. Talvez tenhamos tido um período em que existiram paralelamente dois núcleos de estudos com foco nas línguas indígenas. Não sabemos até que ponto esses dois núcleos colaboraram entre si, entretanto, e esse tópico seria bastante interessante para ser explorado no futuro. Além disso, cabe destacar que o estudo da língua portuguesa aparece com enfoques específicos, com pesquisas sobre questões segmentais em destaque e maior abundância.

Quais teorias ou vieses de descrição e análise os pesquisadores usaram em suas pesquisas, entretanto, é algo que não nos foi possível verificar até o momento, apesar de nosso interesse em tentar entender quais foram os caminhos teóricos seguidos no Brasil, visto que os modelos de análise disponíveis, como mencionado no começo deste texto, são numerosos. Parece-nos, entretanto, que as pesquisas no Brasil seguiram os modelos “em voga”, percorrendo um caminho que vai desde o estruturalismo de Mattoso Câmara nas décadas de 1940 e 1950 até as pesquisas em Teoria da Otimidade no final da década de 1990.

Além disso, destacamos o papel dos estudos sobre aquisição da linguagem, que aparecem de maneira sólida ao longo das décadas que pesquisamos<sup>1</sup>, também graças a agentes específicos: Regina Ritter Lamprecht e Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, pesquisadoras do Sul do país, se destacam nessa área de pesquisa.

Também no Sul do país temos outra pesquisadora que é considerada por muitos como um dos pilares dos estudos de Fonologia no Brasil: Leda Bisol, que orientou pesquisas

---

<sup>1</sup>Principalmente nas décadas de 1980 e 1990, quando há, de fato, um grande aumento no número de pesquisas no Brasil.



principalmente sobre o português do Brasil e sobre variedades específicas da região Sul.

A expansão que vimos ao longo das décadas, com cada vez mais pesquisas realizadas em universidades espalhadas pelo Brasil, mostra também a crescente profissionalização de agentes especializados na área, seja por formação acadêmica adquirida no Brasil seja no exterior. O aumento de trabalhos visto na área a partir dos anos 1990 pode também ser um reflexo de políticas científicas que foram implementadas para que a formação de mestres e doutores fosse mais célere, com a diminuição e maior controle dos prazos de conclusão de mestrados e de doutorados, o registro sistemático e valorizado da quantidade de trabalhos orientados, entre outras “medidas”.

A ida de brasileiros para o exterior e também a presença de estrangeiros entre os agentes destacados foi uma das características que mais nos chamou a atenção ao longo da pesquisa. Nos capítulos 2 e 3 vimos dados de vários pesquisadores que foram para os Estados Unidos ou para a Europa para cursarem os seus mestrados e doutorados, e uma vez que voltaram ao Brasil passaram a usar o conhecimento adquirido e também desenvolvido no exterior em suas pesquisas e em orientações. A década de 1990 também parece marcar a intensificação desse processo de internacionalização (presente como um aspecto importante desde o começo da história que acompanhamos) da formação de mestres e, principalmente, doutores, em correlação com políticas científicas brasileiras.

Quatro estrangeiros apareceram em nossos dados como orientadores de uma quantidade de pesquisas considerável na área de Fonética e Fonologia: Anthony Julius Naro (nascido em 1942), Jean-Pierre Angenot (1941-2018), Giles Lothar Istre (1927-1999) e Mehmet Sukru Yavas (data de nascimento não encontrada). Não nos aprofundamos nos detalhes de suas pesquisas nem de suas carreiras antes de virem ao Brasil, mas podemos supor que essas histórias pessoais, de vidas que começaram fora do Brasil e foram construídas sob a égide de outras culturas e costumes, também tiveram impacto na formação da área científica que estudamos em nosso país.

A busca que fizemos nos sites das universidades brasileiras, nos Currículos Lattes de pesquisadores da área e também nas bibliografias complementares nos permitiram montar um *corpus* que excedeu nossas expectativas iniciais em relação à quantidade de mestrados e doutorados encontrados, o que nos levou a compreender que a produção de conhecimento por meio desse tipo de documentação no Brasil foi muito mais rica do que imaginávamos antes de começar esta pesquisa historiográfica.

Acreditamos que o tema aqui tratado ainda pode ser explorado de muitos outros ângulos, com documentações complementares e com enfoques específicos. Neste trabalho, apresentamos várias tabelas e mapas que são um passo inicial para ter uma visão global da história da Fonética e da Fonologia no Brasil, mas ainda bastante circunscrito, devido ao tipo de documentação específica que utilizamos. Apresentamos dados sobre quantidade

de pesquisas realizadas e sua evolução temporal; agentes (pesquisadores) que tiveram um papel importante enquanto orientadores de pesquisas, e também redes de orientações estabelecidas; distribuição temporal e geográfica das universidades onde essas pesquisas foram realizadas; nuvens de palavras com os títulos das pesquisas e os temas tidos como objetos de estudos; fizemos alguns comentários mais específicos sobre dois núcleos universitários (a Unicamp e a UFSC) e, por fim, apresentamos também as línguas estudadas e as interfaces estabelecidas.

Nossa organização documental está à disposição de outros pesquisadores, seja para simples consulta ou para aprofundar a análise de algum aspecto dessa parte da comunidade científica brasileira.

# Referências Bibliográficas

- ABERCROMBIE, David. *Fifty Years in Phonetics: selected papers*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1991.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005.
- ALBANO, Eleonora Cavalcante. “O português brasileiro e as controvérsias da fonética atual: pelo aperfeiçoamento da Fonologia Articulatória.” *DELTA*, vol. 15(especial), 23–50, 1999.
- . “Retrospectiva da Fonologia Gestual no Brasil.” In: BRUMDE-PAULA, Mirian Rose (Org.), *IV Encontro do Dinafon: Programação e resumos*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2010.
- . “Fonologia de Laboratório.” In: HORA, Dermeval da & MATZENAUER, Carmen Lúcia (Orgs.), *Fonologia, Fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017.
- . “Ferramentas Fonéticas para a trans/interdisciplinaridade: 1983-2021.” In: Estudos em Fonética no Brasil: um panorama histórico. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=koYQ8gJC-a4>>. Acesso em: 19 maio. 2021., 2021.
- ALTMAN, Cristina. *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas, 2004.
- . “Retrospectivas e perspectivas da historiografia da linguística no Brasil.” *Revista Argentina de historiografía Lingüística*, vol. 1(2), 115–136, 2009.
- . “A correspondência Jakobson-Mattoso Câmara (1945-1968).” *Confluência*, vol. 1(49), 9–42, 2015.
- . “Zeitgeist: em homenagem a Evanildo Bechara por ocasião dos seus 90 anos.” *Confluência*, vol. 55, 164–182, 2018.
- . “A Guerra Fria Estruturalista. Abralin ao Vivo.” Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UsgBMHjwbxU>>. Acesso em: 10 jul. 2020., 2020.
- ANDERSON, Stephen R. *Phonology in the Twentieth Century: Theories of Rules and Theories of Representations*. Chicago: University of Chicago Press, 1985.

- ANDERSON, Stephen R. “Phonology.” *In*:HOGAN, Patrick (Org.), *The Cambridge Encyclopedia of the Linguistic Sciences*, p. 609–612. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. Disponível em: <<https://cowgill.ling.yale.edu/sra/phonology.htm>>. Acesso em: 08 ago. 2020.
- ANDRÉ, Marli E. D. A. “A produção acadêmica sobre formação de professores: um estudo comparativo das dissertações e teses defendidas nos anos 1990 e 2000.” *Formação Docente, Belo Horizonte*, vol. 01(01), 41–56, 2009.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Fonética e Fonologia: bibliografia brasileira*. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 1997.
- . “Resgatando a história do Atlas Linguístico do Brasil.” *Acta Semiotica et Lingvistica (ASEL)*, 2020.
- BARROS, Luizete Guimarães de. *A Nasalização Vocálica e Fonologia Introdutória à Língua Katukína (Páno)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1987.
- BISOL, Leda. “A fonologia: de Mattoso Câmara a nossos dias.” *In*:CARDOSO, S. A. M, MOTA, J. A. & SILVA, R. V. M. (Orgs.), *Quinhentos anos de História Linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006.
- . “Fonologia Lexical.” *In*:HORA, Dermeval da & MATZENAUER, Carmen Lúcia (Orgs.), *Fonologia, Fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017.
- BRAGGIO, Sílvia Lúcia Bigonjal. *Aspectos fonológicos e morfológicos do Kadiwéu*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1981.
- BROWN, Adam. “Phonetics and Phonology: historical overview.” Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781405198431.wbeal0910>>. Acesso em: 24 fev. 2020., 2012.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. “Fonética: uma entrevista com Luiz Carlos Cagliari.” *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*, vol. 4(7), 2006.
- CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. 2a. Ed. Revista. Coleção Letras. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- CASTILHO, Ataliba T. de. “A reforma dos cursos de Letras.” *ALFA*, vol. 3, 05–44, 1963. São Paulo.
- . “A cadeira de Linguística no Curso de Letras.” *ALFA*, vol. 7/8, 155–161, 1965. São Paulo.
- CAVALCANTE, Marita Pôrto. *Fonologia e morfologia da língua Kaingang: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1987.

- CHIQUETTI, Sandra Regina Oliveira. *Estudo fonético em crianças fissuradas de zero a três anos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1986.
- CHOMSKY, Noam & HALLE, Morris. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.
- CLEMENTS, G. N. In: “The geometry of phonological features”. *Phonology Yearbook 2*. Cambridge/UK: Cambridge University Press, 1985.
- COELHO, O., OLIVEIRA, K. G. S. & PRAIS, F. “Notas sobre a história recente da Fonética no Brasil.” *No prelo*, 2021.
- COSTA, Catarina de Sena Sirqueira Mendes da. *Pelas falas do Canto: uma etnografia*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1988.
- COSTA, Evelyne & KELLER, Tatiana. “Entrevista com Leda Bisol.” *fragmentum*, vol. 39, 13–17, 2013.
- CRISTÓFARO SILVA, Thaïs. “Fonética e Fonologia: Perspectivas Complementares.” *Revista de Estudos da Linguagem*, vol. 3, 25–40, 2006. Vitória da Conquista - BA. Disponível em: <[http://www.letras.ufmg.br/padroao\\_cms/documentos/profs/thaiscristofaro/2006\\_ART\\_Fon%C3%A9tica%20e%20Fonologia:%20Perspectivas%20Complementares.pdf](http://www.letras.ufmg.br/padroao_cms/documentos/profs/thaiscristofaro/2006_ART_Fon%C3%A9tica%20e%20Fonologia:%20Perspectivas%20Complementares.pdf)>. Acesso em: 19 jul. 2020.
- . “Fonética: Desafios e Perspectivas.” In: DA HORA, Dermeval, ALVES, Eliane Alves & ESPÍNDOLA, Lucienne (Orgs.), *Abralin: 40 anos em cena*, p. 241–259. 1a. ed. João Pessoa: Idéia Editora, 2009. Disponível em: <[http://www.letras.ufmg.br/padroao\\_cms/documentos/profs/thaiscristofaro/2009\\_CAP\\_Fon%C3%A9tica:%20Desafios%20e%20Perspectivas.pdf](http://www.letras.ufmg.br/padroao_cms/documentos/profs/thaiscristofaro/2009_CAP_Fon%C3%A9tica:%20Desafios%20e%20Perspectivas.pdf)>. Acesso em: 19 jul. 2020.
- CRUZ, Aline da & COELHO, Olga. “Lucy Seki (1939-2017) em primeira pessoa do singular.” *LIAMES: Línguas Indígenas Americanas*, vol. 18(2), 414–428, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.20396/liames.v18i2.8652695>>. Acesso em: 27 jan. 2021.
- CUNHA, Pérciles. *Análise fonêmica preliminar da língua Guajá*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1987.
- CÂMARA JR, J. Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- CÂMARA JR, J. Mattoso. “O Estruturalismo Linguístico.” *Estruturalismo Tempo Brasileiro*, vol. 15/16, 5–43, 1973.
- D’ANGELIS, Wilmar da Rocha. “O alinhamento pró-Estados Unidos da Fonologia no Brasil.” *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, vol. 4(1), 87–115, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1984-63982004000100007>>. Acesso em: 05 ago. 2020.
- . “Aryon das Línguas Rodrigues.” *Estudos da Língua(gem)*, vol. 4(2), 13–19, 2006.

- DANNA, Stela Maris Detregiacchi Gabriel. *A língua espanhola no Brasil: História de sua presença em materiais linguísticos produzidos entre 1919 e 1961*. Tese de Doutorado, Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, 2019.
- DI NINNO, Camila Queiroz de Moraes Silveira. *O efeito do vedamento da fístula do palato sobre a ressonância da fala de indivíduos com fissura de palato*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- EVERETT, Daniel Leonard. *Aspectos da fonologia do Pirahã*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1979.
- FERREIRA-GONÇALVES, Giovana & ALVES, Ubiratã Kickhötél. “Retrospectiva dos estudos em Fonologia e Teoria da Otimidade no Brasil.” In: BRUMDE-PAULA, Mirian Rose (Org.), *IV Encontro do Dinafon: Programação e resumos*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2010.
- FICO, Carlos & POLITO, Ronald. “Teses e Dissertações de História Defendidas em 1995.” *Estudos Históricos*, vol. 17, 167–176, 1996.
- FIGUEIREDO, Ricardo Molina de. *Identificação de falantes: aspectos teóricos e metodológicos*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1994.
- FRANCHETTO, Bruna & VIEIRA, Cássio Leite. “Yonne de Freitas Leite: a linguista de paixão infinda.” *Ciência Hoje*, vol. 50, 62–68, 2013.
- FRANÇA, Angela Maria Ribeiro. *Texto e Contexto nos escritos linguísticos de Mattoso Câmara: 1938-1954*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- FÊTIZON, B. In: “Fundação da Universidade de São Paulo”. *A Universidade e sua alma endemoninhada*. São Paulo: FEUSP, 2012. Série Estudos & Documentos, v. 45.
- GABAS JUNIOR, Nilson. *Fonologia da língua Karo (Arara de Rondônia)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1989.
- GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Genève: E. Droz, 1957.
- GOLDSMITH, John. *Autosegmental Phonology*. Tese de Doutorado, Cambridge: MIT Press, 1976.
- GUALDIERI, Cecilia Beatriz. *Mocovi (Guaicuru): fonologia e morfossintaxe*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1998.
- HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini, HAYASHI, Carlos Roberto Massao & SILVA, Márcia Regina da. “Panorama da educação jesuítica no Brasil colonial: síntese do conhecimento em teses e dissertações.” *Em Aberto*, vol. 21(78), 137–172, 2007.
- HORA, Dermeval da & MATZENAUER, Carmen Lúcia. *Fonologia, Fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017.

- HORA, Dermeval da & VOGLEY, Ana Carla Estellita. “Fonologia Autossegmental.” In: HORA, Dermeval da & MATZENAUER, Carmen Lúcia (Orgs.), *Fonologia, Fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017.
- ISTRE, Giles Lothar. *A Phonological Analysis of a Brazilian Portuguese Interior Dialect*. Tese de Doutorado, Louisiana State University and Agricultural and Mechanical College, 1971.
- KARNOPP, Lodenir Becker. *Aquisição do parâmetro configuração de mão na Língua Brasileira dos Sinais (LIBRAS): estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), 1994.
- . *Aquisição fonológica na língua brasileira de sinais: estudo longitudinal de uma criança surda*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), 1999.
- KOERNER, E. F. K. In: “A minor figure in 19th-century french linguistics: A. Dufriche-Desgenettes”. *Toward a Historiography of Linguistics: Selected Essays*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1978a.
- . In: “Jan Baudouin de Courtenay: his place in the history of Linguistic Science”. *Toward a Historiography of Linguistics: Selected Essays*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1978b.
- . “Historiography of Phonetics: the State of the Art.” *Journal of the International Phonetic Association*, vol. 23(1), 1–12, 1993.
- . “O problema da metalinguagem em Historiografia da Linguística.” *DELTA*, vol. 12(1), 95–124, 1996. Traduzido por Cristina Altman.
- . *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Tradução de Cristina Altman et alii. Vila Real: Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro, 2014.
- KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2013 [1962].
- LAMPRECHT, Regina. “Memórias do passado, repercussões do presente: vinte anos de pesquisas em Aquisição da Linguagem na PUCRS.” *Letras de Hoje*, vol. 38(2), 11–21, 2003.
- LIER-DEVITTO, Maria Francisca. “Uma presença marcante na Aquisição da Linguagem no Brasil: homenagem a Regina Ritter Lamprecht.” *Revista Prolíngua*, vol. 8(2), 5–16, 2013.
- LOAKES, Deborah. “From IPA to PRAAT and beyond.” In: ALLAN, Keith (Org.), *The Oxford Handbook of the History of Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- LÉVI-STRAUSS, C. In: “Anotações de viagem”. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996 [1955].

- MAGALHÃES, José & BATTISTI, Elisa. “Fonologia Métrica.” In: HORA, Dermeval da & MATZENAUER, Carmen Lúcia (Orgs.), *Fonologia, Fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis. “Luiz Carlos Cagliari: uma Vida Inteira Dedicada à Escola. Impressões de uma Espectadora Não-isenta.” *Estudos da Língua(gem): Questões de Fonética e Fonologia: uma Homenagem a Luiz Carlos Cagliari*, vol. 3, 11–23, 2006.
- MATZENAUER, Carmen. “Fonologia Gerativa.” In: MAGALHÃES, José (coord.). *Fonologia*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=G4cPkkK8lqU&t=7683s>>. Acesso em: 07 ago. 2020., 2020.
- MEDEIROS, B. Raposo de & DEMASI, Rita de Cássia Benevides. *A história que nos conta o acervo do Laboratório de Fonética da USP*. São Paulo: Boletim on-line do CEDOCH, 2006.
- MEER, Tine Henriete van der. *Fonologia da língua suruí*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1982.
- MORI, Angel Humberto Corbera. *Fonologia e gramática do Aguaruna (Jívaro)*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1994.
- MOUNIN, Georges. *Historia de la Lingüística: desde los orígenes al siglo XX*. Madrid: Editorial Gredos, S.A. Versión española de Felisa Marcos, 1968.
- MULLER, Diocelma Maria. *Aspectos da fonética, da fonêmica e do léxico da língua Moré (família Txapakúra)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 1995.
- MURRAY, S. O. In: “Theory groups in science”. *Theory Groups and the Study of Language in North America - A Social History*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1994.
- OHALA, John J. “Phonetics and Phonology: then, and then, and now.” *LOT Occasional Series*, vol. 2, 133–140, 2004. Disponível em: <[http://linguistics.berkeley.edu/~ohala/papers/nooteboom\\_fest.pdf](http://linguistics.berkeley.edu/~ohala/papers/nooteboom_fest.pdf)>. Acesso em: 24 fev. 2020.
- OLIVEIRA, Dermeval da Hora. *Uma vida, várias histórias, várias metas: um caminho permeado pela diversidade*. Memorial – Universidade Federal da Paraíba, 2015.
- PAGANO, Adriana & VASCONCELLOS, Maria Lúcia. “Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990.” *DELTA*, vol. 19: ESPECIAL, 1–25, 2003.
- PANDEY, Pramod. “Developments in Indian Linguistics 1965-2005: Phonology.” In: NAGARAJA, K. S. et al. (Org.), *Research Trends in Lexicography, Sanskrit and Linguistics: Proceedings of Seminar in Honour of Professor S. M. Katre*, p. 121–132. Deccan College, Pune, India, 2007.



- POSSENTI, Sirio. *Algumas considerações sobre o problema da abstração das representações fonológicas*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1977.
- PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. “Biografia de Nelson Rossi.”, [s.d.]. Disponível em: <[https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/biografia\\_n.\\_rossi.pdf](https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/biografia_n._rossi.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- RARAS, REVISTA LETRAS. “Entrevista concedida à Revista Letras Raras pelo professor de língua francesa, Dário Pagel.” *Revista Letras Raras*, vol. 6(2), 234–238, 2017.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. “A Obra Científica de Mattoso Câmara Jr.” *Estudos da Língua(gem)*, vol. 2, 2005.
- . *Línguas indígenas brasileiras*. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna & ALTMAN, Cristina. “Aryon Rodrigues, por Aryon Rodrigues.” *Historiografia da Lingüística Brasileira - Boletim 5 Em homenagem a Aryon Dall’Igna Rodrigues*, vol. 5, 2000. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP.
- SALAZAR, Gabriela Victoria Garcia. *Asheninca-Ucayali: morfologia & fonologia*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 1993.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- SCHWINDT, Luiz Carlos & COLLISCHONN, Gisela. “Teoria da Otimidade.” *In: HORA, Dermeval da & MATZENAUER, Carmen Lúcia (Orgs.), Fonologia, Fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017.
- SEKI, Lucy. “A Linguística Indígena no Brasil.” *DELTA*, vol. 15, 257–290, 1999.
- . “TV. Raiz #9 - Kamaiurá - Lucy Seki.”, 2011a. *In: Revista Raiz*. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=cbkIbDjIpmM&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?v=cbkIbDjIpmM&feature=emb_title)>. Acesso em: 27 jan. 2021.
- . “TV. Raiz #9 - Percurso - Lucy Seki.”, 2011b. *In: Revista Raiz*. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=ZGIDI\\_JeDSQ](https://www.youtube.com/watch?v=ZGIDI_JeDSQ)>. Acesso em: 22 maio. 2021.
- SILVA, José Júnior Dias da & COSTA, Consuelo Paiva Godinho. “Debucalização e Fonologia Autossegmental.” *Letrônica*, vol. 7(2), 627–651, 2014. Porto Alegre.
- SILVA, Márcio Ferreira da. *A fonologia segmental Kamayurá*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1981.
- SILVA, Thaís Cristóforo & GOMES, Christina Abreu. “Teoria de Exemplares.” *In: HORA, Dermeval da & MATZENAUER, Carmen Lúcia (Orgs.), Fonologia, Fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017.

- SLONGO, Iône Inês Pinsson. *A produção acadêmica em ensino de biologia: um estudo a partir de teses e dissertações*. Tese de Doutorado, Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.
- SOARES, Maria Elisa. “Socorro Aragão e a Linguística no Nordeste: roteiro biobibliográfico.” *Revista do GELNE*, vol. 2(1), 7–11, 2000.
- SOUZA, Isaac Costa de. *Contribuição para a fonologia da língua Arara (Karib)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1988.
- SOUZA, Paulo Chagas. “Fonologia de Laboratório.” *In: FIORIN, José Luiz (Org.), Novos caminhos da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2017.
- SUGIYAMA JUNIOR, Enio. *O Ensino de Linguística no Brasil (1960-2010): efeitos do processo de institucionalização da disciplina na configuração curricular dos cursos de Letras e Linguística*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2020.
- SWIGGERS, Pierre. *In: “Introduction: the problem of an international auxiliary language”. The Collected Works of Edward Sapir (I General Linguistics)*. Nova Iorque/Berlin: Mouton de Gruyter, 2008.
- . “História e Historiografia da Linguística: Status, Modelos e Classificações.” *EUTOMIA Revista Online de Literatura e Linguística*, vol. 3(2), 2010. Traduzido por Cristina Altman.
- SÂNDALO, Maria Filomena Spatti. *Aspectos da língua pirahã e a noção de polifonia*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1989.
- TEIXEIRA, José Baltazar. *Contribuição para a fonologia do dialeto Kaingang de Nonoai*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1988.
- TENANI, Luciani. “Fonologia Prosódica.”, 2020. *In: MAGALHÃES, José (coord.). Fonologia*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=G4cPkxK8lqU&t=7683s>>. Acesso em: 07 ago. 2020.
- TRUBETZKOY, N. S. “A fonologia atual.” *In: DASCAL, M. (Org.), Fundamentos metodológicos de linguística: Fonologia e sintaxe*, p. 15–35. Tradução de Rosa Attié Figueira. v. 2. Campinas, 1981 [1933].
- WIHKMANN, Maria Rosa Trigo. *O falar caiçara da Ilha dos Búzios*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1981.
- WITTER, Geraldina Porto. “Educação no “Dissertation Abstracts International” (1992).” *Revista da Faculdade de Educação*, vol. 22(1), 1996.
- WITTER, Geraldina Porto & WITTER, Carla. “História da Ciência: tendências das teses do Dissertation Abstracts International 1976-1980.” *Ciência e Cultura*, vol. 37(2), 221–228, 1985.

# APÊNDICES

# APÊNDICE A – Lista de universidades do Brasil cujos sites foram consultados

Tabela 1 – Lista de universidades do Brasil cujos sites foram consultados

SIGLA	REGIÃO	UF	SITE	STATUS
CENARGEN	CENTRO-OESTE	DF	<a href="https://www.embrapa.br/biblioteca">https://www.embrapa.br/biblioteca</a>	nenhum resultado
EMBRAPA	CENTRO-OESTE	DF	<a href="https://www.embrapa.br/biblioteca">https://www.embrapa.br/biblioteca</a>	nenhum resultado
EMBRAPA-CERRADOS	CENTRO-OESTE	DF	<a href="https://www.embrapa.br/biblioteca">https://www.embrapa.br/biblioteca</a>	nenhum resultado
IDP	CENTRO-OESTE	DF	<a href="http://catalogo.idp.edu.br/">http://catalogo.idp.edu.br/</a>	nenhum resultado
IFB	CENTRO-OESTE	DF	<a href="http://siabi.ifb.edu.br/">http://siabi.ifb.edu.br/</a>	nenhum resultado
UCB	CENTRO-OESTE	DF	<a href="https://pergamum.ucb.br:8443/pergamum/biblioteca/index.php">https://pergamum.ucb.br:8443/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UnB	CENTRO-OESTE	DF	<a href="https://consulta.bce.umb.br/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1&amp;tipo_pesquisa=&amp;filtro_bibliotecas=&amp;filtro_obras=&amp;tid=">https://consulta.bce.umb.br/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1&amp;tipo_pesquisa=&amp;filtro_bibliotecas=&amp;filtro_obras=&amp;tid=</a>	resultados listados na tabela
UNIEURO	CENTRO-OESTE	DF	<a href="http://www.unieuro.edu.br/ops/">http://www.unieuro.edu.br/ops/</a>	não é possível acessar sem login
UnICEUB	CENTRO-OESTE	DF	<a href="https://www.uniceub.br/biblioteca">https://www.uniceub.br/biblioteca</a>	nenhum resultado
FESURV	CENTRO-OESTE	GO	<a href="http://minhabiblioteca.unirv.edu.br/minhabiblioteca/">http://minhabiblioteca.unirv.edu.br/minhabiblioteca/</a>	não é possível acessar sem login
IFG	CENTRO-OESTE	GO	<a href="https://biblioteca.ifg.edu.br/sophia_web/">https://biblioteca.ifg.edu.br/sophia_web/</a>	nenhum resultado
IFGoiano	CENTRO-OESTE	GO	<a href="https://biblioteca.ifgoiano.edu.br/biblioteca/index.php">https://biblioteca.ifgoiano.edu.br/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
PUC-GOÍAS	CENTRO-OESTE	GO	<a href="http://pergamum.pucgoias.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1&amp;tipo_pesquisa=">http://pergamum.pucgoias.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1&amp;tipo_pesquisa=</a>	nenhum resultado
UEG	CENTRO-OESTE	GO	<a href="https://www.gnuteca.ueg.br/">https://www.gnuteca.ueg.br/</a>	nenhum resultado
UFG	CENTRO-OESTE	GO	<a href="https://sophia.bc.ufg.br/index.html">https://sophia.bc.ufg.br/index.html</a>	resultados listados na tabela

Continua na próxima página

UNIEVANGELICA	CENTRO-OESTE	GO	<a href="http://www.unievangelica.edu.br/biblioteca/pesquisas/">http://www.unievangelica.edu.br/biblioteca/pesquisas/</a>	link não funciona
IFMS	CENTRO-OESTE	MS	<a href="http://biblioteca.ifms.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://biblioteca.ifms.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UCDB	CENTRO-OESTE	MS	<a href="http://www.bib.ucdb.br/pergamum/biblioteca/">http://www.bib.ucdb.br/pergamum/biblioteca/</a>	nenhum resultado
UEMS	CENTRO-OESTE	MS	<a href="http://www.uems.br/biblioteca">http://www.uems.br/biblioteca</a>	nenhum resultado
UFMG	CENTRO-OESTE	MS	<a href="https://biblioteca.ufgd.edu.br/">https://biblioteca.ufgd.edu.br/</a>	nenhum resultado
UFMS	CENTRO-OESTE	MS	<a href="http://pergamum.ufms.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://pergamum.ufms.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UNIDERP	CENTRO-OESTE	MS	<a href="http://www.uniderp.br/uniderp/ver_pagina.aspx?CodPagina=211">http://www.uniderp.br/uniderp/ver_pagina.aspx?CodPagina=211</a>	não é possível acessar o acervo online
IFMT	CENTRO-OESTE	MT	<a href="https://biblioteca.ifmt.edu.br/">https://biblioteca.ifmt.edu.br/</a>	nenhum resultado
UFMT	CENTRO-OESTE	MT	<a href="http://www.biblioteca.ufmt.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://www.biblioteca.ufmt.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UNEMAT	CENTRO-OESTE	MT	<a href="http://biblioteca.unemat.br/">http://biblioteca.unemat.br/</a>	nenhum resultado
UNEMAT-SNP	CENTRO-OESTE	MT	<a href="http://biblioteca.unemat.br/">http://biblioteca.unemat.br/</a>	nenhum resultado
UNIC	CENTRO-OESTE	MT	<a href="http://187.86.214.60/pergamum/biblioteca/index.php?id=unic">http://187.86.214.60/pergamum/biblioteca/index.php?id=unic</a>	nenhum resultado
IFAL	NORDESTE	AL	<a href="https://sigaa.ifal.edu.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf?aba=p-biblioteca">https://sigaa.ifal.edu.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf?aba=p-biblioteca</a>	nenhum resultado
UFAL	NORDESTE	AL	<a href="http://www.sibi.ufal.br/#">http://www.sibi.ufal.br/#</a>	nenhum resultado
UNCISAL	NORDESTE	AL	<a href="http://pergamum.uncisal.edu.br:8081/pergamum/biblioteca/">http://pergamum.uncisal.edu.br:8081/pergamum/biblioteca/</a>	nenhum resultado
UNEAL	NORDESTE	AL	<a href="http://www.uneal.edu.br/biblioteca">http://www.uneal.edu.br/biblioteca</a>	não é possível acessar o acervo online
Continua na próxima página				

UNIT/Alagoas	NORDESTE	AL	<a href="http://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/handle/set/30">http://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/handle/set/30</a>	nenhum resultado
CIMATEC	NORDESTE	BA	<a href="http://repositoriosenaiba.fieb.org.br/">http://repositoriosenaiba.fieb.org.br/</a>	nenhum resultado
EBMSP	NORDESTE	BA	<a href="https://www.bahiana.edu.br/graduacao/recursos-educacionais/">https://www.bahiana.edu.br/graduacao/recursos-educacionais/</a>	não é possível acessar o acervo online
FG	NORDESTE	BA	<a href="http://centrouniversitarioumifg.edu.br/biblioteca-2/">http://centrouniversitarioumifg.edu.br/biblioteca-2/</a>	não é possível acessar o acervo online
FIOCRUZ-CPqGM	NORDESTE	BA	<a href="http://bieps.bahia.fiocruz.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl82.xis&amp;cipar=phl82.cip&amp;lang=por">http://bieps.bahia.fiocruz.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl82.xis&amp;cipar=phl82.cip&amp;lang=por</a>	nenhum resultado
IFBA	NORDESTE	BA	<a href="http://biblioteca.ifba.edu.br/biblioteca/index.php">http://biblioteca.ifba.edu.br/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
IFBAIANO	NORDESTE	BA		fundado em 2008
IFBAIANO-CATU	NORDESTE	BA		fundado em 2008
UCSAL	NORDESTE	BA	<a href="http://biblioteca.ucsal.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://biblioteca.ucsal.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UEFS	NORDESTE	BA	<a href="http://pergamum.uefs.br/biblioteca/index.php">http://pergamum.uefs.br/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UESB	NORDESTE	BA	<a href="http://pergamum.uesb.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://pergamum.uesb.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UESC	NORDESTE	BA	<a href="http://www.biblioteca.uesc.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://www.biblioteca.uesc.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UFBA	NORDESTE	BA	<a href="http://www.pergamum.bib.ufba.br/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1">http://www.pergamum.bib.ufba.br/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1</a>	resultados listados na tabela
UFESBA	NORDESTE	BA		fundada em 2013
UFOB	NORDESTE	BA		fundada em 2013
UFRB	NORDESTE	BA		fundada em 2006
Continua na próxima página				

UNEB	NORDESTE	BA	<a href="http://www.biblioteca.uneb.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://www.biblioteca.uneb.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UNIFACS	NORDESTE	BA	<a href="https://www.unifacs.br/biblioteca/">https://www.unifacs.br/biblioteca/</a>	nenhum resultado
EMBRAPA-CNPAT	NORDESTE	CE		não é possível acessar o acervo online
IFCE	NORDESTE	CE	<a href="http://biblioteca.ifce.edu.br/">http://biblioteca.ifce.edu.br/</a>	nenhum resultado
UECE	NORDESTE	CE	<a href="http://www.uece.br/biblioteca/">http://www.uece.br/biblioteca/</a>	não é possível acessar o acervo online
UFC	NORDESTE	CE	<a href="https://pergamum.ufc.br/pergamum/biblioteca/index.php">https://pergamum.ufc.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	resultados listados na tabela
UFCA	NORDESTE	CE	<a href="https://catalogo.ufca.edu.br/biblioteca/index.php">https://catalogo.ufca.edu.br/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UNIFOR	NORDESTE	CE	<a href="https://www.unifor.br/biblioteca/consultacatalogo#tabs">https://www.unifor.br/biblioteca/consultacatalogo#tabs</a>	nenhum resultado
UNILAB	NORDESTE	CE		fundada em 2010
UNINTA	NORDESTE	CE	<a href="https://uninta.edu.br/site/biblioteca/">https://uninta.edu.br/site/biblioteca/</a>	nenhum resultado
URCA	NORDESTE	CE	<a href="http://barbalha.urca.br/biblioteca-online/">http://barbalha.urca.br/biblioteca-online/</a>	nenhum resultado
UVA-CE	NORDESTE	CE	<a href="http://bibliotecas.uvanet.br/biblioteca/pages/buscaTerminal.jsf">http://bibliotecas.uvanet.br/biblioteca/pages/buscaTerminal.jsf</a>	nenhum resultado
IFMA - MC	NORDESTE	MA	<a href="https://montecastelo.ifma.edu.br/ibiblio/">https://montecastelo.ifma.edu.br/ibiblio/</a>	nenhum resultado
UEMA	NORDESTE	MA	<a href="http://consulta.biblioteca.uema.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://consulta.biblioteca.uema.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UFMA	NORDESTE	MA	<a href="https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf">https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf</a>	nenhum resultado
				Continua na próxima página



UNICEUMA	NORDESTE	MA	<a href="https://www.extranet.ceuma.br/sitenovo/servicos/biblioteca/FrmAcervoBiblioteca.asp">https://www.extranet.ceuma.br/sitenovo/servicos/biblioteca/FrmAcervoBiblioteca.asp</a>	nenhum resultado
IFPB	NORDESTE	PB		fundado em 2008
UEPB	NORDESTE	PB	<a href="http://acervo.biblioteca.uepb.edu.br/Telas/w_busca_rapida.php">http://acervo.biblioteca.uepb.edu.br/Telas/w_busca_rapida.php</a>	nenhum resultado
UFCCG	NORDESTE	PB	<a href="https://biblioteca.ufcg.edu.br/acervo/">https://biblioteca.ufcg.edu.br/acervo/</a>	nenhum resultado
UFPB	NORDESTE	PB	<a href="https://repositorio.ufpb.br/">https://repositorio.ufpb.br/</a>	não é possível buscar resultados anteriores a 2000 <sup>2</sup>
UFPB-JP	NORDESTE	PB	<a href="https://repositorio.ufpb.br/">https://repositorio.ufpb.br/</a>	não é possível buscar resultados anteriores a 2000
UFPB-RT	NORDESTE	PB	<a href="https://repositorio.ufpb.br/">https://repositorio.ufpb.br/</a>	não é possível buscar resultados anteriores a 2000
UFPB/AREIA	NORDESTE	PB	<a href="https://repositorio.ufpb.br/">https://repositorio.ufpb.br/</a>	não é possível buscar resultados anteriores a 2000
UNIPÊ	NORDESTE	PB	<a href="https://centroinformacao.unipe.br/bibliotecas-digitais/bases">https://centroinformacao.unipe.br/bibliotecas-digitais/bases</a>	não é possível acessar o acervo online
FADIC	NORDESTE	PE	<a href="http://www.faculdadedamas.edu.br/biblioteca/bases-de-dados">http://www.faculdadedamas.edu.br/biblioteca/bases-de-dados</a>	não é possível acessar o acervo online
FIOCRUZ-NESC/CPqAM	NORDESTE	PE	<a href="https://bvsviocruz.fiocruz.br/">https://bvsviocruz.fiocruz.br/</a>	nenhum resultado
IF SERTÃO-PE	NORDESTE	PE		fundado em 2008
IFPE	NORDESTE	PE	<a href="https://qacademico.ifpe.edu.br/qacademico/index.asp?t=6000">https://qacademico.ifpe.edu.br/qacademico/index.asp?t=6000</a>	nenhum resultado
IMIP	NORDESTE	PE	<a href="http://biblioteca.fps.edu.br/pergamum/biblioteca/">http://biblioteca.fps.edu.br/pergamum/biblioteca/</a>	nenhum resultado
				Continua na próxima página

<sup>2</sup>Os documentos da UFPB listados em nosso *corpus* foram coletados de outras fontes, como Currículos Lattes de pesquisadores, e não do site da biblioteca.

ITEP	NORDESTE	PE	<a href="http://biblioteca.itep.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://biblioteca.itep.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UFPE	NORDESTE	PE	<a href="http://www.biblioteca.ufpe.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://www.biblioteca.ufpe.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	resultados listados na tabela
UFRPE	NORDESTE	PE	<a href="http://ww2.bc.ufrpe.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://ww2.bc.ufrpe.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UNICAP	NORDESTE	PE	<a href="http://www.unicap.br/pergamum3/Pergamum/biblioteca/">http://www.unicap.br/pergamum3/Pergamum/biblioteca/</a>	nenhum resultado
UNIVASF	NORDESTE	PE		fundada em 2002
UPE	NORDESTE	PE	<a href="http://pergamum.upe.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://pergamum.upe.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
FUFPI	NORDESTE	PI		não é universidade, é a fundação que mantém a UFPI
IFPI	NORDESTE	PI		fundado em 2008
UESPI	NORDESTE	PI	<a href="http://sistemas3.uespi.br/bibliweb/biblioteca_campus_campo_maior/?action=search_bibliographic">http://sistemas3.uespi.br/bibliweb/biblioteca_campus_campo_maior/?action=search_bibliographic</a>	nenhum resultado
UFPI	NORDESTE	PI	<a href="http://repositorio.ufpi.br/xmlui/">http://repositorio.ufpi.br/xmlui/</a>	nenhum resultado
IEPASD	NORDESTE	RN		site da biblioteca não encontrado
IFRN	NORDESTE	RN		fundado em 2008
UERN	NORDESTE	RN	<a href="http://siabi.uern.br/Telas/TBuscaAvancada.php">http://siabi.uern.br/Telas/TBuscaAvancada.php</a>	nenhum resultado
UFERSA	NORDESTE	RN	<a href="https://sigaa.ufersa.edu.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf?aba=p-biblioteca">https://sigaa.ufersa.edu.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf?aba=p-biblioteca</a>	nenhum resultado
UFRN	NORDESTE	RN	<a href="https://sigaa.ufrn.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf?aba=p-biblioteca">https://sigaa.ufrn.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf?aba=p-biblioteca</a>	nenhum resultado
				Continua na próxima página

UNP	NORDESTE	RN	<a href="https://unp.br/biblioteca/">https://unp.br/biblioteca/</a>	não é possível acessar o acervo online
FUFSE	NORDESTE	SE	<a href="https://pergamum.bibliotecas.ufs.br/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1">https://pergamum.bibliotecas.ufs.br/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1</a>	nenhum resultado
UNIT-SE	NORDESTE	SE	<a href="https://wwws.unit.br/pergamum/biblioteca/index.php">https://wwws.unit.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UFAC	NORTE	AC	<a href="https://portal.ufac.br/biblioteca/pesquisa/pesquisar.action">https://portal.ufac.br/biblioteca/pesquisa/pesquisar.action</a>	nenhum resultado
FIOCRUZ-CPqLMD	NORTE	AM		não é universidade, é um projeto de pesquisa específico (Projeto do Centro de Pesquisa Leônidas e Maria Deane)
IFAM	NORTE	AM		fundado em 2008
INPA	NORTE	AM	<a href="https://bdt.inpa.gov.br/">https://bdt.inpa.gov.br/</a>	nenhum resultado
UEA	NORTE	AM	<a href="http://biblioteca.uea.edu.br/biblioteca/index.php">http://biblioteca.uea.edu.br/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UFAM	NORTE	AM	<a href="https://tede.ufam.edu.br/">https://tede.ufam.edu.br/</a>	nenhum resultado
UNINILTON	NORTE	AM	<a href="https://universidadeniltonlins.com.br/biblioteca/">https://universidadeniltonlins.com.br/biblioteca/</a>	não é possível acessar o acervo online
UNIFAP	NORTE	AP	<a href="https://sigaa.unifap.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf?aba=p-biblioteca">https://sigaa.unifap.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf?aba=p-biblioteca</a>	nenhum resultado
CESUPA	NORTE	PA	<a href="http://www.cesupa.br/sibic/pesquisa.asp">http://www.cesupa.br/sibic/pesquisa.asp</a>	nenhum resultado
IEC	NORTE	PA	<a href="http://www.iec.gov.br/portal/biblioteca-iec/">http://www.iec.gov.br/portal/biblioteca-iec/</a>	não é possível acessar o acervo online
IFPA	NORTE	PA		fundado em 2008
Continua na próxima página				

ITV DS	NORTE	PA	<a href="http://www.itv.org/o-instituto/bibliotecas/">http://www.itv.org/o-instituto/bibliotecas/</a>	não é possível acessar o acervo online
MPEG	NORTE	PA	<a href="http://pergamum.museu-goeldi.br/pergamum/biblioteca/pesquisa_arquivo.php">http://pergamum.museu-goeldi.br/pergamum/biblioteca/pesquisa_arquivo.php</a>	nenhum resultado
UEPA	NORTE	PA	<a href="http://177.74.2.55/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1">http://177.74.2.55/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1</a>	nenhum resultado
UFOPA	NORTE	PA	<a href="https://sigaa.ufopa.edu.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf?aba=p-biblioteca">https://sigaa.ufopa.edu.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf?aba=p-biblioteca</a>	nenhum resultado
UFOPA Santarém	NORTE	PA	<a href="https://sigaa.ufopa.edu.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf?aba=p-biblioteca">https://sigaa.ufopa.edu.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf?aba=p-biblioteca</a>	nenhum resultado
UFPA	NORTE	PA	<a href="http://bc.ufpa.br/">http://bc.ufpa.br/</a>	resultados listados na tabela
UFRA	NORTE	PA	<a href="https://sigaa.ufrs.edu.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf">https://sigaa.ufrs.edu.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf</a>	nenhum resultado
UNAMA	NORTE	PA	<a href="http://www6.unama.br/novoportal/biblioteca/index.php?option=com_content&amp;view=article&amp;id=122&amp;Itemid=273">http://www6.unama.br/novoportal/biblioteca/index.php?option=com_content&amp;view=article&amp;id=122&amp;Itemid=273</a>	não é possível acessar o acervo online
UNIFESSPA	NORTE	PA	<a href="https://sigaa.unifesspa.edu.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf?aba=p-biblioteca">https://sigaa.unifesspa.edu.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf?aba=p-biblioteca</a>	nenhum resultado
CPAFRO / RO	NORTE	RO	<a href="https://www.bdpa.cnptia.embrapa.br/consulta/">https://www.bdpa.cnptia.embrapa.br/consulta/</a>	nenhum resultado
EMBRAPA-CPAFRO	NORTE	RO	<a href="https://www.bdpa.cnptia.embrapa.br/consulta/">https://www.bdpa.cnptia.embrapa.br/consulta/</a>	nenhum resultado

Continua na próxima página

FCR	NORTE	RO	<a href="http://fcr.primusweb.com.br:81/pergamum/biblioteca/index.php">http://fcr.primusweb.com.br:81/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
FIOCRUZ-RO	NORTE	RO	<a href="https://www.arca.fiocruz.br/">https://www.arca.fiocruz.br/</a>	nenhum resultado
IFRO	NORTE	RO		fundado em 2008
UNIR	NORTE	RO	<a href="https://sigaa.unir.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf?aba=p-biblioteca">https://sigaa.unir.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf?aba=p-biblioteca</a>	nenhum resultado <sup>3</sup>
UNISL	NORTE	RO	<a href="https://www.saolucas.edu.br/institucional/biblioteca">https://www.saolucas.edu.br/institucional/biblioteca</a>	não é possível acessar o acervo online
IFRR	NORTE	RR		fundado em 2008
UFRR	NORTE	RR	<a href="https://biblioteca.uerr.edu.br/">https://biblioteca.uerr.edu.br/</a>	nenhum resultado
UFRR	NORTE	RR	<a href="https://sigaa.ufr.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf?aba=p-biblioteca">https://sigaa.ufr.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf?aba=p-biblioteca</a>	nenhum resultado
IFTO	NORTE	TO		fundado em 2008
UFT	NORTE	TO		fundado no final de 2000
EMESCAM	SUDESTE	ES	<a href="https://pergamum.com.br/pergamum_emescam/biblioteca/index.php">https://pergamum.com.br/pergamum_emescam/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
FUCAPE	SUDESTE	ES	<a href="http://www.fucape.br/biblioteca_guia.php">http://www.fucape.br/biblioteca_guia.php</a>	não é possível acessar o acervo online
IFES	SUDESTE	ES	<a href="http://biblioteca.ifes.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://biblioteca.ifes.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UFES	SUDESTE	ES	<a href="http://www.acervo.bc.ufes.br/biblioteca/index.php">http://www.acervo.bc.ufes.br/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
Continua na próxima página				

<sup>3</sup>Os documentos da UNIR listados em nosso *corpus* foram coletados de outras fontes, como Currículos Lattes de pesquisadores, e não do site da biblioteca.

UVV	SUDESTE	ES	<a href="http://biblioteca.uvv.br/pergamum/biblioteca/index.php?_ga=2.255850560.93906432.1562701906-1191966511.1562701906">http://biblioteca.uvv.br/pergamum/biblioteca/index.php?_ga=2.255850560.93906432.1562701906-1191966511.1562701906</a>	nenhum resultado
CDTN	SUDESTE	MG	<a href="http://www.repositorio.cdtm.br:8080/">http://www.repositorio.cdtm.br:8080/</a>	nenhum resultado
CEFET/MG	SUDESTE	MG	<a href="https://www.biblioteca.cefetmg.br/mobile/busca.php?idioma=ptbr">https://www.biblioteca.cefetmg.br/mobile/busca.php?idioma=ptbr</a>	nenhum resultado
EMBRAPA-CNPMS	SUDESTE	MG	<a href="https://www.bdpa.cnptia.embrapa.br/consulta/bibliotecas">https://www.bdpa.cnptia.embrapa.br/consulta/bibliotecas</a>	não é possível acessar o acervo on-line
ESDHC	SUDESTE	MG	<a href="http://web4.domholder.edu.br/Corpore.Net/Source/Bib-Biblioteca/Public/BibConsultaAcervo.aspx?NewPesqPublic=T">http://web4.domholder.edu.br/Corpore.Net/Source/Bib-Biblioteca/Public/BibConsultaAcervo.aspx?NewPesqPublic=T</a>	nenhum resultado
FAJE	SUDESTE	MG	<a href="https://www.faculdadejesuita.edu.br/catalogo-on-line-169/catalogo-on-line-169">https://www.faculdadejesuita.edu.br/catalogo-on-line-169/catalogo-on-line-169</a>	nenhum resultado
FCMMG	SUDESTE	MG	<a href="http://pergamum.fcmmg.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://pergamum.fcmmg.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
FDMC	SUDESTE	MG	<a href="https://mcampus.br/biblioteca.php">https://mcampus.br/biblioteca.php</a>	link não funciona
FDSM	SUDESTE	MG	<a href="https://portal.fdsu.edu.br/consultaacervo_publico.php">https://portal.fdsu.edu.br/consultaacervo_publico.php</a>	nenhum resultado
FIOCRUZ-CPqRR	SUDESTE	MG	<a href="http://phl.cpqrr.fiocruz.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl82.xis&amp;cipar=phl82.cip&amp;lang=por">http://phl.cpqrr.fiocruz.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl82.xis&amp;cipar=phl82.cip&amp;lang=por</a>	nenhum resultado
FJP	SUDESTE	MG	<a href="http://biblioteca.fjp.mg.gov.br/sophia_web/">http://biblioteca.fjp.mg.gov.br/sophia_web/</a>	nenhum resultado
IEPSC	SUDESTE	MG		site não encontrado
IFMG	SUDESTE	MG		fundado em 2008
Continua na próxima página				

IFNMG	SUDESTE	MG		fundado em 2008
IFSUDESTEMG	SUDESTE	MG		fundado em 2008
IFSULDEMINAS	SUDESTE	MG		fundado em 2008
IFTM	SUDESTE	MG		fundado em 2008
INATEL	SUDESTE	MG	<a href="https://biblioteca.inatel.br/sophia_web/">https://biblioteca.inatel.br/sophia_web/</a>	nenhum resultado
ITV MI	SUDESTE	MG	<a href="http://www.itv.org/o-instituto/bibliotecas/">http://www.itv.org/o-instituto/bibliotecas/</a>	não é possível acessar o acervo online
PUC/MG	SUDESTE	MG	<a href="http://portal.pucminas.br/biblioteca/index_padrao.php">http://portal.pucminas.br/biblioteca/index_padrao.php</a>	nenhum resultado
UEMG	SUDESTE	MG	<a href="http://200.198.18.141/pergamum/biblioteca/index.php">http://200.198.18.141/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UFJF	SUDESTE	MG	<a href="http://pergamum.ufjf.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://pergamum.ufjf.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	resultados listados na tabela
UFPA	SUDESTE	MG	<a href="http://www.biblioteca.ufpa.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://www.biblioteca.ufpa.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UFMG	SUDESTE	MG	<a href="https://catalogobiblioteca.ufmg.br/pergamum/biblioteca/index.php">https://catalogobiblioteca.ufmg.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	resultados listados na tabela
UFOP	SUDESTE	MG	<a href="https://pergamum.ufop.br/pergamum/biblioteca/index.php">https://pergamum.ufop.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UFSJ	SUDESTE	MG	<a href="http://www.dibib.ufsj.edu.br/wordpress/index.php/repositorio-ufsj/">http://www.dibib.ufsj.edu.br/wordpress/index.php/repositorio-ufsj/</a>	não é possível acessar o acervo online
UFTM	SUDESTE	MG	<a href="http://bibli.ufm.edu.br/">http://bibli.ufm.edu.br/</a>	nenhum resultado
UFU	SUDESTE	MG	<a href="http://repositorio.ufu.br/">http://repositorio.ufu.br/</a>	nenhum resultado
UFV	SUDESTE	MG	<a href="https://pergamum.ufv.br/biblioteca/index.php">https://pergamum.ufv.br/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UFVJM	SUDESTE	MG	<a href="http://biblioteca.ufvjm.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://biblioteca.ufvjm.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
				Continua na próxima página

UNIFAL	SUDESTE	MG	<a href="https://biblioweb.unifal-mg.edu.br/biblioweb/">https://biblioweb.unifal-mg.edu.br/biblioweb/</a>	nenhum resultado
UNIFEI	SUDESTE	MG	<a href="https://unifei.edu.br/ensino/bibliotecas/">https://unifei.edu.br/ensino/bibliotecas/</a>	não é possível acessar o acervo online
UNIFENAS	SUDESTE	MG	<a href="https://sophiari.unifenas.br/">https://sophiari.unifenas.br/</a>	nenhum resultado
UNIHORIZONTES	SUDESTE	MG	<a href="http://186.249.1.134:8096/webgiz/index.php?option=com_aixbiblioteca&amp;view=consultaacervo">http://186.249.1.134:8096/webgiz/index.php?option=com_aixbiblioteca&amp;view=consultaacervo</a>	busca no site não funciona
UNIMONTES	SUDESTE	MG	<a href="http://pergamum.unimontes.br/pergamum/biblioteca/">http://pergamum.unimontes.br/pergamum/biblioteca/</a>	nenhum resultado
UNINCOR	SUDESTE	MG	<a href="https://unincor.perseus.com.br/servicos">https://unincor.perseus.com.br/servicos</a>	não é possível acessar sem login
UNIUBE	SUDESTE	MG	<a href="https://sophia.uniube.br/sophia/">https://sophia.uniube.br/sophia/</a>	nenhum resultado
UNIVALE	SUDESTE	MG	<a href="http://www.pergamum.univale.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://www.pergamum.univale.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UNIVAS	SUDESTE	MG	<a href="http://mentorweb.univas.edu.br:8070/sabio/">http://mentorweb.univas.edu.br:8070/sabio/</a>	nenhum resultado
CBPF	SUDESTE	RJ	<a href="http://152.84.250.11/pergamum/biblioteca/index.php">http://152.84.250.11/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
CEFET/RJ	SUDESTE	RJ	<a href="http://biblioteca.cefet-rj.br/">http://biblioteca.cefet-rj.br/</a>	nenhum resultado
ECEME	SUDESTE	RJ	<a href="http://consulta.redebie.deceex.eb.mil.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://consulta.redebie.deceex.eb.mil.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	link não funciona
EGN	SUDESTE	RJ	<a href="http://www.redebim.dphdm.mar.mil.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://www.redebim.dphdm.mar.mil.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
ENCE	SUDESTE	RJ	<a href="http://www.bibliotecaence.ibge.gov.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://www.bibliotecaence.ibge.gov.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
FGV/RJ	SUDESTE	RJ	<a href="https://sistema.bibliotecas.fgv.br/">https://sistema.bibliotecas.fgv.br/</a>	resultados listados na tabela
FIOCRUZ	SUDESTE	RJ	<a href="https://www.arca.fiocruz.br/">https://www.arca.fiocruz.br/</a>	nenhum resultado

Continua na próxima página



IDOR	SUDESTE	RJ		site não encontrado
IEAPM	SUDESTE	RJ	<a href="http://www.redebim.dphdm.mar.mil.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://www.redebim.dphdm.mar.mil.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
IEN	SUDESTE	RJ	<a href="http://www.ien.gov.br/index.php/contato/80-pagina-interna/biblioteca">http://www.ien.gov.br/index.php/contato/80-pagina-interna/biblioteca</a>	link não funciona
IFF	SUDESTE	RJ	<a href="http://www.biblioteca.iff.edu.br/">http://www.biblioteca.iff.edu.br/</a>	nenhum resultado
IFRJ	SUDESTE	RJ	<a href="https://sigaa.ifrj.edu.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf?aba=p-biblioteca">https://sigaa.ifrj.edu.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf?aba=p-biblioteca</a>	nenhum resultado
IME	SUDESTE	RJ	<a href="http://consulta.redebie.decex.eb.mil.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://consulta.redebie.decex.eb.mil.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	link não funciona
IMPA	SUDESTE	RJ	<a href="http://biblioteca.impa.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://biblioteca.impa.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
INCA	SUDESTE	RJ	<a href="https://www.inca.gov.br/sobre-o-inca/rede-de-bibliotecas">https://www.inca.gov.br/sobre-o-inca/rede-de-bibliotecas</a>	resultados listados na tabela
INMETRO	SUDESTE	RJ	<a href="http://www.inmetro.gov.br/sysportal/cgi/sysportal.exe/index#0">http://www.inmetro.gov.br/sysportal/cgi/sysportal.exe/index#0</a>	link não funciona
IRD	SUDESTE	RJ		site não encontrado
JBRJ	SUDESTE	RJ	<a href="http://abcd.jbrj.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/scripts/?IsisScript=iah.xis&amp;lang=pt&amp;base=BLIPJB">http://abcd.jbrj.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/scripts/?IsisScript=iah.xis&amp;lang=pt&amp;base=BLIPJB</a>	nenhum resultado
LNCC	SUDESTE	RJ	<a href="http://pergamum.lncc.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://pergamum.lncc.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
ON	SUDESTE	RJ		site não encontrado
PUC-RIO	SUDESTE	RJ	<a href="http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/">http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/</a>	resultados listados na tabela
UCAM	SUDESTE	RJ	<a href="http://www3.ucam.edu.br/informa/">http://www3.ucam.edu.br/informa/</a>	não é possível buscar teses e dissertações
				Continua na próxima página

UCP/RJ	SUDESTE	RJ	<a href="http://www.ucp.br/web/index.php/consultar/acervo/acervo-especifica">http://www.ucp.br/web/index.php/consultar/acervo/acervo-especifica</a>	nenhum resultado
UENF	SUDESTE	RJ	<a href="http://www.bibliotecas.uenf.br/informa/cgi-bin/biblio.dll?g=geral">http://www.bibliotecas.uenf.br/informa/cgi-bin/biblio.dll?g=geral</a>	não é possível buscar teses e dissertações
UERJ	SUDESTE	RJ	<a href="http://catalogo-redesirius.uerj.br/sophia_web/">http://catalogo-redesirius.uerj.br/sophia_web/</a>	nenhum resultado
UFF	SUDESTE	RJ	<a href="https://app.uff.br/pergamum/catalogo/biblioteca/index.php">https://app.uff.br/pergamum/catalogo/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado <sup>4</sup>
UFRJ	SUDESTE	RJ	<a href="https://pantheon.ufrj.br/">https://pantheon.ufrj.br/</a>	resultados listados na tabela
UFRRJ	SUDESTE	RJ	<a href="http://pergamum.ufrj.br/biblioteca/">http://pergamum.ufrj.br/biblioteca/</a>	nenhum resultado
UFRRJ/NI	SUDESTE	RJ	<a href="http://pergamum.ufrj.br/biblioteca/">http://pergamum.ufrj.br/biblioteca/</a>	nenhum resultado
UNESA	SUDESTE	RJ	<a href="http://biblioteca.estacio.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://biblioteca.estacio.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UNIGRANRIO	SUDESTE	RJ	<a href="http://biblioteca.unigranrio.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://biblioteca.unigranrio.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UNIRIO	SUDESTE	RJ	<a href="http://www.unirio.br/bibliotecacentral">http://www.unirio.br/bibliotecacentral</a>	nenhum resultado
UNISUAM	SUDESTE	RJ	<a href="http://duvidas.unisuam.edu.br/todas-duvidas/biblioteca/">http://duvidas.unisuam.edu.br/todas-duvidas/biblioteca/</a>	não é possível buscar teses e dissertações
UNIVERSO	SUDESTE	RJ	<a href="https://biblioteca.asec.com.br/public/biblioteca/index">https://biblioteca.asec.com.br/public/biblioteca/index</a>	nenhum resultado
USS	SUDESTE	RJ	<a href="http://bibliweb.universidadedevassouras.edu.br/pergamum/mobile/consulta.php">http://bibliweb.universidadedevassouras.edu.br/pergamum/mobile/consulta.php</a>	nenhum resultado
UVA	SUDESTE	RJ	<a href="http://biblioteca.uva.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://biblioteca.uva.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
APTA	SUDESTE	SP		site não encontrado
CCD/SES	SUDESTE	SP		site não encontrado
				Continua na próxima página

<sup>4</sup>Os documentos da UFF listados em nosso *corpus* foram coletados de outras fontes, como Currículos Lattes de pesquisadores, e não do site da biblioteca.

CEBRAP	SUDESTE	SP	<a href="http://bibliotecavirtual.cebrap.org.br/">http://bibliotecavirtual.cebrap.org.br/</a>	nenhum resultado
CEIP	SUDESTE	SP		site não encontrado
CEUN-IMT	SUDESTE	SP		site não encontrado
CNPEM	SUDESTE	SP	<a href="http://cnpem.br/tag/biblioteca/">http://cnpem.br/tag/biblioteca/</a>	não é possível acessar o acervo online
CPQD	SUDESTE	SP		site não encontrado
CUML	SUDESTE	SP	<a href="https://www.portalmouralacerda.com.br/">https://www.portalmouralacerda.com.br/</a>	site da biblioteca não encontrado
EMBRAPA - CNP-DIA	SUDESTE	SP	<a href="https://www.embrapa.br/instrumentacao/biblioteca/servicos">https://www.embrapa.br/instrumentacao/biblioteca/servicos</a>	não é possível acessar o acervo online
ESPM	SUDESTE	SP	<a href="http://bibliotecas.espm.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://bibliotecas.espm.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
FACEPD	SUDESTE	SP	<a href="http://intranet.epd.edu.br/Sophia_web/">http://intranet.epd.edu.br/Sophia_web/</a>	nenhum resultado
FADISP	SUDESTE	SP	<a href="http://pergamum.alfa.br/pergamum/biblioteca/index.php?id=ALFA">http://pergamum.alfa.br/pergamum/biblioteca/index.php?id=ALFA</a>	nenhum resultado
FAMEMA	SUDESTE	SP	<a href="https://srvaplic2.famema.br/sophia_web/">https://srvaplic2.famema.br/sophia_web/</a>	link não funciona
FAMERP	SUDESTE	SP	<a href="http://www.sophia.famerp.br/sophia_web">http://www.sophia.famerp.br/sophia_web</a>	nenhum resultado
FAP	SUDESTE	SP		site não encontrado
FCL	SUDESTE	SP	<a href="http://pergamum.casperlibero.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1">http://pergamum.casperlibero.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1</a>	resultados listados na tabela
FCMSCSP-TI	SUDESTE	SP	<a href="http://portal.fcmsantacasasp.edu.br/Corpore.Net/Source/Bib-Biblioteca/Public/BibConsultaAcervo.aspx?NewPesqPublic=T">http://portal.fcmsantacasasp.edu.br/Corpore.Net/Source/Bib-Biblioteca/Public/BibConsultaAcervo.aspx?NewPesqPublic=T</a>	nenhum resultado
				Continua na próxima página

FEI	SUDESTE	SP	<a href="http://sofia.fei.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://sofia.fei.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
FGV - DIREITO SP	SUDESTE	SP	<a href="https://sistema.bibliotecas.fgv.br/">https://sistema.bibliotecas.fgv.br/</a>	nenhum resultado
FGV/SP	SUDESTE	SP	<a href="https://sistema.bibliotecas.fgv.br/">https://sistema.bibliotecas.fgv.br/</a>	nenhum resultado
FICSAE	SUDESTE	SP	<a href="http://sophia.einstein.br/sophia_web/">http://sophia.einstein.br/sophia_web/</a>	nenhum resultado
FMABC	SUDESTE	SP	<a href="http://biblioteca.fmabc.br:6700/pergamum/biblioteca/index.php">http://biblioteca.fmabc.br:6700/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
FMJ	SUDESTE	SP	<a href="https://fmj.br/aluno/biblioteca.asp">https://fmj.br/aluno/biblioteca.asp</a>	nenhum resultado
FMU	SUDESTE	SP	<a href="https://biblioteca.fmu.br/F?RN=727298945">https://biblioteca.fmu.br/F?RN=727298945</a>	nenhum resultado
FUNDACENTRO	SUDESTE	SP	<a href="http://www.fundacentro.gov.br/biblioteca/acervo-fisico">http://www.fundacentro.gov.br/biblioteca/acervo-fisico</a>	nenhum resultado
FUNDECITRUS	SUDESTE	SP	<a href="http://biblioteca.fundecitrus.com.br/">http://biblioteca.fundecitrus.com.br/</a>	nenhum resultado
FUNDHERP	SUDESTE	SP	<a href="http://143.107.223.99/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phil82.xis&amp;cipar=phil82.cip&amp;lang=por">http://143.107.223.99/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phil82.xis&amp;cipar=phil82.cip&amp;lang=por</a>	nenhum resultado
HCB	SUDESTE	SP		site não encontrado
IAC	SUDESTE	SP	<a href="http://intranet.iac.sp.gov.br/sophia/">http://intranet.iac.sp.gov.br/sophia/</a>	nenhum resultado
IAMSPE	SUDESTE	SP	<a href="http://www.iamspe.sp.gov.br/ensino-e-pesquisa/biblioteca/">http://www.iamspe.sp.gov.br/ensino-e-pesquisa/biblioteca/</a>	não é possível acessar o acervo online
IBSP	SUDESTE	SP	<a href="https://www.segurancadopaciente.com.br/biblioteca/">https://www.segurancadopaciente.com.br/biblioteca/</a>	não é possível acessar o acervo online
IBT	SUDESTE	SP		site não encontrado
IBU	SUDESTE	SP		site não encontrado
ICESP OTÁVIO	SUDESTE	SP	<a href="http://www.teses.usp.br/">http://www.teses.usp.br/</a>	nenhum resultado
IEP	SUDESTE	SP		site não encontrado
IFSP	SUDESTE	SP	<a href="http://pergamum.biblioteca.ifsp.edu.br/">http://pergamum.biblioteca.ifsp.edu.br/</a>	nenhum resultado
				Continua na próxima página

INCOR/SP	SUDESTE	SP	<a href="http://biblioteca.incor.usp.br/site/php/index.php">http://biblioteca.incor.usp.br/site/php/index.php</a>	nenhum resultado
INPE	SUDESTE	SP	<a href="http://www.inpe.br/biblioteca/">http://www.inpe.br/biblioteca/</a>	nenhum resultado
INSPER	SUDESTE	SP	<a href="https://www.insper.edu.br/biblioteca-telles/recursos-de-busca/">https://www.insper.edu.br/biblioteca-telles/recursos-de-busca/</a>	nenhum resultado
IP	SUDESTE	SP	<a href="http://www.teses.usp.br/;http://dedalus.usp.br/">http://www.teses.usp.br/;http://dedalus.usp.br/</a>	resultados listados na tabela
IPEN	SUDESTE	SP	<a href="http://bibliotecas.cnen.gov.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl83.xis&amp;cipar=phl83.cip&amp;lang=por">http://bibliotecas.cnen.gov.br/cgi-bin/wxis.exe?IsisScript=phl83.xis&amp;cipar=phl83.cip&amp;lang=por</a>	nenhum resultado
IPPRI	SUDESTE	SP	<a href="http://www.parthenon.biblioteca.unesp.br:1701/primeo-explore/search?vid=Unesp&amp;lang=pt_BR&amp;mode=advanced&amp;fromRedirectFilter=true">http://www.parthenon.biblioteca.unesp.br:1701/primeo-explore/search?vid=Unesp&amp;lang=pt_BR&amp;mode=advanced&amp;fromRedirectFilter=true</a>	resultados listados na tabela
ITA	SUDESTE	SP	<a href="http://www.bibl.ita.br/">http://www.bibl.ita.br/</a>	resultados listados na tabela
ITAL	SUDESTE	SP	<a href="http://biblioteca.ital.sp.gov.br/pergamum/biblioteca/">http://biblioteca.ital.sp.gov.br/pergamum/biblioteca/</a>	nenhum resultado
IZ/APTA	SUDESTE	SP		site da biblioteca não encontrado
PUC/SP	SUDESTE	SP	<a href="https://www.pucsp.br/biblioteca">https://www.pucsp.br/biblioteca</a>	resultados listados na tabela
PUCCAMP	SUDESTE	SP	<a href="http://catalogolymen.puc-campinas.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://catalogolymen.puc-campinas.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	resultados listados na tabela
SBBq	SUDESTE	SP		site da biblioteca não encontrado
SLMANDIC	SUDESTE	SP	<a href="http://biblioteca.slmandic.edu.br/biblioteca/">http://biblioteca.slmandic.edu.br/biblioteca/</a>	nenhum resultado
UAM	SUDESTE	SP	<a href="https://portal.anhembibibliotecas.br/#tab1">https://portal.anhembibibliotecas.br/#tab1</a>	nenhum resultado
UFABC	SUDESTE	SP	<a href="http://biblioteca.ufabc.edu.br/">http://biblioteca.ufabc.edu.br/</a>	nenhum resultado
				Continua na próxima página

UFSCAR	SUDESTE	SP	<a href="https://repositorio.ufscar.br/">https://repositorio.ufscar.br/</a>	nenhum resultado
UMC	SUDESTE	SP	<a href="http://biblioteca.umc.br/biblioteca/">http://biblioteca.umc.br/biblioteca/</a>	nenhum resultado
UMESP	SUDESTE	SP	<a href="http://portal.metodista.br/cienciameto/biblioteca-digital-de-teses-e-dissertacoes">http://portal.metodista.br/cienciameto/biblioteca-digital-de-teses-e-dissertacoes</a>	não é possível acessar o acervo online
UNAERP	SUDESTE	SP	<a href="http://pergamum.unaerp.br/biblioteca/">http://pergamum.unaerp.br/biblioteca/</a>	nenhum resultado
UNESP-ARAR	SUDESTE	SP	<a href="https://www.fc.lar.unesp.br/#!/bib">https://www.fc.lar.unesp.br/#!/bib</a>	resultados listados na tabela
UNESP-ARAC	SUDESTE	SP	<a href="https://repositorio.unesp.br/">https://repositorio.unesp.br/</a>	nenhum resultado
UNESP-ASSIS	SUDESTE	SP	<a href="https://repositorio.unesp.br/">https://repositorio.unesp.br/</a>	nenhum resultado
UNESP-BAURU	SUDESTE	SP	<a href="https://repositorio.unesp.br/">https://repositorio.unesp.br/</a>	nenhum resultado
UNESP-BOT	SUDESTE	SP	<a href="https://repositorio.unesp.br/">https://repositorio.unesp.br/</a>	nenhum resultado
UNESP-FR	SUDESTE	SP	<a href="https://repositorio.unesp.br/">https://repositorio.unesp.br/</a>	nenhum resultado
UNESP-GUAR	SUDESTE	SP	<a href="https://repositorio.unesp.br/">https://repositorio.unesp.br/</a>	nenhum resultado
UNESP-IFT	SUDESTE	SP	<a href="https://repositorio.unesp.br/">https://repositorio.unesp.br/</a>	nenhum resultado
UNESP-IS	SUDESTE	SP	<a href="https://repositorio.unesp.br/">https://repositorio.unesp.br/</a>	nenhum resultado
UNESP-ITAPEVA	SUDESTE	SP	<a href="https://repositorio.unesp.br/">https://repositorio.unesp.br/</a>	nenhum resultado
UNESP-JAB	SUDESTE	SP	<a href="https://repositorio.unesp.br/">https://repositorio.unesp.br/</a>	nenhum resultado
UNESP-MAR	SUDESTE	SP	<a href="https://repositorio.unesp.br/">https://repositorio.unesp.br/</a>	nenhum resultado
UNESP-PP	SUDESTE	SP	<a href="https://repositorio.unesp.br/">https://repositorio.unesp.br/</a>	nenhum resultado
UNESP-RC	SUDESTE	SP	<a href="https://repositorio.unesp.br/">https://repositorio.unesp.br/</a>	nenhum resultado
UNESP-REITORIA	SUDESTE	SP	<a href="https://repositorio.unesp.br/">https://repositorio.unesp.br/</a>	nenhum resultado
UNESP-SJC	SUDESTE	SP	<a href="https://repositorio.unesp.br/">https://repositorio.unesp.br/</a>	nenhum resultado
UNESP-SJRP	SUDESTE	SP	<a href="https://repositorio.unesp.br/">https://repositorio.unesp.br/</a>	nenhum resultado
UNESP-SOR	SUDESTE	SP	<a href="https://repositorio.unesp.br/">https://repositorio.unesp.br/</a>	nenhum resultado
UNESP-SV	SUDESTE	SP	<a href="https://repositorio.unesp.br/">https://repositorio.unesp.br/</a>	nenhum resultado
UNESP-TUPÁ	SUDESTE	SP	<a href="https://repositorio.unesp.br/">https://repositorio.unesp.br/</a>	nenhum resultado
				Continua na próxima página

UNIAN-SP	SUDESTE	SP	<a href="http://187.86.214.60/pergamum/biblioteca/">http://187.86.214.60/pergamum/biblioteca/</a>	nenhum resultado
UNIARA	SUDESTE	SP	<a href="https://www.uniara.com.br/biblioteca/biblioteca-virtual/">https://www.uniara.com.br/biblioteca/biblioteca-virtual/</a>	não é possível acessar o acervo online
UNIARARAS	SUDESTE	SP	<a href="http://sophia.uniaraas.br/index.html">http://sophia.uniaraas.br/index.html</a>	nenhum resultado
UNIB	SUDESTE	SP	<a href="http://biblioteca.sophia.com.br/7224/index.html">http://biblioteca.sophia.com.br/7224/index.html</a>	nenhum resultado
UNICAMP	SUDESTE	SP	<a href="http://repositorio.unicamp.br/">http://repositorio.unicamp.br/</a>	resultados listados na tabela
UNICAMP/LI	SUDESTE	SP	<a href="http://repositorio.unicamp.br/">http://repositorio.unicamp.br/</a>	resultados listados na tabela
UNICAMP/PI	SUDESTE	SP	<a href="http://repositorio.unicamp.br/">http://repositorio.unicamp.br/</a>	resultados listados na tabela
UNICEP	SUDESTE	SP	<a href="http://static.unicep.edu.br/biblioteca/busca.asp?_ga=2.134362481.1093253034.1571907068-433649346.1571907068">http://static.unicep.edu.br/biblioteca/busca.asp?_ga=2.134362481.1093253034.1571907068-433649346.1571907068</a>	nenhum resultado
UNICID	SUDESTE	SP	<a href="http://biblioteca.unid.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://biblioteca.unid.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UNICSUL	SUDESTE	SP	<a href="http://biblioteca.cruzeirosul.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php?_ga=2.66183337.604981066.1571909471-805209540.1571909471">http://biblioteca.cruzeirosul.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php?_ga=2.66183337.604981066.1571909471-805209540.1571909471</a>	nenhum resultado
UNIFACCAMP	SUDESTE	SP	<a href="http://187.72.87.209:8080/onlineBibliotecaFACCAMP/material/select.jsp">http://187.72.87.209:8080/onlineBibliotecaFACCAMP/material/select.jsp</a>	nenhum resultado
UNIFESP	SUDESTE	SP	<a href="http://www.repositorio.unifesp.br/">http://www.repositorio.unifesp.br/</a>	resultados listados na tabela
UNIFIEO	SUDESTE	SP	<a href="http://pergamum.unifeco.br/pergamum/biblioteca/pesquisa_avancada.php">http://pergamum.unifeco.br/pergamum/biblioteca/pesquisa_avancada.php</a>	link não funciona
				Continua na próxima página

UNIFRAN	SUDESTE	SP	<a href="http://biblioteca.unifran.edu.br/pergamum_unifran/biblioteca/index.php?_ga=2.75523413.1761343643.1572058745-1708634219.1572058745">http://biblioteca.unifran.edu.br/pergamum_unifran/biblioteca/index.php?_ga=2.75523413.1761343643.1572058745-1708634219.1572058745</a>	nenhum resultado
UNIMAR	SUDESTE	SP	<a href="https://portal.unimar.br/site/biblioteca/acervo">https://portal.unimar.br/site/biblioteca/acervo</a>	nenhum resultado
UNIMEP	SUDESTE	SP	<a href="http://totvs.metodista.br/Corpore.Net/Source/Bib-Biblioteca/Public/BibConsultaAcervo.aspx?NewPesqPublic=T">http://totvs.metodista.br/Corpore.Net/Source/Bib-Biblioteca/Public/BibConsultaAcervo.aspx?NewPesqPublic=T</a>	nenhum resultado
UNINOVE	SUDESTE	S P	<a href="http://sr1-alpha.uninove.br">http://sr1-alpha.uninove.br</a>	nenhum resultado
UNIP	SUDESTE	SP	<a href="http://biblioteca.unip.br/">http://biblioteca.unip.br/</a>	nenhum resultado
UNISANTA	SUDESTE	SP	<a href="https://bnweb.unisanta.br/bnportal/pt-BR/">https://bnweb.unisanta.br/bnportal/pt-BR/</a>	nenhum resultado
UNISANTOS	SUDESTE	SP	<a href="http://biblioteca.unisantos.br/">http://biblioteca.unisantos.br/</a>	link não funciona
UNISO	SUDESTE	SP	<a href="https://pergaweb.uniso.br/pergamum/biblioteca/index.php">https://pergaweb.uniso.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UNITAU	SUDESTE	SP	<a href="http://sibi.unitau.com.br/sophia_web/mobile/busca.asp?idioma=ptbr&amp;acesso=web">http://sibi.unitau.com.br/sophia_web/mobile/busca.asp?idioma=ptbr&amp;acesso=web</a>	nenhum resultado
UNIVAP	SUDESTE	SP	<a href="http://biblioteca.univap.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://biblioteca.univap.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UNIVBRASIL	SUDESTE	SP	<a href="http://sophia.unibrasil.com.br/">http://sophia.unibrasil.com.br/</a>	nenhum resultado
UNIVEM	SUDESTE	SP	<a href="https://www.univem.edu.br/scripts/pacervo.exe/?sessao=%C3%A2%C3%98%C3%82%C3%96%C3%A3%C3%8E">https://www.univem.edu.br/scripts/pacervo.exe/?sessao=%C3%A2%C3%98%C3%82%C3%96%C3%A3%C3%8E</a>	nenhum resultado
UNIVERITAS UNG	SUDESTE	SP	<a href="http://tede.ung.br/">http://tede.ung.br/</a>	nenhum resultado

Continua na próxima página



UNOESTE	SUDESTE	SP	<a href="https://www.unoeste.br/site/biblioteca/ConsultaAcervo.aspx">https://www.unoeste.br/site/biblioteca/ConsultaAcervo.aspx</a>	link não funciona
UPM	SUDESTE	SP	<a href="http://pergamum.mackenzie.br/biblioteca/index.php">http://pergamum.mackenzie.br/biblioteca/index.php</a>	resultados listados na tabela
USC	SUDESTE	SP	<a href="https://unisagrado.edu.br/no-unisagrado/consulta-ao-acervo">https://unisagrado.edu.br/no-unisagrado/consulta-ao-acervo</a>	nenhum resultado
USCS	SUDESTE	SP	<a href="https://www.uscs.edu.br/infra/biblioteca/acervo.php">https://www.uscs.edu.br/infra/biblioteca/acervo.php</a>	link não funciona
USF	SUDESTE	SP	<a href="http://pergamum.usf.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php#conteudoInternas">http://pergamum.usf.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php#conteudoInternas</a>	nenhum resultado
USJT	SUDESTE	SP	<a href="http://biblioteca.usjt.br/pergamum_usjt/biblioteca/index.php">http://biblioteca.usjt.br/pergamum_usjt/biblioteca/index.php</a>	link não funciona
USP	SUDESTE	SP	<a href="http://www.teses.usp.br/http://dedalus.usp.br/">http://www.teses.usp.br/http://dedalus.usp.br/</a>	resultados listados na tabela
USP/CENA	SUDESTE	SP	<a href="http://www.teses.usp.br/http://dedalus.usp.br/">http://www.teses.usp.br/http://dedalus.usp.br/</a>	resultados listados na tabela
USP/EEL	SUDESTE	SP	<a href="http://www.teses.usp.br/http://dedalus.usp.br/">http://www.teses.usp.br/http://dedalus.usp.br/</a>	resultados listados na tabela
USP/EPUSP	SUDESTE	SP	<a href="http://www.teses.usp.br/http://dedalus.usp.br/">http://www.teses.usp.br/http://dedalus.usp.br/</a>	resultados listados na tabela
USP/ESALQ	SUDESTE	SP	<a href="http://www.teses.usp.br/http://dedalus.usp.br/">http://www.teses.usp.br/http://dedalus.usp.br/</a>	resultados listados na tabela
USP/FOB	SUDESTE	SP	<a href="http://www.teses.usp.br/http://dedalus.usp.br/">http://www.teses.usp.br/http://dedalus.usp.br/</a>	resultados listados na tabela
USP/RP	SUDESTE	SP	<a href="http://www.teses.usp.br/http://dedalus.usp.br/">http://www.teses.usp.br/http://dedalus.usp.br/</a>	resultados listados na tabela
Continua na próxima página				

USP/SC	SUDESTE	SP	<a href="http://www.teses.usp.br/">http://www.teses.usp.br/</a> ; <a href="http://dedalus.usp.br/">http://dedalus.usp.br/</a>	resultados listados na tabela
Uni-FACEF	SUDESTE	SP	<a href="http://sga.unifacef.com.br/EddydataApp-war/pages/student/acervo.jsf">http://sga.unifacef.com.br/EddydataApp-war/pages/student/acervo.jsf</a>	nenhum resultado
FEPAR	SUL	PR	<a href="http://pergamum.mackenzie.br/biblioteca/index.php?id=FEMPAR">http://pergamum.mackenzie.br/biblioteca/index.php?id=FEMPAR</a>	nenhum resultado
FPP	SUL	PR	<a href="http://biblioteca.fpp.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php?id=bfpp">http://biblioteca.fpp.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php?id=bfpp</a>	nenhum resultado
IAPAR	SUL	PR	<a href="http://200.201.27.50/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1">http://200.201.27.50/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1</a>	nenhum resultado
IBMP	SUL	PR		site da biblioteca não encontrado
IFPR	SUL	PR	<a href="http://www.pergamum.ifpa.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://www.pergamum.ifpa.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	link não funciona
PUC/PR	SUL	PR	<a href="http://www.biblioteca.pucpr.br/pergamum/biblioteca/index.php?_ga=2.169097313.1751274709.1573115143-1199141700.1573115143">http://www.biblioteca.pucpr.br/pergamum/biblioteca/index.php?_ga=2.169097313.1751274709.1573115143-1199141700.1573115143</a>	resultados listados na tabela
UEL	SUL	PR	<a href="http://virtua.uel.br:8080/search/query?theme=uel">http://virtua.uel.br:8080/search/query?theme=uel</a>	nenhum resultado
UEM	SUL	PR	<a href="http://biblioteca.sophia.com.br/7869/">http://biblioteca.sophia.com.br/7869/</a>	nenhum resultado
UENP	SUL	PR	<a href="https://biblioteca.uenp.edu.br/">https://biblioteca.uenp.edu.br/</a>	nenhum resultado
UEPG	SUL	PR	<a href="https://sistemas.uepg.br/pergamum/biblioteca/index.php">https://sistemas.uepg.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UFPR	SUL	PR	<a href="http://acervo.ufpr.br/">http://acervo.ufpr.br/</a>	resultados listado na tabela

Continua na próxima página

UNESPAR	SUL	PR	<a href="http://biblioteca.unespar.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://biblioteca.unespar.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UNIANDRADE	SUL	PR	<a href="http://biblioteca.sophia.com.br/7224/index.html">http://biblioteca.sophia.com.br/7224/index.html</a>	nenhum resultado
UNIBRASIL	SUL	PR	<a href="http://sophia.unibrasil.com.br/">http://sophia.unibrasil.com.br/</a>	nenhum resultado
UNICENTRO	SUL	PR	<a href="http://unicentro.phlnet.com.br/">http://unicentro.phlnet.com.br/</a>	link não funciona
UNICESUMAR	SUL	PR	<a href="https://www.unicesumar.edu.br/biblioteca/">https://www.unicesumar.edu.br/biblioteca/</a>	nenhum resultado
UNICURITIBA	SUL	PR	<a href="http://www.biblioteca.aena.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://www.biblioteca.aena.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UNILA	SUL	PR	<a href="https://sig.unila.edu.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf?aba=p-biblioteca">https://sig.unila.edu.br/sigaa/public/biblioteca/buscaPublicaAcervo.jsf?aba=p-biblioteca</a>	nenhum resultado
UNIOESTE	SUL	PR	<a href="https://sisbib.unioeste.br/pergamum/biblioteca/index.php">https://sisbib.unioeste.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UNIPAR	SUL	PR	<a href="http://brain.unipar.br/biblioteca_online/">http://brain.unipar.br/biblioteca_online/</a>	nenhum resultado
UNOPAR	SUL	PR	<a href="https://biblioteca-virtual.com/unopar">https://biblioteca-virtual.com/unopar</a>	nenhum resultado
UP	SUL	PR	<a href="https://www.up.edu.br/biblioteca">https://www.up.edu.br/biblioteca</a>	nenhum resultado
UTFPR	SUL	PR	<a href="http://biblioteca.utfpr.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://biblioteca.utfpr.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UTP	SUL	PR	<a href="https://pergamum.utp.br/pergamum/biblioteca/index.php?__hstc=134521902.590ffcaadd9d223bccfae411eb0f620e.1515780348301.1517310917163.1517590136167.12&amp;__hssc=134521902.2.1517590136167&amp;__hsfp=3488800206">https://pergamum.utp.br/pergamum/biblioteca/index.php?__hstc=134521902.590ffcaadd9d223bccfae411eb0f620e.1515780348301.1517310917163.1517590136167.12&amp;__hssc=134521902.2.1517590136167&amp;__hsfp=3488800206</a>	nenhum resultado

Continua na próxima página

EMBRAPA-CNPUV	SUL	RS	<a href="https://www.bdpa.cnptia.embrapa.br/consulta/busca">https://www.bdpa.cnptia.embrapa.br/consulta/busca</a>	nenhum resultado
EMBRAPA-CPACT	SUL	RS	<a href="https://www.bdpa.cnptia.embrapa.br/consulta/busca">https://www.bdpa.cnptia.embrapa.br/consulta/busca</a>	nenhum resultado
EST	SUL	RS	<a href="http://catalogo.est.edu.br/pergamum/biblioteca/">http://catalogo.est.edu.br/pergamum/biblioteca/</a>	nenhum resultado
FACCAT-RS	SUL	RS	<a href="https://webbiblio.faccat.br/">https://webbiblio.faccat.br/</a>	nenhum resultado
FEEVALE	SUL	RS	<a href="https://biblioteca.feevale.br/pergamum/biblioteca/index.php">https://biblioteca.feevale.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
FEPAGRO	SUL	RS		site da biblioteca não encontrado
FUC	SUL	RS		site da biblioteca não encontrado
FUPF	SUL	RS	<a href="https://secure.upf.br/pergamum/biblioteca/index.php">https://secure.upf.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
FURG	SUL	RS	<a href="https://argo.furg.br/">https://argo.furg.br/</a>	nenhum resultado
HCPA	SUL	RS	<a href="https://www.ufrgs.br/bibmed/">https://www.ufrgs.br/bibmed/</a>	nenhum resultado
IFRS	SUL	RS	<a href="https://biblioteca.ifrs.edu.br/biblioteca/index.php">https://biblioteca.ifrs.edu.br/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
IFSul	SUL	RS	<a href="http://biblioteca.ifsul.edu.br/pergamum/biblioteca/">http://biblioteca.ifsul.edu.br/pergamum/biblioteca/</a>	nenhum resultado
IMED	SUL	RS	<a href="https://portaleducacional.imed.edu.br/Corpore.Net/Source/Bib-Biblioteca/Public/BibConsultaAcervo.aspx?NewPesqPublic=T">https://portaleducacional.imed.edu.br/Corpore.Net/Source/Bib-Biblioteca/Public/BibConsultaAcervo.aspx?NewPesqPublic=T</a>	nenhum resultado
IPA	SUL	RS	<a href="http://biblioteca.metodistadosul.edu.br/">http://biblioteca.metodistadosul.edu.br/</a>	nenhum resultado
PUC/RS	SUL	RS	<a href="https://biblioteca.pucrs.br/">https://biblioteca.pucrs.br/</a>	resultados listados na tabela
UCPEL	SUL	RS	<a href="http://bibliotecaweb.ucpel.edu.br/">http://bibliotecaweb.ucpel.edu.br/</a>	nenhum resultado

Continua na próxima página

UCS	SUL	RS	<a href="https://biblioteca.ucs.br/pergamum/biblioteca/index.php">https://biblioteca.ucs.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UFCS	SUL	RS	<a href="https://www.ufcsa.edu.br/biblioteca/">https://www.ufcsa.edu.br/biblioteca/</a>	link não funciona
UFN	SUL	RS	<a href="http://pergamum.unifra.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://pergamum.unifra.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UFPEL	SUL	RS	<a href="https://pergamum.ufpel.edu.br/pergamum/biblioteca/">https://pergamum.ufpel.edu.br/pergamum/biblioteca/</a>	nenhum resultado
UFRGS	SUL	RS	<a href="https://sabi.ufrgs.br/F">https://sabi.ufrgs.br/F</a>	resultados listados na tabela
UFSC	SUL	RS	<a href="https://portal.ufsc.br/biblioteca/pesquisa/index.html">https://portal.ufsc.br/biblioteca/pesquisa/index.html</a>	resultados listados na tabela
ULBRA	SUL	RS	<a href="https://servicos.ulbra.br/ALEPH/">https://servicos.ulbra.br/ALEPH/</a>	nenhum resultado
UNICRUZ	SUL	RS	<a href="http://portal.unicruz.edu.br/Corpore.Net/Source/Bib-Biblioteca/Public/BibConsultaAcervo.aspx?NewPesqPublic=T">http://portal.unicruz.edu.br/Corpore.Net/Source/Bib-Biblioteca/Public/BibConsultaAcervo.aspx?NewPesqPublic=T</a>	nenhum resultado
UNIJUÍ	SUL	RS	<a "="" href="https://virtual.unijui.edu.br/Portal/Modulos/biblioteca/?DOhsg1vW57A40UXfXv9bww__SLA__Weig6xAH7iW1JsVQewi4=">https://virtual.unijui.edu.br/Portal/Modulos/biblioteca/?DOhsg1vW57A40UXfXv9bww__SLA__Weig6xAH7iW1JsVQewi4=</a>	nenhum resultado
UNILASALLE	SUL	RS	<a href="https://biblioteca.unilasalle.edu.br/biblioteca/">https://biblioteca.unilasalle.edu.br/biblioteca/</a>	nenhum resultado
UNIPAMPA	SUL	RS	<a href="https://guri.unipampa.edu.br/bib/publico/pesquisar.NoAcervo/">https://guri.unipampa.edu.br/bib/publico/pesquisar.NoAcervo/</a>	nenhum resultado
UNIRITTER	SUL	RS	<a href="https://biblioteca.uniritter.edu.br/biblioteca/index.php">https://biblioteca.uniritter.edu.br/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UNISC	SUL	RS	<a href="https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/144">https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/144</a>	nenhum resultado
UNISINOS	SUL	RS	<a href="http://www.unisinos.br/biblioteca/">http://www.unisinos.br/biblioteca/</a>	nenhum resultado
				Continua na próxima página

UNIVATES	SUL	RS	<a href="https://www.univates.br/biblioteca/">https://www.univates.br/biblioteca/</a>	nenhum resultado
URI	SUL	RS	<a href="http://www.pergamum.fv.uri.br/pergamum/biblioteca/">http://www.pergamum.fv.uri.br/pergamum/biblioteca/</a>	nenhum resultado
FURB	SUL	SC	<a href="https://bu.furb.br/consulta/portalConsulta/pesqCabecalho.php?menu=rapida&amp;bdigital=">https://bu.furb.br/consulta/portalConsulta/pesqCabecalho.php?menu=rapida&amp;bdigital=</a>	nenhum resultado
IFC	SUL	SC	<a href="https://pergamum.ifc.edu.br/pergamum_ifc/biblioteca/index.php">https://pergamum.ifc.edu.br/pergamum_ifc/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
IFSC	SUL	SC	<a href="https://repositorio.ifsc.edu.br/">https://repositorio.ifsc.edu.br/</a>	nenhum resultado
UDESC	SUL	SC	<a href="https://pergamumweb.udesc.br/biblioteca/index.php">https://pergamumweb.udesc.br/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UFFS	SUL	SC	<a href="http://consulta.uffs.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://consulta.uffs.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UFSC	SUL	SC	<a href="https://pergamum.ufsc.br/pergamum/biblioteca/index.php">https://pergamum.ufsc.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	resultados listado na tabela
UNC	SUL	SC	<a href="http://pergamum.unc.br:8082/pergamum/biblioteca/index.php">http://pergamum.unc.br:8082/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UNESC	SUL	SC	<a href="http://www.bib.unesc.net/pergamum/biblioteca/index.php">http://www.bib.unesc.net/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UNIPLAC/SC	SUL	SC	<a href="https://biblioteca.uniplacages.edu.br/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1&amp;tipo_pesquisa=&amp;filtro_bibliotecas=&amp;filtro_obras=&amp;termo=&amp;tipo_obra_selecionados=">https://biblioteca.uniplacages.edu.br/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1&amp;tipo_pesquisa=&amp;filtro_bibliotecas=&amp;filtro_obras=&amp;termo=&amp;tipo_obra_selecionados=</a>	nenhum resultado
UNISUL	SUL	SC	<a href="http://pergamum.unisul.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://pergamum.unisul.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UNIVALI	SUL	SC	<a href="https://siaib01.univali.br/pergamum/biblioteca/index.php">https://siaib01.univali.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
Continua na próxima página				

UNIVILLE	SUL	SC	<a href="http://pergamum.univille.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://pergamum.univille.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UNOCHAPECÓ	SUL	SC	<a href="http://konrad.unochapeco.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php">http://konrad.unochapeco.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php</a>	nenhum resultado
UNOESC	SUL	SC	<a href="https://www.unoesc.edu.br/">https://www.unoesc.edu.br/</a>	link não funciona

## **APÊNDICE B – Lista das pesquisas encontradas realizadas fora do Brasil**



**Tabela 2 – Lista das pesquisas encontradas realizadas fora do Brasil**

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIVERSIDADE
1959	Phonologie der Tupinambá-Sprache	Aryon Dall'Igna Rodrigues	Otto von Essen	D	Universität Hamburg, Alemanha
1964	A comparison of the segmental phonology of Lisbon and Rio de Janeiro	Brian Franklin Head	Informação não encontrada	D	University of Texas at Austin, Estados Unidos
1965	Phonemic system of the portuguese of Rio de Janeiro	Miriam Lemle	Henry M. Hoeningwald	M	University of Pennsylvania, Estados Unidos
1969	Brazilian Portuguese morphophonology: a generative approach	L. A. Paviani	Informação não encontrada	M	University of Texas at Austin, Estados Unidos
1971	A phonological analysis of Brazilian portuguese interior dialect	Giles Lothar Istre	Informação não encontrada	D	Louisiana State University and Agricultural and Mechanical College, Estados Unidos
1972	Systeme phonologique et phonétique du portugais parlé à Rio	Terezinha Lecomère	Informação não encontrada	M	Université de Strasbourg, França
1973	Jazyk Kamaiurá - fonética, i fonologuija, kratkie svedenija o grammatike	Lucy Seki	Dmitrii Evguenievitch Mikhailchi	D	Universidade da Amizade dos Povos Patrice Lumumba, Rússia
1974	Portuguese stress and related rules	Yonne de Freitas Leite	Robert T. Harms	D	University of Texas at Austin, Estados Unidos
1975	On the 'grammatica de lingoagem portuguesa'	Elizabeth Reis Teixeira	Keith Percival	M	University of Kansas, Estados Unidos
1976	Portuguese vowel height and the phonological theory: a generative re-analysis based on tongue-root features <sup>5</sup>	Wayne J. Redenbarger	Informação não encontrada	D	Harvard University, Estados Unidos
Continua na próxima página					

<sup>5</sup>Esta pesquisa utilizou dados tanto do português brasileiro quanto do português de Portugal.

1977	An experimental study of nasality with particular reference to Brazilian Portuguese	Luiz Carlos Cagliari	Sandy Hutcheson (coordenação: John Laver)	D	University of Edinburgh, Escócia
1978	Das Konsonantensystem des Guarani	Hildo Honorio Couto	Georg Heike	D	Universität zu Köln, Alemanha
1978	Problèmes posés par l'acquisition du français par des élèves monolingues-bilingues à Blumenau	Dário Pagel	Péla Simon	M	Université de Strasbourg, França
1979	Phonostylistic Aspects of a Brazilian Portuguese Dialect: implications for syllable structure constraints	Maria Bernadete Marques Abaurre	Joan Bybee Hooper	D	State University of New York, Estados Unidos
1979	The sound pattern of Brazilian Portuguese (cariocan dialect)	Barbara Strodt-López	Informação não encontrada	D	University of California, Estados Unidos
1979	Prosody in Brazilian Portuguese phonology	Roy Coleman Major	David Stampe	D	The Ohio State University, Estados Unidos
1980	A study of articulation testing with special reference to Portuguese	Elizabeth Reis Teixeira	Evelyn Abberton	M	University of London, Inglaterra
1981	Etude articulatoire et acoustique des voyelles nasales du portugais de Rio de Janeiro – Analyses radiocinematographique, sonographique et oscillographique	Mirian Therezinha Matta-Machado	Péla Simon	D	Université de Strasbourg, França
1981	Phonological and lexical processes in a generative grammar of portuguese	Eleonora Cavalcante Albano	Robert Hugh Meskill	D	Brown University, Michigan, Estados Unidos
1981	Étude acoustique des voyelles du portugais parlé à Blumenau à partir de la méthode sonographique	Dário Pagel	Péla Simon	D	Université de Strasbourg, França

Continua na próxima página

1983	Variation and Change in Brazilian Portuguese: The case of the liquids	Marco Antônio de Oliveira	Willian Labov	D	Universidade da Pennsylvania, Estados Unidos
1984	The Development of Intonation and Dialogue Processes in two Brazilian Children	Ester Mirian Scarpa	Natalie Waterson	D	University of London, Inglaterra
1984	Recherches sur l'intonation modale du portugais brésilien parlé à Rio de Janeiro	João Antônio de Moraes	Ivan Fónagy	D	Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3, França
1985	The acquisition of phonology in cases of phonological disability in portuguese-speaking subjects	Elizabeth Reis Teixeira	Evelyn Abberton	D	University of London, Inglaterra
1987	Le segment prosodique en portugais brésilien. Test subjectif d'attribution de frontières et proéminences et indices acoustique de frontière	César Augusto da Conceição Reis	Albert di Cristo	M	Université Aix Marseille I, França
1989	Temporal aspects of speech rhythm wich distinguish mexican spanish and brazilian portuguese	Orlando R. Kelm	Informação não encontrada	D	University of California, Estados Unidos
1990	Une étude de certains processus de la phonologie portugaise dans le cadre de la théorie du charme et du gouvernement	José Olímpio de Magalhães	John Reighard	D	Université de Montréal, Canadá
1993	Variations orthographiques, temps d'identification et apprentissage de la langue écrite portugaise: une approche phono-cognitive	Daniel Alvarenga	Guy Denhière	D	Universidade de Paris, França
1992	Nuclear phenomena in brazilian portuguese	Thais Cristófarro Alves da Silva	Jonathan Derek Kaye	D	University of London, Inglaterra
Continua na próxima página					

1995	L'Interaction entre l'intonation, l'accent et le rythme en portugais brésilien	César Augusto da Conceição Reis	Albert di Cristo	D	Université Aix Marseille I, França
1995	A normative study of the acquisition of consonant sounds in portuguese	Celia Regina Queiroz Salvi-ano Santini	Alice Tanner Dyson	D	University of Florida, Estados Unidos
1999	Les consonnes orales du portugais du Brésil. Analyse segmentale et perceptive de la sonorité	Lindinalva Messias do Nascimento Chaves	Jean-Pierre Zerling	D	Université de Strasbourg, França
1999	Rythme et mélodie de la parole en espagnol et en portugais du Brésil	Leticia Rebollo Couto	Jean-Pierre Zerling	D	Université Strasbourg II, França
1999	Aspects of a Karitiana grammar	Luciana Raccanello Storto	Kenneth Locke Hale	D	Massachusetts Institute of Technology, Estados Unidos

**APÊNDICE C – Lista das pesquisas encontradas realizadas no Brasil: dados externos.**

Tabla 3: Lista das pesquisas encontradas realizadas no Brasil: dados externos.

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1949	Para o estudo da fonêmica portuguesa	Joaquim Mattoso Câmara Jr.	Informação não encontrada	D	Faculdade Nacional de Filosofia
1965	Estrutura do verbo no português coloquial	Eunice Pontes	Informação não encontrada	M	UnB
1965	O falar de Mato Grosso (Bahia). Fonêmica. Aspectos da morfo-sintaxe e do Léxico	Dinah Maria Isensee Callou	Nelson Rossi	M	UnB
1965	Língua Kiriri: descrição do dialeto Kipeá	Gilda M. C. de Azevedo	Aryon Dall'Igna Rodrigues	M	UnB
1967	Os sistemas vocálicos do espanhol e do português: estudo comparativo	Manoel Dias Martins	Julio Gregorio Garcia Morejon	D	USP
1967	Estudo fonológico da língua Rikbáktsa	Odilo Pedro Lunkes	Ursula Wieseemann	M	UnB
1969	Análise comparativa dos sistemas fonológicos do inglês e do português: classificação dos erros prováveis com sugestões para uma aplicação pedagógica	Mário Mascherpe	João Fonseca	D	Unesp
1970	Comportamento fonético-fonológico da língua na televisão paulista	Regina Célia Pagliuchi da Silveira	Cidmar Teodoro Pais	M	USP
1970	Comportamento fonético-fonológico da região de Itu	Zilda Maria Zapparoli C. Melo	Cidmar Teodoro Pais	M	USP
1970	Descrição fonológica do português da cidade de São Paulo	Idméa Semeghini P. M. de Siqueira	Cidmar Teodoro Pais	M	USP
1971	Fonologia do Westfaliano de Rio Fortuna	Paulino Vandresen	Aryon Dall'Igna Rodrigues	D	PUC-RS
1971	Contribuição para um estudo da aquisição do sistema fonológico português pela criança	Antônio S. Abreu	Cidmar Teodoro Pais	M	USP
1972	A fonologia segmental da língua Txikão	Charlotte Emmerich	Aryon Dall'Igna Rodrigues	M	UFRJ
1972	As consoantes do português e do alemão	Sidney Camargo	Martha Steinberg	D	USP

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1973	Notas a uma análise fonético-fonológica do sistema linguístico regional da Paraíba	Maria do Socorro Silva de Araújo	Cidmar Teodoro Pais	M	USP
1973	Identidade de representações básicas e fatores de diferenciação superficial no componente fonológico de línguas cognatas	Maria Bernadete Marques Abaurre	Brian Franklin Head	M	Unicamp
1973	Aspectos quantitativos e formais do sistema fonológico da língua portuguesa contemporânea no Brasil	Oswaldo Sangiorgi	Cidmar Teodoro Pais	D	USP
1973	Particularidades de pronúncia dos locutores de rádio e televisão da Guanabara	Maria Aparecida Botelho Pereira Soares	Jürgen Walter Bernd Heye	M	UFRJ
1973	Estudo contrastivo dos sistemas fonológicos do português brasileiro e do francês	Elvira Wanda Vagones Mauro	Francisco da Silva Borba	D	Unesp
1974	Sistema, norma e diassistema no falar regional da Paraíba	Maria do Socorro Silva de Araújo	Cidmar Teodoro Pais	D	USP
1974	A palatalização em português: uma investigação palatográfica	Luiz Carlos Cagliari	Brian Franklin Head	M	Unicamp
1974	Considerações sobre o comportamento fonético-fonológico de crianças paraltico-cerebral	Suzana Magalhães Maia Vieira	Cidmar Teodoro Pais	M	USP
1974	Fonologia do guarani antigo	Daniele Marcelle Grannier	Aryon Dall'Igna Rodrigues	M	Unicamp
1974	O ensino da leitura segundo a perspectiva de uma análise ortográfico-fonológica	Myrian Barbosa da Silva	Brian Franklin Head	M	UFRJ
1974	Aspectos do sistema fonológico do português e do latim - estudo contrastivo	Margarida Maria de Paula Bastilio	Aryon Dall'Igna Rodrigues	M	UFRJ
1974	Um estudo fonológico contrastivo: sistemas vocálicos do português e do alemão	Vera Cristina de Macedo Costa Rodrigues	Evânildo Cavalcante Bechara	M	PUC-RJ
1975	Estruturas silábicas do português do Brasil	Francis Henrik Aubert	Cidmar Teodoro Pais	D	USP

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1975	Fonologia contrastiva do francês e do português de Florianópolis	Maria Marta Furlanetto	Aryon Dall'Igna Rodrigues	M	Unicamp
1975	Aspectos fonológicos de um dialeto paulista em bases gerativo-transformacionais	Therezinha Dinah Scaglione Piccolomini	Marianne Esztergar	M	PUC-Campinas
1976	Alguns aspectos da intonação no português	Ester Miriam Scarpa Gebara	Aryon Dall'Igna Rodrigues	M	Unicamp
1976	Comportamento da função estilística no nível fonológico	Mara Sofia de Toledo Zanotto <sup>6</sup>	Cidmar Teodoro Pais	D	USP
1976	Aspectos fonológicos e morfológicos de um dialeto falado na periferia de Itapira	José Luiz Pereira da Silva	Marianne Esztergar	M	PUC-Campinas
1976	A norma fonético-fonológica do paralítico cerebral	Suzana Magalhães Maia Vieira	Cidmar Teodoro Pais	D	USP
1976	Os “glides” no português	Maria Conceição Serra	Marianne Esztergar	M	PUC-Campinas
1976	Mecanismos nasais do português	Dario Deschamps	Paulino Vandresen	M	UFSC
1977	Características da linguagem falada e escrita de Goiânia	Eli de Oliveira Chaves Falanque	Cidmar Teodoro Pais	M	UFG
1977	Algumas considerações sobre o problema da abstração das representações fonológicas	Sirio Possenti	Maria Bernadete Marques Abaurre	M	Unicamp
1977	Contribuição para uma análise instrumental da acentuação e intonação do português	Norma Hochgreb Fernandes	Cidmar Teodoro Pais	M	USP
1977	Uma análise dos critérios envolvidos no planejamento de um curso de fonologia do inglês para alunos no primeiro ano de graduação em letras	Carlota Frances Williams Lopes	Maurice Broughton	M	PUC-SP
1977	Uma proposta em fonologia gerativa para -inho e -zinho	Célia Maria Vieira de Andrade Nardi	Marianne Esztergar	M	PUC-Campinas

continua na próxima página

<sup>6</sup>Em seu Currículo Lattes (<http://lattes.cnpq.br/9028449177738399>) aparecem as grafias “Sofia” e “Sophia” de seu segundo nome.



Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1977	A vibrante no Rio Grande do Sul – uma análise computacional	Lia Lourdes Marquardt	Albino de Bem Veiga	M	UFR(G)S
1977	As nasais e a nasalização em Português: aspecto diacrônico	José Campestrini	José Curi	M	UFSC
1977	Italianos em Joaçaba: estudo histórico e sociolinguístico do núcleo italiano da micro-região do meio-oeste catarinense	Isaura Gema Poletto	Fioravante Valentin Ferro	M	UFSC
1978	Um estudo do acento do português	Regina Buongiorno	Regina Célia Pagliuchi da Silveira	M	PUC-SP
1978	O acento em português: estudo de algumas mudanças no modelo da fonologia gerativa	Iara Bemquerer Costa	Maria Bernadete Marques Abaurre	M	Unicamp
1978	Encontros consonantais e vocálicos no português do Brasil	Manuel Pinto Ribeiro	Informação não encontrada	M	UFF
1978	Aspectos fonético-fonológico-semânticos do falar paraense (no médio Amazonas e no Tapajós)	Maria de Nazaré da Cruz Vieira	Jürgen Walter Bernd Heye	M	PUC-RJ
1978	Aspectos da variação fonológica na fala dos analfabetos do Rio de Janeiro	Sebastião Josué Votre	Anthony Julius Naro	D	PUC-RJ
1978	Um estudo dos ditongos orais em português	Mário César Alves Lemes de Moraes	Regina Célia Pagliuchi da Silveira	M	PUC-SP
1978	Entropia silábica do português	Geraldo Cintra	Oswaldo Sangiorgi	M	USP
1978	Considerações didáticas sobre alguns contrastes entoacionais do inglês com função gramatical	Heloisa Rodrigues Raposo Me-deiros	Maria Antonieta Alba Celami	M	PUC-SP
1978	Um estudo fonológico gerativo dos diminutivos em português	Hilda Gomes Vieira	Paulino Vandresen	M	UFSC

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1978	Existe realmente semi-vogal no português?: uma abordagem gerativa natural pura	Sidnei Gaspar de Oliveira	Paulino Vandresen	M	UFSC
1978	A alternância vocálica nos verbos regulares e nomes	Sonia Aparecida Serqueira Lopes	Paulino Vandresen	M	UFSC
1978	Morfologia das formas verbais finitas (tratamento fonológico-gerativo)	Maria Inês Pagliarini	Paulino Vandresen	M	UFSC
1978	Vogais orais e nasais: estudo contrastivo Português-Francês (análise de erros)	Maria Elisabeth Mendes de Albuquerque	Maria Marta Furlanetto (coordenação): Paulino Vandresen	M	UFSC
1978	<i>A study in english and portuguese intonation</i>	Lilia Maria Oliveira Carioni	Rosa Weingold Konder	M	UFSC
1979	Uma definição de nasalidade em sistemas linguísticos	Maria Theresa Borges Silva	Claiz Passos	M	UFBA
1979	A nasalidade no dialeto rural sergipano	Vera Lúcia Sampaio Rollemberg	Nelson Rossi	M	UFBA
1979	A palatalização de t e k no ibero-romance	Vera Lúcia Britto Gomes	Nilton Vasco da Gama	M	UFBA
1979	Um sistema n-ario de traços tonais	Maria Cardozo Pires da Silva	Informação não encontrada	M	UFBA
1979	Um processo de degeneração dos segmentos	Suzana Helena Longo Sampaio	Claiz Passos	M	UFBA
1979	Umlautizações	Maria Vitoria Alves de Oliveira	Jean-Pierre Angenot	M	UFBA
1979	Vogais antes do acento em Ribeiropolis-SE	Jacyra Andrade Mota	Nelson Rossi	M	UFBA
1979	Preliminares para o estudo fonético-fonológico do dialeto caipira na região de Silvânia	Deusdedit R. Corrêa	Informação não encontrada	M	UFG
1979	Tendências normalizantes da pronúncia do Distrito Federal (Gama)	Magda Maria de Freitas Queirino	Antonio Almeida	M	UnB
1979	Um estudo dos encontros consonantais do português	Valeuska França Cury	Regina Célia Pagliuchi da Silveira	M	PUC-SP
1979	Um estudo dos fonemas /s/, /z/ e das letras 's', 'ss', 'c', 'ç' e 'z' em português	Lêda Teresinha Martins	Regina Célia Pagliuchi da Silveira	M	PUC-SP
1979	Aspectos da fonologia do Pirahã	Daniel Leonard Everett	Aryon Dall'Igna Rodrigues	M	Unicamp

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1979	Correlatos eletroencefalográficos da estrutura informacional de sentenças do português	Edson Françaço	Armando Freitas da Rocha	M	Unicamp
1979	O sândi vocálico externo no dialeto carioca	Tania Conceição Clemente de Souza	Yonne de Freitas Leite	M	UFRJ
1979	O status do glide no grego ático: uma abordagem de acordo com a fonologia natural pura	Apparecido Alciso Maglio	Jean-Pierre Angenot	M	PUC-Campinas
1979	A perda da nasalidade e outras mutações vocálicas em Kokama, Asurini e Guajajara	Marília Lopes da Costa Facó Soares	Yonne de Freitas Leite	M	UFRJ
1979	A interferência fonológica de um dialeto alemão no português	Maria Cristina Hennes	Fernando José da Rocha	M	PUC-RS
1979	Recuperação de informações através da codificação fonética de nomes próprios	Joel Leon	Roberto Tom Price	M	UFRGS
1979	Um caso de português tonal no Brasil?	Catarina de Sena Sirqueira Mendes da Costa	Andrietta Lenard (coorientação: Jean-Pierre Angenot)	M	UFSC
1980	Variação e distribuição da vibrante na fala urbana do Rio de Janeiro	Dinah Maria Isensee Callou	Celso Ferreira Cunha	D	UFRJ
1980	Análise fonético-fonológica das vogais médias pretônicas na fala de Manaus	Rita de Cássia B. Cunha e Silva	Informação não encontrada	M	PUC-RJ
1980	Análise do componente fonológico da juntura intervocabular no português do Brasil – variante paulista, uma pesquisa linguística com tratamento computacional	Zilda Maria Zapparoli C. Melo	Francis Henrik Aubert	M	USP
1980	Variação fonológica na fala de Mato Grosso: um estudo sociolinguístico	Maria Luíza Canavarros Palma	Anthony Julius Naro	M	PUC-RJ
1980	Um estudo do tritongo em português: contribuições a uma teoria da sílaba portuguesa	Silvia Inês Coneglian de Vasconcelos	Regina Célia Pagiuchi da Silveira	M	PUC-SP

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1980	Língua Kaxuyana: fonologia segmental e afixos nominais	Ruth Wallace de Garcia Paula	Yonne de Freitas Leite	M	UFRJ
1980	Síntese de voz para o idioma português	Geraldo Lino de Campos	Antônio Marcos de Aguiira Massola	D	USP
1980	Aquisição das regras de plural das palavras terminadas em - L e - U assilábico	Marília Fulgencio Palhares	Jürgen Walter Bernd Heye	M	PUC-RJ
1980	Uma primeira abordagem para uma teoria de silabação	Josênia Vieira da Silva	Giles Lothar Istre	M	PUC-RS
1981	Alguns aspectos fonológicos da linguagem dos vaqueiros do município de Serrita	Eneida Martins Oliveira	Augustinus Staub	M	UnB
1981	Harmonização vocálica: uma regra variável	Leda Bisol	Anthony Julius Naro	D	UFRJ
1981	O papel da entoação do português brasileiro na descrição de atos de fala	Josefa Freixa Pascual Rizzo	Luiz Carlos Cagliari	M	Unicamp
1981	A fonologia segmental Kamayurá	Márcio Ferreira da Silva	Maria Bernadete Marques Abaurre	M	Unicamp
1981	Uma proposta de recursos didáticos na acentuação tônica da língua inglesa para um curso de fonologia	José Ribamar de Castro	John Robert Schmitz	M	PUC-SP
1981	Aspectos fonológicos e morfológicos do Ka-divéu	Sílvia Lúcia Bigonjal Braggio	Aryon Dall'Igna Rodrigues	M	Unicamp
1981	A acentuação dos nomes em compostos em inglês e o ensino para estrangeiros	Carolyn M. Davies	Yonne de Freitas Leite	M	UFRJ
1981	A metafonía em português	Edwaldo Machado Cafezeiro	Anthony Julius Naro	D	UFRJ
1981	Algumas técnicas para o ensino da pronúncia do inglês a alunos universitários: relato e avaliação de uma experiência	Claudio Picollo	Maria Antonieta Alba Celani	M	PUC-SP

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1981	Variações fonéticas no falar do Ariri: uma tendência do português do Brasil	Caleb Soares da Silva	Informação não encontrada	M	PUC-RS
1982	Geração e análise de cadeias fonotaticamente bem formadas	Sergio Antonio Ribeiro dos Santos	Johann Haller	M	UnB
1982	A redução do ditongo decrescente na linguagem de migrantes de origem rural	Aliris Porto Alegre dos Santos	Augustinus Staub	M	UnB
1982	Aproveitamento dos sons do aparelho fonador para fins estéticos no teatro	Roberto Abdelnur Camargo	Leonor Scliar Cabral	M	PUC-Campinas
1982	Fonologia da língua Suruí	Tine Henriete van der Meer	Aryon Dall'Igna Rodrigues	M	Unicamp
1982	Considerações sobre o desenvolvimento dos traços distintivos do português em crianças de dois a seis anos e onze meses	Suely Cecília Olivian Limongi	Suzana Magalhaes Maia Vieira	M	PUC-SP
1982	Inversão silábica: um jogo linguístico	Claudete Lucyk	Jean-Pierre Angenot	M	UFSC
1983	Sequenciação fonêmica de pré-escolares e suas relações com a prática de ensino na alfabetização	Lia Maria alcoforado de Melo	Sarita Maria Affonso Moyses	M	UFRN
1983	<i>Pronunciation problems for brazilians students majoring in English at the Federal University of Sergipe</i>	Gilberto Santana	Informação não encontrada	M	UFPB
1983	Geminação e longura nas consoantes do sub-código urucuiano de Buritis (MG)	Antonio Batista Pereira	Hildo Honório do Couto	M	UnB
1983	A interferência fonológica no português falado pelos japoneses na região de Campinas (SP)	Elza Taeko Doi	Maria Bernadete Marques Abaurre	M	Unicamp
1983	Análise acústico-perceptiva da entoação em português: a frase interrogativa	Norma Hochgreb Fernandes	Francis Henrik Aubert	D	USP
1983	Substídios para uma análise fonológica do Mbyá	Marymarcia Guedes	Aryon Dall'Igna Rodrigues	M	Unicamp

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1983	O falar caiçara da Ilha dos Búzios	Maria Rosa Trigo Wiikmann	Maurício Guerre	M	Unicamp
1983	Aspectos metalingüísticos da capacidade de segmentação em crianças de 5 a 9 anos	Ana Paula Machado Goyano	Eleonora Cavalcante Albano	M	PUC-SP
1983	Aspectos psicolinguísticos da percepção fonológica em crianças de 4 a 6 anos	Eunice Caldeira de Freitas Chaves Pacheco	Eleonora Cavalcante Albano	M	PUC-SP
1983	O bilinguismo em Araucária: a interferência polonesa na fonologia portuguesa	Arlindo Milton Druszc	José Luiz da Veiga Mercer	M	PUC-PR
1983	O fenômeno da monotongação em Ibiã, Rio Grande do Sul	Francisco Militão Meneghini	Elvo Clemente	M	PUC-RS
1983	<i>An analysis of segmental features of pronunciation among first year undergraduate students of english at the Federal University of Paraná</i>	Zilma Iára Bandeira Rippel	Otilia Arns	M	UFPR
1983	A entoação na narrativa de histórias de pré-escolares: um enfoque funcional	José Benedito Donadon Leal	Leonor Sciliar Cabral	M	UFSC
1984	A gheada como variação fonológica da língua galega	Guillermo Iglesias Pino	Maria Luígia Magnavita Galeffi	M	UFBA
1984	Uma análise das vogais do português brasileiro falado em São Paulo: perceptual, espectrográfica, de formantes e computadorizada da frequência fundamental	Mara Suzana Behlau	Paulo Augusto de Lima Pontes	M	Unifesp
1984	Aspectos entoacionais do português de Belo Horizonte	César Augusto da Conceição Reis	Luiz Carlos Cagliari	M	UFMG
1984	Os empréstimos do inglês no português do Brasil: algumas estratégias de adaptação	Myrian Azevedo de Freitas	Yonne de Freitas Leite	M	UFRJ
1984	Os determinantes morfogenéticos da linguagem expressiva: uma tentativa de reinterpretação da surdez	Elaine de Souza Jorge	Franco Lo Presti Seminério	M	FGV

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1984	O desenvolvimento histórico da língua Wayampi	Cheryl Joyce S. Jensen	Aryon Dall'igna Rodrigues	M	Unicamp
1984	Guató: a língua dos índios coneieiros do Rio Paraguai	Adair Pimentel Palacio	Aryon Dall'igna Rodrigues	D	Unicamp
1985	Aspectos do linguajar rural da região de Turmalina	Carolina do Socorro Antunes Santos	Marco Antônio de Oliveira	M	UFMG
1985	Alterações da produção fonêmica em crianças portadoras de distúrbios fono-articulatórios: não produções, distorções e trocas fonêmicas	Ana Maria Schiefer	Raymundo Manno Vieira	M	Unifesp
1985	Estudo da supressão do /R/ em Tubarão e Capivari (SC)	Leonilda Aparecida Tonin Hidalgo	Giles Lothar Istre	M	UFSC
1986	Análise do tempo de início de sonorização na discriminação dos sons plosivos do português brasileiro	Mara Suzana Behlau	Paulo Augusto de Lima Pontes	D	Unifesp
1986	Descrição fonética e análise de alguns problemas fonológicos da língua Krenak	Thaís Cristóforo Alves da Silva	Luiz Carlos Cagliari	M	UFMG
1986	Estudo fonético em crianças fissuradas de zero a três anos	Sandra Regina Oliveira Chiquetti	Luiz Carlos Cagliari	M	Unicamp
1986	Configurações do trato vocal nas vogais orais do português	Silvia Maria Rebelo Pinho	Paulo Augusto de Lima Pontes	M	Unifesp
1986	Os processos nos desvios fonológicos evolutivos – estudo sobre quatro crianças	Regina Ritter Lamprecht	Mehmet Sukru Yavas	M	PUC-RS
1986	Os desvios fonológicos à luz dos processos	José Maria Vieira da Silva	Antonio João Silvestre Mottin	D	PUC-RS
1987	Sobre as condições da vocalização da lateral palatal no português	Evelynne Jeanne Andrée Angèle Madeleine Dogliani	Marco Antônio de Oliveira	M	UFMG
1987	Alçamento das vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística	Maria do Carmo Viegas	Marco Antônio de Oliveira	M	UFMG

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1987	Fonologia e morfologia da língua Kaingang: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná	Marita Pôrto Cavalcante	Aryon Dall'igna Rodrigues	D	Unicamp
1987	Análise fonêmica preliminar da língua Guajá	Péricles Cunha	Aryon Dall'igna Rodrigues	M	Unicamp
1987	Rotacismo em grupo consonantal: uma abor-dagem sincrônica e diacrônica	Christina Abreu Gomes	Marco Antônio de Oliveira	M	UFMG
1987	A Nasalização Vocálica e Fonologia Introdutória à Língua Katukina (Páno)	Luizete Guimarães de Barros	Maria Bernadete Marques Abaurte	M	Unicamp
1987	Redução vocálica postônica e estrutura pro-sódica	Cristina Schmitt	Leda Bisol	M	UFRGS
1987	Variação Sociolingüística: uma revisão sobre a extensão da noção de variável fonológica a todos os níveis da gramática	Lourdes Hiratta	Leda Bisol	M	UFRGS
1987	<i>A contrastive study of Japanese and Portuguese<sup>7</sup></i>	Miyoko Saito	José Erasmo Gruginski	M	UFPR
1987	Análise contrastiva dos sistemas fonológicos do japonês e do português: estudo contrastivo baseado em técnicas da fonética experimental	Alice Tamie Joko	Mirian Therezinha da Matta Machado	M	UnB
1988	Análise contrastiva aplicada ao português e espanhol – abordagem fonético-fonológica	Judite Amaral de Medeiros Vieira	Maria do Socorro Silva de Aragão	M	UFPB
1988	Contribuição para a fonologia da língua Arara (Karib)	Isaac Costa de Souza	Aryon Dall'igna Rodrigues	M	Unicamp
1988	Contribuição para a fonologia do dialeto Kain-gang de Nonoi	José Baltazar Teixeira	Aryon Dall'igna Rodrigues	M	Unicamp

continua na próxima página

<sup>7</sup>Já no final da análise dos documentos, verificamos que esta pesquisa é, na realidade, sobre Sintaxe, e não sobre Fonética ou Fonologia.



Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1988	Estudo de um modelo para reconhecimento de voz baseado em discriminação acústico-fonética	Rafael Michelin Laboissière	Oswaldo Catsumi Imamura	M	ITA
1988	Relações entre o desenvolvimento cognitivo e a constituição do simbolismo: a consideração de tais aspectos em uma proposta fonoaudio-lógica	Jaime Luiz Zorzi	Saul Cypel	M	PUC-SP
1988	Pelas falas do Canto: uma etnografia	Catarina de Sena Siqueira Mendes da Costa	Luiz Carlos Cagliari	D	Unicamp
1988	Configurações do trato vocal nas vogais nasais do português brasileiro	Suely Master	Paulo Augusto de Lima Pontes	M	Unifesp
1988	Uma proposta de análise de desvios fonológicos através de traços distintivos	Carmen Lúcia Barreto Matzenauer	Mehmet Sukru Yavas	M	PUC-RS
1989	<i>The mastery of portuguese sounds by native speakers of English: a contrastive study</i>	Rosângela de Carvalho Guerra	Informação não encontrada	M	UFPB
1989	Fonologia da língua Karo (Arara de Rondônia)	Nilson Gabas Júnior	Aryon Dall'Igna Rodrigues	M	Unicamp
1989	Aspectos da língua Pirahã e a noção de polifonia	Maria Filomena Spatti Sândalo	Maria Bernadete Marques Abaurre (coorientação: Wandleley Geraldi)	M	Unicamp
1989	Simulador de reconhedores de palavras isoladas	Ali Hussein Sayed	Informação não encontrada	M	USP
1989	As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador	Myrian Barbosa da Silva	Celso Ferreira da Cunha (coorientação: Anthony Julius Naro)	D	UFRJ
1989	A narração de futebol no Brasil: um estudo fonostilístico	Zaldo Rocha Filho	Eleonora Cavalcante Albano	M	Unicamp

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1989	Fala e ação no cuidado materno ao bebê	Aglael Juliana Aparecida Gama Rossi	Eleonora Cavalcante Albano	M	Unicamp
1989	Língua portuguesa falada na região central de Foz do Iguaçu - PR: descrição da norma fonético-fonológica	Waldemar Ferreira Netto	Carlos Drummond	M	USP
1989	Perfil da aquisição normal da fonologia do português – descrição longitudinal de 12 crianças 2:9 a 5:5	Regina Ritter Lamprecht	Mehmet Sukru Yavas	D	PUC-RS
1989	Variação fonostilística das vogais postônicas finais: idioleto de um dialeto do português brasileiro falado em SC	Valdir Vegini	Jean-Pierre Angenot	M	UFSC
1990	Codificação adaptativa de voz utilizando transformadas com superposição	Raimundo Duarte	Henrique Sarmento Malvar	M	UnB
1990	Estudo preliminar da fonêmica Panará	Luciana Gonçalves Dourado	Aryon Dall'Igna Rodrigues	M	UnB
1990	Estudo preliminar da fonologia da língua Mehináku	Tereza Cristina de Souza Silva	Aryon Dall'Igna Rodrigues	M	UnB
1990	Aspectos fonológicos da variedade linguística de Barra do Garças	Marly Magalhães	Marita Pôrto Cavalcante	M	UFG
1990	Análise contrastiva do sistema fonológico do armênio e do português: implicações pedagógicas	Sandra Maria Silva Palomo	Maria Aparecida Barbosa	D	USP
1990	Identificação de vogais: aspectos acústicos, articulatórios e perceptuais	Ricardo Molina de Figueiredo	Eleonora Cavalcante Albano	M	Unicamp
1990	Descrição acústico-articulatória dos sons da voz. Para um método dos sons do português do Brasil	Edgard Casaes	Irenilde Pereira dos Santos	D	USP
1990	Os ditongos no dialeto carioca	Luiz Paladino Neto	Informação não encontrada	M	UFRJ

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1990	Alteamento do /e, o/ pretônicos e do /o/ tônico no falar do médio Amazonas	Maria de Nazaré da Cruz Vieira	Sebastião Votre	D	UFRJ
1990	As pretônicas na variedade mineira juizdefo-rana	Elzimar Cesar de Castro	Yonne de Freitas Leite	M	UFRJ
1990	Descrição e análise da redução das palavras proparoxítonas	Válmir Pereira Caixeta	Yonne de Freitas Leite	M	UFRJ
1990	A influência da alfabetização nas capacidades metafonológicas em adultos	Luiza de Arruda Nepomuceno	Leonor Scliar Cabral	D	Unifesp
1990	Sistema metodológico e pedagógico para o ensino dos metaplasmos	Leonildo Carnevalli	Enio Aloisio Fonda	M	Unesp
1990	A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não linear	Derneval da Hora Oliveira	Leci Borges Barbisan (coorientação: Leda Bisol)	D	PUC-RS
1990	Aquisição da fonologia do português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos	Carmen Lúcia Barreto Matzenauer	Mehmet Sukru Yavas	D	PUC-RS
1990	Alternância /l/-/r/ no Grupo Consonantal em Botelhos	Vera Lúcia Anunciação Costa	José Luiz da Veiga Mercer	M	UFPR
1990	O Apagamento dos Ditongos Decrescentes Orais no Sudoeste do Paraná	Denise Aparecida Sofiati de Barros Ribeiro	José Luiz da Veiga Mercer	M	UFPR
1990	A prosódia do maternalês na língua portuguesa	Rute Maria Coelho Amorim	Jean-Pierre Angenot (coorientação: Alexandra Yurievna Aikhenvald)	M	UFSC
1990	O desenvolvimento fonológico: estudo longitudinal sobre quatro crianças com idade entre dois anos e dois meses a dois anos e oito meses	Sulany Silveira dos Santos	Mehmet Sukru Yavas	M	PUC-RS
1990	Dessonorização final das plosivas na aquisição da língua inglesa como língua estrangeira	Tamara Marques da Rocha	Informação não encontrada	M	PUC-RS

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1990	Consciência fonêmica e neuromaturação	Vitor Geraldi Haase	Feryal Yavas	M	PUC-RS
1990	Uma abordagem terapêutica baseada nos processos fonológicos no tratamento de crianças com desvios fonológicos	Helena Bolli Mota	Mehmet Sukru Yavas	M	PUC-RS
1990	A linguagem falada e a exploração estilística da massa vocábular: um estudo morfoestilístico	Denise Capra de Almeida	Celso Pedro Luft	M	UFRGS
1991	Codificador de voz LPC-multipulso com interpolação por período tonal	Luiz Augusto Tavares da Silva Junior	Henrique Sarmento Malvar	M	UnB
1991	Aspectos fonológicos da língua Yatê	Euripedes A. Barbosa	Aryon Dall'Igna Rodrigues	M	UnB
1991	Análise fonológica preliminar da língua Tupari	Poliana Maria Alves	Aryon Dall'Igna Rodrigues	M	UnB
1991	Alguns aspectos fonológicos e morfológicos da língua Máku	Iraguacema Maciel	Aryon Dall'Igna Rodrigues	M	UnB
1991	Segmentos complexos da língua Yuhup	Dalva Del Vigna	Aryon Dall'Igna Rodrigues	M	UnB
1991	A duração no estudo do acento e do ritmo do português	Gladis Massini-Cagliari	Eleonora Cavalcante Albano	M	Unicamp
1991	Aspectos da variação fonético-fonológica na fala de Belém	Terezinha de Jesus de C. Nina	Sebastião Josué Votre	D	UFRJ
1991	A língua geral amazônica: aspectos de sua fonêmica	Luiz Carlos Borges	Aryon Dall'Igna Rodrigues	M	Unicamp
1991	Estudo descritivo de alguns aspectos da fala de sujeitos portadores de fissura lábio-palatina	Scheila Maria Leão Braga	Luiz Carlos Cagliari	M	Unicamp
1991	Tom, entonação e acento de intensidade na língua si-makonde: bases para um estudo morfofonológico	Marcelino Marta Liphola	Maria Bernadete Marques Abaurre	M	Unicamp

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1991	Frequência fundamental da voz e tempo máximo de fonação em indivíduos com interposição da língua na fala	Bárbara Brady Busgaib	Raymundo Manno Vieira (coorientação: Mara Suzana Behlau)	M	Unifesp
1991	O acento e as formas nominais do português	Angela Marina Sivieri	Regina Célia Pagiuchi da Silveira	M	PUC-SP
1991	Aspectos prosódicos na conversação	Edson Mota de Moura	João Antônio de Moraes	M	UFRJ
1991	Um traço do vocalismo português: a metafo- nia	Viviane Cunha	Angela Vaz Leão	M	UFMG
1991	A linguagem do apicultor: uma abordagem fonética e lexical nas regiões de Ponta Grossa e Prudentópolis	Mirian Martins Sozím	Pedro Caruso	M	Unesp
1991	Correlação entre as distorções na produção de fonemas e a amplitude do arco dental superior	Eloisa Colucci	Informação não encontrada	M	Unifesp
1991	Avaliação e tratamento fonológico de crianças portadoras de fissuras do lábio e do palato reparadas na faixa etária de 4 a 9 anos	Ana Paula Fadanelli Ramos	Regina Ritter Lamprecht	M	PUC-RS
1991	Síndrome afasia-epilepsia: aspectos fonológicos e neurofisiológicos	Mirna Helters Portugeuz	Regina Ritter Lamprecht	M	PUC-RS
1991	Influência da oíte média tratada no desenvolvimento da fala	Valderez Scarrone de Souza	Regina Ritter Lamprecht	M	PUC-RS
1991	As relações entre desvios fonológicos e produção escrita	Marlene Maria Ogliari	Mehmet Sukru Yavas	M	PUC-RS
1991	Análise acústica das vogais orais do português de Florianópolis - Santa Catarina	Ronaldo Lima	Giles Lother Istre	M	UFSC
1991	Análise da duração das vogais orais do português de Florianópolis - Santa Catarina	Cláudia Borges de Faveri	Giles Lother Istre	M	UFSC

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1991	O estudo do VOT da língua portuguesa falada por bilíngues dominantes em língua alemã	Verena Marga Hense Jungklaus	Giles Lother Istre	M	UFSC
1992	Fonologia preliminar da língua Kanoê	Laércio Nora Bacelar	Aryon Dall'Igna Rodrigues	M	UnB
1992	Aspectos fonético-fonológicos do ditongo na variedade lingüística de Abadia de Goiás	Lacordaire Vieira da Silva	Marita Pôrto Cavalcante	M	UFG
1992	Difusão lexical na vibrante final	Joana d'Arc de M. Lima	Informação não encontrada	M	UFRJ
1992	Padrões rítmicos e marcação de caso em Marubo (Pano)	Raquel Guimarães Romankevicius Costa	Marília Lopes da Costa Facó Soares	M	UFRJ
1992	O sentido e o som	Sandra Madureira	Mara Sofia de Toledo Zanotto	D	PUC-SP
1992	O suprasegmental em Tikuna e a teoria fonológica, v. I - Investigação de aspectos da sintaxe Tikuna, v. II - Ritmo	Marília Lopes da Costa Facó Soares	Maria Bernadete Marques Abaurre	D	Unicamp
1992	Articulação: aquisição do sistema fonológico dos 3 aos 7 anos	Haydée Fiszbein Wertzner	Geraldina Porto Witter	D	USP
1992	A fonologia segmental e aspectos morfofonológicos da língua Makurap (Tupi)	Alzerinda de Oliveira Braga	Maria Bernadete Marques Abaurre	M	Unicamp
1992	Análise fonológica da língua Juruna	Cristina Martins Fargetti	Lucy Seki	M	Unicamp
1992	Aspectos fonológicos e gramaticais da língua Yawalapiti (Aruak)	Mitzila Isabel Ortega Mujica	Lucy Seki	M	Unicamp
1992	Análise do Wörterbuch der Botokudensprache	Benedita Aparecida Chavedar Araújo	Lucy Seki	M	Unicamp
1992	Síntese de voz a partir de texto para a língua portuguesa	Francisco Egashira	Fábio Violaro	M	Unicamp
1992	Estudo da gramática da língua Jeoromitxi (Jabuti): aspectos sintáticos das cláusulas matizes	Nádia Nascimento Pires	Charlotte Galves	M	Unicamp

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1992	A vibrante: representação e análise sociolinguística	Valéria Neto de Oliveira Monarretto	Leda Bisol	M	UFRGS
1992	O som da fala dos pescadores de Cametá	Regina Célia Fernandes Cruz Trindade	Jean-Pierre Angenot	M	UFSC
1992	A vocalização do /R/ pós-vocálico oriundo de /L/ no dialeto cajpira	Ismael Pontes	Iara Bemquerer Costa	M	UFPR
1992	Desenvolvimento fonológico do português: descrição longitudinal de 6 crianças 2;8 a 3;2	Silvana Faccin da Rosa	Mehmet Sukru Yavas	M	PUC-RS
1992	“Jacaré” ou “Krokodil”? aquisição fonológica das consoantes líquidas por crianças bilingües: português-alemão	Maria Cristina Varela-Fuhr	Regina Ritter Lamprecht	M	PUC-RS
1993	Pelo microfone: inserção e desvios do falar regional na pronúncia de jornalistas de rádio e TV em João Pessoa	Márcia Rafaela Arnold	Maria do Socorro Silva de Araújo	M	UFPB
1993	O papel dos padrões intonacionais na fala do professor na organização do discurso na sala de aula	Dilma Tavares Luciano	Marília Ana Viana de Moura	M	UFPE
1993	Oclusivização, anteriorização e ensurdecimento na aquisição fonológica do português: processos sistêmicos ou assimilatórios?	Vera Pedreira dos Santos Pepe	Elizabeth Reis Teixeira	M	UFBA
1993	Variação fônica do /s/ pós-vocálico e de /v, z, ʒ/ cabeças de sílaba na fala da cidade de Salvador	Maria Irene Francisco Canovas	Claudia Nívea Roncarati de Souza	M	UFBA
1993	Atlas Lingüístico da Paraíba - Uma Leitura das Cartas Léxicas e Fonéticas	Nadège da Silva Dantas	Maria do Socorro Silva de Araújo	M	UFPB

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1993	Redes neurais artificiais com retardo para o reconhecimento de oclusivas sonoras da língua portuguesa, no contexto de palavra isolada e falante independente	Marly Pereira Pinto Carvalho	Maria Angela Guimarães Feitosa	M	UnB
1993	Contribuição à análise fonológica do Suruí do Tocantins	José Natal Barbosa	Aryon Dall'Igna Rodrigues	M	UnB
1993	Afêrese e prótese: verso e reverso morfológico	Carlos Alexandre Victorio Gonçalves	Maria Cecília de Magalhães Mollica	M	UFRJ
1993	Siwja mekaperera: Suyá – a língua da gente – “um estudo fonológico e gramatical”	Marymarcia Guedes	Luiz Carlos Cagliari	D	Unicamp
1993	As vogais pretônicas na fala culta carioca	Lilian Coutinho Yacovenco	Dinah Maria Isensee Callou	M	UFRJ
1993	Recuperação da difusão fonética em indivíduos desdentados com emprego de próteses totais duplas confeccionadas com base na técnica de zona neutra	Arnaldo Pomilio	Moustafa Mohamed El-Guindy	M	Unicamp
1993	Investigação diagnóstica de trocas entre fonemas sonoros e surdos e entre os grafemas correspondentes	Alcione Ghedini Brasolotto	Deisy das Graças de Souza	M	UFSCar
1993	Uma outra face da Nau dos insensatos: a dificuldade de vozear obstruintes em crianças de idade escolar	Ivone Panhoca Levy	Eleonora Cavalcante Albano	D	Unicamp
1993	Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha	Elisa Battisti	Leda Bisol	M	UFRGS
1993	A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear	Laura Rosane Quednau	Leda Bisol	M	UFRGS
continua na próxima página					



Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1993	Aquisição fonológica do português em uma criança bilingüe: estudo de caso	Miriam Coimbra	Regina Ritter Lamprecht	M	PUC-RS
1993	O desenvolvimento fonológico do português em crianças com idade entre 1:8 e 2:3	Susie Enke Ilha	Regina Ritter Lamprecht	M	PUC-RS
1993	Na aquisição da escrita pelas crianças ocorrem processos fonológicos similares aos da fala?	Noely Klein Varella	Regina Ritter Lamprecht	M	PUC-RS
1993	Um estudo do acento secundário em portugueses	Gisela Collischonn	Leda Bisol	M	UFRGS
1993	Uma descrição do Baré (Arawak): aspectos fonológicos e gramaticais	Christiane Cunha de Oliveira	Alexandra Yurievna Aikhenvald	M	UFSC
1993	Asheninca-uçayali: morfologia & fonologia	Gabriela Victoria Garcia Salazar	Jean-Pierre Angenot	M	UFSC
1993	Fonologia sincrônica e diacrônica do Baniwa-Situi: um tratamento não-linear	Maria Cristina Victorino de França	Jean-Pierre Angenot (coorientação: Alexandra Yurievna Aikhenvald)	M	UFSC
1993	Aspectos fonológicos e morfológicos da língua Kurripáku (Kumandáminanai e Ayáneni)	Simoni Maria Benicio Valadares	Alexandra Yurievna Aikhenvald	M	UFSC
1994	O processo de elisão das sílabas fracas no estágio inicial da aquisição fonológica em portugueses	Carola Rapp	Elizabeth Reis Teixeira	M	UFBA
1994	Estudo das divergências fonéticas entre o inglês britânico RP e o inglês americano GA	Maria do Socorro Pires Germano	Rosa Weingold Konder	M	UECE
1994	Aspectos fonético-fonológicos da variedade lingüística usada pelos alunos do Colégio de Aplicação da UFG no início do processo de alfabetização	Diva B. dos Anjos	Marita Pôrto Cavalcante	M	UFG

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1994	Análise fonológica preliminar da língua Xokleng	Terezinha Bublitz	Aryon Dall'Igna Rodrigues	M	UnB
1994	Codificação da voz utilizando o modelo multi-pulso através de análise aprimorada do sinal	Jose Fernando de Faria Lucena Dantas	Luis Geraldo Pedroso Meloni	M	UnB
1994	Identificação de falantes: aspectos teóricos e metodológicos	Ricardo Molina de Figueiredo	Eleonora Cavalcante Albano	D	Unicamp
1994	Fonologia e gramática do Aguaruna (Jívaro)	Angel Humberto Corbera Mori	Lucy Seki	D	Unicamp
1994	Para a caracterização fonético-acústica da nasalidade no português do Brasil	Elizabeth Maria Gigliotti de Sousa	Eleonora Cavalcante Albano	M	Unicamp
1994	O caráter não-reprodutivo e não-aleatório das auto-repetições na fala inicial	Claudia Mendes Campos	Ester Mirian Scarpa	M	Unicamp
1994	Reconhecimento de fonemas da língua portuguesa pelo uso de redes neurais do tipo “perceptron” multi-camadas	Luiz Eduardo Roncato Cordeiro	Márcio Luiz de Andrade Neto	M	Unicamp
1994	A linguagem da comunidade Tirolesatrentina: da cidade de Piracicaba – SP	Maria Luisa de Almeida Leme	Luiz Carlos Cagliariari	M	Unicamp
1994	Análise descritiva e teórica do Katukina-Pano	Maria Sueli de Aguiar	Charlotte Galves	D	Unicamp
1994	A relação entre a consciência fonológica e as dificuldades de leitura	Antonio Manuel Pamplona Moraes	Bernardete Angelina Gatti	M	PUC-SP
1994	Análise espectrográfica de um texto: uma contribuição aos estudos acústicos do Português do Brasil	Nilceni Silveira Vieira	Luiz Carlos Cagliariari	M	Unicamp
1994	Comunicação total versus método oral: identificação dos sons do português brasileiro produzidos por deficientes auditivos	Soraya Abbes Clapés Margall	Mara Suzana Behlau	D	Unifesp

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1994	Os sistemas consonânticos do português do Brasil e do espanhol peninsular: estudo contrastivo fonético-fonológico das normas cultas	Gisele Domingos do Mar	Rafael Eugênio Hoyos-Andrade	M	Unesp
1994	O processo de segmentação da escrita	Gilcinei Teodoro Carvalho	Marco Antônio de Oliveira	M	UFMG
1994	Formação de ditongo em sílaba travada por /S/ na linguagem coloquial gaúcha	Vera Helena Dentee de Melo	Leda Bisol	M	UFRGS
1994	Neutralização das vogais médias postônicas	Maria José Blaskovski Vieira	Leda Bisol	M	PUC-RS
1994	Aquisição normal e com desvios da fonologia do português: contrastes de sonoridade e de ponto de articulação	Cátia de Azevedo Fronza	Regina Ritter Lamprecht	M	PUC-RS
1994	Um estudo sociolingüístico lexical e fonológico na fala dos guias turísticos em Foz do Iguaçu	Maria Ceres Pereira	José Marcelino Poersch	M	PUC-RS
1994	Aquisição do parâmetro configuração de mão na Língua Brasileira dos Sinais (LIBRAS): estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos	Lodenir Becker Karnopp	Regina Ritter Lamprecht	M	PUC-RS
1994	Estudo estatístico dos fonemas do português falado na capital de Santa Catarina para elaboração de frases foneticamente balanceadas	Izabel Christine Seara	Giles Lothar Istre	M	UFSC
1994	Análise prosódica da Língua Dâw (Makú-Kamã) numa perspectiva não-linear	Valteir Martins	Jean-Pierre Angenot	M	UFSC
1995	Estudos fonológicos: uma revisão histórica	Odilon Pinto de Mesquita Filho	Informação não encontrada	M	UFBA
1995	Aspectos fonético-fonológicos da variedade lingüística de alfabetizando adultos	Ormezinda Gervásio	Marita Pôrto Cavalcante	M	UFG
1995	Morfologia e Fonologia lexical do português do Brasil	Seung Hwa Lee	Luiz Carlos Cagliari	D	Unicamp

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1995	Cantigas de amigo: do ritmo poético ao linguístico: um estudo do percurso histórico da acentuação em português	Gladis Massini-Cagliari	Ester Miriam Scarpa	D	Unicamp
1995	Modelamento prosódico para conversão texto-fala do português falado no Brasil	Cairo Humberto da Silva	Fábio Violaro	M	Unicamp
1995	Uma interface fonologia-sintaxe: o uso de “sons preenchedores” da categoria funcional dos determinantes no processo de aquisição de linguagem	Raquel Santana Santos	Ester Miriam Scarpa	M	Unicamp
1995	Distúrbios articulatórios: questões e inquietações	Viviane Orlandi Faria	Maria Francisca Lier-De Vitto	M	PUC-SP
1995	Prosódia e sintaxe: delimitação e contraste de estruturas	Myrian Azevedo de Freitas	João Antônio de Moraes	D	UFRJ
1995	Fenômenos de Enfraquecimento Consonantal no Espanhol Argentino de Rosario	Adriana Silvia Marusso	Thais Cristóforo Alves da Silva	M	UFMG
1995	Herrar é umano: uma visão linguística dos desvios ortográficos da nasalidade vocálica	Heloisa Rocha de Alkmim	Marco Antônio de Oliveira	M	UFMG
1995	Desordem fonológica: análise de periódicos e estudo de casos	Ana Carolina P. Gullo	Informação não encontrada	M	PUC-Campinas
1995	Consciência fonológica e linguagem escrita em pré-escolares	Sylvia Domingos Barrera	Maria Regina Maluf	M	USP
1995	A Linguagem do oleiro - uma abordagem lexical e fonética nas regiões de Pirai do Sul, Castro, Ponta Grossa, Imbituva e Prudentópolis	Miriam Martins Sozim	Pedro Caruso	D	Unesp
continua na próxima página					

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1995	Voz em sistemas computacionais: projeto e implementação de módulos de processamento de voz em gerenciamento de redes	Sérgio Moraes	Edson dos Santos Moreira	M	USP
1995	Reincidência de desvios fonológicos na escrita de crianças	Rosângela Marostega Santos	Regina Ritter Lamprecht	M	PUC-RS
1995	Aspectos linguísticos relevantes para o diagnóstico e tratamento da afasia	Claudia Marina Riva de Paiva	Maria Ignez Martins	M	PUC-PR
1995	A harmonia vocálica nos dialetos do sul do país: uma análise variacionista	Luís Carlos da Silva Schwindt	Leda Bisol	M	PUC-RS
1995	A ditongação variável em sílabas travadas por /S/	Lucia Lovato Leiria	Leda Bisol	M	PUC-RS
1995	Os sons e a sílaba da língua Wapichana, uma perspectiva não-linear	Manoel Gomes dos Santos	Giles Lother Istre	M	UFSC
1995	Labialização das vogais orais do sistema vocálico francês por alunos brasileiros: caso particular /y/: estudo acústico	Célia Aparecida de Moraes	Dário Fred Pagel	M	UFSC
1995	Características fonético-fonológicas da língua portuguesa falada na comunidade de Vale Vêneto – RS	Marcia Cristina Corrêa	Leda Terezinha Martins	M	UFSM
1995	Estudo contrastivo da percepção e produção dos tons do inglês e português	Ana Marilza Bittencourt	Rosa Weingold Konder	M	UFSM
1995	O alongamento das vogais /a/, /i/, /u/ e /õ/ no francês falado por estudantes brasileiros	Raquel Silvana Pinheiro	Dário Fred Pagel	M	UFSC
1995	Aspectos da fonética, da fonêmica e do léxico da língua Moré (família Txapakúra)	Diocelma Maria Müller	Jean-Pierre Angenot	M	UFSC

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1995	Atualização fonética da proeminência acen- tual em Baniwa-Hohodene: parâmetros fisi- cos	Iara Maria Teles	Jean-Pierre Angenot (coorienta- ção: Jean-Pierre Zerling)	D	UFSC
1995	Classificação das línguas Maipure/Arawak do grupo continental	Valdir Vegini	Jean-Pierre Angenot	D	UFSC
1995	Fonologia da língua Yuhup: uma abordagem não-linear	Aurise Brandão Lopes	Giles Lother Istre	M	UFSC
1996	O uso variável da vibrante na cidade de João Pessoa	Nadir Arruda Skeete	Dermeval da Hora Oliveira	M	UFPB
1996	<i>Comparing english and portuguese intonation features at discourse level</i>	Cristina B. de Souza	Informação não encontrada	M	UFPB
1996	A sinalização de limites e conexões sintagmá- ticos por elementos prosódicos no dialeto de Fortaleza	José Alber Campos Uchoa	José Rogério Fontenele Bessa	M	UFC
1996	Processos fonológicos aquisicionais e proces- sos fonológicos no crioulo da Guiné-Bissau: algumas relações	Norma Lúcia Fernandes de Al- meida	Elizabeth Reis Teixeira	M	UFBA
1996	O uso de pares mínimos para avaliação de consciência fonêmica	Wilson Junior de Araujo Carva- lho	Nadja da Costa Ribeiro Moreira	M	UFC
1996	Elementos de fonologia Avá-Canoeiro	Anivaldo Paiva	Marita Pôrto Cavalcante	M	UFG
1996	O atual sistema vocálico do francês padrão	Luiz Maurício Rios	Marita Pôrto Cavalcante	M	UFG
1996	A acústica das vogais orais no dialeto carioca: a voz feminina	Monica Tavares Orsini	João Antônio de Moraes (coo- rientação: Dinah Maria Isensee Callou)	M	UFRJ
1996	Para a descrição fonético-acústica das líqui- das no português brasileiro: dados de um informante paulistano	Adelaide Hercília Pescatori Silva	Eleonora Cavalcante Albano	M	Unicamp

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1996	Análise prosódica das inserções parentéticas no corpus do projeto da gramática do português falado	Luciani Ester Tenani	Maria Bernadete Marques Abaurre	M	Unicamp
1996	Análise da constituição do estilo oral por regionalistas: um estudo fonético-acústico comparativo	Ana Lucia Nogueira de Farias Ramos	Leslie Piccolotto Ferreira	M	PUC-SP
1996	O estudo do /s/ palatal pós-vocálico na região de Corumbá-MS	Rosangela Villa da Silva	Pedro Caruso	M	Unesp
1996	Reconhecimento de voz por segmentação em sílabas fonéticas	João Paulo Juliano Perfeito	Normonds Alens	M	USP
1996	Aplicação de um modelo de terapia fonológica para crianças com desvios fonológicos evolutivos: a hierarquia implicacional dos traços distintivos	Marcia Keske-Soares	Regina Ritter Lamprecht	M	PUC-RS
1996	A palatalização da fricativa alveolar não morfológica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana do município de Florianópolis: uma abordagem não-linear	Cláudia Regina Brescancini	Paulino Vandresen	M	UFSC
1996	Aspectos da fonologia da língua Kaingáng: dialeto central	Cristina Herold	Paulino Vandresen	M	UFSC
1996	A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre	Silvio Henrique Cabreira	Leda Bisol	M	PUC-RS
1996	O abaixamento das vogais /i/ e /u/ no português da campanha gaúcha	Luis Isaias Centeno do Amaral	Carmen Lúcia Barreto Matzenauer	M	UCPel

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1996	Processos de estrutura silábica em crianças com desvios fonológicos: uma abordagem não-linear	Ana Paula Fadanelli Ramos	Regina Ritter Lamprecht	D	PUC-RS
1996	Interferências fonológicas nos falantes bilíngues do português e do japonês: fatores socio e psicolinguísticos	Cristina Yukie Miyaki Fuchs	Elena Godoy	M	UFPR
1996	Descrição das substituições consonantais presentes nos desvios fonológicos evolutivos: uma abordagem autosegmental	Ana Valéria de Almeida Vau-cher	Regina Ritter Lamprecht	M	PUC-RS
1996	Comparação entre o processo fonológico de assimilação encontrado na diacronia e na aquisição do português	Paulo Ricardo Silveira Borges	Regina Ritter Lamprecht	M	PUC-RS
1996	A aquisição do “r”: uma contribuição à discussão sobre seu status fonológico	Ana Ruth Moresco Miranda	Regina Ritter Lamprecht	M	PUC-RS
1996	Aquisição segmental do português: um modelo implicacional de complexidade de traços	Helena Bolli Mota	Regina Ritter Lamprecht	D	PUC-RS
1996	Estudo acústico da labialização das vogais francesas de média abertura por aprendizes brasileiros	Celina Maria Ramos Arruda Macedo	Dário Fred Pagel	M	UFSC
1996	Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem	Lourenço Chacon Jurado Filho	Maria Bernadete Marques Abaurre	D	Unicamp
1997	A Linguagem Regional Popular na Obra de Patativa do Assaré: Aspectos Fonéticos-Lexicais	Maria Silvana Militão de Alencar	Maria do Socorro Silva de Araújo	M	UFC
1997	Estudo das vogais pretônicas na fala do peense urbano	Regina Celi Mendes Pereira	Derneval da Hora Oliveira	M	UFPB
1997	Processo de monotongação em João Pessoa	Fabiana Souza Silva	Derneval da Hora Oliveira	M	UFPB

continua na próxima página



Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1997	Processo de ditongação diante dos fonemas S e Z na fala do pessoense	Marina de Fátima de Souza Aquino	Dermeval da Hora Oliveira	M	UFPB
1997	Resolução de choques de acento no português brasileiro: elementos para uma reflexão sobre a interface sintaxe-fonologia	Elaine Silveira Ferreira Abou-salh	Maria Bernadete Marques Abaurre	M	Unicamp
1997	Fonética e fonologia do Suruwahá	Edson Massamiti Suzuki	Maria Bernadete Marques Abaurre	M	Unicamp
1997	O papel das vogais reduzidas pós-tônicas na construção de um sistema de síntese concatenativa para o português do Brasil	Patrícia Aparecida de Aquino	Eleonora Cavalcante Albano	M	Unicamp
1997	Alterações fono-articulatórias nas afasias motoras: um estudo linguístico	Margareth de Souza Freitas	Maria Irma Hadler Coudry	D	Unicamp
1997	Análise do sistema de marcação de caso nas orações independentes da língua Ikpeng	Cilene Campetela	Lucy Seki	M	Unicamp
1997	O papel da sílaba e da mora na organização rítmica do japonês	Elza Taeko Doi	Maria Bernadete Marques Abaurre	D	Unicamp
1997	Processamento auditivo central: aspectos temporais da audição e percepção acústica da fala	Sheila Andreoli Balen	Teresa Maria Momensohn dos Santos	M	PUC-SP
1997	A escrita fonética e a televisão: sua influência na atitude de adolescentes	Any Lillian Maxemiu Barcellos	Sarah Chucid da Viá	M	Cásper Líbero
1997	Focalização no português do Brasil	Carlos Alexandre Victorio Gonçalves	Marília Lopes da Costa Facó Soares (coorientação: João Antônio de Moraes)	D	UFRJ
1997	Língua inglesa como língua estrangeira no terceiro grau: um estudo de desvios fonológicos	Magali Rosa de Sant'Anna	Sandra Maria Silva Palomo	M	USP

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1997	Aspectos do sistema vocálico do português	Maria José Blaskovski Vieira	Leda Bisol	D	PUC-RS
1997	A nasalização no português brasileiro e a redução dos ditongos nasais átonos: uma abordagem baseada em restrições	Elisa Battisti	Leda Bisol	D	PUC-RS
1997	Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica	Valéria Neto de Oliveira Monarretto	Leda Bisol	D	PUC-RS
1997	Análise prosódica da sílaba em português	Gisela Collischonn	Leda Bisol	D	PUC-RS
1997	A epêntese vocálica na interfonologia portuguesa/inglês	Paulo Roberto Couto Fernandes	Carmen Lúcia Barreto Matzenauer	M	UCPel
1997	Influência do espanhol na variação da lateral pós-vocálica do português na fronteira	Jorge Walter da Rocha Espiga	Carmen Lúcia Barreto Matzenauer	M	UCPel
1997	A palatalização na cidade de Santa Vitória do Palmar	Maria Pia Mendoza Sassi	Carmen Lúcia Barreto Matzenauer	M	UCPel
1997	<i>Metaphonological ability to judge phonetic and phonological acceptability in five-year-old monolingual and bilingual children</i>	Miriam Coimbra	Regina Ritter Lamprecht	D	PUC-RS
1997	Os processos fonológicos de estrutura silábica no desenvolvimento fonológico normal e nos desvios fonológicos evolutivos	Andrea Cristina Rizzotto	Regina Ritter Lamprecht	M	PUC-RS
1997	Um estudo sobre o processamento auditivo em crianças portadoras de desvios fonológicos evolutivos	Simone Mariotto Roggia	Regina Ritter Lamprecht	M	PUC-RS
1997	O diminutivo na fala de homens e mulheres em Porto Alegre e São Borja	Elisa Ludwig Schulz	Leci Borges Barbisan	M	PUC-RS
1997	O processo de aquisição da regra de palatalização do português como segunda língua, por falantes nativos de espanhol	Maura Pereira Konzen	Margarete Schlatter	M	UFRGS

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1997	<i>The acquisition of english initial /s/ clusters by brazilian EFL learners</i>	Jeanne Teixeira Rebello	Barbara Oughton Baptista	M	UFSC
1997	Fonotática e fonologia do lexema Protochapakúra	Geralda de Lima Vitor Angenot	Iara Maria Teles	M	UNIR
1997	Os discursos dos pastores eletrônicos: uma abordagem fonostilística	Graziela Lemme de Menezes	Mirian Therezinha da Matta Machado	M	UFF
1997	O enfraquecimento das consoantes no português do Brasil	Denise Schetino Bastos Certo	Mirian Therezinha da Matta Machado	M	UFF
1997	A explosão da voz no teatro contemporâneo: uma análise espectrográfica computadorizada da voz de grande intensidade no espaço cênico	Domingos Sávio Ferreira de Oliveira	Ângela Leite Lopes	M	UNIRIO
1998	Fonologia da língua Kuruaya	Raimundo Nonato Vieira Costa	Carl Howard Harrison	M	UFPA
1998	O processo de simplificação do encontro consonantal na aquisição fonológica do português	Rosana Santos Dórea	Elizabeth Reis Teixeira	M	UFBA
1998	A sílaba no palanquero, crioulo espanhol da Colômbia	Eliane Soares de Rezende	Hildo Honório do Couto	M	UnB
1998	Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Je & teoria fonológica	Wilmar D'Angelis	Eleonora Cavalcante Albano	D	Unicamp
1998	Aspectos fonológicos da língua Shanenawá (Pano)	Glaucia Vieira Candido	Angel Humberto Corbera Mori	M	Unicamp
1998	Mocovi (Guaicuru): fonologia e morfossintaxe	Cecilia Beatriz Gualdieri	Lucy Seki	D	Unicamp
1998	Repensando a interface sintaxe-fonologia a partir do axioma de correspondência linear	Maximiliano Guimarães Miranda	Charlotte Galves	M	Unicamp
1998	Sistema de conversão texto-fala para a língua portuguesa utilizando a abordagem de síntese por regras	Leandro de Campos Teixeira Gomes	José Geraldo Chiquito	M	Unicamp

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1998	Análise acústica computadorizada, videofluoroscópica e perceptivo-auditiva da fala de indivíduos com fissura labiopalatina	Patrícia Piccin Bertelli Zuleta	Lésie Piccolotto Ferreira	M	PUC-SP
1998	A construção do sistema ortográfico: uma análise das variações de escrita em pontos de instabilidade silábica	Neiva Costa Toneli	Marco Antônio de Oliveira	M	UFMG
1998	Características entonacionais do português e do espanhol: estudo contrastivo e instrumental	Kelly Cristiane Henschel Pobbe de Carvalho	Rafael Eugenio Hoyos Andrade	M	Unesp
1998	Abordagem fonético-fonológica em sistemas de reconhecimento de voz de linguagem contínua	Rubem Dutra Ribeiro Fagundes	Ivandro Sanches	D	USP
1998	Conversão fala-texto em português do Brasil integrando segmentação sub-silábica e vocabulário ilimitado	Francisco José Fraga Silva	Osamu Saotome	D	ITA
1998	O uso do computador como ferramenta para aprimorar a pronúncia dos sons fonêmicos de línguas estrangeiras	Ingrid Vieira Liebold	Enrico Giulio Franco Polloni	M	UPM
1998	Elevação da vogal média átona final em comunidades bilingües: português e italiano	Suzana Damiani Roveda	Leda Bisol	M	PUC-RS
1998	A regra variável de nasalização da vogal pretônica /a/ na cidade de Pelotas	Teresa Pons Morelli	Carmen Lúcia Barreto Matzenauer	M	UCPel
1998	O processo de aquisição das vogais frontais arredondadas do francês por falantes nativos do português	Cintia da Costa Alcantara	Carmen Lúcia Barreto Matzenauer	M	UCPel
continua na próxima página					

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1998	Uma análise auto-segmental da fonologia normal: estudo longitudinal de 3 crianças de 1;6 a 3;0	Gilsenira de Alcino Rangel	Regina Ritter Lamprecht	M	PUC-RS
1998	Uma análise da ocorrência de metáteses na fala de crianças em fase de aquisição de linguagem	Bethânia Coswig Zitzke	Regina Ritter Lamprecht	M	PUC-RS
1998	Morfologia nominal do português: um estudo de fonologia lexical	Claudio Primo Alves Moreno	Leda Bisol	D	PUC-RS
1998	Um estudo sobre a memória de trabalho em crianças com desvios fonológicos	Raquel Brodacz	Regina Ritter Lamprecht	M	PUC-RS
1998	A aquisição das líquidas laterais do português: um estudo transversal	Elen Jane Medeiros Azambuja	Regina Ritter Lamprecht	M	PUC-RS
1998	O acento rítmico francês realizado por estudantes brasileiros de nível iniciante e avançado: estudo acústico das vogais /a/, /i/ e /u/	Noêmia Guimarães Soares	Dário Fred Pagel	M	UFSC
1998	Análise auditiva e acústica do fenômeno da ligação do francês com consoantes sonoras realizado por estudantes brasileiros	Albertina Rossi	Dário Fred Pagel	M	UFSC
1998	Progressão das estratégias utilizadas por brasileiros para a realização das vogais /ã/ e /ẽ/ do francês: análise acústica e auditiva	Letícia Fraga	Dário Fred Pagel	M	UFSC
1998	Variações temporais de vogais e consoantes em sílabas de padrão CV em enunciados em francês: estudo comparativo	Ana Lúcia Kretzer	Dário Fred Pagel	M	UFSC
1998	<i>The production of english syllable-final consonants by brazilian EFL learners</i>	Jair Luiz Alves da Silva Filho	Barbara Oughton Baptista	M	UFSC

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1998	Aspectos da fonologia e morfologia do Tariana- língua aruaque do noroeste amazônico	Claudete Lucyk	Paulino Vandresen	D	UFSC
1999	Aquisição das fricativas iniciais em crianças de 1;04 a 4;04	Ivanete Céqueira de Freitas	Elizabeth Reis Teixeira	M	UFBA
1999	Atitudes lingüísticas de falantes campinenses sobre os fenômenos da palatalização das consoantes /t/ e /d/ e do uso da concordância nominal de número	Fabiana Ramos	Dermeval da Hora Oliveira	M	UFPB
1999	YA:THĒ, a última língua nativa no nordeste do Brasil: aspectos morfo-fonológicos e morfo-sintáticos	Januacele Francisca da Costa	Adair Pimentel Palácio (coordenação: W. Leo Wetzels)	D	UFPE
1999	A fonologia do dialeto cigano romanês de Contagem (MG)	Rita de Cássia de Camargos Vieira e Macedo	Hildo Honório do Couto	M	UnB
1999	Fonologia do português mato-grossense: uma perspectiva criolística	Ulisdete Rodrigues de Souza	Hildo Honório do Couto	M	UnB
1999	A frase fonológica numa variedade lingüística goiana	Irene Zsimevitz Pinto Calaça	Marita Pôrto Cavalcante	M	UFG
1999	Implementação de um sistema de conversão texto-fala para o português do Brasil	Flávio Olmos Simões	Fábio Violaro	M	Unicamp
1999	Reconhecimento de fala contínua usando modelos ocultos de Markov	Carlos Alberto Ynoguti	Fábio Violaro	D	Unicamp
1999	A alternância de [ɛ] ~ [e] no português falado na cidade de Caxias, MA	Maria Francisca Ribeiro de Araújo	Maria Bernadete Marques Abaurre	M	Unicamp
1999	Desvios fonológicos: da articulação à fonologia	Sinara dos Santos Hutner	Maria Francisca Lier-DeVitto	M	PUC-SP

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1999	Relações entre desenvolvimento lingüístico e neuromotor: a aquisição da duração no português brasileiro	Aglael Juliana Aparecida Gama Rossi	Eleonora Cavalcante Albano	D	Unicamp
1999	Estudo fonético da nasalidade vocálica em falantes normais e com fissura de palato: enfoque acústico	Marisa de Sousa Viana Jesus	César Augusto da Conceição Reis	M	UFMG
1999	Estudo da produção de fala de fonemas fricativos na faixa etária de 4a1m a 6a11m, a partir de um modelo eletroacústico	Andréa Filipini Rodrigues Lauermann	Edgard José Casaes	M	USP
1999	As vogais médias em posição tônica nos nomes do português brasileiro	Marlucia Maria Alves	Jose Olímpio de Magalhães	M	UFMG
1999	Aspectos fonológicos do Apãniekrá (Je)	Flávia de Castro Alves	Waldemar Ferreira Netto	M	USP
1999	O uso dos processos fonológicos em crianças de 4 a 5 anos com diagnóstico de distúrbio articulatório	Márcia Azevedo de Sousa Matumoto	Haydée Fiszbein Wertzner	M	USP
1999	A lateral em coda silábica no Sul do Brasil	Maria Tasca	Leda Bisol	D	PUC-RS
1999	As proparoxítonas: teoria e variação	Marisa Porto do Amaral	Leda Bisol	D	PUC-RS
1999	Aquisição dos fonemas na posição de coda medial do português brasileiro, em crianças com desenvolvimento fonológico normal	Carolina Lisboa Mezzomo	Regina Ritter Lamprecht	M	PUC-RS
1999	A consciência fonológica na relação falada-escrita em crianças com desvios fonológicos evolutivos	Gabriela Ribeiro Castro Meneses	Regina Ritter Lamprecht	M	PUC-RS
1999	O nó laringeo e o nó ponto de C no processo de aquisição normal e com desvios do português brasileiro	Cátia de Azevedo Fronza	Regina Ritter Lamprecht	D	PUC-RS

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
1999	Um paralelo entre percepção auditiva e os sistemas fonológicos de crianças surdas submetidas à fonoterapia de base oralista	Gabriela Martino Coronel	Regina Ritter Lamprecht	M	PUC-RS
1999	Aquisição fonológica na língua brasileira de sinais: estudo longitudinal de uma criança surda	Lodimir Becker Karnopp	Regina Ritter Lamprecht	D	PUC-RS
1999	Estudo acústico-articulatório das vogais orais tônicas do português em quatro tipos de disfartose	Sandra Ghizoni Kafka	Ronaldo Lima	M	UFSC
1999	Análise acústico-articulatória das vogais átonas finais do português rural do Rio de Janeiro	Marilza Pereira da Silva Roco	Mirian Therezinha da Matta Machado	M	UFF
2000	Varição do /s/ pós-vocálico na fala de Belém	Rosana Siqueira de Carvalho	Abdelhak Razky	M	UFPA
2000	As consoantes líquidas na aquisição do português	Renata Lemos Carvalho	Elizabeth Reis Teixeira	M	UFBA
2000	Prosódia e envolvimento na compreensão do telejornal	Dilma Tavares Luciano	Luiz Antonio Marcuschi	D	UFPE
2000	A monotongação na norma culta de Fortaleza	Aluiza Alves de Araújo	Maria do Socorro Silva de Araújo	M	UFC
2000	A nasal final em formas verbais de terceira pessoa plural	Paula Frassinetti Lima Ferraz	Dermeval da Hora Oliveira	M	UFPB
2000	A fonologia segmental do sranan	Marcelo Domingos de Albuquerque	Hildo Honório do Couto	M	UnB
2000	Fonologia e morfologia da língua Maxakali	Gabriel Antunes Araújo	Angel Humberto Corbera Mori	M	Unicamp
2000	Aspectos da fonologia Xavante	Wellington Pedrosa Quintino	Angel Humberto Corbera Mori	M	Unicamp
2000	Língua Matis (Pano): uma análise fonológica	Vitória Regina Spanghero Ferreira	Angel Humberto Corbera Mori	M	Unicamp

continua na próxima página



Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
2000	Um estudo de variação dialetal a alternância de [ãw] ~ [õ] final no português falado na cidade de Cáceres - MT	Mariza Pereira da Silva	Tânia Maria Alkmim	M	Unicamp
2000	O efeito do vedamento da fístula do palato sobre a ressonância da fala de indivíduos com fissura de palato	Camila Queiroz de Moraes Silveira Di Ninno	Maria Inês Pegoraro-Krook	M	USP
2000	O fenômeno prosódico da pausa e a organização temporal do discurso	Lilian Coutinho Yacovenco	João Antônio de Moraes	D	UFRJ
2000	Entoação regional no português do Brasil	Cláudia de Souza Cunha	João Antônio de Moraes	D	UFRJ
2000	Aquisição da ortografia: influências fonéticas, fonológicas, morfológicas ou lexicais?	Glória de Fátima Lima dos Santos	Thais Cristófaros Alves da Silva	M	UFMG
2000	Análise fonético-fonológica do desvozeamento de obstruintes	Ana Teresa Brandão de Oliveira e Britto	José Olímpio de Magalhães	M	UFMG
2000	Análise da entoação de enunciados declarativos e interrogativos na fala de crianças	Leandra Batista Antunes	César Augusto da Conceição Reis	M	UFMG
2000	Análise prosódica do vocativo na fala de criança: uma abordagem fonética	Adriana Ferreira Nascimento	César Augusto da Conceição Reis	M	UFMG
2000	A construção da representação gráfica da nasalidade na fase inicial da aquisição da escrita	Idalena Oliveira Chaves	Marco Antônio de Oliveira	M	UFMG
2000	Aspectos da fonologia Marubo (Pano): uma visão não-linear	Raquel Guimarães Romankevicius Costa	Marília Lopes da Costa Facó Soares	D	UFRJ
2000	A relação oralidade/escrita: evidências de que a criança, em fase de alfabetização, não se utiliza apenas da percepção fonética da fala para representar a escrita	Luciana Teixeira	Mario Roberto Lobuglio Zagari	M	UFJF

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
2000	Análise contrastiva do sistema vocálico do Inglês e do Português: abordagem autossesgimental	Sueli Cain de Oliveira	Sandra Maria Silva Palomo	M	USP
2000	Estudo acústico dos fonemas surdos e sonoros do Português do Brasil, em crianças com distúrbio fonológico apresentando o processo fonológico de ensurdecimento	Adriana Limongeli Gurgueira	Haydée Fiszbein Wertzner	M	USP
2000	Um estudo sobre variações fonético-fonológicas na língua falada e escrita	Maria Aparecida de Souza Oliveira	Edgard José Casaes	M	USP
2000	Análise fonológica preliminar do Pykobyê	Rosane Muñoz de Sá	Waldemar Ferreira Netto	M	USP
2000	Produção de oclusivas mais líquida não-lateral e consciência fonológica na fala de crianças em aquisição da linguagem: análise pela geometria de traços	José Sueli de Magalhães	José Olímpio de Magalhães	M	UFU
2000	Estudo histórico da família Tupi-Guarani: aspectos fonológicos e lexicais	Antônio Augusto Souza Mello	Paulino Vandresen (coorientação: Aryon Dall'Igna Rodrigues)	D	UFSC
2000	Estudo Acústico Perceptual da Nasalidade das Vogais do Português Brasileiro	Izabel Christine Seara	Paulino Vandresen	D	UFSC
2000	A metáfora nominal (Português do Brasil)	Ana Ruth Moresco Miranda	Leda Bisol	D	PUC-RS
2000	O acento do latim ao português arcaico	Laura Rosane Quednau	Leda Bisol	D	PUC-RS
2000	A aquisição do ataque silábico complexo: um estudo sobre crianças com idade entre 2:0 e 3:7	Maria Carolina Alves Pereira Ávila	Carmen Lúcia Barreto Matzenauer	M	UCPel
2000	Epêntese diante do segmento [w] no espanhol do Uruguai	Clara da Silva	Carmen Lúcia Barreto Matzenauer	M	UCPel

continua na próxima página

Tabela 3 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	AUTORIA	ORIENTAÇÃO	M/D	UNIV.
2000	Aquisição dos ditongos orais decrescentes: uma análise à luz da teoria da otimidade	Giovana Ferreira Gonçalves Bonilha	Carmen Lúcia Barreto Matzenauer	M	UCPel
2000	A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar	Miriam Cristina Carniato	Carmen Lúcia Barreto Matzenauer	M	UCPel
2000	Aquisição das líquidas não-laterais por crianças com desvios fonológicos evolutivos: descrição, análise e comparação com o desenvolvimento normal	Deisi Cristina Gollo Marques Vidor	Regina Ritter Lamprecht	M	PUC-RS
2000	A interferência da situação socioeconômica no processo do desenvolvimento fonológico em crianças de classes sociais e idades diferentes	Dulcina Edith Winther de Mello	Laurindo Dalpian	M	PUC-RS
2000	O prefixo no português brasileiro: análise morfológica	Luiz Carlos da Silva Schwindt	Leda Bisol	D	PUC-RS
2000	A variação das oclusivas dentais na comunidade bilíngüe de Flores da Cunha: uma análise quantitativa	Marco Antônio Bomfoco de Almeida	Leda Bisol	M	PUC-RS
2000	Em busca da palavra prosódica	Lucia Lovato Leiria	Leo W. Wetzels	D	PUC-RS
2000	Descrição fonológica e lexical do dialeto “Kaw Tayo” (Kujubi) da língua Moré	Iris Rodrigues Duran	Jean-Pierre Angenot	M	UNIR
2000	Descrição preliminar do Oro Eo: um caso de sílaba embutida no onset	Cláudia Teles Maeda	Jean-Pierre Angenot	M	UNIR
2000	A Fonologia da Língua Cinta Larga	Bráulia Inês Barbosa Ribeiro	Iara Maria Teles	M	UNIR

**APÊNDICE D – Lista das pesquisas encontradas realizadas no Brasil: dados internos.**

Tabela 4: Lista das pesquisas encontradas realizadas no Brasil: dados internos.

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1949	Para o estudo da fonêmica portuguesa	descrição		português	
1965	Estrutura do verbo no português coloquial	descrição		português	
1965	O falar de Mato Grosso (Bahia). Fonêmica. Aspectos da morfo-sintaxe e do Léxico	descrição	morfo-sintaxe	português	
1965	Língua Kiriri: descrição do dialeto Kipeá	descrição		Kiriri (dialeto Kipeá)	
1967	Os sistemas vocálicos do espanhol e do português: estudo comparativo	descrição	vogais	português / espanhol	
1967	Estudo fonológico da língua Rikbáktsa	descrição		Rikbáktsa	
1969	Análise comparativa dos sistemas fonológicos do inglês e do português: classificação dos erros prováveis com sugestões para uma aplicação pedagógica	descrição		português / inglês	ensino
1970	Comportamento fonético-fonológico da língua na televisão paulista	descrição		português	meios de comunicação
1970	Comportamento fonético-fonológico da região de Itu	descrição		português / português de Itu	
1970	Descrição fonológica do português da cidade de São Paulo	descrição		português / português de São Paulo	
1971	Fonologia do Westfaliano de Rio Fortuna	descrição		westfaliano	
1971	Contribuição para um estudo da aquisição do sistema fonológico português pela criança	descrição		português	aquisição
1972	A fonologia segmental da língua Txikão	descrição		Txikão	
1972	As consoantes do português e do alemão	descrição	consoantes	português / alemão	
1973	Notas a uma análise fonético-fonológica do sistema linguístico regional da Paraíba	descrição		português / português da Paraíba	

continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1973	Identidade de representações básicas e fatores de diferenciação superficial no componente fonológico de línguas cognatas	descrição			
1973	Aspectos quantitativos e formais do sistema fonológico da língua portuguesa contemporânea no Brasil	sincronia / descrição		português	
1973	Particularidades de pronúncia dos locutores de rádio e televisão da Guanabara	descrição		português / português de Guanabara	meios de comunicação
1973	Estudo contrastivo dos sistemas fonológicos do português brasileiro e do francês	descrição		português / francês	ensino?
1974	Sistema, norma e diassistema no falar regional da Paraíba	descrição		português / português da Paraíba	
1974	A palatalização em português: uma investigação palatográfica	descrição	palatalização	português	
1974	Considerações sobre o comportamento fonético-fonológico de crianças paralítico-cerebral	descrição			medicina?
1974	Fonologia do guarani antigo	sincronia / descrição		guarani antigo	
1974	O ensino da leitura segundo a perspectiva de uma análise ortográfico-fonológica				ensino
1974	Aspectos do sistema fonológico do português e do latim - estudo contrastivo	diacronia		português / latim	
1974	Um estudo fonológico contrastivo: sistemas vocálicos do português e do alemão	descrição	vogais	português / alemão	ensino
1975	Estruturas silábicas do português do Brasil	descrição	sílaba	português	
					continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1975	Fonologia contrastiva do francês e do português de Florianópolis	descrição		português / português de Florianópolis / francês	ensino de L2
1975	Aspectos fonológicos de um dialeto paulista em bases gerativo-transformacionais	descrição		português / português de São Paulo	
1976	Alguns aspectos da intonação no português	descrição	intonação	português	
1976	Comportamento da função estilística no nível fonológico	descrição			
1976	Aspectos fonológicos e morfológicos de um dialeto falado na periferia de Itapira	descrição	fonologia-morfologia	português / português de Itapira	
1976	A norma fonético-fonológica do paralítico cerebral	descrição			
1976	Os “glides” no português	descrição	glides	português	
1976	Mecanismos nasais do português	descrição	nasais	português	
1977	Características da linguagem falada e escrita de Goiânia	descrição		português / português de Goiânia	
1977	Algumas considerações sobre o problema da abstração das representações fonológicas	teoria			
1977	Contribuição para uma análise instrumental da acentuação e intonação do português	descrição	intonação / acento	português	
1977	Uma análise dos critérios envolvidos no planejamento de um curso de fonologia do inglês para alunos no primeiro ano de graduação em letras			inglês	ensino
1977	Uma proposta em fonologia gerativa para -inho e -zinho		fonologia-morfologia	português	

continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1977	A vibrante no Rio Grande do Sul – uma análise computacional	descrição	consoantes	português / português do Rio Grande do Sul	
1977	As nasais e a nasalização em Português: aspecto diacrônico	diacronia / descrição	nasais	português	
1977	Italianos em Joaçaba: estudo histórico e sociolinguístico do núcleo italiano da micro-região do meio-oeste catarinense	diacronia / descrição		português / português de Joaçaba / italiano	sociolinguística
1978	Um estudo do acento do português	descrição	acento	português	
1978	O acento em português: estudo de algumas mudanças no modelo da fonologia gerativa	descrição	acento	português	
1978	Encontros consonantais e vocálicos no português do Brasil	descrição	consoantes e vogais	português	
1978	Aspectos fonético-fonológico-semânticos do falar paraense (no médio Amazonas e no Tapajós)	descrição	fonética-fonologia-semântica	português / português do Pará	
1978	Aspectos da variação fonológica na fala dos analfabetos do Rio de Janeiro	descrição		português / português do Rio de Janeiro	
1978	Um estudo dos ditongos orais em português	descrição	ditongos	português	
1978	Entropia silábica do português	descrição	sílaba	português	
1978	Considerações didáticas sobre alguns contrastes entoacionais do inglês com função gramatical	descrição	entoação	inglês	ensino
1978	Um estudo fonológico gerativo dos diminutivos em português	descrição	fonologia-morfologia	português	
1978	Existe realmente semi-vogal no português?: uma abordagem gerativa natural pura	descrição	semi-vogais	português	

continua na próxima página



Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1978	A alternância vocálica nos verbos regulares e nomes	descrição	vogais		
1978	Morfologia das formas verbais finitas (tratamento fonológico-gerativo)	descrição	fonologia-morfologia		
1978	Vogais orais e nasais: estudo contrastivo Português-Francês (análise de erros)	descrição	vogais	português / francês	ensino
1978	<i>A study in english and portuguese intonation</i>	descrição	intonação	português / inglês	ensino
1979	Uma definição de nasalidade em sistemas linguísticos	teoria?	nasais		
1979	A nasalidade no dialeto rural sergipano	descrição	nasais	dialeto rural sergipano	
1979	A palatalização de t e k no ibero-romance	descrição	palatalização	ibero-romance	
1979	Um sistema n-ario de traços tonais		traços tonais		
1979	Um processo de degeneração dos segmentos	descrição	segmentos		
1979	Umlautizações	descrição	umlautização		
1979	Vogais antes do acento em Ribeirópolis-SE	descrição	vogais	português / português de Ribeirópolis - SE	
1979	Preliminares para o estudo fonético-fonológico do dialeto caipira na região de Silvânia	descrição		português / português de Silvânia	
1979	Tendências normalizantes da pronúncia do Distrito Federal (Gama)	descrição		português / português do Distrito Federal	
1979	Um estudo dos encontros consonantais do português	descrição	consoantes	português	
1979	Um estudo dos fonemas /s/, /z/ e das letras 's', 'ss', 'ç', 'ç' e 'z' em português	descrição	consoantes	português	
1979	Aspectos da fonologia do Pirahã	descrição		Pirahã	

continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1979	Correlatos eletroencefalográficos da estrutura informacional de sentenças do português	descrição		português	biologia / medicina / neurociências
1979	O sândi vocálico externo no dialeto carioca	descrição	sândi vocálico externo	português / português do Rio de Janeiro	
1979	O status do glide no grego ático: uma abordagem de acordo com a fonologia natural pura	descrição	glide	grego ático	
1979	A perda da nasalidade e outras mutações vocálicas em Kokama, Asurini e Guajajara	descrição	nasais / vogais	Kokama / Asurini / Guajajara	
1979	A interferência fonológica de um dialeto alemão no português	descrição		português / alemão	
1979	Recuperação de informações através da codificação fonética de nomes próprios				
1979	Um caso de português tonal no Brasil?	descrição		português	
1980	Variação e distribuição da vibrante na fala urbana do Rio de Janeiro	descrição	vibrante	português / português do Rio de Janeiro	
1980	Análise fonético-fonológica das vogais médias pretônicas na fala de Manaus	descrição	vogais	português / português de Manaus	
1980	Análise do componente fonológico da juntura intervocabular no português do Brasil – variante paulista, uma pesquisa linguística com tratamento computacional	descrição		português / português de São Paulo	
1980	Variação fonológica na fala de Mato Grosso: um estudo sociolinguístico	descrição		português / português do Mato Grosso	sociolinguística
1980	Um estudo do tritongo em português: contribuições a uma teoria da sílaba portuguesa	descrição	sílaba	português	
continua na próxima página					

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1980	Língua Kaxuyana: fonologia segmental e afixos nominais	descrição		Kaxuyana	
1980	Síntese de voz para o idioma português			português	
1980	Aquisição das regras de plural das palavras terminadas em - L e - U assilábico	descrição		português	
1980	Uma primeira abordagem para uma teoria de silabação	teoria	silaba		
1981	Alguns aspectos fonológicos da linguagem dos vaqueiros do município de Serrita	descrição		português / português de Serrita	
1981	Harmonização vocálica: uma regra variável	descrição	harmonização vocálica		
1981	O papel da entoação do português brasileiro na descrição de atos de fala	descrição	entoação	português	
1981	A fonologia segmental Kamayurá	descrição		Kamayurá	
1981	Uma proposta de recursos didáticos na acentuação tônica da língua inglesa para um curso de fonologia	descrição	acento	inglês	ensino
1981	Aspectos fonológicos e morfológicos do Kadiwéu	descrição	fonologia-morfologia	Kadiwéu	
1981	A acentuação dos nomes em compostos em inglês e o ensino para estrangeiros	descrição	acento	inglês	ensino
1981	A metafonía em português	descrição	metafonía	português	
1981	Algumas técnicas para o ensino da pronúncia do inglês a alunos universitários: relato e avaliação de uma experiência	descrição		inglês / português?	ensino
1981	Variações fonéticas no falar do Ariri: uma tendência do português do Brasil	descrição		português / português de Ariri	

continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1982	Geração e análise de cadeias fonotaticamente bem formadas	descrição			
1982	A redução do ditongo decrescente na linguagem de migrantes de origem rural	descrição	ditongos	português / português de migrantes de origem rural? descrição	meios de comunicação
1982	Aproveitamento dos sons do aparelho fonador para fins estéticos no teatro	descrição			
1982	Fonologia da língua suruí	descrição		suruí	
1982	Considerações sobre o desenvolvimento dos traços distintivos do português em crianças de dois a seis anos e onze meses	descrição		português	aquisição
1982	Inversão silábica: um jogo linguístico	descrição	sílaba		
1983	Sequenciação fonêmica de pré-escolares e suas relações com a prática de ensino na alfabetização	descrição			ensino
1983	<i>Pronunciation problems for brazilians students majoring in English at the Federal University of Sergipe</i>	descrição		português / inglês	ensino
1983	Geminação e longura nas consoantes do sub-código urucuiano de Buritis (MG)	descrição	consoantes	português / português de Buritis	
1983	A interferência fonológica no português falado pelos japoneses na região de Campinas (SP)	descrição		português / português de campinas / japonês	
1983	Análise acústico-perceptiva da entoação em português: a frase interrogativa	descrição	entoação	português	
1983	Subsídios para uma análise fonológica do Mbyá	descrição		Mbyá	

continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1983	O falar caiçara da Ilha dos Búzios	descrição		português / português da Ilha dos Búzios	
1983	Aspectos metalingüísticos da capacidade de segmentação em crianças de 5 a 9 anos	descrição			
1983	Aspectos psicolinguísticos da percepção fonológica em crianças de 4 a 6 anos	descrição			aquisição
1983	O bilinguismo em Araucária: a interferência polonesa na fonologia portuguesa	descrição		português / português de Araucária / polonês	
1983	O fenômeno da monotongação em Ibiã, Rio Grande do Sul	descrição	monotongação	português / português de Ibiã	
1983	<i>An analysis of segmental features of pronunciation among first year undergraduate students of english at the Federal University of Paraná</i>	descrição		português / português do Paraná / inglês	ensino
1983	A entoação na narrativa de histórias de pré-escolares: um enfoque funcional	descrição	entoação		
1984	A gheada como variação fonológica da língua galega	descrição	gheada	galego	
1984	Uma análise das vogais do português brasileiro falado em São Paulo: perceptual, espectrográfica, de formantes e computadorizada da frequência fundamental	descrição	vogais	português / português de São Paulo	
1984	Aspectos entoacionais do português de Belo Horizonte	descrição	entoação	português / português de Belo Horizonte	
1984	Os empréstimos do inglês no português do Brasil: algumas estratégias de adaptação	descrição		português / inglês	

continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1984	Os determinantes morfológicos da linguagem expressiva: uma tentativa de reinterpretação da surdez	descrição			
1984	O desenvolvimento histórico da língua Wayampi	diacronia / descrição		Wayampi	
1984	Guató: a língua dos índios conoieiros do Rio Paraguai	descrição		Guató	
1985	Aspectos do linguajar rural da região de Turmalina	descrição		português / português de Turmalina	
1985	Alterações da produção fonêmica em crianças portadoras de distúrbios fon-articulatórios: não produções, distorções e trocas fonêmicas	descrição			
1985	Estudo da supressão do /R/ em Tubarão e Capivari (SC)	descrição	consoantes / sílaba	português / português de Tubarão e Capivari (SC)	
1986	Análise do tempo de início de sonorização na discriminação dos sons plosivos do português brasileiro	descrição	consoantes plosivas	português	
1986	Descrição fonética e análise de alguns problemas fonológicos da língua Krenak	descrição		Krenak	
1986	Estudo Fonético em crianças fissuradas de zero a três anos	descrição			medicina
1986	Configurações do trato vocal nas vogais orais do português	descrição	vogais	português	
1986	Os processos nos desvios fonológicos evolutivos – estudo sobre quatro crianças	descrição			
1986	Os desvios fonológicos à luz dos processos	descrição			

continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1987	Sobre as condições da vocalização da lateral palatal no português	descrição	vocalização / lateral palatal	português	
1987	Alçamento das vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística	descrição	vogais	português?	sociolinguística
1987	Fonologia e morfologia da língua Kaingang: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná	descrição	fonologia-morfologia	Kaingang de São Paulo / Kaingang do Paraná	
1987	Análise fonêmica preliminar da língua Guajá	descrição		guajá	
1987	Rotacismo em grupo consonantal: uma abordagem sincrônica e diacrônica	sincronia e diacronia / descrição	rotacismo / consoantes		
1987	A Nasalização Vocálica e Fonologia Introdutória à Língua Katukina (Páno)	descrição	nasalização vocálica	Katukina	
1987	Redução vocálica postônica e estrutura prosódica	descrição	vogais e prosódia		
1987	Variação Sociolinguística: uma revisão sobre a extensão da noção de variável fonológica a todos os níveis da gramática	teoria?			sociolinguística
1987	<i>A contrastive study of Japanese and Portuguese</i>			português / japonês	
1987	Análise contrastiva dos sistemas fonológicos do japonês e do português: subsídios para o ensino do japonês para falantes do português do Brasil	descrição		português / japonês	ensino
1988	Análise contrastiva aplicada ao português e espanhol – abordagem fonético-fonológica	descrição		português / espanhol	
1988	Contribuição para a fonologia da língua arara (Karib)	descrição		Arara (Karib)	
					continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1988	Contribuição para a fonologia do dialeto Kain-gang de Nonoai	descrição		Kaingang de Nonoai	
1988	Estudo de um modelo para reconhecimento de voz baseado em discriminação acústico-fonética	descrição			
1988	Relações entre o desenvolvimento cognitivo e a constituição do simbolismo: a consideração de tais aspectos em uma proposta fonoaudio-lógica				fonoaudiologia
1988	Pelas falas do Canto: uma etnografia	descrição			sociolinguística
1988	Configurações do trato vocal nas vogais nasais do português brasileiro	descrição	vogais nasais	português	
1988	Uma proposta de análise de desvios fonológicos através de traços distintivos	descrição			
1989	<i>The mastery of portuguese sounds by native speakers of English: a contrastive study</i>	descrição		português / inglês	ensino
1989	Fonologia da língua Karo (Arara de Rondônia)	descrição		Karo (Arara de Rondônia)	
1989	Aspectos da língua Pirahã e a noção de polifonia	descrição		Pirahã	
1989	Simulador de reconhecedores de palavras isoladas				engenharia elétrica
1989	As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador	descrição	segmentos pretônicos	português / português de Salvador	
1989	A narração de futebol no Brasil: um estudo fono-estilístico	descrição	fonologia-estilística	português	meios de comunicação
1989	Fala e ação no cuidado materno ao bebê	descrição			

continua na próxima página



Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1989	Língua portuguesa falada na região central de Foz do Iguaçu - PR: descrição da norma fonético-fonológica	descrição		português / português de Foz do Iguaçu	
1989	Perfil da aquisição normal da fonologia do português – descrição longitudinal de 12 crianças 2:9 a 5:5	descrição		português	aquisição
1989	Variação fonostilística das vogais postônicas finais: idioleto de um dialeto do português brasileiro falado em SC	descrição	vogais	português / português de Santa Catarina	
1990	Codificação adaptativa de voz utilizando transformadas com superposição	descrição			
1990	Estudo preliminar da fonêmica Panará	descrição		Panará	
1990	Estudo preliminar da fonologia da língua Mehináku	descrição		Mehináku	
1990	Aspectos fonológicos da variedade linguística de Barra do Garças	descrição		português / português de Barra do Garças	
1990	Análise contrastiva do sistema fonológico do armênio e do português: implicações pedagógicas	descrição		português / armênio	ensino
1990	Identificação de vogais: aspectos acústicos, articulatórios e perceptuais		vogais		
1990	Descrição acústico-articulatória dos sons da voz. Para um método dos sons do português do Brasil	descrição		português	
1990	Os ditongos no dialeto carioca	descrição	ditongos	português / português do Rio de Janeiro	

continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1990	Alteamento do /e, o/ pretônicos e do /o/ tônico no falar do médio Amazonas	descrição	vogais	português / português do Amazonas	
1990	As pretônicas na variedade mineira juizdeforana	descrição	vogais	português / português de Juiz de Fora	
1990	Descrição e análise da redução das palavras proparoxítonas	descrição	acento		
1990	A influência da alfabetização nas capacidades metafonológicas em adultos	descrição			ensino
1990	Sistema metodológico e pedagógico para o ensino dos metaplasmos				ensino
1990	A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não linear	descrição	palatalização		
1990	Aquisição da fonologia do português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos	descrição		português	aquisição
1990	Alternância /l/-/r/ no Grupo Consonantal em Botelhos	descrição	consoantes	português / português de Botelhos	
1990	O Apagamento dos Ditongos Decrescentes Orais no Sudoeste do Paraná	descrição	ditongos	português / português do Paraná	
1990	A prosódia do maternalês na língua portuguesa		prosódia	português	
1990	O desenvolvimento fonológico: estudo longitudinal sobre quatro crianças com idade entre dois anos e dois meses a dois anos e oito meses	descrição			aquisição
1990	Dessonorização final das plosivas na aquisição da língua inglesa como língua estrangeira	descrição	dessonorização	inglês	aquisição de L2
1990	Consciência fonêmica e neuromaturação				
continua na próxima página					

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1990	Uma abordagem terapêutica baseada nos processos fonológicos no tratamento de crianças com desvios fonológicos	descrição			
1990	A linguagem falada e a exploração estilística da massa vocálica: um estudo morfoestilístico	descrição	fonologia-morfologia-estilística		
1991	Codificador de voz LPC-multipulso com interpolação por período tonal	descrição			engenharia elétrica
1991	Aspectos fonológicos da língua Yatê	descrição		Yatê	
1991	Análise fonológica preliminar da língua Tupari	descrição		Tupari	
1991	Alguns aspectos fonológicos e morfológicos da língua Máku	descrição	fonologia-morfologia	Máku	
1991	Segmentos complexos da língua Yuhup	descrição	segmentos complexos	Yuhup	
1991	A duração no estudo do acento e do ritmo do português	descrição	acentos / ritmo	português	
1991	Aspectos da variação fonético-fonológica na fala de Belém	descrição		português / português de Belém	
1991	A língua geral amazônica: aspectos de sua fonêmica	descrição		língua geral amazônica	
1991	Estudo descritivo de alguns aspectos da fala de sujeitos portadores de fissura lábio-palatina	descrição			medicina
1991	Tom, entonação e acento de intensidade na língua sí-makonde: bases para um estudo morfofonológico	descrição	tom / entonação / acento	sí-makonde	

continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1991	Frequência fundamental da voz e tempo máximo de fonação em indivíduos com interposição da língua na fala	descrição	frequência fundamental / tempo de fonação		
1991	O acento e as formas nominais do português	descrição	acento	português	
1991	Aspectos prosódicos na conversação	descrição	prosódia		
1991	Um traço do vocalismo português: a metafo- nia	descrição	metafonia / vogais	português	
1991	A linguagem do apicultor: uma abordagem fonética e lexical nas regiões de Ponta Grossa e Prudentópolis	descrição	fonologia / léxico	português / português de Ponta Grossa e Prudentópolis	
1991	Correlação entre as distorções na produção de fonemas e a amplitude do arco dental superior	descrição			
1991	Avaliação e tratamento fonológico de crianças portadoras de fissuras do lábio e do palato reparadas na faixa etária de 4 a 9 anos	descrição			
1991	Síndrome afasia-epilepsia: aspectos fonológicos e neurofisiológicos	descrição	fonologia-neurofisiologia		
1991	Influência da otite média tratada no desenvolvimento da fala	descrição			
1991	As relações entre desvios fonológicos e produção escrita	descrição			
1991	Análise acústica das vogais orais do português de Florianópolis - Santa Catarina	descrição	vogais	português / português de Santa Catarina	
1991	Análise da duração das vogais orais do português de Florianópolis - Santa Catarina	descrição	vogais	português / português de Santa Catarina	
1991	O estudo do VOT da língua portuguesa falada por bilíngues dominantes em língua alemã	descrição	VOT	português / alemão	
continua na próxima página					

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1992	Fonologia preliminar da língua Kanoê	descrição		Kanoê	
1992	Aspectos fonético-fonológicos do ditongo na variedade lingüística de Abadia de Goiás	descrição	ditongos	português / português de Abadia de Goiás	
1992	Difusão lexical na vibrante final	descrição	consoantes		
1992	Padrões rítmicos e marcação de caso em Marubo (Pano)	descrição	padrões rítmicos	Marubo (Pano)	
1992	O sentido e o som				
1992	O suprasegmental em Tikuna e a teoria fonológica, v. I - Investigação de aspectos da sintaxe Tikuna, v. II - Ritmo	descrição	suprasegmental / ritmo	Tikuna	
1992	Articulação: aquisição do sistema fonológico dos 3 aos 7 anos	descrição			aquisição
1992	A fonologia segmental e aspectos morfológicos da língua Makurap (Tupi)	descrição	fonologia-morfologia	Makurap (Tupi)	
1992	Análise fonológica da língua Juruna	descrição		Juruna	
1992	Aspectos fonológicos e gramaticais da língua Yawalapiti (Aruak)	descrição		Yawalapiti (aruak)	
1992	Análise do Wörterbuch der Botokudensprache	diacronia / descrição			
1992	Síntese de voz a partir de texto para a língua portuguesa	descrição		português	engenharia elétrica
1992	Estudo da gramática da língua Jeoromitxi (Jabuti): aspectos sintáticos das cláusulas matizes	descrição		Jeoromitxi (Jabuti)	
1992	A vibrante: representação e análise sociolingüística	descrição	consoantes		sociolingüística

continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1992	O som da fala dos pescadores de Cametá	descrição		português / português de Cametá	
1992	A vocalização do /R/ pós-vocálico oriundo de /L/ no dialeto caipira	descrição	vocalização	português / dialeto caipira	
1992	Desenvolvimento fonológico do português: descrição longitudinal de 6 crianças 2:8 a 3:2	descrição		português	aquisição
1992	“Jacaré” ou “Krokodil”? aquisição fonológica das consoantes líquidas por crianças bilingües: português-alemão	descrição	consoantes	português / alemão	aquisição
1993	Pelo microfone: inserção e desvios do falar regional na pronúncia de jornalistas de rádio e TV em João Pessoa	descrição		português / português de João Pessoa	meios de comunicação
1993	O papel dos padrões intonacionais na fala do professor na organização do discurso na sala de aula	descrição	intonação	português	ensino
1993	Oclusivização, anteriorização e ensurdecimento na aquisição fonológica do português: processos sistêmicos ou assimilatórios?	descrição	oclusivização, anteriorização e ensurdecimento	português	aquisição
1993	Variação fônica do /s/ pós-vocálico e de /v, z, ʒ/ cabeças de sílaba na fala da cidade de Salvador	descrição	consoantes	português / português de Salvador	
1993	Atlas Lingüístico da Paraíba - Uma Leitura das Cartas Léxicas e Fonéticas	descrição		português / português da Paraíba	
1993	Redes neurais artificiais com retardo para o reconhecimento de oclusivas sonoras da língua portuguesa, no contexto de palavra isolada e falante independente	descrição	consoantes	português	

continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1993	Contribuição à análise fonológica do Suruí do Tocantins	descrição		Suruí / Suruí de Tocantins	
1993	Afêrese e prótese: verso e reverso morfológico	descrição	afêrese e prótese		
1993	Siwja mekaperera: Suyá – a língua da gente – “um estudo fonológico e gramatical”	descrição		Suyá	
1993	As vogais pretônicas na fala culta carioca	descrição	vogais	português / português do Rio de Janeiro	
1993	Recuperação da difusão fonética em indivíduos desdentados com emprego de próteses totais duplas confeccionadas com base na técnica da zona neutra	descrição			odontologia
1993	Investigação diagnóstica de trocas entre fonemas sonoros e surdos e entre os grafemas correspondentes	descrição			
1993	Uma outra face da Nau dos insensatos: a dificuldade de vozear obstruintes em crianças de idade escolar	descrição			
1993	Elevação das vogais médias pretônicas em sílaba inicial de vocábulo na fala gaúcha	descrição	vogais	português / português gaúcho	
1993	A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear	descrição	consoantes	português / português gaúcho	
1993	Aquisição fonológica do português em uma criança bilingüe: estudo de caso	descrição		português	aquisição
1993	O desenvolvimento fonológico do português em crianças com idade entre 1;8 e 2;3	descrição		português	aquisição

continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1993	Na aquisição da escrita pelas crianças ocorrem processos fonológicos similares aos da fala?				aquisição
1993	Um estudo do acento secundário em português	descrição	acento	português	
1993	Uma descrição do Baré (Arawak): aspectos fonológicos e gramaticais	descrição		Baré (Arawak)	
1993	Asheninca-ucayali: morfologia & fonologia	descrição	fonologia-morfologia	Asheninca-ucayali	
1993	Fonologia sincrônica e diacrônica do Baniwa-Siusi: um tratamento não-linear	sincronia e diacronia / descrição		Baniwa-Siusi	
1993	Aspectos fonológicos e morfológicos da língua Kurripáku (Kumandáminanai e Ayáneni)	descrição	fonologia-morfologia	Kurripáku (Kumandáminanai e Ayáneni)	
1994	O processo de elisão das sílabas fracas no estágio inicial da aquisição fonológica em português	descrição	elisão de sílabas	português	aquisição
1994	Estudo das divergências fonéticas entre o inglês britânico RP e o inglês americano GA	descrição		inglês / inglês britânico e inglês americano	
1994	Aspectos fonético-fonológicos da variedade lingüística usada pelos alunos do Colégio de Aplicação da UFG no início do processo de alfabetização	descrição		português / português de Goiás	ensino
1994	Análise fonológica preliminar da língua Xokleng	descrição		Xokleng	
1994	Codificação da voz utilizando o modelo multipulso através de análise aprimorada do sinal	descrição			

continua na próxima página



Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1994	Identificação de falantes: aspectos teóricos e metodológicos	teoria			
1994	Fonologia e gramática do Aguaruna (Jívaro)	descrição		Aguaruna (Jívaro)	
1994	Para a caracterização fonético-acústica da nasalidade no português do Brasil	descrição	segmentos nasais	português	
1994	O caráter não-reprodutivo e não-aleatório das auto-repetições na fala inicial	descrição			
1994	Reconhecimento de fonemas da língua portuguesa pelo uso de redes neurais do tipo “perceptron” multi-camadas	descrição		português	engenharia elétrica
1994	A linguagem da comunidade Tirolesatrentina: da cidade de Piracicaba – SP	descrição		português / português de Piracicaba	
1994	Análise descritiva e teórica do Katukina-Pano	descrição		Katukina-Pano	
1994	A relação entre a consciência fonológica e as dificuldades de leitura	descrição			
1994	Análise espectrográfica de um texto: uma contribuição aos estudos acústicos do Português do Brasil	descrição		português	
1994	Comunicação total versus método oral: identificação dos sons do português brasileiro produzidos por deficientes auditivos	descrição		português	fonoaudiologia
1994	Os sistemas consonânticos do português do Brasil e do espanhol peninsular: estudo contrastivo fonético-fonológico das normas cultas	descrição	consoantes	português / espanhol	
1994	O processo de segmentação da escrita	descrição			
1994	Formação de ditongo em sílaba travada por /S/ na linguagem coloquial gaúcha	descrição	ditongos	português / português gaúcho	

continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1994	Neutralização das vogais médias postônicas	descrição	vogais		
1994	Aquisição normal e com desvios da fonologia do português: contrastes de sonoridade e de ponto de articulação	descrição	contrastes de sonoridade e de ponto de articulação	português	aquisição
1994	Um estudo sociolinguístico lexical e fonológico na fala dos guias turísticos em Foz do Iguaçu	descrição	fonologia-léxico	português / português de Foz do Iguaçu	sociolinguística
1994	Aquisição do parâmetro configuração de mão na Língua Brasileira dos Sinais (LIBRAS): estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos	descrição		Libras	aquisição
1994	Estudo estatístico dos fonemas do português falado na capital de Santa Catarina para elaboração de frases foneticamente balanceadas	descrição		português / português de Santa Catarina	
1994	Análise prosódica da Língua Dâw (Maku-Kamã) numa perspectiva não-linear	descrição		Dâw	
1995	Estudos fonológicos: uma revisão histórica	teoria?			
1995	Aspectos fonético-fonológicos da variedade lingüística de alfabetizando adultos	descrição			ensino
1995	Morfologia e Fonologia lexical do português do Brasil	descrição	fonologia-morfologia	português	
1995	Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico: um estudo do percurso histórico da acentuação em português	diacronia / descrição	acento	português	
1995	Modelamento prosódico para conversão texto-fala do português falado no Brasil	descrição		português	engenharia elétrica

continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1995	Uma interface fonologia-sintaxe: o uso de “sons preenchedores” da categoria funcional dos determinantes no processo de aquisição de linguagem	descrição	fonologia-sintaxe		aquisição
1995	Distúrbios articulatorios: questões e inquietações	teoria?			
1995	Prosódia e sintaxe: delimitação e contraste de estruturas	teoria?	prosódia-sintaxe		
1995	Fenômenos de Enfraquecimento Consonantal no Espanhol Argentino de Rosario	descrição	consoantes	espanhol	
1995	Herrar é umano: uma visão linguística dos desvios ortográficos da nasalidade vocálica	descrição	vogais / nasalização		
1995	Desordem fonológica: análise de periódicos e estudo de casos	descrição			
1995	Consciência fonológica e linguagem escrita em pré-escolares	descrição			ensino
1995	A Linguagem do oleiro - uma abordagem lexical e fonética nas regiões de Pirai do Sul, Castro, Ponta Grossa, Imbituva e Prudentópolis	descrição	fonologia-léxico	português / português de Pirai do Sul, Castro, Ponta Grossa, Imbituva e Prudentópolis	
1995	Voz em sistemas computacionais: projeto e implementação de módulos de processamento de voz em gerenciamento de redes	descrição			engenharia?
1995	Reincidência de desvios fonológicos na escrita de crianças	descrição			
1995	Aspectos linguísticos relevantes para o diagnóstico e tratamento da afasia	descrição			

continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1995	A harmonia vocálica nos dialetos do sul do país: uma análise variacionista	descrição	harmonia vocálica	português / português do Sul do Brasil	
1995	A ditongação variável em sílabas travadas por /S/	descrição	ditongos		
1995	Os sons e a sílaba da língua Wapichana, uma perspectiva não-linear	descrição	sílaba	Wapichana	
1995	Labialização das vogais orais do sistema vocálico francês por alunos brasileiros: caso particular /y/: estudo acústico	descrição	vogais	português / francês	ensino
1995	Características fonético-fonológicas da língua portuguesa falada na comunidade de Vale Vêneto – RS	descrição		português / português de Vale Vêneto	
1995	Estudo contrastivo da percepção e produção dos tons do inglês e português	descrição	tons	inglês / português	
1995	O alongamento das vogais /a/, /i/, /u/ e /õ/ no francês falado por estudantes brasileiros	descrição	vogais	português / francês	ensino
1995	Aspectos da fonética, da fonêmica e do léxico da língua Moré (família Txapakúra)	descrição		Moré (família Txapakúra)	
1995	Atualização fonética da proeminência acentual em Baniwa-Hohodene: parâmetros físicos	descrição	acento	Baniwa-Hohodene	
1995	Classificação das línguas Maipure / Arawak do grupo continental	descrição			
1995	Fonologia da língua Yuhup: uma abordagem não-linear	descrição		Yuhup	
1996	O uso variável da vibrante na cidade de João Pessoa	descrição	consoantes	português / português de João Pessoa	
					continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1996	<i>Comparing english and portuguese intonation features at discourse level</i>	descrição	intonação	português / inglês	
1996	A sinalização de limites e conexões sintagmáticos por elementos prosódicos no dialeto de Fortaleza	descrição	prosódia	português / português de Fortaleza	
1996	Processos fonológicos aquisicionais e processos fonológicos no crioulo da Guiné-Bissau: algumas relações	descrição		crioulo da Guiné-Bissau	
1996	O uso de pares mínimos para avaliação de consciência fonêmica				
1996	Elementos de fonologia Avá-Canoero	descrição		Avá-Canoero	
1996	O atual sistema vocálico do Francês Padrão	descrição	vogais	francês	
1996	A acústica das vogais orais no dialeto carioca: a voz feminina	descrição	vogais	português / português do Rio de Janeiro	
1996	Para a descrição fonético-acústica das líquidas no português brasileiro: dados de um informante paulistano	descrição	consoantes	português / português de São Paulo	
1996	Análise prosódica das inserções parentéticas no corpus do projeto da gramática do português falado	descrição	prosódia	português	
1996	Análise da constituição do estilo oral por regionalistas: um estudo fonético-acústico comparativo	descrição			meios de comunicação
1996	O estudo do /s/ palatal pós-vocálico na região de Corumbá-MS	descrição	consoantes	português / português de Corumbá	
1996	Reconhecimento de voz por segmentação em sílabas fonéticas		sílabas		
continua na próxima página					

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1996	Aplicação de um modelo de terapia fonológica para crianças com desvios fonológicos evolutivos: a hierarquia implicacional dos traços distintivos	descrição			
1996	A palatalização da fricativa alveolar não morfológica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana do município de Florianópolis: uma abordagem não-linear	descrição	palatalização	português / português de Florianópolis	
1996	Aspectos da fonologia da língua Kaingáng: dialeto central	descrição		Kaingáng	
1996	A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre	descrição	ditongos	português / português de Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre	
1996	O abaixamento das vogais /i/ e /u/ no português da campanha gaúcha	descrição	vogais	português / português gaúcho	
1996	Processos de estrutura silábica em crianças com desvios fonológicos: uma abordagem não-linear	descrição	sílaba		
1996	Interferências fonológicas nos falantes bilíngues do português e do japonês: fatores socio e psicolinguísticos	descrição		português / japonês	
1996	Descrição das substituições consonantais presentes nos desvios fonológicos evolutivos: uma abordagem autossegmental	descrição	consoantes		

continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1996	Comparação entre o processo fonológico de assimilação encontrado na diacronia e na aquisição do português	diacronia e sincronia / descrição		português	aquisição
1996	A aquisição do “r”: uma contribuição à discussão sobre seu status fonológico	descrição	consoantes		aquisição
1996	Aquisição segmental do português: um modelo implicacional de complexidade de traços		segmentos	português	aquisição
1996	Estudo acústico da labialização das vogais francesas de média abertura por aprendizes brasileiros	descrição	vogais	português / francês	ensino
1996	Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem				
1997	A Linguagem Regional Popular na Obra de Patativa do Assaré: Aspectos Fonéticos-Lexicais	descrição	fonética-léxico		
1997	Estudo das vogais pretônicas na fala do pessoense urbana	descrição	vogais	português / português de João Pessoa	
1997	Processo de monotongação em João Pessoa	descrição	monotongos	português / português de João Pessoa	
1997	Processo de ditongação diante dos fonemas S e Z na fala do pessoense	descrição	ditongos	português / português de João Pessoa	
1997	Resolução de choques de acento no português brasileiro: elementos para uma reflexão sobre a interface sintaxe-fonologia		acento / sintaxe-fonologia	português	
1997	Fonética e fonologia do Suruwahá	descrição		Suruwahá	

continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1997	O papel das vogais reduzidas pós-tônicas na construção de um sistema de síntese concatenativa para o português do Brasil		vogais	português	
1997	Alterações fono-articulatórias nas afasias motoras: um estudo linguístico	descrição			neurolinguística
1997	Análise do sistema de marcação de caso nas orações independentes da língua Ikpeng	descrição	marcação de caso?	Ikpeng	
1997	O papel da sílaba e da mora na organização rítmica do japonês	descrição	sílaba / mora	japonês	
1997	Processamento auditivo central: aspectos temporais da audição e percepção acústica da fala	descrição			
1997	A escrita fonética e a televisão: sua influência na atitude de adolescentes	descrição			meios de comunicação
1997	Focalização no português do Brasil	descrição	sintaxe	português	
1997	Língua inglesa como língua estrangeira no terceiro grau: um estudo de desvios fonológicos	descrição		inglês	ensino
1997	Aspectos do sistema vocálico do português	descrição	vogais	português	
1997	A nasalização no português brasileiro e a redução dos ditongos nasais átonos: uma abordagem baseada em restrições	descrição	ditongo / nasalização	português	
1997	Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica	descrição	consoantes		
1997	Análise prosódica da sílaba em português	descrição	prosódia / sílaba	português	
1997	A epêntese vocálica na interfonologia portuguesa / inglês	descrição	vogais	português / inglês	
continua na próxima página					



Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1997	Influência do espanhol na variação da lateral pós-vocálica do português na fronteira	descrição	consoantes	português / espanhol	
1997	A palatalização na cidade de Santa Vitória do Palmar	descrição	palatalização	português / português de Santa Vitória do Palmar	
1997	<i>Metaphonological ability to judge phonetic and phonological acceptability in five-year-old monolingual and bilingual children</i>	descrição			
1997	Os processos fonológicos de estrutura silábica no desenvolvimento fonológico normal e nos desvios fonológicos evolutivos	descrição	sílaba		
1997	Um estudo sobre o processamento auditivo em crianças portadoras de desvios fonológicos evolutivos	descrição			
1997	O diminutivo na fala de homens e mulheres em Porto Alegre e São Borja	descrição	diminutivo	português / português de Porto Alegre e São Borja	
1997	O processo de aquisição da regra de palatalização do português como segunda língua, por falantes nativos de espanhol	descrição	palatalização	português / espanhol	aquisição
1997	<i>The acquisition of english initial /s/ clusters by brazilian EFL learners</i>	descrição	consoantes	português / inglês	ensino
1997	Fonotática e fonologia do lexema Protochapakúra	descrição			
1997	Os discursos dos pastores eletrônicos: uma abordagem fonostilística	descrição			

continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1997	O enfraquecimento das consoantes no português do Brasil	descrição			
1997	A explosão da voz no teatro contemporâneo: uma análise espectrográfica computadorizada da voz de grande intensidade no espaço cênico	descrição			comunicação
1998	Fonologia da língua Kuruaya	descrição		Kuruaya	
1998	O processo de simplificação do encontro consonantal na aquisição fonológica do português	descrição	consoantes / sílaba	português	aquisição
1998	A sílaba no palanquero, crioulo espanhol da Colômbia	descrição	sílaba	palanquero (crioulo espanhol)	
1998	Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Je & teoria fonológica			línguas Macro-Je	
1998	Aspectos fonológicos da língua Shanenawá (Pano)	descrição		Shanenawá (Pano)	
1998	Mocovi (Guaicuru): fonologia e morfossintaxe	descrição	fonologia-morfossintaxe	Mocovi (Guaicuru)	
1998	Repensando a interface sintaxe-fonologia a partir do axioma de correspondência linear		fonologia-sintaxe		
1998	Sistema de conversão texto-fala para a língua portuguesa utilizando a abordagem de síntese por regras	descrição		português	engenharia elétrica
1998	Análise acústica computadorizada, videofluoroscópica e perceptivo-auditiva da fala de indivíduos com fissura labiopalatina	descrição			
1998	A construção do sistema ortográfico: uma análise das variações de escrita em pontos de instabilidade silábica	descrição			

continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1998	Características entonacionais do português e do espanhol: estudo contrastivo e instrumental	descrição	entonação	português / espanhol	
1998	Abordagem fonético-fonológica em sistemas de reconhecimento de voz de linguagem contínua	descrição			
1998	Conversão fala-texto em português do Brasil integrando segmentação sub-silábica e vocabulário ilimitado	descrição		português	
1998	O uso do computador como ferramenta para aprimorar a pronúncia dos sons fonêmicos de línguas estrangeiras	descrição			ensino?
1998	Elevação da vogal média átona final em comunidades bilingües: Português e Italiano	descrição	vogais	português / italiano	
1998	A regra variável de nasalização da vogal pretónica /a/ na cidade de Pelotas	descrição	vogais	português / português de Pelotas	
1998	O processo de aquisição das vogais frontais arredondadas do francês por falantes nativos do português	descrição	vogais	português / francês	aquisição
1998	Uma análise auto-segmental da fonologia normal: estudo longitudinal de 3 crianças de 1;6 a 3;0	descrição			aquisição
1998	Uma análise da ocorrência de metáteses na fala de crianças em fase de aquisição de língua	descrição	metátese		aquisição
1998	Morfologia nominal do português: um estudo de fonologia lexical	descrição	fonologia-morfologia	português	

continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1998	Um estudo sobre a memória de trabalho em crianças com desvios fonológicos	descrição			
1998	A aquisição das líquidas laterais do português: um estudo transversal	descrição	consoantes	português	aquisição
1998	O acento rítmico francês realizado por estudantes brasileiros de nível iniciante e avançado: estudo acústico das vogais /a/, /i/ e /u/	descrição	vogais	português / francês	ensino
1998	Análise auditiva e acústica do fenômeno da ligação do francês com consoantes sonoras realizado por estudantes brasileiros	descrição	consoantes	português / francês	ensino
1998	Progressão das estratégias utilizadas por brasileiros para a realização das vogais /á/ e /ê/ do francês: análise acústica e auditiva	descrição	vogais	português / francês	ensino
1998	Variações temporais de vogais e consoantes em sílabas de padrão CV em enunciados em francês: estudo comparativo	descrição	vogais e consoantes	português / francês	
1998	<i>The production of english syllable-final consonants by brazilian EFL learners</i>	descrição	consoantes	português / inglês	ensino
1998	Aspectos da fonologia e morfologia do Tariana- língua aruaque do noroeste amazônico	descrição	fonologia- morfologia	Tariana	
1999	Aquisição das fricativas iniciais em crianças de 1;04 a 4;04	descrição	consoantes		aquisição

continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1999	Atitudes linguísticas de falantes campinenses sobre os fenômenos da palatalização das consoantes /t/ e /d/ e do uso da concordância nominal de número	descrição	palatalização	português	
1999	YA:THÊ, a última língua nativa no nordeste do Brasil: aspectos morfo-fonológicos e morfo-sintáticos	descrição	fonologia-morfologia-sintaxe	Yá:thê	
1999	A fonologia do dialeto cigano romanês de Contagem (MG)	descrição		dialeto cigano romanês de Contagem (MG)	
1999	Fonologia do português mato-grossense: uma perspectiva criolística	descrição		português / português do Mato Grosso	
1999	A frase fonológica numa variedade linguística goiana	descrição	frase fonológica / prosódia	português / português de Goiás	
1999	Implementação de um sistema de conversão texto-fala para o português do Brasil	descrição		português	engenharia elétrica
1999	Reconhecimento de fala contínua usando modelos ocultos de Markov	descrição			engenharia elétrica
1999	A alternância de [ɛ] ~ [e] no português falado na cidade de Caxias, MA	descrição	vogais	português / português de Caxias, MA	
1999	Desvios fonológicos: da articulação à fonologia	descrição			
1999	Relações entre desenvolvimento linguístico e neuromotor: a aquisição da duração no português brasileiro	descrição	aquisição da duração	português	aquisição
1999	Estudo fonético da nasalidade vocálica em falantes normais e com fissura de palato: enfoque acústico	descrição	nasalidade vocálica		

continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1999	Estudo da produção de fala de fonemas fricativos na faixa etária de 4a1m a 6a11m, a partir de um modelo eletroacústico	descrição	consoantes		aquisição
1999	As vogais médias em posição tónica nos nomes do português brasileiro	descrição	vogais	português	
1999	Aspectos fonológicos do Apãniekrá (Jê)	descrição		Apãniekrá (Jê)	
1999	O uso dos processos fonológicos em crianças de 4 a 5 anos com diagnóstico de distúrbio articulatorio	descrição			
1999	A lateral em coda silábica no Sul do Brasil	descrição	consoantes	português / português do Sul do Brasil	
1999	As proparoxítonas: teoria e variação	teoria?	acento		
1999	Aquisição dos fonemas na posição de coda medial do português brasileiro, em crianças com desenvolvimento fonológico normal	descrição		português	aquisição
1999	A consciência fonológica na relação fala-escrita em crianças com desvios fonológicos evolutivos	descrição			
1999	O nó laríngeo e o nó ponto de C no processo de aquisição normal e com desvios do português brasileiro	descrição		português	aquisição
1999	Um paralelo entre percepção auditiva e os sistemas fonológicos de crianças surdas submetidas à fonoterapia de base oralista	descrição			
1999	Aquisição fonológica na língua brasileira de sinais: estudo longitudinal de uma criança surda	descrição		libras	aquisição

continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
1999	Estudo acústico-articulatório das vogais orais tónicas do português em quatro tipos de farce	descrição	vogais	português	
1999	Análise acústico-articulatória das vogais átonas finais do português rural do Rio de Janeiro	descrição			
2000	Variação do /s/ pós-vocálico na fala de Belém	descrição	consoantes	português / português de Belém	
2000	As consoantes líquidas na aquisição do português	descrição	consoantes	português	aquisição
2000	Prosódia e envolvimento na compreensão do telejornal	descrição	prosódia		meios de comunicação
2000	A monotongação na norma culta de Fortaleza	descrição	monotongação	português / português de Fortaleza	
2000	A nasal final em formas verbais de terceira pessoa plural	descrição	nasalidade		
2000	A fonologia segmental do sranan	descrição		sranan	
2000	Fonologia e morfologia da língua Maxakali	descrição	fonologia-morfologia	Maxakali	
2000	Aspectos da fonologia Xavante	descrição		Xavante	
2000	Língua Matis (Pano): uma análise fonológica	descrição		Matis (Pano)	
2000	Um estudo de variação dialetal a alternância de [ãw] [õ] final no português falado na cidade de Cáceres - MT	descrição	vogais	português / português de Cáceres	sociolinguística
2000	O efeito do vedamento da fístula do palato sobre a ressonância da fala de indivíduos com fissura de palato	descrição			

continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
2000	O fenômeno prosódico da pausa e a organização temporal do discurso	descrição	prosódia		
2000	Entoação regional no português do Brasil	descrição	entoação	português	
2000	Aquisição da ortografia: influências fonéticas, fonológicas, morfológicas ou lexicais?	descrição			aquisição
2000	Análise fonético-fonológica do desvozeamento de obstruintes	descrição			
2000	Análise da entoação de enunciados declarativos e interrogativos na fala de crianças	descrição	entoação		
2000	Análise prosódica do vocativo na fala de criança: uma abordagem fonética	descrição	prosódia		
2000	A construção da representação gráfica da nasalidade na fase inicial da aquisição da escrita	descrição	nasalidade		aquisição
2000	Aspectos da fonologia Marubo (Pano): uma visão não-linear	descrição		Marubo (Pano)	
2000	A relação oralidade / escrita: evidências de que a criança, em fase de alfabetização, não se utiliza apenas da percepção fonética da fala para representar a escrita	descrição			ensino
2000	Análise contrastiva do sistema vocálico do Inglês e do Português: abordagem autossesgimental	descrição	vogais	português / inglês	
2000	Estudo acústico dos fonemas surdos e sonoros do Português do Brasil, em crianças com distúrbio fonológico apresentando o processo fonológico de ensurdecimento	descrição	ensurdecimento / consoantes	português	

continua na próxima página



Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
2000	Um estudo sobre variações fonético-fonológicas na língua falada e escrita	descrição			
2000	Análise fonológica preliminar do Pykobyê	descrição		pykobyê	
2000	Produção de oclusivas mais líquida não-lateral e consciência fonológica na fala de crianças em aquisição da linguagem: análise pela geometria de traços	descrição	consoantes		aquisição
2000	Estudo histórico da família Tupi-Guarani: aspectos fonológicos e lexicais	diacronia / descrição	fonologia-léxico	família Tupi-Guarani	
2000	Estudo Acústico Perceptual da Nasalidade das Vogais do Português Brasileiro	descrição	vogais	português	
2000	A metafonía nominal (Português do Brasil)	descrição	metafonía	português	
2000	O acento do latim ao português arcaico	diacronia / descrição	acento	português	
2000	A aquisição do ataque silábico complexo: um estudo sobre crianças com idade entre 2;0 e 3;7	descrição	sílaba		aquisição
2000	Epêntese diante do segmento [w] no espanhol do Uruguai	descrição	epêntese	espanhol	
2000	Aquisição dos ditongos orais decrescentes: uma análise à luz da teoria da otimidade	descrição	ditongos		aquisição
2000	A neutralização das vogais postônicas finais na comunidade de Santa Vitória do Palmar	descrição	vogais	português / português de Santa Vitória do Palmar	

continua na próxima página

Tabela 4 – continuação da página anterior

ANO	TÍTULO	NATUREZA	NÍVEIS	LÍNGUA(S)	INTERFACE
2000	Aquisição das líquidas não-laterais por crianças com desvios fonológicos evolutivos: descrição, análise e comparação com o desenvolvimento normal	descrição	consoantes		aquisição
2000	A interferência da situação socio econômica no processo do desenvolvimento fonológico em crianças de classes sociais e idades diferentes	descrição			aquisição
2000	O prefixo no português brasileiro: análise morfológica	descrição	fonologia- morfologia	português	
2000	A variação das oclusivas dentais na comunidade bilingüe de Flores da Cunha: uma análise quantitativa	descrição	consoantes	português / português de Flores da Cunha	
2000	Em busca da palavra prosódica	descrição	prosódia		
2000	Descrição fonológica e lexical do dialeto “Kaw Tayo” (Kujubi) da língua Moré	descrição			
2000	Descrição preliminar do Oro Eo: um caso de sílaba embutida no onset	descrição			
2000	A Fonologia da Língua Cinta Larga	descrição			